



INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

A Ecologia de Saberes e a Interculturalidade no meio Acadêmico Brasileiro

Diogo Sinigaglia Cruz

Orientador: Prof. Doutor Rui Miguel Moutinho Sá

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Antropologia

Lisboa
2023



INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA



UNIVERSIDADE
DE LISBOA

A Ecologia de Saberes e a Interculturalidade no meio Acadêmico Brasileiro

Diogo Sinigaglia Cruz

Orientador: Prof. Doutor Rui Miguel Moutinho Sá

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Antropologia

Presidente:

Doutora Maria de Fátima Calça Amante, Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Vogais:

Doutora Tânia Cristina Frazão Moreira Ganito, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Doutor Rui Miguel Moutinho Sá, Professor Auxiliar Convidado do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de Orientador;

Doutora Gabrieli Fernandes Fickelsherer Gaio, Professora Auxiliar Convidada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

*Lisboa
2023*

ÍNDICE

Resumo	vi
Abstract.....	vii
Agradecimentos.....	viii
Índice de Figuras	ix
Siglas	x
I – INTRODUÇÃO	11
1.1 Problemática e objetivos.....	12
1.2 Enquadramento teórico e revisão da literatura.....	13
1.3 Opções Metodológicas.....	18
Capítulo 1 Narrativas coloniais sobre as origens da “Educação” no Brasil – Antecedentes e revisitação histórica	21
1.1 O “eu” e o “outro” e o papel que a universidade e as viagens tiveram nesse processo relacional.....	21
1.2 A expansão colonial portuguesa e a “descoberta” do Brasil.....	24
1.3 As instituições do poder e o nascimento da “educação” no Brasil	28
1.4 A imposição de uma “educação” cristã	32
1.5 Quem controla a narrativa controla a História	33
Capítulo 2 As faces do discurso.....	37
2.1 O discurso	37
2.2 A força dos discursos	40
2.3 Olhando para trás	46
Capítulo 3 A Universidade, de espaço de segregação a território de resistência	48
3.1 A Universidade no Brasil e a luta anti-extinção	48
3.2 “Enquanto nascem universidades, o genocídio continua!”	52
3.3 Quatro Discursos, Quatro Lutas.....	56
3.4 As Epistemologias do Sul e o choque de discursos	66
Reflexões Finais	75
Bibliografia.....	81

APÊNDICES	87
Apêndice I – Guião de entrevista semiestruturada	87
Coordenador do Curso de Ciências Sociais – PUC-SP	87
Estudantes Indígenas	89
Apêndice II – Transcrição das Entrevistas	91
Entrevista – José Florenzano	91
Entrevista – Emerson de Oliveira Souza.....	101
Entrevista – Seribí Tukano (Anderson Arantes)	129
Entrevista – Vanessa Lopes.....	171
Entrevista – Alexsandro Cosmo de Mesquita	204

Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem, fomos-nos alienando desse organismo de que somos parte: a Terra, e passámos a pensar que ele é uma coisa e nós outra: a Terra e a Humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja Natureza. Tudo é Natureza. O Cosmos é Natureza. Tudo em que eu consigo pensar é Natureza. (Ailton Krenak, líder indígena brasileiro, 2019, p.9 - 10)

Resumo

A Universidade vem-se transformando aos poucos, num importante espaço de resistência, onde os discursos confluem e chocam entre si, entre realidades que nunca deveriam ter sido separadas e sim respeitadas. Emergiram outras epistemologias que têm contribuído com perspectivas ontológicas de pensadores indígenas brasileiros contrainsurgentes, que vão revelando o quanto este abismo transcende um preconceito racial, sendo sobretudo epistemológico e que nos pode impedir de aprender e aceder a novos saberes. Esta dissertação de mestrado em Antropologia tem o intuito de aportar algumas dessas realidades para uma necessária reflexão. Recorrendo à análise do discurso proposta por Foucault tenta-se compreender os percursos e experiências de estudantes indígenas na universidade brasileira. Foram assim conduzidas entrevistas semiestruturadas a estudantes indígenas que frequentam ou frequentaram o ensino superior no Brasil e a um coordenador de curso superior de Ciências Sociais, com a missão de repensar hegemonias. Foca-se particularmente no preconceito epistemológico que tem sobretudo validado o conhecimento produzido no e para o Norte Global e os impactos causados por tal segregação a esses estudantes, que almejam prosseguir a sua formação a nível superior. Reflete-se assim sobre os percursos e as subjetividades destes estudantes indígenas como um começo de descolonização dos próprios espaços e de ressignificação da academia universitária brasileira, propiciando um ambiente acadêmico que se “baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos” (Santos, 2009), que pode ser libertador de uma dinâmica de extinção que, segundo o pensador e humanista peruano Aníbal Quijano, busca erradicar os povos indígenas numa duradoura perspectiva colonial de expansão, assimilação ou morte. As narrativas experienciais destes estudantes demonstram que as lutas por ações afirmativas fazem parte de um longo e demorado processo de reivindicações por direitos e reparação histórica. Para alguns, o ponto de viragem pode ter sido a criação da Lei 9.394/96, que ainda passaria por alterações, mas que a princípio determinava que o currículo escolar brasileiro de História abordasse também, as contribuições identitárias africanas e indígenas, na formação de uma Cultura Brasileira.

Palavras-Chave: Universidade, contrainsurgência, indígenas, identidade, indígena, descolonização, ontoepistemologias.

Abstract

The University has been transforming itself, little by little into an important space of resistance, where discourses converge and collide with each other, between realities that should have never been separated but rather respected. Other epistemologies have emerged, contributing with the ontological perspectives of counterinsurgent Brazilian indigenous thinkers, who are revealing how this abyss transcends racial prejudice. This issue is also epistemological, and it could be preventing us from learning and accessing new knowledge. This master's dissertation in Anthropology aims to bring some of these realities to light, to help encourage a necessary reflection. Using the discourse analysis proposed by Foucault, this dissertation tries to understand the paths and experiences of indigenous students at Brazilian universities. Semi-structured interviews were thus conducted with indigenous students who have been attending or have already attended higher education in Brazil. Another interview was conducted with a Social Sciences course coordinator, with the mission of rethinking hegemonies. It focuses particularly on the epistemological prejudice that has mainly validated the knowledge produced in and for the Global North and the impacts that such segregation causes on these students, who longed to attend higher degree education. Thus, we reflect on the journeys and subjectivities of these indigenous students as a beginning of decolonization of the spaces and of the re-signification of the Brazilian university academia, providing an academic environment that is "based on the recognition of a plurality of heterogeneous knowledge" (Santos, 2009), such approach could liberate the Brazilian academia from a continuous dynamic of extinction that, according to the Peruvian thinker and humanist Aníbal Quijano, it seeks to eradicate indigenous peoples in a long-lasting colonial perspective of expansion, assimilation, or death. The experiential narratives of these students demonstrate that the struggles for affirmative action are part of a long and protracted process of claims for rights and historical reparation. For some, the turning point may have been the creation of Law 9.394/96, which would still undergo future alterations. Nevertheless, in principle, determined that the Brazilian school history curriculum should also address the contributions of African and indigenous identities in the formation of a Brazilian Culture.

Keywords: University, counterinsurgency, indigenous, identity, indigenous, decolonization, ontoepistemologies.

Agradecimentos

Queria elevar meu agradecimento ao universo e demonstrar toda a minha gratidão por esta jornada. Foram longos anos desde que iniciei este mestrado, uma pandemia que mudou o mundo e a vida de muitas pessoas, incluindo a minha.

Chego ao fim deste mestrado diferente da pessoa que nele entrou, pois quem diz que a vida ensina tem a absoluta razão.

Ao meu irmão de alma Mark Felix Rossbach, meu grande agradecimento e gratidão eterna, por todo o carinho, por todas as conversas que tivemos e por mesmo a distância, me ajudar nos momentos mais difíceis. Outro grande agradecimento a Anacláudia Rossbach pelo imenso apoio, carinho e por me acolher em sua família, nunca esquecerei o que vocês fizeram por mim!

À professora Celeste Quintino que tanto me ajudou, difícil esquecer das aulas e das discussões em aula, das quais eu com toda a certeza guardo os aprendizados.

Ao professor Rui Moutinho por aceitar embarcar nesta jornada comigo ao ser o meu orientador deste projeto, a sua paciência e amor pelo trabalho que faz. Obrigado!

Aos meus pais, Ronaldo Aparecido Sousa Cruz e Rosemeire Aparecida Sinigaglia Cruz por terem me dado a vida e a chance de viver esta experiência que chamamos de vida.

Um agradecimento em especial aos companheiros Emerson de Oliveira, Alexsandro Mesquita, Seribí Tukano e Vanessa Lopes, José Florenzano e Marijane Lisboa por disponibilizarem o tempo de vocês para que pudéssemos realizar as entrevistas. Muito obrigado pela ajuda de todos vocês!

Professora Lili, muito obrigado por tudo!

À minha parceira Sônia Maria Abrantes Reis por todas as noites mal dormidas, por todas as correções, por todas as vezes que pedi para ler e reler esta dissertação, por toda a parceria e companheirismo. Eu não estaria aqui se não fosse por você!

São tantas as pessoas que gostaria de agradecer, mas que envio as minhas energias de gratidão a todos os cantos do universo para que possa chegar a cada um de todos vocês, pois todos são parte deste processo do qual estou passando.

Um beijo em especial para você Margaret, você sempre estará conosco! Love you Mootie!

Espero que este humilde trabalho possa ajudar na tarefa de descolonizar a mente das pessoas!

Pois esse sempre foi o intuito.

Índice de Figuras

Figura 1: Mapa da cidade de São Paulo – Centros de Educação e Cultura Indígena.....	29
Figura 2: “Nascimento” do ensino no Brasil.....	31
Figura 3: Latuff - A invasão europeia nas Américas, desde 1492, provocou um extermínio entre 90 e 95% da população originária.....	34
Figura 4: Evolução da taxa de homicídios no Brasil de 2012 a 2017.....	49
Figura 5: Gráfico de matrículas no ensino superior em 2019 por categoria.....	52
Figura 6: Grupos indígenas extintos, da esquerda para a direita temos um número aproximado da população original segundo o IBGE.....	54
Figura 7: População das terras indígenas estimada segundo as Unidades da Federação	54
Figura 8: Nuvem de palavras.....	56
Figura 9: Cartazes da campanha eleitoral 2022.....	69
Figura 10: Desfile do dia 7 de setembro.....	70
Figura 11: Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil.....	73
Figura 12: A Redenção de Cam – Modesto Brocos.....	76

Siglas

CAPISP – Comissão de Articulação dos Povos Indígenas de São Paulo

CECI – Centro de Educação e Cultura Indígena

CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil

DGE – Diretoria Geral de Estatística

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INESC – Instituto de Estudos Socioeconômicos

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, +

MEC – Ministério da Educação

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG – Organização Não Governamental

PCI – Ponto de Cultura Indígena

PUC – Pontifícia Universidade Católica

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RU – Refeitório Universitário

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFScar – Universidade Federal de São Carlos

UnB – Universidade de Brasília

UOL – Universo Online

I – INTRODUÇÃO

"Quando a última árvore for cortada, quando o último rio for poluído, quando o último peixe for pescado, aí sim eles verão que dinheiro não se come."

Tatanka Yatanka – Touro Sentado – Chefe Sioux (1855)

Esta dissertação de mestrado em Antropologia pretende abordar a importância da presença indígena na universidade brasileira, recorrendo à teoria da análise do discurso proposta por Foucault em *"A ordem do discurso"* (1970), fazendo uma ponte necessária entre o passado e o presente.

Esta análise do discurso, requer uma perspectiva analítica extensiva sobre o poder, privilégio e representações sociais de forma a permitir descortinar as transformações e mudanças que ocorrem em diversas esferas da realidade (Fairclough, 2001). Torna-se por isso importante perceber as relações entre linguagem e as narrativas dominantes, considerando a sua capacidade de renovação e de revalidação constante. Discursos que empregam termos como: *"descobrimento"* e *"nascimento da educação"*, revalidam-se constantemente numa matriz hegemónica.

Entre altos e baixos, os indígenas no Brasil seguem sobrevivendo como podem. Nos dias de hoje, ainda se vive a temível e irresponsável ideia de expansão agrícola, que conta com um fortíssimo apoio do estado no Brasil (Alentejano, 2020). Estado este que se posiciona abertamente anti indígena (Alentejano, 2020), um país de Deus, da pátria, da família e da "liberdade", abertamente cristão com uma crescente e cada vez mais influente parte evangélica (Cruz, 2021). O estado demonstra como ainda traz consigo a ideia colonial de assimilação ou morte, na duradoura tentativa da criação de uma única identidade brasileira, de país da ordem e do progresso (Silva, 2018).

Este trabalho tem assim o intuito de trazer essas realidades para discussão, especialmente em Portugal onde atualmente me encontro, ajudando-nos a pensar no outro, a gerar conflitos sadios com o imaginário eurocêntrico, a repensar a história e os seus discursos, dando espaço para entender a versão do oprimido e da sua chegada e ocupação de locais que sempre lhes foram negados, como o espaço universitário e o político, por exemplo (Souza, 2021).

Os discursos coloniais precisam dialogar com os discursos daqueles que pedem para serem ouvidos (Spivak, 2010). Existe no Brasil, toda uma rica e vasta população das mais variadas etnias indígenas que foram varridas da história e que ainda lutam para não serem extintas.

A Universidade tem sido um desses campos de batalha, cujas vozes vêm aumentando, fruto de políticas afirmativas que têm criado um verdadeiro “choque de culturas” (Oliven e Bello, 2017) e modos de observar e sentir o mundo, que demonstram a dureza do racismo, dos preconceitos, da ignorância, da incapacidade de respeitar aquele que pensa diferente (Oliven e Bello, 2017).

Esta dissertação procura assim participar e contribuir para esse debate atual: a ideia de se pensar uma Universidade mais aberta a outros conhecimentos, mais humana e menos mercantilista (Santos e Filho, 2008). Um lugar que fomente o conhecimento, independentemente da sua origem, posição geográfica, etnia, forma como o conhecimento é passado ou qualquer outra forma de separação vertical entre “nós” e “eles”.

1.1 Problemática e objetivos

Esta dissertação procura refletir sobre os efeitos de um modelo de educação eurocêntrico sob as minorias, o que essa dinâmica representa, a importância do equilíbrio epistemológico num país tão multicultural e multiétnico como o Brasil, como nos lembra o líder indígena Ailton Krenak.

“O encontro com as nossas culturas, ele transcende a essa cronologia do descobrimento da América, ou das circunavegações, é muito mais antigo. Reconhecer isso nos enriquece muito mais e nos dá a oportunidade de ir afinando, apurando o reconhecimento entre essas diferentes culturas e “formas de ver e estar no mundo” que deram fundação a esta nação brasileira, que não pode ser um acampamento, deve ser uma nação que reconhece a diversidade cultural, que reconhece 206 línguas que ainda são faladas aqui, além do português. Então parabéns, vocês vêm de um lugar onde tem gente falando duzentos e tantos idiomas, inclusive na língua borum, que é a fala do meu povo, é uma riqueza nós chegarmos ao final do século XX ainda podendo tocar, compartilhar um elemento fundador da nossa cultura e reconhecer como riqueza, como patrimônio.” (Krenak, 1999, p.28)

Respeitando esta linha de pensamento colocou-se a seguinte interrogação, como mote de partida para a pesquisa: De que forma a presença indígena nas universidades poderá contribuir para uma maior abertura a outras epistemologias?

Dada a pergunta de partida, pretendo também obter respostas para a seguinte questão secundária de investigação:

Que experiências têm tido alguns estudantes universitários indígenas no Brasil?

Este trabalho tem como objetivo geral: compreender a importância da presença de estudantes indígenas nas universidades brasileiras, refletindo como a sua presença nas universidades vem gerando um novo terreno de resistência e de insurgência contra um possível epistemicídio¹. Delineio igualmente os seguintes objetivos específicos:

- (I) Revisitar a trajetória histórica, confrontando o contexto no qual se estabeleceram as primeiras universidades brasileiras;
- (II) Analisar os discursos de estudantes indígenas de forma a perceber os momentos atuais das relações interculturais na universidade e a possibilidade de transformação para uma maior abertura à diferença;
- (III) Compreender o espaço da universidade como um terreno de resistência indígena.

1.2 Enquadramento teórico e revisão da literatura

Teoricamente este trabalho socorreu-se de alguns contributos pós-estruturalistas. O pós-estruturalismo aparece como uma reação ao estruturalismo e de crítica às metanarrativas com as suas explicações mais generalistas (Tedeschi e Pavan, 2017). Tem o intuito de fugir das análises globais, que visam por exemplo, analisar o humano a partir de noções mais homogêneas, bem como da construção de análises fundamentadas em regras metodológicas imutáveis. No pós-estruturalismo, não existe uma única linha de pensamento, este constitui-se de diversas escolas de pensamento, num movimento pluridisciplinar: “O fato do Pós-estruturalismo não definir *a priori* um método para as pesquisas e desafiar os pesquisadores a

¹ Boaventura Sousa Santos define o epistemicídio como “a destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões de mundo por elas protagonizadas.” (2009, p.183)

construí-lo no decorrer do processo, implica um afastamento da Modernidade e de sua aposta em um unitarismo epistemológico ou perspectiva privilegiada capaz de compreender como o mundo é e como funciona.” (Tedeschi e Pavan, 2017, p.773).

Michel Foucault é um dos grandes nomes que podem ser considerados como pós estruturalistas, com as suas teorias sobre a noção de *Sujeito*, *Micropoderes* e das relações de *Poder*, ele rompeu com os padrões da época. Dentro do projeto genealógico, deu abertura para outras discussões e temas como as minorias, a questão de gênero, cultura e vulnerabilidade, servindo também como base do paradigma pós estruturalista feminista. A sua análise do discurso (Foucault 1996), servirá como base para estudarmos os discursos hegemônicos e marginalizados, atentando-nos principalmente à forma como esses discursos surgiram e como hoje esses discursos ainda se enfrentam. Por suporte, eu gostaria de mencionar um estudo relevante intitulado: “*Uma análise de práticas discursivas e não discursivas sobre o ensino de matemática em contextos indígenas*” (Costa, Domingues, Andrade, 2009). Neste estudo são mencionados alguns tipos de inclusão e exclusão por intermédio do discurso onde a pesquisa nos aproxima do método de exclusão pelas “verdades” sociais, “bem como dos sujeitos que se produzem ou são produzidos em determinadas relações de poder” (Costa, Domingues, Andrade, 2009, p.83).

“Como regime de verdade, os discursos com base na racionalidade moderna, científica, em certa medida, ainda têm tido primazia nos processos educacionais e têm se encarregado de dizer o que é verdadeiro e o que é falso em educação. Embora discursos alternativos também circulem nessas instituições educacionais, como micropolíticas, funcionam no contexto da política de verdade dominante. Por isso, para Foucault (1996), aquilo que convencionamos chamar de verdade representa a justificação racional de sistemas excludentes de poder presentes em diversas instituições – como hospitais, prisões e escolas.” (Tedeschi e Pavan, 2017, p.777)

Usando esta teoria para tecer uma “análise das atuações dos educadores matemáticos em contextos indígenas” (Costa, Domingues, Andrade, 2009) e da Etnomatemática que segundo a autora: “têm provocado rupturas, constituindo-se então, importante caminho para a abertura e a exploração de outros sentidos, voltados para a valorização da diferença e para a insubmissão à ideia de unicidade do conhecimento matemático”. (Costa, Domingues, Andrade, 2009)

“Contudo, sob o nosso ponto de vista, a breve análise que aqui realizamos – sob inspiração da teoria de Foucault – foi capaz de revelar alguns outros efeitos de suas práticas discursivas e não discursivas; efeitos estes que, muitas vezes, revelam-se contrários aos objetivos traçados pelo próprio Programa Etnomatemática.” (Costa, Domingues, Andrade, 2009, p.98)

A pesquisa revela a necessidade de se continuar a pensar a forma de educação com os povos indígenas, mas assim como em vários trabalhos, é amplamente explicitada a abertura para ouvir e acolher, abandonando hábitos e valores:

“Mas, o que há, enfim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde afinal, está o perigo?” (Foucault, 1996, p.8)

Por isso a importância da análise do discurso, para buscar esta desconstrução histórica de instituições de poder e seus discursos para que possamos perceber como nasceram os discursos de “verdade” e como outras epistemologias são marginalizadas como no caso das epistemologias indígenas.

“Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e pelas lutas sociais”. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.” (Foucault, 1996, p.44)

Farei uso dos conceitos empregados por Boaventura Sousa Santos, como o *epistemicídio* e a *ecologia de saberes*, por entender que a ecologia de saberes propõe a descolonização das universidades, partindo da ideia da pluralidade de saberes, confrontando a monocultura da ciência moderna (Santos, 2009):

Para isso, precisamos nos atentar ao que Boaventura menciona como “Pensamento Abissal”, que segundo Sousa Santos: “Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis.” São “linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos” onde o outro lado da linha desaparece, torna-se inexistente (Santos, 2009, p.21). São as mesmas linhas que segundo Santos, demarcavam o Velho e o Novo Mundo, subsistindo na estrutura do pensamento moderno ocidental (Santos, 2009).

“Com a ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia de diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico.” (Santos, 2009, p.45)

Para auxílio à base teórica, utilizarei brevemente o conceito de *colonialidade do poder* de Aníbal Quijano, pois na minha opinião, é um conceito que demonstra e denuncia que as formas de discurso (Foucault, 1996) atuais são heranças do colonialismo, que continuam a existir, se reinventando e se adaptando com o passar dos séculos. Para Quijano (2005) a criação da ideia de raça, foi imaginada para naturalizar a inferiorização dos colonizados onde tal

dinâmica discursiva catapultou a constituição de um poder mundial capitalista, moderno/colonial e eurocentrado que nasce a partir da criação da ideia de raça.

Dos estudos voltados para a questão indígena que me ajudaram a pensar esta dissertação, eu gostaria de começar mencionando um estudo em especial, o do Doutor Emerson de Oliveira Souza, indígena Guarani Nhandeva que escreve uma brilhante dissertação de doutoramento intitulada de: *“Povos indígenas na Metrópole: movimento, universidade e invisibilidade na maior cidade da América”*, sendo o seu objetivo buscar maior reflexão sobre a presença de indígenas em São Paulo.

“Faço parte de uma nova geração de pesquisadores. Minhas pesquisas sempre tiveram um encontro com a descrição que inverte os papéis durante o processo de pesquisa. Se Antropologia, Sociologia, História, Psicologia, entre outras ciências, buscavam nos grupos indígenas seu objeto de pesquisa, hoje o “pesquisador indígena” introduz um novo modelo dentro deste processo. Os indígenas surgem não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos do conhecimento. Neste sentido, bom foi compreender que a Antropologia contemporânea pode abarcar uma multiplicidade de povos e conhecimentos.” (Souza, 2021, p.17)

Emerson traz para a dissertação uma discussão muito importante que é a de abordar os indígenas em contexto urbano. Para Emerson (2021) que é Guarani Nhandeva e cresceu em contexto urbano: “Trata-se de etnografar os caminhos trilhados e percorridos em São Paulo pelos indígenas nas últimas décadas, com destaque para as etnias Kaimbé e Guarani Nhandeva, sua história e presença na maior cidade da América” (Emerson, 2021, p.11). Emerson também busca analisar se políticas públicas como ações afirmativas, contribuem para o resgate histórico e a preservação de culturas.

Emerson questiona o monopólio da educação no Brasil, onde prevalece uma única versão do saber que deslegitima a sabedoria milenar, evitando assim a interculturalidade de um Brasil coexistir com diversas nações indígenas em seu interior. Faz uso de entrevistas em que busca também dialogar sobre as experiências de estudantes indígenas, a militância, e de programas de ação afirmativa em universidades. Para Emerson, a presença indígena na universidade acontece dentro de um confronto de classes que tende a forjar lideranças indígenas que nascem dos constantes debates a que são expostos.

Outra dissertação bastante importante é a de Talita Lazarin Dal’Bó que tem o título de: *“Construindo pontes: o ingresso de estudantes indígenas na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos)”*. A autora partiu de um estudo etnográfico das experiências de estudantes indígenas que ingressaram na UFSCar em 2008, levando em consideração também o processo

de inclusão de estudantes indígenas da universidade, trazendo muitas questões por eles levantadas. A pesquisa busca trazer uma importante reflexão acerca de temas como “interculturalidade”, “conhecimento tradicional” e “cultura”, temas que têm sido abordados com a discussão sobre o aumento de indígenas cursando o ensino superior brasileiro. A pesquisadora teve o intuito de perceber se tal tema para reflexão está ou não presente nas experiências dos estudantes e como eles lidam com esses processos, “construindo seus próprios caminhos e mostrando-nos as possíveis pontes de conexão” (Dal’Bó, 2010, p.7).

A partir dos dados etnográficos de Dal’Bó (2010, p.100) esta conclui: “Uma delas refletiu as condições desses estudantes indígenas como ora um estudante comum, ora um estudante-índio que deve manifestar sua “cultura”, ora destacando a igualdade ora a diferença”. Consequentemente abordou a “Grande Divisão” (Latour, 1999) que opõe o “conhecimento tradicional/ indígena” a “conhecimento científico”, apontando que tal divisão somente faz continuar os mesmos equívocos cometidos com a educação escolar indígena, agora reproduzidos no Ensino Superior.

“O problema, como demonstrado, são as tentativas de estabelecer um paralelo entre processos de ensino e aprendizagem de naturezas diferentes, que, portanto, não deveriam ser comparados.” (Dal’Bó, 2010, p.100)

Dal’Bó termina a sua pesquisa sugerindo que prestemos mais atenção à resposta dada pelos indígenas aos processos de inclusão no Ensino Superior e “quais são suas análises, enquanto tradutores/ inventores de experiências” (Dal’Bó, 2010). Realça a importância das pesquisas iniciadas por estudantes indígenas acerca dos “conhecimentos tradicionais” e constata que ainda há um grande caminho a percorrer em termos de ampliação do diálogo e aprofundamento desta troca necessária, troca esta que acontecerá desde que estejamos abertos para ouvir melhor o que tantos indígenas têm para nos mostrar e para nos ensinar.

Essas duas teses foram muito valiosas para entender o momento do ensino superior brasileiro e das ações afirmativas no que tange o acesso de estudantes indígenas ao ensino superior, trazendo em ambas, entrevistas riquíssimas e a própria experiência do autor, no caso de Emerson.

1.3 Opções Metodológicas

Recorrerei a uma abordagem metodológica qualitativa por entender que esta abordagem tem como base interpretar fenômenos, ou seja, experiências com o objetivo de observar, descrever e compreender significados (Tombolato e Santos, 2020). Permitindo-me assim, recolher um tipo de informação que vai ao encontro com os objetivos delineados nesta dissertação.

O paradigma orientador será o Interpretativo-Fenomenológico. Segundo Santos e Tombolato: “Ao eleger a AFI (Análise Fenomenológica Interpretativa) como referencial teórico-metodológico que poderá nortear uma pesquisa: “o(a) pesquisador(a) tem em mente que pretende interpretar os significados que os(as) participantes atribuem às suas vivências (2020, p.298).” Esta abordagem visa valorizar a experiência dos informantes e interpretar a partir das vozes dentro de um contexto teórico e do contexto da temática proposta. Para Santos e Tombolato (2020, p.298) “a AFI está em consonância com o pensamento de Heidegger ao admitir que a pesquisa fenomenológica é, desde o início, um processo interpretativo”.

Considerarei este método por sentir que posso contribuir para a análise, por também fazer parte do que está considerado como grupo minoritário, por partilhar algumas das mesmas experiências como estudante universitário brasileiro e negro, onde a experiência dos entrevistados e a interpretação dos discursos tornam-se mais vivos à medida que consigo me relacionar mais de perto com os discursos assumindo essa posicionalidade.

Como parte da coleta de dados foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, pois mesmo que um roteiro tenha sido criado, o entrevistado teve a liberdade para abranger os temas centrais que foram levantados, não o condicionando somente a responder às perguntas e deixando-o livre, pois tal liberdade é demasiadamente importante para a análise dos discursos. Segundo Boni e Quaresma (2005), a entrevista semiestruturada permite essa flexibilidade na interação o que tende a favorecer um diálogo mais espontâneo e assim explorar a complexidade do tema.

Devido à pandemia de SARS-Cov-2, fiquei impossibilitado de realizar o trabalho de campo no Brasil. As entrevistas foram limitadas somente às plataformas online, por meio da plataforma de vídeo conferência conhecida como *Google Meet*. Foram também enviadas algumas questões por e-mail por solicitação dos entrevistados, porém infelizmente não obtive

retorno por este método. A falta de proximidade devido à pandemia, foi uma limitação na procura por pessoas dispostas a partilhar as suas experiências, assim como, a distância por me encontrar em Portugal, que também foi um fator que dificultou o acesso a esses estudantes. Esta distância criou dificuldades em encontrar informantes, pois o trabalho de encontrar pessoas com o perfil necessário e a minha estratégia para chegar aos informantes ficou limitada inicialmente a plataformas de mídias sociais, pelo telefone ou e-mail. Em alguns casos a técnica Bola de Neve foi empregada (Bockorni e Gomes, 2021), pois foram gerados contatos e através desses contatos eu pude chegar a outros informantes.

Em relação às questões éticas subjacentes à minha pesquisa, houve obtenção de consentimento informado de todos os entrevistados de forma verbal, onde pude explicar previamente o intuito da entrevista, juntamente com o tema e os objetivos propostos para esta dissertação. O anonimato não foi exigido por parte de nenhum dos entrevistados e foi dada a autorização expressa para que a entrevista fosse gravada em vídeo e som.

Fica aqui mencionado que a única finalidade desta dissertação é exclusivamente a da pesquisa académica e como contributo para o avanço das discussões sobre a luta indígena.

Foram realizadas seis entrevistas (N=6), porém para o propósito deste trabalho apenas foram incluídas cinco dessas entrevistas: uma realizada com um coordenador pedagógico de Ciências Sociais, a fim de trazer a visão da academia perante o tema e poder dialogar sobre o momento da universidade perante as discussões propostas nesta dissertação, e as demais entrevistas que foram feitas a dois doutores e dois estudantes indígenas, entrevistados para ajudar a compreender o momento atual dos estudantes na academia e a trajetória e a militância destes alunos e doutores, que contribuem de maneira significativa para a causa indígena.

Para realizar este trabalho, a pesquisa contou como método de recolha de dados e informação, o método bibliográfico, documental e etnográfico através da condução de entrevistas semiestruturadas, realizada a partir de um guião de entrevistas (*vide* Apêndice 1), porém como mencionado acima, o interesse estava na qualidade da informação e a densidade da informação adquirida. O guião foi separado em seis categorias sendo elas: Percurso académico; oportunidades e constrangimentos da universidade brasileira; Curriculum, aspectos diretamente relacionados com a questão indígena e por último: o futuro, de modo a entender as suas expectativas. Posso dizer que fui aperfeiçoando a condução das entrevistas à medida que fui adquirindo mais experiência. As entrevistas levaram em média duas horas cada uma.

Apontamentos foram feitos sob a forma de notas durante a entrevista. Senti a necessidade de afirmar o meu intuito de ajudar na causa indígena, tamanho é o receio de que possa usar este trabalho contra a causa indígena, especialmente por ser antropólogo onde fui informado do problema ao redor de indigenistas e cientistas que buscam falar pelo indígena, tirando-lhe o seu lugar de fala, algo que desde o início procurei dizer que não era minha intenção, mas sim a de trazer essa discussão para outros campos, como ao que me encontro aqui em Portugal.

As entrevistas passaram por um método manual de transcrição, do qual levei mais de 10 horas para transcrever cada uma delas. As seis entrevistas levaram um total de 10 horas e 56 minutos de conversa.

Houve três fases para a análise dos dados obtidos em entrevistas: a primeira sendo uma análise de conteúdo temático tendo-se recorrido a uma codificação por cores (Mendes e Miskulin, 2017). Posteriormente seguiu-se, uma análise do discurso, onde pude olhar para questões mais específicas como: poder e hegemonia por exemplo. Por último fiz uma análise fina das palavras a fim de perceber a frequência e a importância que é dada a certas palavras em seus discursos (Vilela, Ribeiro e Batista, 2020).

Por fim, foi feita uma triangulação das informações obtidas pelos informantes com outros autores que abordam o tema. Pude igualmente inter-triangular essas informações entre os discursos dos diferentes informantes para conferir uma maior validação dessas experiências.

Capítulo 1 | Narrativas coloniais sobre as origens da “Educação” no Brasil – Antecedentes e revisitação histórica

“Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de maneira crítica.”

Paulo Freire (1984, p.89)

1.1 O “eu” e o “outro” e o papel que a universidade e as viagens tiveram nesse processo relacional

“Se quer ser alguém na vida, então estude.” Desde muito pequeno que escuto sobre a necessidade de “estudar para ser alguém na vida”, o curioso é que muitos ao dizerem isso, conectam-se na ideia de meritocracia, de buscarem uma vida melhor, um bom emprego, poder comprar um carro bom, na possibilidade de viajar, resumindo, numa vida estável. Mas na prática, as coisas não são sempre assim! Basta olharmos para a falta de oportunidades, para os abusos, os descasos, a violência policial, o preconceito, a inferiorização do indivíduo, criando obstáculos mentais que até hoje são difíceis de desconstruir. A descolonização da mente ainda é um processo árduo, de aceitação, de amor próprio, de encontro consigo mesmo, de criar coragem, de sentir o desconforto de se sentir fora do “ninho” ao ocupar espaços que normalmente não ocuparia, de aprender a se impor, de todo dia buscar realizar sonhos, e de ajudar para que outras pessoas não passem pelas mesmas turbulências, e que consigam sonhar e concretizar seus sonhos, porque meritocracia hoje, para as minorias, é algo que simplesmente não existe. É a mesma coisa quem grita que “todas as vidas importam” ou “All lives matter”, mas porque será que são os negros, indígenas, LGBTQIA+ os que mais morrem no Brasil? (IPEA, 2021) ou como diria Susan Sontag: “Porque é que a dor do outro é a dor que menos dói?” (Sontag, 2003)

Ouvir inúmeras vezes este discurso, durante a minha infância, sempre foi um pouco desconcertante para mim. Sentia que havia algo que ainda não percebia, quiçá nem “eles”, a profundidade da expressão: “estudar para ser alguém na vida”.

Fui começando a me encontrar como pessoa na Austrália quando lá cheguei ainda jovem, com vinte anos de idade, nunca havia viajado de avião e muito menos saído do Brasil, tal empreitada era o meu grito de liberdade, num país que sufoca as minorias. A própria ideia

de ir para a Austrália nasceu de episódios de racismo. Toda vez que ia visitar agências de intercâmbio para os Estados Unidos, eu levava com a porta na cara, ou tinha que lidar com a falta de vontade das pessoas me atendendo. Num país onde negros não chegam nem na universidade, estar ocupando este espaço, interessado neste sonho de morar fora do país, de conhecer outras culturas, parecia algo impossível para aqueles que se negavam a me atender.

Foi aí que a Austrália como destino de intercâmbio começou a aparecer na minha vida, resolvi visitar agências de intercâmbio onde os destinos eram a Austrália e Nova Zelândia, e para minha surpresa, a recepção foi outra. Hoje eu percebo que essa dinâmica já captava muito o tipo de ambiente que encontraria por lá. Não posso dizer que foi tudo perfeito e que não existe racismo *Down Under*², existe, mas só o fato de ser infinitamente menor do que eu encontrava diariamente no Brasil, já serviu para escolher este país que tão bem me acolheu como segunda casa.

Estava à procura de respostas e primeiramente ganhei um lar, onde pude começar a me sentir como um jovem de 20 anos deveria. As respostas que tanto procurava sobre a minha identidade, sobre a violência racial a que fui exposto, por hora, pude deixar de lado e concentrar-me somente em ser jovem, estudar, trabalhar, conhecer pessoas, enfim, simplesmente viver. E o que esse tempo me trouxe, espaço e tempo para poder pensar sobre essas dúvidas, mas sem estar no foco da violência. Nunca idealizei que encontraria respostas e um certo conforto ao conseguir lidar com muitas das minhas dúvidas por intermédio do estudo e das viagens que fui fazendo. Porque eu sempre estudei, mesmo que torcendo o nariz para a frase que foi martelada na minha consciência, acontece que sempre tive gosto por aprender. Porém, até à minha viagem para a Austrália, os meus estudos eram todos em busca de ganhos financeiros, cheguei a cursar Sistemas de Informação na Universidade Presbiteriana Mackenzie e nem preciso dizer que falhei absurdamente. Escolhi por pressão familiar, e hoje percebo que essa pressão aconteceu devido ao medo de meu pai que é negro, de ter um filho “perdido”, hoje sei e entendo o seu medo, pois meu pai sabe como a vida é dura para quem é preto e não tem “qualificações”. Cheguei na Austrália para ingressar na universidade, pois este era meu sonho, terminei por cursar uma graduação em *Business Management* pela Australian Pacific College, o que me rendeu uma promoção no meu trabalho, a própria escolha por este curso, vale ressaltar que não tinha a princípio a ideia de melhoria financeira, fiz o que muitos brasileiros fazem nesta

² Austrália

situação, escolhi o curso com maior duração para ter mais tempo de visto. Porém, me dediquei e aprendi muito nesses dois anos e meio de curso.

Toda essa vivência e experiência adquirida ao longo dos anos que passei fora do Brasil, serviu para aprender sobre outras culturas e sobre o outro. Culturas essas que nunca imaginei que pudessem existir. Não tenho palavras para mencionar a importância de Jill, Roy e Margaret no começo da minha história neste lindo país, foi muito mais do que uma *homestay*³, tenho carinho de os ter como a minha família australiana. Foram inúmeras horas de conversa durante o jantar que nem víamos o tempo passar, o engajamento desta família em causas sociais, sobre a causa aborígine, o respeito que têm por outras culturas, me serviram de valiosas lições, tive o calor do carinho que conforta, carinho que me ajudava a lidar com a distância dos meus familiares no Brasil.

Aprendi muito nesse primeiro ano que passei na Austrália, tanto que ao fim desse intercâmbio em Melbourne na Austrália, eu fiz de tudo para voltar e continuar a minha experiência na terra dos aborígenes. Eu estava expandindo e muito a minha vontade por aprender, de me conhecer, porém ainda numa fase muito inicial de descoberta da minha identidade.

Posso claramente dizer, que a minha visão crítica, mencionando a citação inicial de Paulo Freire, foi se desenrolando e desabrochando com a vida, desde pequeno lidando com as mais variadas formas de violência, seja no lar ou na rua.

Ainda na Austrália, o primeiro livro que eu li que de fato me ajudou a começar a lidar com a questão identitária e de pertença que sempre me assombrou, foi o livro de Barack Obama, *Dreams from my father (1995)*, pois assim como “Barry”, também sou filho de uma mãe branca e um pai negro. Foi este livro que de certa forma me abriu as portas da aceitação e do reconhecimento enquanto pessoa e como negro. Deixei de cortar o cabelo bem curto, deixei de concordar em seguir certos padrões para me sentir integrado na sociedade, pois até então, eu já tinha vivido outras experiências fora do Brasil e já tinha experienciado um amor próprio oriundo desta abertura, desse estudo. Eu estava aprendendo a me emancipar através do estudo, a me respeitar e me impor perante as injustiças e preconceitos, e isso é uma luta pela liberdade que

³ Acomodação para estudantes de intercâmbio em casa de família

como perceberão neste trabalho, é muito parecida com a luta com a qual os nossos irmãos indígenas do Brasil e do mundo também travam.

Foi na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que pude começar a conectar os pontos, foi na universidade que eu pude compilar todas as informações adquiridas ao longo dos anos e analisá-las de maneira mais crítica. As aulas sempre geravam discussões e debates que mexiam muito comigo, posso dizer que a universidade me abriu as portas para pesquisas mais densas, aprofundando de maneira consciente a minha procura por respostas. Não foi a grade curricular, ou os conteúdos programáticos que conectaram comigo, até me ajudaram, mas considero que ainda existe pouca representatividade na academia nesses níveis. Porém, aprendi a pesquisar em ciências sociais com a descoberta de novas ferramentas e instrumentos. Foi algo sem precedentes, poder encontrar vozes e discursos que não têm a amplitude de Mandela, de Martin Luther King ou de Barack Obama, mas que me proporcionaram mergulhar cada vez mais fundo, auxiliando-me com questões que eu jamais teria feito, antes de ter investido num curso de Ciências Sociais, curso que eu já paquerava e que acabei não tornando realidade ao escolher Sistemas de Informação, as pessoas diziam, - “vai viver de quê como cientista social?” Mal sabiam eles!

Posso por isso dizer com toda a certeza que tive uma certa sorte, porque meus pais sempre me mostraram a importância dos estudos, mesmo sem terem a noção da real importância que a educação despertaria em mim, dos caminhos que eu tomaria com cada conhecimento adquirido, das experiências que vivi e como tudo isso impactaria o meu futuro, a minha escolha de carreira e de percurso acadêmico. A importância deste presente trabalho reside aí, pois proporcionar acesso aos estudos já é uma tarefa decolonial, ressignificar a “educação” dando acesso para que possamos ouvir os indígenas é algo mais que necessário e que por muito tempo foi e que de certa forma continua a ser negado, como veremos nas páginas que se seguem, a partilha gerada com esta abertura é imensa, onde a universidade se torna um território de resistência, de batalha, de desconstrução e de mudança.

1.2 A expansão colonial portuguesa e a “descoberta” do Brasil

Já que estudar “é preciso”, aprender com o outro, buscando entender a perspectiva do oprimido é um exercício de descolonização. É por isso necessário prestarmos alguma atenção,

ainda que breve, à narrativa romantizada de “descobrimento” do Brasil, tanto em Portugal, país em que me encontro escrevendo esta dissertação, como no Brasil, meu país de nascimento. Ailton Krenak, importante líder indígena, vem já há bastante tempo tentando elucidar aqueles que ainda não percebem, nos ajudando neste exercício de olhar para o outro, de nos colocarmos no lugar do outro, mostrando que existem dois lados e duas narrativas da mesma história: a do opressor e a do oprimido, e que o lugar de fala é extremamente importante nesta luta por reconhecimento e igualdade, mas é preciso ouvir!

“Então meu povo Krenak, assim como nossos outros parentes das outras nações, nós temos recebido a cada ano esses povos que vêm para cá, vendo eles chegarem no nosso terreiro. Nós vimos chegar os pretos, os brancos, os árabes, os italianos, os japoneses. Nós vimos chegar todos esses povos e todas essas culturas. Somos testemunhas da chegada dos outros aqui, os que vêm com antiguidade, e mesmo os cientistas e os pesquisadores brancos admitem que sejam de seis mil, oito mil anos. Nós não podemos ficar olhando essa história do contato como se fosse um evento português. O encontro com as nossas culturas, ele transcende a essa cronologia do descobrimento da América, ou das circunavegações, é muito mais antigo. Reconhecer isso nos enriquece muito mais e nos dá a oportunidade de ir afinando, apurando o reconhecimento entre essas diferentes culturas e “formas de ver e estar no mundo” que deram fundação a esta nação brasileira, que não pode ser um acampamento, deve ser uma nação que reconhece a diversidade cultural, que reconhece 206 línguas que ainda são faladas aqui, além do português.” (Krenak, 1999, p.27)

Por muitos séculos a narrativa da “descoberta” serviu como desculpa para assimilar ou exterminar as populações indígenas, legitimando a invasão, embelezando com o romance do descobrimento e da missão de salvação cristã, mascarando toda a violência que foi escalando desde a chegada dos primeiros navegantes portugueses.

“A nossa história colonial é uma história de genocídio contra o povo indígena (...) a história de colonização do Brasil é uma marcha sobre os territórios indígenas e a edificação sobre os territórios indígenas, é uma tristeza você imaginar uma nação construída em cima do cemitério da outra” (LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, 2020)

Então por que não fazer um pequeno exercício de revisitar o passado para perceber o contexto atual da educação superior no Brasil para os jovens indígenas que pretendem aceder a ele? Nesta seção, farei uma apresentação de breves trechos de um livro intitulado de “Uma Breve História do Brasil” (Priori, Venâncio, 2010).

“O banho abordo [das caravelas] era impossível. Além de não existir este hábito de higiene, a água potável era destinada ao consumo e ao preparo de alimentos. Nas pessoas e na comida, proliferavam todos os tipos de parasitas: piolhos, pulgas e percevejos. Confinados em cubículos, passageiros satisfaziam as necessidades fisiológicas, vomitavam ou escarravam próximos de quem comia.” (Priori, Venâncio, 2010, p.11)

Não é segredo que a viagem para o Brasil no séc. XVI, não era uma viagem simples. Os autores logo no primeiro capítulo descrevem as famosas caravelas como ágeis, porém extremamente pequenas, onde as mortes assolavam boa parte da tripulação que caía com as mais variadas doenças. O que levanta a seguinte pergunta: em que estado de saúde e condições físicas, os portugueses atracaram em terras brasileiras?

As primeiras décadas não foram nada fáceis para as tripulações, as viagens eram muito longas, havia pouco estoque de comida, e quase tudo estragava durante a travessia (Priore, Venâncio, 2010). Em terra firme, escalavam-se as tensões com indígenas, algumas décadas depois foi criado o sistema de capitanias hereditárias em 1532 com intuito de acelerar o povoamento com estabelecimento de centros urbanos, controle do litoral e melhoria do potencial econômico, expandindo o controle sobre os povos indígenas e escalando a invasão de terras (Paraiso, 2011).

Em 1534 os portugueses já não dependiam mais dos indígenas para sua alimentação e proteção, troca-se o escambo⁴ pela agricultura, e começam então a implementar com mais força modelos de instituições europeias, assim como a imposição do seu estilo de vida.

“A economia colonial [no Brasil] teve início seguindo o modelo usado nas ilhas da Madeira e de São Tomé: cultivo de cana-de-açúcar, construção de engenhos e uso de mão de obra escrava. Começava, assim, a rendosa empresa de caça ao indígena, e com ela o tráfico de *negros da terra* – termo utilizado para diferenciá-los dos negros africanos, que, aliás, começaram a chegar em profusão por volta de 1550.” (Priore, Venâncio, 2010, p.25)

Em 1548, D. João III cria o Regimento do Governador-Geral, documento que continha 48 artigos e que para muitos pode ser considerado a primeira Constituição do Brasil. Um dos principais objetivos deste Regimento era o de guiar a administração do Governo, cargo dado a Tomé de Souza, primeiro Governador Geral do Brasil (1549-1553). Entre a lista de deveres, estavam também ordens de como “lidar” com os indígenas que lutavam pela proteção de seus territórios. Com a sua chegada em 1549, Tomé de Souza passa então a instruir o governo em como converter os indígenas hostis, destruindo suas aldeias e punindo os rebeldes com castigos exemplares (Priore e Venâncio, 2010).

“A política de “grande terror” recomendada por D. João III consistia, inclusive em amarrar o índio que praticara algum delito à boca de um canhão, fazendo-o explodir.” (Priore, Venâncio, 2010, p.26)

⁴ Troca de mercadorias sem uso de moeda

Juntos na mesma armada “do terror” de Tomé de Souza, viriam também Mem de Sá e os Jesuítas com a “missão” de converter ou “salvar” as almas indígenas por intermédio da catequese. Tal movimento fazia igualmente parte da luta para diminuir os atritos que cresciam a cada dia, fruto da escalada da violência portuguesa. Os Jesuítas da recém-formada Companhia de Jesus contavam com seis missionários. Mem de Sá, tornar-se-ia outro Governador Geral do Brasil (1558-1572), considerado um dos governadores mais sangrentos que o Brasil já teve (Priori, Venâncio, pag29):

“Entrei nos ilhéus fui a pé dar em uma aldeia que estava sete léguas da vila [...] dei na aldeia e a destruí e matei todos os que quiseram resistir, e a vinda vim queimando e destruindo todas as aldeias que ficaram a atrás e, por se o gentio ajuntar e me vir seguindo ao longo da praia lhe fiz algumas ciladas aonde os cerquei forcei a deitarem a nado na costa brava.” (Priori, Venâncio, 2010, p.26)

Tamanha era a violência e agressão que os povos sofriam que originou a criação da Confederação dos Tamoios, o primeiro movimento de resistência indígena que reunia diversas etnias numa guerra conjunta contra a ameaça colonial (1554-1567). A guerra durou 12 anos, deixando milhares de indígenas mortos ou escravizados. Neste conflito o Brasil já tinha Mem de Sá como Governador-Geral.

Seria então uma interação com um indígena romantizado e gentil? As relações interétnicas eram pacíficas? Ou estes povos passariam pelas mais diversas formas de violência, além das guerras que ceifariam a vida de milhares de indígenas?

“A colonização é sempre um processo violento; neste caso levou ao declínio demográfico radical da população indígena devido às guerras e à falta de imunidade face às doenças europeias. A exclusão desta população resultou numa enorme perda ecológica e de diversidade humana.” (Bethencourt, Jornal Publico, Agosto 2022)

Neste pedaço de terra que eurocentricamente chamamos de Brasil, existem diversas populações indígenas de culturas riquíssimas e com sistema de educação próprios. Os interesses econômicos e a ligação entre Estado e Religião serviram de combustível na corrida por crescimento econômico no país colonizador. Infelizmente ainda é comum em diversas pesquisas acadêmicas que abordam o assunto, colocar o indígena em segundo plano, como mero participante passivo, ou até mesmo taxado de fraco ou preguiçoso. Tal argumento ainda é usado por muitos para então justificar a necessidade de buscar mão de obra de escravos africanos.

“O procurador de Justiça do **estado do Pará**, Ricardo Albuquerque da Silva, afirmou que o negro foi escravizado porque os índios que estavam no Brasil eram preguiçosos. “Problema da escravidão no Brasil foi porque o índio não gosta de trabalhar, até hoje. O índio preferia morrer do que cavar mina, do que plantar para os portugueses”, disse o procurador em áudio

divulgado na internet. Deputados lançaram nota de repúdio nesta quarta-feira (27).” (Mota, Revista Congresso em Foco, Novembro 2019)

Quem é que nasceu para ser escravo? O que pouco se fala é que houve incontáveis contrainsurgências indígenas e a título de exemplo podem ser mencionadas as revoltas na Bahia em 1545, São Tomé em 1546, Espírito Santo e Porto Seguro em 1546 (Paraíso, 2011).

E por último a guerra declarada pela Corte Portuguesa aos Botocudos, hoje conhecidos como indígenas da comunidade Krenak, logo após a chegada da Corte ao Brasil em 1808 que consta em Carta Régia do Príncipe Regente D. João. Guerra esta que mudaria para sempre os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo.

O discurso colonizador procurou assim, colocar um véu romantizado sobre os corpos daqueles que foram exterminados na luta para manterem seu modo de viver e de interação com a natureza. O discurso de hoje ainda mascara o genocídio de milhares de almas que foram exterminadas em nome do progresso dito por aqueles que se autointitulam “evoluídos”, fruto de um darwinismo social que só trouxe destruição (Bolsanello, 1996). Por isso se faz importante esse embate de discursos, para desenraizar um imaginário que durante séculos vem servindo para acobertar uma realidade que ainda sangra nos dias de hoje e consequentemente essa abordagem ao discurso assume um papel preponderante nesta dissertação (Bolsanello, 1996).

1.3 As instituições do poder e o nascimento da “educação” no Brasil

A Igreja sempre esteve presente desde a primeira vez que os portugueses atracaram em terras brasileiras, e a chegada dos Jesuítas em 1549 junto com o primeiro governador-geral do Brasil não foi por acaso.

“O Regimento de 1548 deixa claras as grandes preocupações do Estado lusitano com sua colônia: o enfraquecimento das capitanias, devido às revoltas indígenas, a possibilidade de os franceses se aproveitarem dessa situação para aqui se instalarem e o desejo da Coroa de incrementar os ganhos aqui obtidos.” (Paraíso, 2011, p.11)

É preciso contextualizar que os Jesuítas surgiram em 1534 como ordem religiosa, e principalmente como movimento de resistência contra o protestantismo que crescia na Europa (Tavares, 1995). Em solo brasileiro, no entanto, tiveram certa liberdade até 1580, ano em que Portugal seria anexada a Espanha, o que acabou estimulando o ingresso de outras religiões. A

união Ibérica, teve seu fim em 1640 e os Jesuítas só seriam expulsos de todo território português em 1759, segundo o Arquivo Nacional, Torre do Tombo.

“No que se pode denominar como "a Educação Jesuítica para o Povo", existe "uma *didáctica de tortura psíquica* para minar a Cultura da pessoa a ser colonizada, e uma *pedagogia de empreendimentos localizados* no acto quotidiano dessa pessoa, para a aprisionar ao conceito ser conquistado que tem de aprender a ser escravo, sendo aí o aprendizado da *Língua do conquistador* uma peça importante para *imposição tanto do padre que representa o Catolicismo quanto do Absolutismo imperial* que impõe a destruição.”(Barcellos, 2007, p.3)

Ou seja, os Jesuítas atuaram no Brasil de 1549 até 1759, precisamente 210 anos de catequese e de “salvação” que funcionava mais como uma espécie de lavagem cerebral (Liffey, Macedo, 1982), a fim de aumentar a mão de obra portuguesa, “amansar” e dominar os considerados hostis, usando as mais variadas formas de dominação. Foram necessárias algumas décadas dentro desta engrenagem de “ensino” e de expansão religiosa para que muitos povos demonstrassem mudanças mais significativas neste ciclo de assimilação ou morte, dentro de um discurso civilizatório e expansionista.

“Os jesuítas catequizam a colonizar mentes. Fazem da Educação uma arma tão negativa e tão poderosa como a espada, o azeite fervido ou a tortura. Uma autêntica lavagem cerebral que, apesar da Língua geral Tupi-Guarani, falada até finais do século XVII, consegue eliminar os traços de várias línguas nativas justapondo a portuguesa das orações. Algumas civilizações locais, como a Tupi e a Guarani, resistem, mas não têm futuro diante da força das escopetas e das espadas que são escudo último dos padres jesuítas, para lembrar aqui cartas de Anchieta que podem ser lidas na Biblioteca de Évora e também na Torre do Tombo.” (LIFFEY, MACEDO, 1982)

Na cidade de São Paulo por exemplo, várias pessoas desconhecem que ainda existam aldeias indígenas situadas dentro da cidade, como as aldeias do CECI Jaraguá, CECI Tenondé Porã e CECI Krukutu.



Figura 1: Mapa da cidade de São Paulo – Centros de Educação e Cultura Indígena.
Fonte: Site da Prefeitura Municipal de São Paulo

A guerra pela preservação de suas culturas, o bem viver indígena e de sua identidade, perpetua-se até hoje, desmentindo a ideia de uma assimilação total, pacífica e romantizada dos povos indígenas. Aos que se convertessem, ficaria a violência, o apagamento da memória, da identidade, a servidão, e a submissão a um Deus que pune, e aos que negassem tal submissão, só lhes restavam a morte.

Foi esse cenário caótico, incerto e de extrema violência que muitos dizem ser o nascimento da “educação” no Brasil, no meio de guerras, genocídio e muitas doenças, com jesuítas em plena missão de arrebatamento e de abuso pela cultura do povo que os acolheu.

“O pastorado no cristianismo deu lugar a toda uma arte de conduzir, de dirigir, de levar, de guiar, de controlar, de manipular os homens, uma arte de segui-los e de empurrá-los passo a passo, uma arte que tem a função de encarregar-se dos homens coletiva e individualmente ao longo de toda a vida deles e a cada segundo de sua existência.” (Foucault, 1977-1978, p.218,219)

No livro intitulado de *História da Educação no Brasil* (Melo, 2012), documento criado pelo Ministério da educação (MEC) para a formação em licenciatura, menciona logo no primeiro tópico que a “educação formal” brasileira se iniciou com a chegada dos Jesuítas:

“A educação formal brasileira inicia-se no período do Brasil Colônia, com a chegada dos jesuítas, em 1549, sob a orientação do Padre Manoel da Nóbrega.” (MEC, 2012, p.9)

Estes livros são criados dentro do sistema conhecido como Universidade Aberta, um programa de parceria entre o governo brasileiro e universidades públicas que fomentam o ensino à distância e com cursos mais acessíveis. São discursos como estes que fazem com que Emerson de Oliveira, indígena Guarani Nhandeva, fale sobre o papel dos educadores indígenas e a luta para contar uma outra história:

“Então é complicado, e eu sempre digo para todo mundo, não existe uma verdade, o que eu posso dizer, uma comissão da verdade, não somente porque não existia uma, porque não tem a presença de uma comissão da verdade indígena essa ainda vai, quando tiver com a verdade indígena aí é outra história. É um pouco do que a gente está tentando mostrar nos trabalhos assim mais atuais né dos indígenas tal, então é uma história que a gente ainda vai construir que vai deixar isso bem claro para a sociedade brasileira, porque é uma outra história então acho que é um pouco do papel da gente né, educadores indígenas, indigenistas ligados à causa de forma séria, está tentando fazer.” (Emerson, Indígena Guarani Nhandeva, entrevistado a 09/05/2022)

Basta uma simples procura no motor de busca Google com os termos: “Origens da educação no Brasil”, para se constatar como esta narrativa eurocêntrica colonial de assimilação e de expansão está imensamente entranhada no imaginário do brasileiro. A pesquisa retorna

com a primeira resposta dada pela Gazeta do Povo, um jornal associado à direita brasileira, com base em Curitiba, com fundação em 1919.

Foi assim que nasceu o embrião do ensino no **Brasil**, em 1549, quando os primeiros jesuítas desembarcaram na Bahia. A **educação** pensada pela Igreja Católica - que mantinha uma relação estreita com o governo português - tinha como objetivo converter a alma do índio **brasileiro** à fé cristã. Mar 11, 2018

Figura 2: “Nascimento” do ensino no Brasil

Fonte: Gazeta do Povo, Mar 11, 2018

Esta ideia de “educação” está amplamente espalhada por diversos dispositivos, sejam eles na esfera pública, como no caso do Ministério da Educação ou de famosas plataformas de ensino. Juntamente com a ainda vigente ideia de conversão e “salvação” indígena que persiste e se renova até aos dias de hoje, seja pelos Jesuítas, salesianos, pentecostais, neopentecostais ou até mesmo com o extinto Serviço de proteção ao índio (1910-1967), conhecido como SPI ou o seu substituto, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

“No tempo do SPI, que era o serviço de proteção ao índio, teve aquela missão jesuíta não é, que era levar o cristianismo a todos os cantos assim do Brasil, e aí, o município de Santa Isabel não era Santa Isabel, era Terra de Tapuruquara.” (Vanessa, Indígena da etnia Baré, entrevistada a 16/06/2022)

A intensa participação da igreja no Brasil e a sua presente omissão em relação às atrocidades cometidas, legitimam até hoje a ação dos missionários como um trabalho de Deus ou missão divina, e com um país de população majoritariamente cristã, a ideia de conversão e descobrimento ainda é amplamente aceita pela população (Sá, Oliveira, Möller e Naiff, 1999).

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 1872 o Brasil realizava o seu primeiro Censo demográfico por intermédio do DGE (Diretoria Geral de Estatística), órgão criado em 1829. O censo foi dividido por cor, sexo, escravos ou livres, estado civil, ocupação, nacionalidade e religião. Segundo o censo, a população brasileira em 1872 era de 9.930.478 habitantes e a parcela da população que se autodeclarava católica era de 9.902.712 de habitantes, ou seja, mais de 99% da população na época.

1.4 A imposição de uma “educação” cristã

“Então, como eu te falei nesse apagamento de memória, eu digo isso porque no sentido de que a minha mãe, ela não fala mais o idioma dela não é, e ela é Desana, da etnia Desana. Porque na época, tinha a escola de internatos não é, a escola internato, ela é de modelo de escolas militares, onde os indígenas eram escravizados, tipo assim, tinha que trabalhar uma parte e estudar, quem não souber rezar direito Ave Maria, Pai nosso, não dizer bom dia, Sim senhor, iam ser pego pelo assistente né, que eles nomeavam assim, nas escolas quem for pego falando o idioma nato da pessoa, ele entrava em castigo.” (Seribí, entrevista realizada a 16/06/2022)

Seribí mostra como a presença da igreja, alterou a cultura local e como ele lamenta não saber falar o idioma da mãe, algo comum na região onde os indígenas costumam se relacionar com indígenas de outras etnias, auxiliando assim a troca de conhecimento. No seu caso existiu uma perda de conhecimento, já que ele deveria ter sido criado a aprender tanto a cultura de seu pai, que é Tukano como a de sua mãe que é Desana, o que não aconteceu.

“[...] eu não falo mais o idioma da minha mãe, era para ter falado o idioma da minha mãe, a educação de um Tukano criança, ela tem que ser regida pela mãe até aos 9 ou 10 anos, aí onde ele passa a aprender a cultura Tukano. Aí como um Tukano é o idioma que domina na minha região, entre aspas, devido essa movimentação que ocorreu dentro das escolas internatos né, coordenado pelos salesianos, eu digo Salesianos porque eles que dominaram na nossa região.” (Seribí, entrevista realizada a 16/06/2022)

Vanessa também demonstra tristeza ao abordar o tema sobre o apagamento cultural, pois no seu caso, sua mãe não queria que ela fosse criada dentro dos costumes indígenas, fruto já dessa subjetividade alterada. Para a mãe de Vanessa, manter a cultura indígena dificultaria a vida da filha. Vanessa mudou-se cedo de sua terra, localizada no alto Rio Negro para o município de Santa Isabel de Negro, para mais perto da escola. Hoje, ela relata como está se reconectando com a sua cultura.

“E aí a minha mãe sempre falou assim, que a gente deveria estudar para sair daquele local e não viver tão miseravelmente. Aí é... eu achava até assim, que é que isso dela tirar a gente lá foi algo que hoje em dia eu não queria, porque ela tirou a gente de vivenciar a cultura mais de perto a nossa língua a gente não fala muito bem, eu entendo mais é, não fala algumas coisas mais entendo do que falo. E aí, os meus irmãos também não vivenciaram isso e aí ficou guardado só com meus pais.” (Vanessa, Indígena da etnia Baré, entrevistada a 16/06/2022)

Santa Isabel, onde Vanessa cresceu, antigamente tinha o nome de Terra de Tapuruquara, nome original antes do “batismo” cristão. Esta área vinha sofrendo mudanças mais significativas, fruto do avanço da cidade e especialmente por influência da Igreja:

“[...] aí chegaram lá os salesianos os padres, as irmãs salesianas e elas começaram a ir nas comunidades indígenas é, falarem com os pais e que iam levar as crianças para estudarem no internato. E aí levavam as crianças indígenas para lá.” (Vanessa, Indígena da etnia Baré, entrevistada a 16/06/2022)

Esse aliciamento por parte da igreja aconteceu na época dos pais de Vanessa e Seribí, os dois são de regiões muito próximas, por isso ambos tiveram este contato mais próximo com os salesianos. A proximidade da igreja na promessa de dar às crianças um “futuro melhor”, era o que fazia alguns pais pensarem em propiciar aos filhos uma “vida melhor”, fruto da ideia vendida pela Igreja.

“E aí é, nesse internato muitas crianças elas foram aprendendo o negócio do cristianismo, de deixar a sua cultura, que aquilo era errado, que era abominado pela igreja e tal. E aí os meus pais eles também passaram por isso. Por isso que quando é, a gente já tipo morou lá na cidade, eles já falavam que a gente não deveria fazer certas coisas. Tipo fazer o benzimento não é, a preparação assim para fazer qualquer coisa que tem, para fazer alguma prova. A gente teria essa preparação de a gente conversar com o pajé, eles abençoarem a gente, a gente seguir é... fazer tudo certinho a gente não teve mais isso.” (Vanessa, Indígena da etnia Baré, entrevistada a 16/06/2022)

O que percebemos aqui, é que a estrutura colonial de poder, ainda usa dos mesmos mecanismos que foram usados desde a chegada dos Jesuítas em 1549.

Para Boaventura de Sousa Santos, estas relações constituídas pelo colonialismo não acabariam com o fim do período colonial, o colonialismo terminou enquanto relação política, porém não trouxe o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e sua sociabilidade discriminatória. Tal violência nunca fora incluída no discurso da modernidade ocidental, porque ainda vigora a ideia de que o colonialismo foi concebido como missão civilizadora e que o desenvolvimento europeu mostraria o caminho ao resto do mundo (Santos; Meneses, 2010).

“Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós” (Bolsonaro, Estadão, 2020)

É muito comum ouvir que os portugueses levaram a “educação” e que levaram “cultura” ao Brasil, sendo que nenhuma dessas fontes se dá ao trabalho de ouvir o que pensam os povos originários a respeito da normalização de um passado genocida. Com um passado de política de assimilação ou morte, que perpetua até os dias de hoje, especialmente quando vemos o atual presidente do Brasil dizer que não haverá terra para indígenas e quilombolas, ou em citações como a acima.

1.5 Quem controla a narrativa controla a História

“A história fez isso aqui, transformou o camarada nisso aqui, você não conhece a história porque a história o levou para esse lado, levou para esse lado, para esse lado.

Então que a gente tá falando aqui no Brasil é muito muito um pouco do que a história do Brasil agora, essa história a da negação né, essa história da negação, dos bolsominions e tudo mais, com eles aqui, esse é o que a gente está dizendo. Esse cara é o próprio fruto do processo histórico, um cara que teve uma escola, educação pública muito ruim, da periferia, que a gente está passando por vários problemas de desmonte da educação pública não é, com falta de professores, qualificação de professores, e o que esperar de um aluno que a gente não está conseguindo dar conta de ensinar o que deveria, até porque a história faz o contrário, tem feito o contrário, vamos deixá-lo, vamos levar o cara para esse lado, não para esse, porque aqui vai dar problema para nós, então quer dizer, é um processo histórico, então não dá, não tem como negar né aqui que a história ela é como você disse uma história negada. Justamente porque essa história oficial é uma história que pode dar muitos problemas.” (Emerson, Indígena Guarani Nhandeva, entrevistado a 09/05/2022)



Figura 3: Latuff - A invasão europeia nas Américas, desde 1492, provocou um extermínio entre 90 e 95% da população originária

Fonte: Diálogos do Sul <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/58765/maior-genocidio-da-humanidade-foi-feito-por-europeus-nas-americas-70-milhoes-morreram>

O intuito deste capítulo não é o de traçar um estudo detalhado sobre a educação brasileira, mas sim, de contrapor os discursos “oficiais” e trazer clareza sobre essa narrativa de “educação” que nasce com a igreja e que desde então, sempre procurou manter um modelo de “educação” eurocêntrico. Outro aspecto importante que precisa ser abordado neste trabalho, é a necessidade de fomentarmos a empatia, de sentir o lugar do outro, de começar este exercício de desconstrução de um pensamento enraizado no eurocentrismo, de modo a sermos capazes de perceber o peso e o poder da palavra “descobrimento”, da dor que indígenas sofrem até hoje para serem reconhecidos como “gente”, como pessoas que sonham, que tem direitos e liberdade.

“Você como eu te falei, vocês lutaram para ser visto como gente, já nós indígena, a gente está lutando para ser indígena, para ser reconhecido como gente não é, melhor dizendo.

Então ser indígena, começa esse desafio né, exclusão começa e a gente luta para ser visto como indígena, aquele que pensa, aquele que sente dor, aquele que tem todos o que o ser humano tem o indígena tem.” (Scribí, entrevista realizada a 16/06/2022).

Por isso se faz necessário tal exercício, porque o Brasil infelizmente ainda enxerga o indígena como alguém inferior, o país descaradamente nega acesso, nega lugar de fala, nega o direito a reparação, nega o seu direito a terra, nega a sua cultura, nega o seu bem viver, nega o seu direito a vida (Souza, 2021). Seria possível fazer uma outra tese, só sobre o que o país nega aos povos que aqui estavam antes de 1500, por isso é necessário revisitar os antecedentes históricos para continuarmos esta análise de discurso ao abordar a desconstrução e o decolonialismo, especialmente na Universidade.

“Eu acredito que os tukanos são grandes sonhadores não é, contanto que aos poucos as coisas vão chegando não é, eu mesmo nunca imaginei estar no curso de medicina, apesar de ser um dos primeiros da minha comunidade a estar no curso de medicina da etnia do tukano.” (Seribí, entrevista realizada a 16/06/2022)

Num país que elege Bolsonaro, integrar o cenário político nacional, torna-se também importantíssimo terreno de disputa. O país que ainda tenta romantizar ou desqualificar a luta do indígena, oferece uma imensidão de terrenos de desconstrução, seja na educação escolar, na literatura ou até mesmo na academia.

Desconstruir é um exercício difícil, porém extremamente necessário. A “educação” não pode ser somente aquela criada pelo homem branco, e o indígena merece e tem o direito a uma educação que respeite a sua cultura e que o possibilite de ser livre.

“Os povos indígenas deveriam ter o direito a seu próprio conhecimento, língua, cultura e educação cultural apropriada, incluindo a educação bicultural e bilingue. A participação da família e da comunidade estará garantida mediante o reconhecimento de meios educativos formais e não formais.”
(Declaração da aldeia Kari-Oca e Carta dos Povos Indígenas 1992, p.3)

A resistência e resiliência desses povos, os tem ajudado a sobreviver, mesmo estando sobre guerra durante séculos, num país “descoberto”, que nega até hoje a sua presença (Figura 3). Ao abordarmos a força destes discursos coloniais e o seu contra-argumento como forma de resistência indígena, inevitavelmente nos colocamos na questão decolonial, assim como também nos deparamos com as relações de poder que este embate de discursos gera. Dialogamos sobre essas relações, lançando-nos no discurso, nessa ontologia do pensamento do presente, de como todos esses discursos contribuíram na formação das subjetividades de hoje.

“E hoje nós somos alvo de uma agressão que pretende atingir na essência a nossa fé, a nossa confiança de que ainda existe dignidade, de que ainda é possível construir uma sociedade que sabe respeitar os mais fracos, que sabe respeitar aqueles que não têm o dinheiro para manter uma campanha incessante de difamação. Que saiba respeitar um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas. Um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão, não deve ser identificado de jeito

nenhum como um povo que é inimigo dos interesses do Brasil, inimigo dos interesses da nação, e que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil. E os senhores são testemunhas disso. Eu agradeço a presidência desta casa, agradeço os senhores e espero não ter agredido com as minhas palavras os sentimentos dos senhores que se encontram nesta casa.” (Krenak, Constituinte de 1887)

A desconstrução de um imaginário eurocêntrico pro-colonialismo, é um exercício decolonial de desconstrução de discursos de poder, de desromantizar a descarada desvalorização do “outro” (Bolsanello, 1996).

Capítulo 2 | As faces do discurso

2.1 O discurso

Para Foucault em a “*Ordem do discurso*” (1996), o discurso não deve ser entendido como um conjunto de palavras, mas tudo o que se encontra no campo da comunicação, sendo o intermediário que torna possível organizar aquilo que pode ser dito, aquilo que pode ser considerado uma verdade ou uma mentira, aquilo que pode ser validado como ciência ou não.

Para entendermos a sua análise, precisamos nos atentar à ideia de que ele está profundamente preocupado em tentar entender quais são os discursos ou os mecanismos que produzem aquilo que estamos fazendo. Ou seja, quais são os fatores que nos levam ao que estamos fazendo hoje, como somos conduzidos por seus poderes.

“Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível.” (Foucault, 1996, p.5)

Aqui, ele menciona que gostaria de quebrar uma norma, uma forma de poder que traz o professor como locutor principal deste discurso, uma norma que existe dentro de um espaço repleto de poderes, dentro de uma instituição, que sofre a ação de variadas forças que perpassam as nossas falas, os nossos discursos, independentemente do grau em que estamos inseridos.

“Mas pode ser que essa instituição e esse desejo não sejam outra coisa senão duas replicas opostas a uma mesma inquietação: inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita, inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence, inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina, inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações servidões, através de tantas palavras cujo uso há tempo reduziu as asperidades.” (Foucault, 1996, p.8)

Será que reparamos nas asperezas de nossa fala? Nas asperezas de nosso discurso? Será que temos tendência a normalizar tais asperezas?

Estamos carregados pelo poder do nosso lugar de fala, lugar que por vezes serve como uma espécie de proteção, proteção essa que muitas vezes exercemos sem perceber. Porém, ao exercer essa função, acabamos por evitar as trocas que poderiam ser muito ricas e válidas.

Ou seja, o discurso define aquilo que pode ou não ser dito por cada sujeito que faz parte do discurso, localizando-os em suas posições distintas. Como no exemplo de uma sala de aula,

onde o aluno neste caso está inserido dentro de diversas relações de poder que o cercam, ele não pode simplesmente tomar a palavra do professor e conduzir a aula.

“Eis a hipótese que gostaria de apresentar esta noite, para fixar o lugar – ou talvez o teatro muito provisório – do trabalho que faço: suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (Foucault, 1996, p.9)

O discurso define quais palavras são aceitas em determinados ambientes, como também as palavras das quais não podemos mais produzir. Por exemplo, a palavra “neguinho” que ganhou força recentemente ao ser usada pelo ex-corredor de Fórmula1, Nelson Piquet quando se referia a Lewis Hamilton, que em português disse na primeira mensagem de resposta, que precisaríamos mudar a mentalidade das pessoas. Abaixo segue a sua segunda resposta ao interagir com algumas pessoas no Twitter:

“It’s more than language. These archaic mindsets need to change and have no place in our sport. I’ve been surrounded by these attitudes and targeted my whole life. There has been plenty of time to learn. Time has come for action.” (Hamilton, Lewis. (@LewisHamilton). 14 ago. 2022, 10:52 am. Tweet)

Depois deste ocorrido, a Federação Internacional de Automobilismo (FIA), banuiu para sempre o ex-corredor brasileiro de visitar o *Paddock* das corridas de Fórmula 1.

Como mencionei, a preocupação de Foucault gira em torno do que produziu os discursos de hoje, perceber como essas “verdades” foram colocadas e fundamentadas no discurso, o que interessa é saber como este discurso foi produzido, este discurso cheio de asperezas. Será que Piquet tinha total noção do que estava fazendo ao fazer uso desta palavra? Onde está a origem desta palavra, em que circunstâncias essa palavra nasceu? Para Foucault, a sua preocupação está relacionada com o que produziu a fala de Piquet, com algo anterior a esta fala, enfim, estudar a produção das coisas, para assim, perceber o momento atual em que estamos inseridos, e a real carga de cada discurso nos dias atuais e o que fez com que esta palavra fosse finalmente abolida e reconhecida como racista.

A expulsão de Piquet do *Paddock*, serve de exemplo para a ligação com o que Foucault chama de procedimentos de exclusão (Foucault, 1996), cujo resultado principal seria a interdição, da qual ele tira 3 tipos de interdição: tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (Foucault, 1996). Para o autor, essas forças cruzam-se, reforçam-se e compensam-se, formando uma espécie de grade que sempre se modifica. Segundo Foucault, as regiões das quais esta grade estaria mais apertada, “onde os

buracos negros se multiplicam” (Foucault, 1996), seriam as regiões da sexualidade e da política. Nestas regiões como menciona o autor, o poder então seria exercido de forma privilegiada, e das maneiras mais terríveis.

“Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (Foucault, 1996, p.10)

Além da interdição, Foucault aborda outros dois tipos de exclusão. O segundo tipo de exclusão acontece por intermédio de uma separação ou rejeição, a oposição entre a razão e a loucura. Antigamente o louco era considerado um sábio, porém dentro de uma sociedade cada vez mais controladora, a visão sobre o discurso inverte-se, e o sábio torna-se louco, sendo estigmatizado e retirado do convívio social.

“Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo.” (Foucault, 1996, pg.11)

Se um louco era considerado como tal, ao ter o seu discurso validado ou não pela sociedade e pelas “verdades” da época, hoje temos instituições que com os seus dispositivos permitem a médicos, psicanalistas, ou seja, a uma instituição, a um grupo de pessoas que detém este poder, determinar a sorte da pessoa avaliada. Porém, se avaliarmos a história e seus discursos, quantos homens e mulheres morreram por terem discursos que não eram compatíveis com as “verdades” da época? Quantos hoje ainda sofrem pela mesma dinâmica? Quantas pessoas já foram consideradas como loucos e hoje são gênios?

O último sistema de exclusão seria então a oposição entre o verdadeiro e o falso, este é importante porque também recebe suporte institucional. É tal a vontade de “verdade”, do poder daqueles que acham deter a única “verdade”, neste jogo de verdadeiro ou falso, que excluimos culturas que não compartilham das mesmas “verdades”, ou forçamo-las a aderir ao mesmo modo de pensamento. A escola, a catequese, ou o estado colonizador como veículo que propaga essas “verdades”, mas com qual objetivo? Qual o propósito desta ideia de assimilação?

“Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios de outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é

aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.” (Foucault, 1996, p.17)

Por isso é válido repensarmos os discursos, a fim de percebermos a força que alguns discursos têm até hoje. Foucault está mais preocupado em perceber como os discursos se originaram, porém aí, podemos analisar tanto o discurso do opressor quanto o do oprimido, e começar a remover o véu que nos cega, auxiliando-nos a entender o presente, assim como a perceber como o estado brasileiro chegou aos discursos que ouvimos hoje, e ao escutarmos os indígenas, perceber também como os seus discursos chegaram ao ponto em que estão hoje.

A análise do discurso nos fornece essa chave para entender as causas, e com o auxílio do movimento decolonial, estudarmos essa batalha pelos discursos e como estes discursos vem mudando o meio acadêmico brasileiro. Entender os discursos eurocêntricos e quem os controla, faz parte deste processo de descolonização, pois assim fornece àqueles que lutam a oportunidade de contra-atacar usando as mesmas armas.

2.2 A força dos discursos

A exemplo do que falámos acima, podemos abordar o que vem acontecendo durante estes anos de Covid-19, onde o mundo se viu impotente perante esta ameaça invisível. Países como os Estados Unidos da América onde o presidente Donald Trump inconsequentemente correu para batizar o vírus de “*Chinese Virus*” ou “*China Virus*”, gerando uma onda de xenofobia contra asiáticos. Tal retórica tinha a intenção de mascarar a sua péssima administração apelando a um sentimento anti-asiático, que é antigo, mas que ainda está vivo em boa parte da população americana.

“Once again, this is really not an exceptional case,” said Sato, “but it’s deeply linked to the broader conversation we have been having in the wake of the Black Lives Matter movement. This is a very much connected history, and we need to really think about how this violence is not only impacting the Asian American community, but also Blacks, Indigenous, Latinx and other vulnerable communities.” (Sato, The Harvard Gazette, 2021)

O discurso de Trump criou uma cortina de fumaça que tentava a todo o custo mudar o rumo das conversas em que muitos buscavam saber como o presidente iria combater esta ameaça. Vale ainda lembrar que esta onda de ódio que o presidente americano inflamou por intermédio de seu discurso, levou à morte e à violência desenfreada, lembrando por exemplo,

os tiroteios em Georgia onde oito pessoas morreram, das quais seis eram mulheres de descendência asiática. As vítimas foram mortas dentro de um spa em 2021.

“A new study suggests that former President Donald Trump's inflammatory rhetoric around the coronavirus, which is believed to have originated in China, helped spark anti-Asian Twitter content and "likely perpetuated racist attitudes””. (Reja, Abc News, 2021)

Tendo em conta o exemplo de Trump, voltemos à questão indígena, ao legitimarmos o “descobrimento” e atrelarmos o nascimento da “educação” no Brasil à catequese cristã, aceitamos a dominação colonial, negamos todos os horrores que continuam a seguir por entre os séculos, o genocídio, as violações, as torturas, e tantas outras formas de violência.

Este discurso mantém-se como forma de poder de exclusão por intermédio do verdadeiro ou falso, onde o próprio Ministério da Educação, que funciona como um suporte institucional do estado brasileiro, é uma das instituições que ajudam a manter este discurso de “verdade”, de nascimento da educação brasileira, mantendo os indígenas fora do status de “gente”, o que se confirma constantemente quando o estado brasileiro continua a negar às populações indígenas os seus direitos mais básicos.

“O índio mudou, tá evoluindo. Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós. Fazer com que o índio cada vez mais se entregue à sociedade e seja cada vez mais dono de sua terra indígena.” (Bolsonaro, Estadão, 2020)

Com discursos como este de Bolsonaro, ele expõe a ideia de uma evolução darwinista, processo pelo qual os povos indígenas estariam passando, o que revela muito da mentalidade da população brasileira acerca das populações indígenas. Bolsonaro apodera-se deste poder como chefe de estado e exerce esta força com total desprezo pelas populações indígenas. Foucault menciona, que há um poder ao apoderar-se dos discursos, um poder que se luta para conseguir, e com falas como essa, o atual presidente que lutou para ter o poder que tem hoje, deslegitima a luta indígena por suas terras de direito e pelos danos causados. Esse descaso e deslegitimação do discurso indígena, abre portas para o agronegócio, movimento este que explodiu durante o seu governo, como abordarei a seguir.

Trump assim como Bolsonaro, demonstra constantemente o quanto o discurso tem poder. Porque ainda existem “missões” de missionários em aldeias? Porquê tanta vontade de converter o indígena a Cristo? Seria por causa da sua mão de obra barata ou escrava? Pela riqueza de suas terras que tanto lutam para proteger? Ou também pela proximidade do

presidente com a bancada evangélica? Seria por um discurso do governo com forte apoio da mídia brasileira, para a criação de um imaginário de país do agronegócio?

“O slogan “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo” sem dúvida é a marca da belíssima campanha de marketing “Agro: a Indústria-Riqueza do Brasil” promovida pela Rede Globo em rede nacional. O objetivo da campanha é conectar o consumidor com o produtor rural e desmistificar alguns mitos em torno do agronegócio.” (Rosa, Associação brasileira de marketing rural e agro)

Ao mesmo tempo que continuamos a agredir as populações indígenas, o agronegócio continua a se expandir pelo país, atrás de terras e de mão de obra “barata”, o próprio setor do agronegócio comemora esse crescimento e esse fortalecimento de uma ideia de progresso do país. Esse sentimento parece deixar as pessoas completamente sem senso crítico ao não perceberem a relação entre esse crescimento e o aumento do desmatamento a números jamais vistos.

“Existe uma política construída pelo agronegócio de que os índios viraram uma espécie de inimigo do desenvolvimento nacional e que o presidente dos movimentos camponeses tipo MST se transformaram tipo em pessoa, em um grupo de bandidos que ocupam fazendas de pessoas importantes que só criam o desenvolvimento do país. Então o que existe, neste momento aliás os indígenas, faz um bom tempo que isso existe que é a criminalização das lideranças indígenas e agora uma criminalização dos movimentos também, que lutam a favor das minorias ou étnicas ou por Terra. Então existe aqui um movimento interessante que eu acho que é preciso você de certa forma contextualizar o Brasil, até para dizer em que momento que nós estamos e porque se chegou dentro desse processo histórico, nesse movimento. Então que eu sempre falo com o pessoal do doutorado, mestrado que é isso a gente precisa primeiro entender o contexto, até porque nesses grupos de pesquisa, por estar dentro de um movimento LGBTQ+ e outros tratam dos movimentos dos moradores em situação de rua, outros tratam da situação do movimento feminista. Então eu sempre falo para eles, vamos contextualizar de forma histórica sem esquecer também o nosso momento atual, o que é que nós estamos vivendo enquanto política e ponte né de artigos constitucionais que foram sendo criados por exemplo, o agronegócio tenta destruir o artigo 231 e 232.” (Emerson, Guarani Nhandeva, entrevistado a 09/05/2022)

O principal discurso é o crescimento da contribuição do setor ao PIB brasileiro, que parece sempre buscar silenciar o discurso daqueles que lutam por reforma agrária e por suas terras de direito. Nesta guerra de “verdades”, sofre aquele que tem a sua verdade deslegitimada, taxada de loucura, de antipatriotismo, de inimigos do progresso, ou seja, está aí o peso esmagador do discurso do Estado, mesmo estando supostamente protegidos pelos artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988:

“Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.”
(Constituição Federal de 1988)

Enquanto isso, as terras continuam a ser invadidas, as doenças continuam a ceifar vidas, os missionários continuam com a sua “missão” e a indiferença do Estado brasileiro continua para com aqueles que não são reconhecidos, que não tem direito a discurso, sem direito a que ouçam os seus apelos.

“O discurso que ecoa em todas as regiões do Brasil é o do desenvolvimento, baseado na lógica da ordem e do progresso – grafado inclusive, na bandeira do nosso país. Entre os empreendimentos anunciados como os que mais contribuem para esse fim, está o agronegócio. Ele, que é veiculado como “tech, pop e tudo”, defendido e difundido de maneira unilateral possui um outro lado: o da negação do Outro, da vida, da diversidade, contrapondo-se aos direitos arduamente e legalmente conquistados.” (Oliveira, Cabral, Azevedo e Caetano, 2018, P.58)

Os grupos sertanejos contribuíram e ainda contribuem nesta campanha de criação de uma identidade agro, os mesmos tiveram o seu início com os grupos de sertanejo universitário, aproveitando-se do impulso dado pela mídia, especialmente pelo maior canal televisivo do país, a TV Globo, recebendo largas remunerações oriundas de verbas públicas, onde muitas destas verbas eram destinadas a outros fins.

“O show do cantor Gustavo Lima no município de São Luiz, o menor município de Roraima, custará 76,85% mais do que o orçamento destinado para o transporte escolar, merenda e vigilância sanitária previsto para o ano de 2022. A prefeitura vai pagar um cachê de R\$ 800 mil ao cantor, enquanto o valor para os três serviços citados é de **R\$ 185,2 mil.**” (G1-Globo, 2022)

Não é de hoje que o Estado usa e abusa do discurso em suas mais variadas formas para exercer o seu domínio sobre as populações mais vulneráveis, tais discursos parecem dar folego e força a governos autoritários.

“Se eu chegar lá, não vai ter dinheiro pra ONG (...). Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola.” (Bolsonaro, Veja, 2017)

O Brasil do sertanejo pró agro, é mais uma maneira de deslegitimar os direitos de indígenas, de quilombolas e dos trabalhadores sem-terra, porque este discurso cria um imaginário de identidade sertaneja, com músicos sertanejos aderindo a esta campanha com shows milionários em áreas rurais, e não coincidentemente as suas músicas estão entre as mais ouvidas em plataformas de *streaming* do Brasil. Tudo isso num país em que esse “*Boom*” sertanejo varre o país, assim como o setor do agronegócio.

“Por exemplo, hoje existe a PEC 215 a PL 430, o Marco temporal então são tudo coisas que você precisa dar uma olhada agora para entender o que eles estão querendo. Eles

estão querendo desmontar um artigo que garante o direito à diversidade indígena e um direito à escola diferenciada, à saúde diferenciada, a diminuição das terras indígenas por exemplo o Marco temporal para você ter uma ideia de como é horrível, ele tenta colocar como Marco a Constituição de 1988, ou seja, se você estiver na sua terra antes de 1988 a gente começa a falar em processo de demarcação, se você não estiver em 1988 que é o caso de vários indígenas que foram expulsos dos territórios a mais de 20 anos e estão tentando retomar. Então se você estiver fora da sua Terra tradicional, você não tem direito, a gente nem vai conversar, então o agronegócio está tentando modificar esse artigo constitucional para determinar um tempo histórico para a população indígena ter direitos.” (Emerson, Guarani Nhandeva, entrevistado a 09/05/2022)

Sobre a criação e fomentação deste discurso de uma tradição agro, apresento um breve comentário de um historiador que se encaixa com o tema, Eric Hobsbawm, um historiador marxista que demonstrou grande interesse sobre o desenvolvimento das tradições. Traz a ideia de tradição inventada, que tem como método a repetição, estabelecendo uma continuidade a um passado apropriado, com um discurso que distancia aqueles que sofrem por intermédio destas práticas.

“Por “tradição inventada” entende-se que um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.” (Hobsbawm, 1997, p.9)

Assim, esta ideia de sertanejo como forte parte da identidade brasileira, foi construída ao longo dos séculos, buscando a aproximação de todos os brasileiros a este gênero musical e ao imaginário construído de um país do agronegócio. Esta apropriação da música como força de discurso, permite passar uma mensagem dissimulada que vai ao encontro das ideias de evolução, ordem e progresso, funcionando como mais um instrumento que coloca os povos indígenas na contramão deste dito “progresso”.

Por exemplo, segundo pesquisa feita no dia 13/08/2022 usando a plataforma de *streaming Spotify*, constatei que na categoria de músicas mais tocadas de 2022, nas dez primeiras músicas mais tocadas, sete eram do gênero sertanejo. Luan Santana tem três músicas, seguido por Gustavo Lima com duas. Gustavo que está nas mídias por ter recebido cerca de 800 mil reais para fazer um show, numa cidade com população com pouco mais de 8 mil pessoas, das quais um terço recebe o Auxílio Brasil, segundo reportagem do UOL. Segundo a mesma reportagem, o Ministério Público de Minas Gerais abriu uma investigação referente a outro show dele, desta vez em Conceição do Mato Dentro, município do interior mineiro.

Por causa de todas essas interligações “indiretas” o setor continua a crescer. Segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o agronegócio passou a ser

protagonista do “crescimento” econômico brasileiro, onde em 2020 bateu 27% do PIB brasileiro.

Com esta fomentação para a expansão de uma cultura sertaneja, do imaginário do *Cowboy* brasileiro, poderíamos talvez fazer um futuro trabalho, demonstrar com mais detalhe, como a música funciona como dispositivo ou método de exclusão, pois o indígena está do outro lado, como inimigo deste *Cowboy*.

Esta narrativa de que os indígenas são inimigos do progresso, essa “verdade”, lançada pelo estado brasileiro, só legitima os abusos e a violência para com quilombolas, indígenas e sem-terra. O estado tem a obrigação de reconhecer a luta dessas minorias. Não faz muito tempo, podemos lembrar o que aconteceu com o indigenista Bruno e o repórter Dom, o que se sabe até ao momento era que pescadores praticavam pesca ilegal em território indígena, o que culminou com o extermínio destas duas pessoas que lutavam pela causa.

“Então é porque a gente que é do movimento indígena, a gente diz o seguinte que o Brasil vive um BBB⁵, que é um movimento do agronegócio, que a gente chama da bancada do boi, da bala e da bíblia dos evangélicos. Esse é o BBB que a gente chama aqui no Brasil de um movimento indígena, o BBB do Brasil é essas 3 poderosas bancadas políticas no Congresso Nacional que neste momento a tomar o poder junto com o presidente. Eles estão desmontando todas as políticas sociais, políticas que possam atender aos interesses da população, então hoje nós estamos numa briga ferrenha aqui no Brasil justamente porque o contexto é um contexto do agronegócio aqui.” (Emerson, Guarani Nhandeva, entrevistado a 09/05/2022)

Infelizmente como menciona Emerson, o Brasil tem nesses três poderes: Boi, Bala e Bíblia, as “verdades” que fazem valer o que diz a bandeira brasileira com “Ordem e Progresso”. Enquanto indígenas lutam para preservar a invasão de suas terras, o tal “progresso” brasileiro continua com o seu crescimento desenfreado, desmatamento, criando gado bovino e plantando soja, e a “ordem”, fica por intermédio das forças militares, milicianas, de madeireiros, de agropecuaristas, de pescadores ilegais entre outros, além claro, da Igreja que busca o indígena Cristão, “bonzinho”, temente a Deus e trabalhador, descaracterizado de sua harmonia com a natureza, transformado em mais uma mão de obra barata ou escrava, obrigando-o a se separar ou a se desconectar da mãe natureza.

“No Brasil, o trabalho escravo ou em situação análoga à escravidão se fundamenta na necessidade da continuação do modo de produção capitalista. Se na época da invasão do país, indígenas, negros(as) foram capturados e escravizados, atualmente mulheres e homens ainda o são, visando a maximização do lucro de poucas pessoas.” (Oliveira, Cabral, Azevedo e Caetano, 2018, P.58)

⁵ Boi, Bala e Bíblia em alusão ao Big Brother Brasil

2.3 Olhando para trás

O meu interesse em Michel Foucault nasce no fato de os seus trabalhos procurarem sempre olhar para trás, seja ao estudar a História da Psicologia, História da Medicina, História da Prisão ou a História da Sexualidade. O seu interesse está em entender o passado, com o intuito de responder à pergunta: - Quem somos nós hoje? Esta é a sua preocupação, entender o presente, por isso ele diz que as suas pesquisas buscam entender as causas de como chegámos até aqui. Para ele, estas questões nascem com Kant, “*Was ist Aufklärung*”⁶, passando por Hegel e Nietzsche, no qual apoiou muita de sua pesquisa. Foucault era um Kantiano, Hegeliano e Nietzscheano assumido, para ele a filosofia tem a obrigação de perguntar sobre o que somos nos dias de hoje.

A minha experiência ao ler os seus estudos, ao olhar para o passado, despertou em mim várias perguntas como as que tive ao ler Vigiar e Punir (1975), por exemplo. Qual o alcance do controle a que somos expostos? Se pensarmos hoje, com o crescimento da Internet e a atual fragilidade e exposição que ainda sofremos, qual será o nível de controle a que somos expostos? Basta lembrar que as *Fake News* impulsionaram as campanhas presidenciais de Trump e Bolsonaro.

O intuito de Foucault nunca foi criar uma revolta ao “*Establishment*”, mas sim, de trazer respostas às suas curiosidades. O que me faz lembrar uma criança que ainda não despertou nela o sentimento de vergonha, e que faz questão de perguntar sobre absolutamente tudo. Foucault pôde encontrar na história, algumas respostas para muitas de suas perguntas que eram para si muito pessoais.

A verdade é que Foucault nunca se permitiu ser rotulado, gostava de passear pela sociologia, antropologia, filosofia, nunca se declarou um pós-estruturalista, sempre disse que gosta de soltar perguntas, nunca se permitiu ser rotulado, mostrava a sua aversão ao controle. Os países classificados como “terceiro mundo”, talvez se identifiquem com as mesmas perguntas, ajudando talvez a abrir-nos os olhos para pelo menos refletir fora desse olhar dominante de uma “verdade”. Basta vermos a dominância branca heterossexual europeia ou americana nos conteúdos programáticos das universidades.

⁶ Que é esclarecimento, livro de Immanuel Kant

A própria Pontifícia Universidade de São Paulo (PUCSP) vetou a criação da Cátedra com as obras de Foucault, com a desculpa de que tal homenagem só poderia ser atribuída a personalidades que compactuassem com o pensamento católico. (Brasil247, 2015)

Ainda há muito retrocesso e preconceito dentro da academia, discutirei muito sobre esse aspecto ainda, Foucault que era homossexual ainda desperta a ira de muitos. Talvez por isso nunca acreditou em rótulos, muito menos poderia aceitar este discurso que legitima a ideia de um país mais evoluído que outro, de “primeiro mundo”, de um país que carrega consigo a “verdade”. Só aí em seu discurso, em seus estudos, abrem-se portas para perguntar o que realmente aconteceu para chegarmos na situação em que estamos hoje. Talvez seja justamente por fazer essas perguntas, que acho interessante abordar o discurso junto com o pensamento decolonial, pois esta abertura faz-nos olhar para trás, de modo a entender as relações de poder do presente. Rótulos como negro, branco, amarelo que ainda estão carregados de poder, ainda exercem o seu poder de exclusão. Basta vermos a recepção calorosa aos Ucrânicos que claramente merecem todo o suporte, porém enquanto isso, estudantes negros eram proibidos de entrar em trens ou de simplesmente cruzar a fronteira para longe dos conflitos.

Ou na América, onde refugiados haitianos eram literalmente laçados e chicoteados por policiais do *border patrol*⁷, que a cavalo caçavam essas pobres pessoas que também têm o seu direito de fugir de conflitos. Também gostaria de lembrar os refugiados Sírios que foram recebidos a pontapés na Hungria, que estampam o poder de um discurso americano de ódio contra muçulmanos. Infelizmente, exemplos não faltam de como a empatia só funciona para brancos e de como essa ideia de raça superior e inferior ainda está entranhada na consciência das pessoas. É por isso que no Brasil, cada vez mais assistimos a um crescimento bastante expressivo das chamadas “minorias” no acesso ao ensino superior, fruto de uma política de ação afirmativa, oriunda de muita luta, e que ainda está longe de ser perfeita, mas que já vem mostrando alguns embates, especialmente com o aumento de trabalhos acadêmicos interessantíssimos, estampando o abismo que se criou no Brasil, e que com essa crescente presença vem criando discursos que ganham cada mais força e cada vez mais vozes (Oliveira e Bello, 2021).

⁷ Polícia de fronteira

Capítulo 3 | A Universidade, de espaço de segregação a território de resistência

3.1 A Universidade no Brasil e a luta anti-extinção

“Eu acho que teve uma descoberta do Brasil pelos brancos em 1500, e depois uma descoberta do Brasil pelos índios na década de 1970 e 1980. A que está valendo é a última”. Os índios, nos últimos quarenta anos, têm descoberto a si próprios no enfrentamento das camadas de colonização que se sobrepõem a eles, mimetizando as estratégias do opressor para compor, com elas, uma autorrepresentação que dê visibilidade às suas existências. A escrita é uma dessas estratégias, especialmente poderosa se considerarmos a vigência da hermenêutica da escrita num país que elegeu a Carta de Caminha como “certidão de nascimento”. (Krenak, 2015, p. 248)

Ao enfatizar a escrita, Krenak menciona a hermenêutica da escrita como discurso de poder, do qual os indígenas vêm fazendo uso como mecanismo de contrapoder anti camadas colonizadoras. A força da escrita sobrepondo o poder da oralidade, a escrita como poder e fator de exclusão, manifesta-se presentemente também na luta de indígenas por direitos, essa força excludente que não dá voz a indígenas, negros, quilombolas e integrantes do movimento sem terra, passa a servir como mecanismo de resistência. Por isso relembro o que mencionei no começo deste trabalho sobre a necessidade impressa em mim por meus pais, de sempre estudar. No Brasil se não souber ler e escrever, significa que não se tem direitos.

“Creio que existe um terceiro grupo de procedimentos que permitem o controle dos discursos. Desta vez, não se trata de dominar os poderes que ele tem, nem de conjurar os acasos de sua aparição, trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam, ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente, nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis, algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição previa, à disposição de cada sujeito que fala.” (Foucault, 1996, p.37)

Isso vai ao encontro do que menciona Krenak: é preciso jogar o jogo do branco, para que sejamos ouvidos, o problema é a falta de acesso para tal. Porque ensino superior no Brasil, sempre foi lugar das elites e uma maior abertura só começou a acontecer durante o primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva do partido dos trabalhadores (Moura, 2019).

“A troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição; e sem dúvida não poderiam funcionar sem estes. A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define

os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.” (Foucault, 1996, p.39)

É dentro deste sistema de restrições e de falta de acesso, que se valoriza o discurso escrito, o diploma universitário, como elementos que fornecem aos seus detentores certos poderes. Ou seja, se sabe escrever, você já possui um certo poder de discurso, se tem grau acadêmico, você tem ainda mais poder de discurso, neste jogo de rituais. Daí a importância da fala de Krenak ao mencionar que foi preciso aprender a mimetizar as práticas do opressor para que com elas, se consiga a auto representatividade que dê visibilidade às suas existências. Porém, este acesso, mesmo que ainda muito longe do ideal, veio à custa de muita luta, seja de movimentos indígenas, quilombolas ou movimento negro como um todo. Essa luta é extremamente difícil, especialmente num país racista como o Brasil, país que mais mata minorias, basta vermos o gráfico do IBGE sobre a taxa de homicídios por 100 mil habitantes (Figura 4).

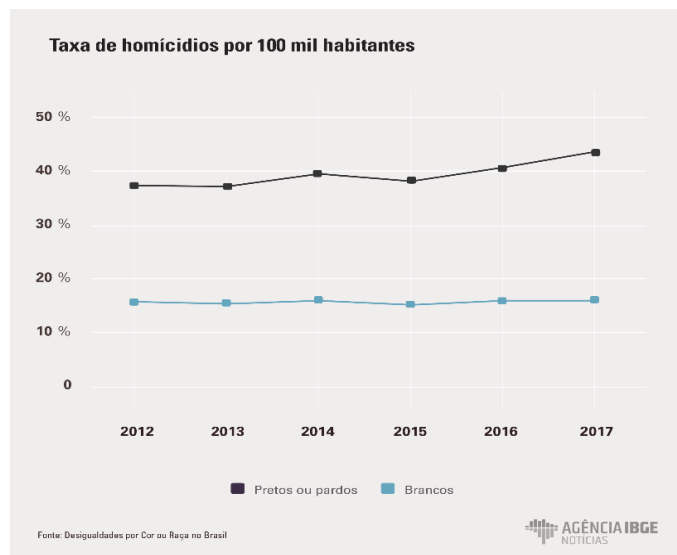


Figura 4: Evolução da taxa de homicídios no Brasil de 2012 a 2017
Fonte: IBGE 2019

Os primeiros cursos superiores só foram abertos após a chegada da corte portuguesa, que se mudou para o Brasil em 1808. As escolas de Cirurgia e Anatomia na Bahia e Rio de Janeiro, hoje conhecidas como Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia e Faculdade

de Medicina da UFRJ, além da Academia da Guarda Marinha no Rio de Janeiro, foram as primeiras. Muito diferentemente dos territórios colonizados pelos espanhóis, que abriram a primeira universidade no México em 1553. (Antônio Martins, 2002)

A abolição da escravatura só aconteceu em 13 de maio de 1888, ou seja, o primeiro curso superior já existia há cerca de 80 anos quando os escravos foram “libertos”. O campo acadêmico ainda estava demasiado longe da realidade dos povos oprimidos, ambiente destinado à formação de profissionais liberais que buscavam garantir “prestígio social”, onde muitos já pertenciam a famílias com certa influência e posses. O modelo de ensino emulava o da Universidade de Coimbra, com cursos de longa duração. É importante dizer que muitos brasileiros viajavam para estudar em Coimbra, tendo em conta que ainda não existiam universidades no Brasil. Ter formação superior no Brasil sempre foi um fator de grande prestígio, seja no Brasil colonial, imperial ou na república, a universidade sempre foi um ambiente frequentado pelas altas classes sociais brasileiras e este isolamento não terminou com a abertura de mais cursos no país.

Tal isolamento começa a mudar desde a Constituinte de 1988, fruto de muita luta na política indigenista, foi somente com esta constituição que os povos originários começaram a ter seus direitos reconhecidos, saindo desta ideia de assimilação trazida pela Constituição, a educação diferenciada, específica, intercultural e bilíngue (Brasil, 1988). A abertura dada pela Lei 9.394/96 trouxe a educação para todos os brasileiros de forma gratuita, além da obrigação de ensinar sobre as contribuições de diferentes culturas, especialmente indígenas e africanas na formação do povo brasileiro.

Segundo Emerson, a Lei 9.394/96, “possui um papel fundamental para mudar a forma de se compreender o universo das populações ameríndias. Seu relator e antropólogo, defensor dos povos indígenas, Darcy Ribeiro, foi não só inspirado pelos fatos históricos, mas muito impulsionado pelos movimentos indígenas que se organizavam de norte a sul do país.” Além da falta de acessibilidade, o problema também está na qualidade do ensino público que gera uma desvantagem gigantesca nos vestibulares (Emerson, Yam, 2022).

“As deficiências do ensino público fundamental têm sido supridas parcialmente pela excelente qualidade do ensino nos estabelecimentos privados. Mas, esta solução de mercado discrimina a numerosa população menos favorecida, que assim permanecerá enquanto não houver melhora da distribuição de renda, do ensino público fundamental e mercado de trabalho mais amplo.” (Martins, 2002, p.3)

E com tudo isso, tanto descaso, o discurso que se imprime na cabeça das pessoas é que logo após a abolição da escravidão, os povos oprimidos foram agraciados com a inclusão social e os mesmos direitos que o restante da população, algo que está longe de ser verdade, pois a luta por direitos ainda continua. Gostaria de mencionar a lei nº 11.645 de março de 2008, onde as escolas fundamentais e de ensino médio passariam a ensinar história e cultura afro-brasileira e indígena.

“A liberdade para os ex-escravizados não representou o acesso as instituições políticas e aos direitos civis e sociais. Em muitos casos os ex-escravizados permaneceram nas mesmas propriedades e passaram a negociar condições de trabalho e de acesso a terra, agora, como trabalhadores livres. Não foram poucos os embates e conflitos entre ex-senhores e ex-escravizados. Também as autoridades temiam o caos social identificado naquele contexto com a algazarra nas ruas e pela ameaça à produção econômica onde o trabalho escravo ainda era decisivo à época da assinatura da Lei Áurea.” (Pereira, 2015, p. 104)

Vários são os campos de batalha, seja na política como a exemplo de Sônia Guajajara, líder indígena e candidata a vereadora pelo Estado de São Paulo, considerada entre as 100 pessoas mais influentes do Mundo em 2022 pela *Time Magazine*. Muitas são as vozes que vêm ecoando principalmente durante o atual governo de Jair Bolsonaro. Segundo o Instituto Socioeconômico conhecido como INESC, houve um aumento de 32% em relação ao pleito de 2018, no que se refere ao número de candidaturas políticas de pessoas declaradas indígenas, chegando ao número de 172 candidaturas.

No campo acadêmico, temos alguns exemplos, o Projeto de Lei nº3582/2004, conhecido como Programa Universidade para Todos, e a Lei nº12.711/2012, conhecida como a lei de cotas, ambos programas do Estado brasileiro, criados pelo governo do Partido dos Trabalhadores que possibilitaram acesso a diversos estudantes da rede pública de ensino.

“A Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência.” (Portal do Ministério da Educação, 2022)

O preenchimento dessas vagas também abrange candidatos declarados pretos, pardos e indígenas ou com renda familiar igual ou inferior a 1 salário mínimo e meio (Figura 5).

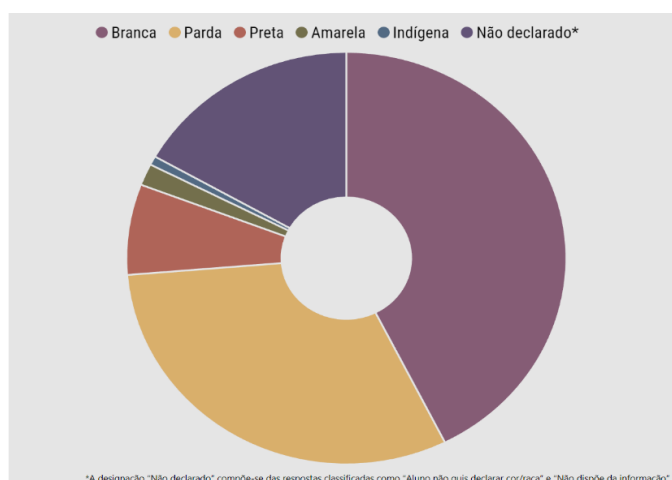


Figura 5: Gráfico de matrículas no ensino superior em 2019 por categoria
 Fonte: Senado Federal, Censo da Educação Superior 2019

Em 2019 a divisão ficou em 42,6% branca, 31,1% parda, 16,8% não declarado, 7,1% preta, 1,7% amarela e 0,7% indígena. Segundo o IBGE, é considerado pardo a pessoa que se reconhece como mulato, caboclo, cafuzo, mameluco ou mestiço com pessoa preta. Segundo dados divulgados pela Agência Brasil, para efeito de comparação, em 2000 o percentual de pretos e pardos que terminavam a graduação era de apenas 2,2% e em 2017 este número saltou para 9,3%. Vale ressaltar que a Agência Brasil é uma agência de notícias que faz parte da Aliança das Agências de Língua Portuguesa.

3.2 “Enquanto nascem universidades, o genocídio continua!”

Algumas Universidades já possuíam um programa de políticas afirmativas com vestibular diferenciado para a população indígena. A aparição de novos programas, que incluem o programa de cotas e o programa universidade para todos, são frutos de muita luta. Aqui mostro brevemente como estas populações sofreram com a ameaça da extinção, ameaça que acometeu a muitos povos que foram infelizmente extintos. Os programas de política afirmativa para indígenas são uma obrigação do estado brasileiro, o dever de reparação histórica pela contínua violência para com os povos originários donde muitos foram infelizmente extintos. Num país abertamente racista como fica claro nesta lei de 1839, vemos como a expansão territorial brasileira dizimou comunidades inteiras que estavam no caminho do “progresso”.

Segundo a Lei n.1 de 14 de janeiro de 1837, e o Decreto nº15, de 1839:

“Artigo 1º As Escolas Públicas de instrução primaria comprehendem as tres seguintes classes de ensino: 1ª Leitura, e escrita; as quatro operações de Arithmetica sobre numeros inteiros, fracções ordinarias, e decimaes, e proporções: principios de Moral Christã e da Religião do Estado; e a Grammatica da Lingua Nacional. 2ª Noções geraes de Geometria theorica e pratica. 3ª Elementos de Geographia. Artigo 2º A matricula dos alumnos será dividida nas tres classes de ensino sobreditas: e nenhum será admitido a frequentar alguma das duas classes ultimas, sem que se tenha mostrado prompto em todos os elementos da primeira. Artigo 3º São prohibidos de frequentar as Escolas Publicas: 1º Todas as pessoas que padecerem molestias contagiosas. 2º Os escravos, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos.”

Em 1837, o Brasil estava sobre o regime de Império, que ficou conhecido como período regencial com a renúncia de D. Pedro I em 1831, ao abdicar do trono com a intenção de passá-lo a seu filho D. Pedro II, que pela idade não poderia assumi-lo. O país estava mergulhado em crises políticas lideradas pelas elites liberais que se dividiam em duas frentes e que buscavam a limitação do poder do Estado. A primeira conhecida como liberais moderados, defendia uma monarquia constitucional onde contavam com o padre Feijó como seu maior representante. A segunda ficou conhecida como os liberais exaltados, que defendiam o federalismo e uma maior autonomia das províncias, cujo nome mais influente era de Cipriano Barata.

Esse cenário político também contava com os Restauradores que defendiam o retorno de D. Pedro I, com José Bonifácio como um dos seus membros mais influentes. O modelo colonizador perdurou por anos e anos, é possível afirmar que a atual independência brasileira em termos políticos teria acontecido somente com a Proclamação da República, mudando apenas o regime colonizador. Indígenas e negros, continuariam a sofrer e o descaso continuaria, como podemos ver na Lei n.1 de 14 de janeiro de 1837. A verdade é que o fim de um modelo de governo racista estava longe de ser importante, e a constante expansão e extermínio indígenas ainda estavam em alta. O período pré-colonial, segundo pesquisa feita pelo IBGE e que gera muitas discussões ao redor da realidade dos números apontados, estimava que o Brasil tinha em torno de dois milhões e meio de indígenas, as pesquisas estimam entre 1 e 8 milhões de indígenas (Figura 6).

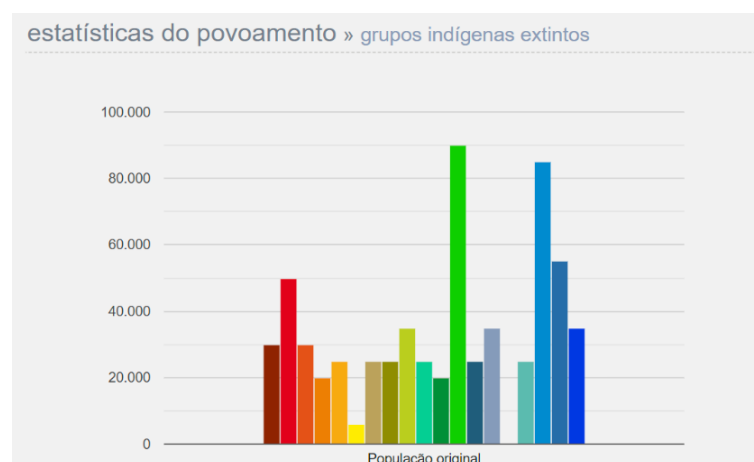


Figura 6: Grupos indígenas extintos, da esquerda para a direita temos um número aproximado da população original segundo o IBGE: Aimoré (Botocudo) em Ilhéus e Espírito Santo com 30.000, Caeté da Costa de Nordeste com 50.000, Caeté em Minas Gerais com 30.000, Canindé e Genipapo com 20.000, Carijó em São Paulo com 25.000, Carijó no Paraná com 6.000, Carijó no Rio Grande do Sul com 25.000, Cariri, Caratiú, Icó, Panati no interior do Nordeste com 25.000, Charrua no Rio Grande do Sul com 35.000, Guarani no Mato Grosso do Sul com 25.000, Omágua no Rio Solimões com 20.000, Potiguar na costa do Nordeste com 90.000, Tamoio no Rio de Janeiro com 25.000, Tamoio em Cabo Frio com 35.000, Tupinambá de Cumá no Maranhão com 25.000, Tupinambá do Recôncavo com 85.000, Tupiniquim em Ilhéus e Espírito Santo com 55.000 e Tupiniquim em São Paulo com 35.000.

Fonte: IBGE, 2000

Em base de pesquisa feita pelo IBGE, que está no trabalho sobre os 500 anos de Brasil, lançado em 2000, aproximadamente 641.000 vidas foram perdidas entre esses grupos extintos. No dia 23 de agosto de 2022, foi encontrado morto o último indígena vivo da etnia Tanaru, que ficou conhecido como “índio do buraco”, lutou até os seus últimos dias pela preservação de suas terras, devido aos conflitos com agropecuaristas, o que gerou a morte do seu povo, sendo ele o último sobrevivente desta etnia (BBC, 2022). Segundo o mesmo estudo do IBGE lançado em 2000, a população indígena em 1998 girava em torno de apenas 302.888 indígenas (Figura 7).

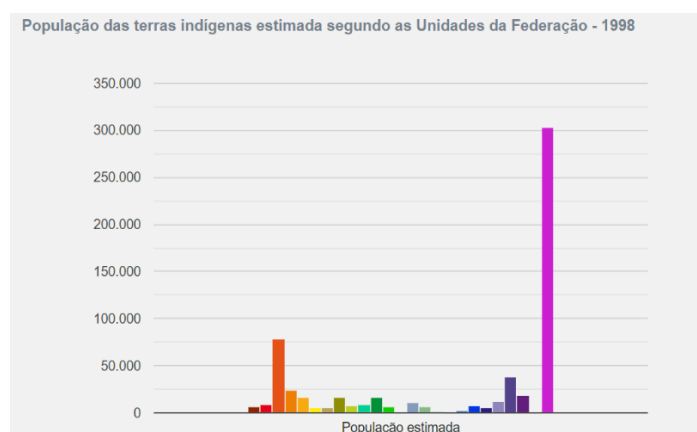


Figura 7: População das terras indígenas estimada segundo as Unidades da Federação -1988, da esquerda para a direita, a população indígena por região brasileira segundo o IBGE: Rondônia com 6.126, Acre com 9.240, Amazonas com 78.701, Roraima com 24.194, Pará com 16.305, Amapá com 5.474, Tocantins com 5.583, Maranhão com 15.916, Ceará com 7.312, Paraíba com 8.214, Pernambuco com 16.639, Alagoas com 6.908, Bahia com 11.396, Minas Gerais com 6.623, São Paulo com 1.758, Paraná com 7.193, Santa Catarina com 5.123, Rio Grande do Sul com 12.298, Mato Grosso do Sul com 38.392 e Mato Grosso com 18.186 indígenas.

Fonte: IBGE, 2000

Para entender a força deste genocídio e dos números hoje, é preciso fazer esse exercício de voltar ao passado e entender o que levou o país a leis como a de 1837, e como essas leis fazem parte de uma herança colonial e do estereótipo sobre os indígenas que nasce com o “descobrimento”. Para explicar essa herança colonial, trarei um exemplo que define bem o Brasil imperial. Basta atentarmos ao pensamento dos “filhos da elite brasileira” (Almeida, 2021), como o exemplo de Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878). Varnhagen era filho de mãe portuguesa e pai alemão, “iniciou seus estudos em Lisboa, onde frequentou o Real Colégio Militar da Luz, onde se formou em engenharia, em 1834” (Almeida, 2021).

Era sócio correspondente da Real Academia de Ciências de Lisboa. Varnhagen retornou ao Brasil em 1840 para fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Varnhagen fazia parte de um seleto grupo de *letrados*, termo que segundo Leandro Macedo Janke (2009) “refere-se a um grupo restrito de homens que tiveram uma formação de padrão europeu ocidental, extraindo daí seu prestígio, sua reputação e sobretudo, a autoridade e legitimidade de seu discurso”.

“Há de se destacar, portanto, a relação que se estabelece entre este segmento composto pelos letrados e a estrutura de dominação social que se organizará em cada Estado-nação do continente ibero-americano, na medida em que o conhecimento que difundiam tornou-se um importante instrumento para legitimar hierarquias e monopólios. Além disso, a figura desses letrados como portadores de uma educação diferenciada, era constantemente vinculada à missão que tinham em oferecer um caminho que possibilitasse que estes países atingissem o progresso e a civilização.” (Janke, 2011, p.13)

Varnhagen fazia parte daqueles que propunham um país mais “branco”, e como *letrado*, compunha um grupo que participava intensamente dos debates políticos, da população brasileira, era a favor de fomentar a imigração de europeus e via os indígenas como um problema nacional (Almeida, 2021). Com a herança jesuíta, cunhava os indígenas como gentios e bravos, escreve o “Memorial Orgânico”, que posteriormente passa a ser um projeto político, e uma tentativa de criar uma identidade brasileira, continuando com a ideia de assimilação e de uma única cultura brasileira. Varnhagen era a favor da conversão ou extermínio, tinha os povos originários como bárbaros que precisavam ser convertidos.

“O projeto de nação de Varnhagen está claro já em seu “Memorial”, salientando a necessidade de erradicação do índio, a partir da “civilização”, assim como a construção de uma nação única e homogênea, afinal, “não há força sem união, e não haverá nunca verdadeiramente união, enquanto não se estabeleça bem a unidade” (Varnhagen, 1849). Para colocá-lo em prática, Varnhagen se dedica à construção de um passado que já era, de alguma forma, descrito como nacional e homogêneo, a partir da escrita de seus dois volumes da “História do Brasil”, publicados, separadamente, pela primeira vez em 1854 e 1857, respectivamente.” (Almeida, 2021, p.12)

3.3 Quatro Discursos, Quatro Lutas

Figura 8: Nuvem de palavras efetuada a partir das transcrições com os estudantes universitários indígenas realizada no software: WordCloud

Este trabalho contou com a ajuda de quatro estudantes indígenas, que muito gentilmente disponibilizaram o seu tempo para me contar sobre as suas experiências, o contexto histórico de suas lutas, entre outros assuntos pertinentes, dentro de uma entrevista semiestruturada, que visava dar-lhes a fala numa conversa informal.

O primeiro entrevistado foi o Doutor pela Universidade de São Paulo, Emerson Souza, indígena da etnia Guarani Nhandeva, professor de sociologia pela rede estadual de São Paulo, Bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, através do programa Pindorama. Em 2008 propôs a criação da semana cultural, conhecida como “Retomada Indígena”, que teve a sua 13ª edição em 2021, trazendo como tema: “Luta pela Vida: As políticas anti-indígenas do governo federal e a resistência dos povos originários”, que tinha como intuito fomentar discussões sobre a questão indígena dentro da universidade. Emerson é Mestre e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, atua na assessoria para o currículo indígena junto da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, é também pesquisador do Centro de Estudos Ameríndios. Emerson é um exemplo vivo da luta da chamada “minoridade” no meio acadêmico brasileiro, a sua jornada envolve instituições muito importantes como a escola e a universidade, Emerson acredita que a escola é uma ferramenta poderosíssima na guerra contra os povos originários.

Ser professor de Sociologia na rede pública de ensino, é certamente uma maneira de ajudar os jovens a entender a verdadeira história do Brasil, revertendo toda uma estrutura de ensino eurocêntrico que como vimos, tem a igreja como marco do início da educação brasileira, a mesma educação que ensina sobre os “descobrimentos” e que nega o direito a um discurso, a uma outra versão da história. Ao ocupar este lugar ele insere-se dentro desta instituição de poder, como vimos com Foucault, e ao fazê-lo, cria um movimento de resistência ao etnocídio como refere, e ao *epistemicídio*, teoria criada por Boaventura de Sousa Santos em “as epistemologias do Sul”. Abordarei a sua teoria com mais detalhe no próximo capítulo. Também na universidade, teve os seus embates, na luta por desconstruir um ambiente que demonstra o abismo que se cria entre os discursos acadêmicos e a sua proposta.

“Então e ele, ali quando eu tive essa primeira nota que foi a primeira nota assim primeiro curso, primeira nota, primeiro, ali eu já comecei a me colocar não é. Poxa espera aí, aí o pessoal começou já a ver que eu era indígena, eu nunca deixei também de dizer que era tal e de certa forma nas sociais eu me sentia um problema nas sociais, mas como eu venho de um programa que era o programa Pindorama... não sei se você, eu cheguei a colocar no meu trabalho. Esse trabalho do Pindorama era um trabalho assim interessante, porque era uma espécie de formação política mesmo né, de uma política sei lá indigenista pode ser que eu fui um bem parte desse processo de formação porque

a gente tinha um coletivo chamado CAPISP que era formado por lideranças indígenas de São Paulo, então eu fui, a gente tinha a PUC como um braço vamos dizer assim acadêmico e a política, e a CAPISP como um braço das lideranças indígenas aqui de São Paulo. Então eu diria que eu seguia no mesmo os dois e isso me fortalecia bastante dentro da PUC, para os embates políticos, mas eu vou te dizer não foi fácil não, eu lembro quando eu tive uma nota, fiquei até de, quase perdi minha bolsa também, era filosofia, a professora me deixou com a nota baixa tudo eu não podia né, porque bolsista tem que ter uma média e tal e a professora de antropologia, como que é o nome dela? Você acabou de falar dela. A Eliane pegou e falou para a professora né, um dia estava fazendo uma prova conversado com ela, ela pegou e falou assim pra professora, é interessante você, é interessante pensar que um aluno foi reprovado num capítulo, numa disciplina que fala de natureza, falar para indígena de natureza é um negócio! Daí a conclusão, a professora até virou mais minha amiga tudo e ela falou poxa, não tinha pensado nisso.” (Emerson, Guarani Nhandeva, entrevistado a 09/05/2022)

Ocupar estes espaços, é sem sombra de dúvida confrontar toda uma estrutura, que sempre negou acesso a diferentes vozes, como no caso da universidade, e mesmo ao chegar à sala de aula, as tensões, e a ideia de não pertencimento faz com que os estudantes acabem sendo atacados, seja pela universidade, seja por professores e alunos. Mesmo estando nestas instituições de ensino, ainda há outros fatores de pertencimento que se fazem presentes ao possibilitar ou não esses alunos de terem seus discursos validados. Cria-se então, um ambiente de luta para afirmar os seus discursos, perante a força dos discursos de exclusão. Discursos como no caso da escola, que busca contar uma só história, uma só ciência, desconsiderando os diferentes “Brasis”, as diferentes nações que habitam dentro desta fronteira criada pelo homem branco.

“Com forma de funcionar parcialmente distinta há as “sociedades do discurso”, cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribui-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição.” Foucault, 1996, p.39)

Foucault ao analisar os discursos, faz uma comparação entre as “sociedades do discurso”, as doutrinas e o conhecimento científico. Primeiro, ao mencionar as doutrinas, ele faz um apanhado histórico de como no passado, o conhecimento, ou o acesso ao conhecimento fora sempre algo defendido e com acesso garantido a somente algumas vozes, como o exemplo que deu em seu livro sobre os “rapsodos”⁸, definindo essa exclusividade de “as sociedades do discurso”. Foucault diz para não nos enganarmos, mesmo que tais sociedades não existam mais, mesmo nos discursos ditos como “livres” ou “verdadeiros”, há ainda formas de apropriação de segredo e não permutabilidade (Foucault, 1996). Depois, menciona que as doutrinas têm uma diferenciação que seria o seu caráter de expansão, como a exemplo da religião, que como vimos neste trabalho com a presença da igreja, são doutrinas que diferentemente das sociedades do

⁸ Artistas populares ou cantores que visitavam cidades recitando poemas na Grécia antiga

discurso, se expandem, porém, sem perder o seu caráter de pertencimento àqueles que discursam.

“A doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos que falam, na medida em que a doutrina vale sempre como o sinal, a manifestação e o instrumento de uma pertença prévia – presença de classe, de status social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação.” Foucault, 1996, p. 43)

Mesmo tendo este ponto de divergência, ambas validam ou invalidam o discurso daqueles que falam, onde segundo Foucault funciona como “outro regime de exclusividade”.

“É certo que não existem mais tais “sociedades do discurso”, com esse jogo ambíguo de segredo e divulgação. Mas que ninguém se deixe enganar; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não permutabilidade. É bem possível que o ato de escrever tal como está hoje institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor, tenha lugar em uma “sociedade de discurso” difusa, talvez, mas certamente coercitiva. A diferença do escritor, sem cessar oposta por ele mesmo à atividade de qualquer outro sujeito que fala ou escreve, o caráter intransitivo que empresta o seu discurso, a singularidade fundamental que atribui há muito tempo à “escritura”, a dissimetria afirmada entre a “criação” e qualquer outra prática do sistema linguístico, tudo isto se manifesta na formulação (e tende, aliás, a reconduzir no jogo das práticas) a existência de certa sociedade do discurso”. Foucault, 1996, p. 40-41)

Basta voltarmos ao que disse Krenak sobre a hermenêutica da escrita, sobre a presença indígena na universidade que vem tentando quebrar esse paradigma de discurso, que vem tentando mostrar que existe uma maneira não ocidental de se fazer ciência. Por isso se fez necessário fazermos um apanhado histórico e ver por quanto tempo este espaço foi protegido e acessado por algumas vozes somente.

“Mas existem ainda muitas outras que funcionam de outra maneira, conforme outro regime de exclusividade e de divulgação: lembremos o segredo técnico ou científico, as formas de difusão e de circulação do discurso do médico, os que se apropriam do discurso econômico ou político.” (Foucault, 1996, p.41)

É notável que o crescimento da presença indígena na academia acontece para que consigam tomar posse destes terrenos de discurso, nesta luta contra a apropriação e monopólio dos discursos. Ao entrar na universidade cria-se logo um choque entre o discurso dominante e o discurso daqueles que lutam para muito além da conquista de um diploma universitário.

O segundo entrevistado foi Seribí Tukano (Anderson Arantes), estudante de Medicina pela Universidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, indígena da etnia Tukano, da região de Pari Cachoeira, localizado no alto Rio Negro, no Estado de Amazonas, a sua região faz fronteira com a Colômbia.

“[...] sou natural de Pari Cachoeiras, nasci lá, criei lá mesmo, e estudei inclusive lá né, que lá na minha região foi colonizado pelas igrejas também não é, aí uma parte da onde eu estudei, as estruturas e as organizações pedagógicas herdadas pela cultura salesiana não é, aí até poucos anos aí, quem coordenava foram as irmãs salesianas não é, que eram diretoras das escolas, aí uns tempos atrás os indígenas começam a ocupar também. O primeiro indígena se não me engano a ser diretor da escola da minha comunidade não é, foi um padre indígena não é, ele é da etnia Tukano, mas ele é padre e começou a dirigir, após dele vieram outros né agora e ele foi eu acho e me arrisco a dizer que foi o primeiro indígena a ser diretor da escola de lá da onde eu estudei.” (Seribí, entrevista realizada a 16/06/2022)

Seribí faz questão de mencionar a influência da Igreja na sua região, especialmente dos Salesianos. Esse grupo religioso católico, nasceu em 1859 por intermédio de Dom Bosco e recebeu o nome de Pia Sociedade de São Francisco de Sales, segundo o portal da Inspeção São João Bosco de Belo Horizonte. A primeira missão dos salesianos no Brasil, aconteceu em 1883, mais precisamente em 14 de Julho. Porém, os salesianos já tinham atracado em solo brasileiro, mas em direção a Argentina em 1875, segundo Marcigaglia.

“E assim não é, como tu bem mesmo disse não é, que tem vários relatos não é, inclusive o objetivo maior da igreja lá era para salvar os indígenas do mal não é, e porém aproveitaram bastante né, além de roubar mesmo as coisas, coisas materiais no sentido espirituais, dos pajés que traduziram equivocadamente não é, que dos xamãs indígenas, especificamente de várias etnias que moram na região, eles pegaram as coisas né tipo Cristais deles para curar doenças, bastões, roupas tradicionais, cocares tradicionais, contanto que tem alguns museus, uma delas eu acho que na Europa tem vários museus ali. Inclusive na Alemanha deve ter alguns acessórios indígenas e que não sei lhe dizer, mas tem outros estudantes indígenas do ambiente indígena que fazem esse mapeamento também onde esses acessórios ficam. E uma delas se não me engano fica em Turim, no museu de Dom Bosco, o museu de Dom Bosco parece que tem alguns acessórios dos tukanos não é, que são originais e uma delas também fica no museu do índio em Manaus que eles deram esse nome e também está sobre a responsabilidade das irmãs salesianas né, que ficam lá.” (Seribí, entrevista realizada a 16/06/2022)

Seribí relata toda a sua luta para chegar à universidade, se diz um sonhador que tem objetivos traçados, um ser humano como qualquer outro, que também chora e sente dor como qualquer pessoa. A sua jornada até a universidade foi extremamente difícil, menciona inclusive a dificuldade em ocupar esses lugares que por tanto tempo seguiam protegidos. A quebra deste paradigma, a ocupação destes lugares não veio sem choques e sem a necessidade de se afirmar enquanto indígena, e de afirmar a sua identidade, de mostrar a necessidade de maior abertura por parte de um mundo que tenta engolir o seu, nesta terra que sempre tentou enquadrar todos dentro de uma mesma maneira de ver o mundo. No lado oposto de doutrinas expansionistas que respiram e sobrevivem de um discurso colonial, e de um ambiente acadêmico que assim como as sociedades de discurso, sempre buscaram se manter fechados para as “minorias”, sejam por exemplo, indígenas, negros e quilombolas.

“Isso, então mas assim eu acredito que ainda mais o desafio aumenta a partir do momento quando você ocupa nesses espaços que a muito tempo fomos excluídos não é, e aí quando você começa a falar e muitas vezes você é desacreditado, você é visto como uma pessoa autoritário, você pode ser visto como outras várias coisas quando a partir do momento que você começa a discordar do lugar onde você está né, que você faz parte dessas práticas, aí você também ganha grandes parceiros não é, e ao mesmo tempo você também ganha grandes, eu não diria inimigos não é, eu diria que aquelas pessoas que não aceita você naquele lugar. Então para um indígena sair principalmente para mim, eu diria que tipo assim, eu acho que eu consegui realizar um pouquinho de tudo sabe, porque Pari Cachoeira uns seis dias antes, para chegar na cidade um desafio muito maior, ainda quando você chega na cidade grande é outro desafio, no Amazonas principalmente, de Manaus para sair em outros estados tem avião, não tem outro jeito, o barco para ir para Belém que são duas semanas [...]” (Seribí, entrevista realizada a 16/06/2022)

Antes do curso de medicina, Seribí estudava Filosofia na Unicamp, a adaptação não foi fácil, e houve uma certa resistência de indigenistas dos quais Seribí discordava, por entender que o discurso estava centrado neles, uma espécie de “salvadores do indígena”. Emerson também faz o mesmo comentário, pois ainda falta deixar o indígena discursar, falar por si, para estas pessoas ouvirem. O que também lembra o trabalho decolonial de Spivak, intitulado de “pode o subalterno falar”, Seribí menciona que este choque de discursos quase lhe rendeu um processo, ao ter contra ele uma ação administrativa movida por um indigenista.

“[...] inclusive dentre tantas coisas, eu diria que o mais grave que aconteceu comigo foi quando um indigenista ele tenta me processar né dentro da instituição, mover uma ação administrativa dentro da universidade com aval de outros indigenistas eu diria assim, mas que esse aí devido à minha participação dentro, tanto no movimento estudantil da Unicamp quanto nacional, e eles colocaram na Câmara de conciliação não é, que eles chamam, antes de ir para administrativa, mas a ideia mesmo era colocar né, na administração mas que colocaram na Câmara de conciliação não é, porque, por esse motivo eu diria assim, porque eu não sei, mas por esse motivo porque ia repercutir isso não é.

Sim, na verdade quando a gente chega na universidade, alguns indigenistas eles eram convidados a abordar certas temáticas indígenas não é.

[...] são pesquisadores não indígenas não é, e a nossa proposta quando chega na universidade na Unicamp é que nos falássemos por nós mesmos, sobre quando era a temática indígena e a gente chegava a falar porque a gente era convidado também nesses espaços e muitas vezes indigenistas não gostavam não é, e uma delas era essa pessoa que eu não gostava. Ele era uma pessoa muito comprometida com a causa indígena e tudo mais, porém, algumas posições dele incomodavam bastante não é, então aí eu fui, falei, eu fiz a fala que as práticas dele eram de um de um colonizador sabe, eu sou Salvador dos indígenas, eu escrevo para os indígenas, eu sou isso sabe!” (Seribí, entrevista realizada a 16/06/2022)

Mesmo na universidade, ainda existem pessoas que acham que os discursos indígenas não têm valor, e que buscam tomar deles, o seu lugar de fala, é esta ideia de exclusividade de discurso, que faz manter viva a ideia de sociedades de discurso (Foucault, 1970), dessa ideia de que eles precisam de alguém que interceda por eles, que os ajude e os compreenda.

Seribí ainda sentiu na pele, a falta de empatia de colegas de universidade, e mencionou um episódio que lhe aconteceu, desta vez no Sul do Brasil.

“Recentemente por exemplo, no curso de medicina, uma menina colocou, olha, tem um grupo de medicina, onde eu faço um grupo de WhatsApp, ela colocou não é, que os meninos estavam combinando para comer lasanha no RU (refeitório Universitário) e nesse dia estava fazendo frio e chuva, aí os meninos desceram para comer lá e ela disse, colocou, “nossa, vocês parecem indiadas”, que é uma expressão daqui do sul quando se refere ao indígena, ele é utilizado muito no tempo da escravidão indígena não é, para inferiorizar o indígena, então vocês parecem um bando de Indiada pegando chuva só para comer lasanha do RU.” (Seribí, entrevista realizada a 16/06/2022)

O seu sonho de se tornar médico é o que lhe dá forças para continuar, tem como objetivo poder ajudar o seu povo. Dentro desta exclusividade de discursos, temos aqui o discurso do médico que ele descreve ao mencionar o episódio de uma menina picada por cobra, justamente quando falávamos sobre o preconceito epistêmico.

“[...] por exemplo, o próprio o antropólogo Paulinho Barreto disse não é, em uma das entrevistas até conversando com a gente mesmo ele disse não é, que a sobrinha dele foi picada de cobra e agora ela está meio aleijada não é, ela chega em Manaus e nesse tempo o pai dele estava em Manaus ajudando ele nesse campo de pesquisa não é. Aí eles foram lá porque eles iam amputar a perna da menina, aí o Paulo Barreto e outros irmãos deles foram lá para dizer que eles não podiam cortar, que na perspectiva dos tukanos tinha como curar aquela ferida, aquele veneno. Aí eles foram fizeram várias e o médico disse que não podia, que era isso, aí eles se propõem a discutir com o médico não é, aí o Paulinho disse que acompanhou o pai dele não é, e ele disse que no meio dessas coisas o médico disse, - quem é doutô aqui sou eu, não é você nem seu pai. Então ele disse que isso doeu muito para ele desse momento quando o médico disse não é, então pois pronto eu vou buscar estudar mais para tentar dialogar com você como doutor também.” (Seribí, entrevista realizada a 16/06/2022)

A terceira entrevistada foi Vanessa Baré, estudante de Administração Pública pela Universidade de Campinas em São Paulo, indígena da etnia Baré, localizada no médio Rio Negro. Vanessa mudou-se ainda jovem para o município de Santa Isabel ou Terra de Tapuruquara.

“Sim, é eu já tinha muitas ideias assim, de curso que eu queria seguir não é, tanto pelo meu gosto, o que eu mais é me dava bem que era exatas, e tanto pela coisa “o que eu quero entregar para a sociedade?” eu pensava muito nisso não é. Eu sou eu, uma pessoa que é afetada pela administração pública ela vai assim, eu enfrento fila para ir no hospital, eu enfrento a escola pública de ensino que não é bom, muito bom. Comparado às escolas privadas. Eu enfrento tudo o que é público e eu vejo que é ruim assim, não é um serviço bom que atende as pessoas como elas merecem. E eu falei eu quero é entrar nisso não é, tentar é retribuir para a sociedade é algo que tem a ver com isso não é, a administração pública.” (Vanessa, Indígena da etnia Baré, entrevistada a 16/06/2022)

O seu sonho também é o de contribuir para a sociedade, de ajudar o seu povo, tornando a academia um espaço de resistência que vai além da conquista do diploma universitário, na possibilidade de efetuar mudanças em prol da causa indígena, de gerar mais discursos e

representatividade no país. Ela menciona como grandes figuras indígenas, servem de incentivo e de espelho, como a presença indígena na universidade lhe deu coragem de acreditar que também era capaz de ocupar este espaço.

“E eu não conhecia a Unicamp, eu fui conhecer através de um advogado indígena, ele se formou na Bahia e ele era da do município de Santa Isabel e aí ele foi dar uma palestra numa escola falando sobre as universidades que iam abrir o vestibular indígena em todo o Brasil e aí falou da Unicamp que eu já ia ser a segunda edição, falou da UFSCAR, falou da UnB, falou da UFPA dá UFOPA, aí ele falou específico da Unicamp que tinha um dos melhores ensinamentos e melhores bolsas de permanência estudantil.” (Vanessa, Indígena da etnia Baré, entrevistada a 16/06/2022)

Vanessa também teve que aprender duras lições de vida de forma prática, os preconceitos, o estigma do indígena, especialmente da mulher, o assédio como o que ela menciona num episódio de sua adolescência.

“E, também é o assédio dos professores. Eu não tinha é... experimentado esse negócio ainda de assédio dentro da escola, mas aí foi lá que a primeira vez alguém falou assim, as indígenas são conhecidas por serem mais é, palavra, gostosas, e aí foi a primeira vez que eu ouvi isso. Eu tinha uns 14, último ano do ensino médio para o fundamental. E aí quando faz a migração para o ensino médio foi de uma escola assim de ensino integral, é a única escola que tem. E aí no ensino médio isso também aconteceu, de muitos professores não é. Eu tinha um professor que ele também era antropólogo e ele já era mestrado eu acho, isso sempre acontecia ele comprava bombons, me dava 50 reais todo final de semana. A mulher dele já chegou a querer brigar comigo, por coisas que ele fazia. Ainda tive professor que mandava mensagem para mim, a minha mãe já viu, ela já foi brigar na escola por causa disso.” (Vanessa, Indígena da etnia Baré, entrevistada a 16/06/2022)

É importante levarmos em conta o quanto é difícil percorrer o mesmo caminho que as demais pessoas não estigmatizadas percorrem, desde professores mexendo em seu cabelo, dos assédios, do preconceito que sofre. A vida universitária se mostra cheia de desafios que perpassam os da sala de aula. Vanessa tem que lidar com outras questões que infelizmente passam despercebidas por muitos.

O último entrevistado foi o Professor Dr. Alexsandro Cosmo de Mesquita, indígena da etnia Potiguara, nasceu no Estado da Paraíba, na cidade de Mamanguape. Alexsandro faz questão de começar a conversa mencionado como a terra Potiguara diminuiu de tamanho ao longo dos anos, basta lembrarmos que as capitânicas hereditárias e toda a expansão territorial portuguesa, começou pela costa brasileira.

“[...] antes, os potiguaras, eles ocupavam ali todo o território desde o litoral, desde um pedaço de Sergipe até um pedaço do Ceará, então toda aquela Costa ali não é, toda aquela região do litoral era ocupada pelos povos potiguara, hoje, eles estão concentrados num pequeno pedacinho de Terra no litoral norte da Paraíba, numa cidade chamada Baía da Traição” (Alexsandro, indígena da etnia Potiguara, entrevistado a 06/09/2022)

Alexsandro é Doutor (PhD) e mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, formou-se bacharel em Tecnologias e Mídias Digitais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo através do programa Pindorama, de onde hoje faz parte da coordenação ampliada.

“Porém eu também era muito apaixonado pelas áreas de artes e tecnologias, eu cheguei assim que eu terminei o ensino médio, eu cheguei a fazer um curso técnico de gestão financeira mas vi que não era aquilo que eu queria, eu queria realmente trabalhar com educação e aí então surge a oportunidade de ingressar na PUC São Paulo por meio do programa Pindorama, que é um programa que oferece bolsas para alunos indígenas, que esses alunos eles podem tanto viver em contexto urbano, quanto eles também podem viver em aldeias. Só que assim, a PUCSP ela só oferece a bolsa, gastos com transporte, alimentação, hospedagem é o próprio indígena que precisa se preocupar, diferente claro de um programa do governo federal que hoje já tem esse apoio, então a PUCSP, ela consegue apoiar nessa forma, dessa forma, então como eu já morava em São Paulo eu prestei o vestibular da PUC.” (Alexsandro, indígena da etnia Potiguara, entrevistado a 06/09/2022)

No caso de Alexsandro, a faculdade e o programa Pindorama serviram de grande ajuda ao lidar com a sua identidade, cobrindo lacunas deixadas por um sistema de ensino que o distanciou da cultura potiguara. Esta dinâmica é muito comum e vai ao encontro do que menciona Foucault ao dizer que todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos. Discurso que remonta até ao suposto início da educação no Brasil por intermédio dos jesuítas, que ainda carrega como base, a ideia de acultramento total da população, que foi somente começar a mudar de figura, após a constituinte de 1988.

“E aí eu quero te falar também uma coisa que eu acho importante falar o seguinte como eu te disse, na infância não é, eu não tinha tanto essa noção e a importância da questão de ser indígena mas quando eu começo a frequentar o programa Pindorama e ver a importância, eu começo a fazer conexões e o programa Pindorama ele oferece as bolsa de estudos por meio da PUC São Paulo certo, mas além disso, todo aluno que é do programa Pindorama, ele precisa ir numa reunião que acontece uma vez por mês onde todos os alunos indígenas se reúnem em um espaço e a gente acaba trocando uma ideia conversando sobre algumas coisas, sobre alguns temas que estão em alta e também conhecer um o povo do outro, então nessas trocas do Pindorama eu consegui fazer conexões de me reconhecer então realmente como indígena” (Alexsandro, indígena da etnia Potiguara, entrevistado a 06/09/2022)

Para Alexsandro, a universidade lhe forneceu o conhecimento e as chaves para que pudesse se aprofundar em temas que mexiam consigo, lhe trouxe aprendizados que a escola não ensina, uma escola que como mencionamos monopoliza os saberes e discursos. Para ele, a universidade e as trocas de conhecimento que são geradas dentro deste ambiente, podem ajudar e muito as pessoas que estão lutando por seus direitos, de perceberem a sua posição perante a sociedade e dos abusos que sofrem.

“então mais uma vez a importância da universidade, a universidade, ela me deu acesso ao conhecimento para que hoje eu pudesse me defender e para que eu também pudesse reivindicar alguns direitos, porque não consigo reivindicar todos os direitos por falta de conhecimento ainda, eu preciso ter mais conhecimento ainda para conseguir lutar. E mesmo tendo esse conhecimento e buscando lutar, esse direito ... é ... muitas das vezes, ainda vão ter pessoas que vão tentar negar esse direito a mim.” (Alexsandro, indígena da etnia Potiguar, entrevistado a 06/09/2022)

Alexsandro é extremamente engajado na causa indígena, sua tese de doutorado é mais um passo na luta por igualdades, assim como os trabalhos de Emerson, Seribí e Vanessa. A sua tese intitulada “Da evolução à revolução: o uso de tecnologias no processo de retomada, registro e manutenção das identidades e das culturas indígenas no Nordeste brasileiro”, é a demonstração de que a experiência acadêmica serviu para contribuir na luta indígena.

“Tinha o sonho de proporcionar a comunidades indígenas o acesso a internet e a outras tecnologias.” (Alexsandro, 2022, pg,40)

Como disse, a universidade é um espaço que proporciona muito mais que um diploma ou um êxito egocêntrico de busca por sucesso e uma grande carreira, mas sim a possibilidade de expandir e de melhor municiar a luta indígena.

“No decorrer desse processo de inquietação e de necessidade de investigar algo que viesse ao encontro de meus objetivos, fui visitar algumas regiões no Nordeste do Brasil, em particular, algumas aldeias do povo Potiguar, ao qual pertencço. Ali, descobri que em uma aldeia vizinha à que minha mãe nascera havia um Ponto de Cultura Indígena (PCI), um espaço onde era possível encontrar alguns computadores com acesso à internet. O local tinha oito equipamentos, sendo que, no entanto, apenas três funcionavam. Tomei conhecimento de que o PCI se originara por iniciativa dos próprios membros da comunidade, em parceria com um projeto chamado Índios Online” (Alexsandro, 2022, pg,40)

Dessa descoberta, Alexsandro é impulsionado a fazer mais e expandir o projeto para outras comunidades, esta relação possibilitou a criação de sua dissertação de mestrado.

“Ao longo da investigação (realizada nos anos de 2014 a 2015) visitei oito aldeias indígenas no Nordeste do Brasil que faziam parte do projeto mensagens da terra, criado por uma organização não governamental (ONG) chamada Thydewa.” (Alexsandro, 2022, pg,40)

A representatividade, a possibilidade de maior inclusão, de gerar mecanismos capazes de combater os discursos de opressão, a fim de ajudar os povos oprimidos pelo estado que escancara o abismo entre indígenas e o resto da população. O descaso do estado brasileiro intensificado pelo atual governo, vem aumentando o número de vozes e discursos que visam destruir as narrativas coloniais. A luta destes companheiros é uma luta que vem de séculos onde tantos outros pavimentaram o caminho para que os discursos ganhassem mais visibilidade hoje,

é preciso sempre lembrar daqueles que lutaram no passado, a memória é essencial, a identidade indígena se torna um escudo protetor, do qual se orgulham e defendem com muito amor.

3.4 As Epistemologias do Sul e o choque de discursos

Aí maloqueiro, aí maloqueira
Levanta essa cabeça
Enxuga essas lágrimas, certo? (é você mesmo)
Respira fundo e volta pro ringue
Cê vai sair dessa prisão
Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do sol, entendeu?
Faz isso por nós
Faz essa por nós
Te vejo no corre
Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro! (Emicida, Amarelo, 2019)

Ao entrevistá-los, sentir um forte sentimento de comunidade é algo que a mim ressoa, todos se ajudam, e a vida acadêmica conjunta só lhes dá mais força, e no diploma acadêmico, a possibilidade de fazer mais, como foi mencionado várias vezes, de ocupar os espaços como dito por Seribí, a retomada de Emerson, de conscientizar professores, colegas de sala e toda uma instituição ainda fechada. A determinação, as batalhas do dia a dia, só reforçam a vontade de fazer mais, de empoderar e abrir cada vez mais espaço para os que estão por vir.

Não são simplesmente conquistas pessoais, vão muito mais além de uma conquista egocentrada. É uma conquista de todos, representando também a consciência de zelar pelo outro, a possibilidade de contribuir na luta para mudar um sistema estruturado com instituições de poder, que sempre buscaram a sua extinção. Por isso a importância de abordar sobre “As epistemologias do Sul”, sobre o *epistemicídio* e a *ecologia de saberes*, ambos termos criados por Boaventura de Sousa Santos, para nos ajudar a perceber a importância desta presença na universidade.

“e aí a Unicamp a todo momento assim ela está aprendendo com a gente, digamos assim, nem todos os institutos assim tanto a faculdade de medicina, ela é a que mais a elite domina não é, mas assim a gente vê que os médicos lá, eles já introduzem assim o conhecimento na medicina tradicional que é nossa não é, tem já os estudantes de medicina que estão lá e que também sabem as coisas de plantas e as outras coisas, e eles também vão dando abertura, não é fácil né, mas...” (Vanessa, Indígena da etnia Baré, entrevistada a 16/06/2022)

Nas Epistemologias do Sul, Boaventura Sousa Santos cria uma série de teorias que visam a validação e o reconhecimento de epistemologias produzidas por aqueles que sofrem as dores dos estigmas de inferioridade lançados contra eles (Santos, 2009). Trata da necessidade

de ampliar o horizonte do conhecimento de maneira mais igual, sem a inferiorização dos grupos hoje denominados como “minorias” ou Sul-global. Relata a supressão dos saberes e a criação de um monopólio de saber pautado na ciência ocidental, oriunda da imposição da epistemologia europeia branca como a dominante, que gerou outro termo criado por Santos, o *epistemicídio* (Santos, 1994). O termo *epistemicídio* representa a destruição de formas de conhecimento e culturas que não são assimiladas pelo ocidente branco, e que são tidas como não desenvolvidas, do outro lado de uma linha invisível que separa e estigmatiza a parcela da sociedade que sofre com os preconceitos, do lado de lá de uma linha abissal que os separa.

Este termo está presente em muitos estudos e discussões, como por exemplo no II Encontro de Jovens Cientistas Negros e Negras, que teve como título de um de seus debates, “O *epistemicídio* do pensamento negro”.

“Por que razão, nos dois últimos séculos, dominou uma epistemologia que eliminou da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento? Quais foram as consequências de uma tal descontextualização? São hoje possíveis outras epistemologias?” (Santos; Meneses, 2010, p. 7)

Dentro das Epistemologias do Sul, o conceito de *ecologia de saberes* parte da ideia de um diálogo intercultural horizontal entre as formas de saber. Propõe a descolonização do saber e o resgate epistemológico dos conhecimentos daqueles que sofrem sistematicamente pelas injustiças do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado (Santos, 1994). Boaventura denomina a ecologia de saberes como um pensamento pós abissal, justamente por reconhecer a pluralidade de conhecimentos.

“É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento.” (Santos, pg. 22)

A sua proposta é de um ecossistema epistemológico que encontre um equilíbrio entre as formas de saber, algo que norteia este trabalho, pois se este fosse um trabalho meramente decolonial, eu teria que partir de uma ideia ou de uma premissa criada somente por esta corrente e teria que por exemplo, retirar as contribuições de Michel Foucault, o que por si só, já estaria indo contra a ideia lançada aqui de uma academia de pensamento pluriversal.

Não poderia deixar de mencionar Franz Fanon ou Achille Mbembe que baseia a teoria de necropolítica, usando como alicerce a sua crítica à biopolítica de Foucault, sem medo de colocar o seu olhar, e de levar esses pensamentos a outra realidade. Por isso acho extremamente necessário abordar os autores decoloniais dos quais interessadamente Boaventura faz parte. A

descolonização do pensamento, também passa pela universidade, para Boaventura, uma ecologia de saberes é possível, contra a ideia de racismo epistemológico, uma integração total e de respeito entre os saberes, a universidade aberta pluriversal que para existir, está vivendo esse processo de choque de pensamentos e experiências de vida.

“(...) aí ela pegou e aí ela começou, passou um outro trabalho a gente começou a conversar tudo mais e no final esse texto que você leu, tem muito a ver também por que eu a fiz ler tudo também, ela leu todo o meu trabalho de TCC tudo mais. Ela Foi começar a entender a minha história começar, aí as coisas foram meio que virando assim conforme foi passando o tempo. Então acho também que a gente precisa ensinar esse pessoal, um indígena que é lá lado de Bauru, ele sempre fala, ele sempre fala isso ele fala assim nós estamos num processo de Indianização, nós estamos Indianizando as pessoas né, e de certa forma eu acho que é isso também as universidades precisam passar por esse processo não é, e o que ele chama de Indianização, eu chamo de retomada não é, que os indígenas usam muito esse termo retomada, eu digo descolonização dos espaços públicos, descolonização dos acadêmicos, descolonização da sala de aula, então eu acho que a gente precisa descolonizar os lugares mas sobretudo descolonizar a mente das pessoas, acho que é um pouco do que está falando aqui, descolonização! Isso está muito, está muito sei lá! Está muito enraizado na vida das pessoas e como fazer isso não é, desraizar um movimento que foi, que a gente fala muito isso principalmente quando tive muito contato com o movimento anarquista aqui de São Paulo não é, e a gente sempre dizia isso, como que você vai fazer porque esse camarada é o próprio fruto do processo histórico.” (Emerson, Guarani Nhandeva, entrevistado a 09/05/2022)

A presença indígena na academia pode ser vista como parte deste processo de abertura, onde por muitos e muitos anos foram silenciados pelo estado e pelas suas instituições de poder, como a educação, parte fundamental desta dissertação, instituições que por muito tempo discursaram pelo indígena, não necessariamente em prol do indígena.

Por isso devemos atentar ao papel da universidade como ambiente de ideias, pois este ambiente deveria ter o compromisso de se descolonizar, de aprender a olhar para outras epistemologias, de estar na linha de frente contra todos os tipos de preconceito, não somente o racial e epistêmico. Quando Emerson refere as bancadas políticas do Boi da Bala e da Bíblia, ele as menciona porque sabe que estas três bancadas coexistem dentro da política, e que Deus e educação também, heranças coloniais, que culminaram no Deus, Pátria, Família e “Liberdade”, que ainda conseguem eleger um presidente no Brasil.

Basta atentarmos as próximas figuras retiradas de uma matéria do site de notícias G1 da Rede Globo, do dia 05/09/2022 sobre “outdoors” ilegais da campanha presidencial de Bolsonaro para as eleições presidenciais de 2022, que demonstram bem quem é o eleitor de Bolsonaro (Figura 9).

Minas Gerais



Mato Grosso



São Paulo



Tocantins



Figura 9: Cartazes da campanha eleitoral 2022.
Fonte: Jornal Globo link internet

Esta “retomada”, como menciona Emerson, parte desta ideia de descolonização dos espaços, e da importância de descolonizar a mente das pessoas, para que não caiam nessas armadilhas e aprendam a respeitar o discurso do outro. Porém, não tem sido fácil, há um abismo ainda, especialmente quando pensamos que o Brasil é um país extremamente conservador e religioso, que ajudou Bolsonaro a se eleger presidente da República. Bolsonaro que recorreu justamente aos evangélicos para que conseguisse vencer as eleições de 2018. Para as eleições de 2022, a ideia do bem contra o mal continua, a ideia de um partido político que faz pactos com o diabo também, por não reproduzirem a mesma ideia assimilacionista de um país cristão. Quando Foucault diz que os discursos se renovam para que possam continuar a existir, as coisas se encaixam, basta vermos os *outdoors* ilegais mostrados acima, ou atentarmos ao dia 7 de setembro de 2022, onde caminhões do agronegócio vindos de todo o Brasil, desfilaram numa declarada e ilegal campanha eleitoral, em meio as comemorações do dia da “independência” do Brasil em Brasília, em clara demonstração de apoio e abertura entre o estado e o setor. (Figura 10)



Figura 10: Desfile do dia 7 de setembro
Fonte: Brasil de Fato

A descolonização da educação é essencial na minha opinião na luta pelo fim de todo e qualquer tipo de preconceito, a preservação das epistemologias do Sul Global são extremamente importantes para evitar o epistemicídio.

O mundo ocidental cartesiano parece estar vivendo uma crise da mente, oriunda desta separação entre natureza e cultura, de um território que nasce e que até hoje vive da extração de riquezas. O quão importante seria se as pessoas aprendessem mais sobre as filosofias indígenas, se pudessem pensar a natureza sem essa mentalidade de extração ilimitada de recursos naturais, que pudessem de fato ter uma relação diferente para com os povos indígenas e a natureza.

“Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade.” (Krenak, 2019, p.9)

A voz das minorias fica ainda mais evidente quando observamos a pesquisa de intenção de voto para as eleições presidenciais de 2022, segundo o instituto Datafolha dia 9 de Setembro de 2022, se considerarmos o salário, pessoas com rendimento até dois salários-mínimos votariam no ex-presidente Lula com 58%, com ampla vantagem sobre Bolsonaro com 28%. Ao

observar as intenções de voto na categoria entre dois e cinco salários-mínimos, o atual presidente tem 44%, contra 39% de Lula, entre cinco e dez salários-mínimos o número do atual presidente sobe para 50%, enquanto Lula cai para 35%, mais de dez salários-mínimos, o atual presidente tem 45% das intenções de voto, contra 31% de Lula.

Quando a pesquisa Datafolha aborda as intenções de voto das pessoas com grau superior, podemos perceber como é enorme a intenção de voto no atual presidente da República com 40% das intenções de voto contra 39% de Lula. Isso demonstra como o ensino superior ainda tem um extremo nicho elitista que reforça a necessidade de descolonizar a universidade, e o ambiente tenso que indígenas encontram ao frequentarem esses espaços. O que denota a aceitação e força que Bolsonaro tem nas camadas sociais mais altas.

Em entrevista com o coordenador pedagógico do curso de Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o professor de antropologia Dr. José Paulo Florenzano, abordamos o tema da falta de abertura a outras epistemologias dentro do curso de Ciências Sociais, e algo muito interessante foi levantado por José Florenzano:

“O curso ele está sempre atento ao surgimento dessas novas epistemologias, agora o quanto ele está aberto ou mais fechado depende da renovação do próprio corpo docente e esse aspecto particularmente o curso de ciências sociais, ele se ressentia muito da falta de renovação do corpo docente. Isso é uma questão que nós temos discutido porque essa renovação é a garantia da abertura para essas correntes que você acabou de mencionar, então para dizer abertamente a você, hoje se discute o quanto o perfil do corpo docente não só das ciências sociais, mas da PUC de um modo geral é muito desequilibrado e injusto, você tem poucos professores negros para dizer abertamente isto está sendo então agora reconhecido, discutido e pensado. Então como sair dessa situação que é insustentável, a luz das transformações que a sociedade tem colocado para a universidade? Então assim, o curso ele tem essa prática reflexiva ele tem autocrítica, ele reconhece os limites, as barreiras que são estruturais, porque é um paradoxo, se discute muito racismo na PUC em todos os cursos, mas de repente quando você olha para o corpo docente da universidade você se dá conta de que ela reproduz o que se chama do racismo estrutural, então eu acho que isso dificulta ou não garante a abertura que seria necessária para incorporar e dar espaço a essas novas epistemologias que você mencionou.” (Florenzano, entrevistado a 20/04/2022)

Florenzano chama atenção a respeito da própria falta de renovação do corpo acadêmico, e da falta de acesso, de uma renovação na academia que para se tornar epistêmica, precisa também pensar a própria abertura para que surjam novos professores de outros extratos sociais e etnias, quebrando assim as estruturas racistas em que as universidades brasileiras vivem, as mesmas instituições de discurso eurocêntrico valorizando as epistemologias do Norte, usando seu poder institucional de poder de exclusão, contribuindo para o epistemicídio, ou para a inferiorização desses conhecimentos do Sul. A universidade brasileira nasce como vimos, dentro de uma estrutura colonial que se mantém, mas que está a ser confrontada muito por

intermédio de ações afirmativas que a obrigam a repensar e fazer este exercício de olhar para dentro e confrontar a sua própria estrutura colonial.

“Então é o que eu falei para você, isso é perceptível na minha trajetória porque os professores com os quais eu tive aula, eles continuam dando aula hoje, então isso de certa maneira dificulta essa renovação de linhas de pesquisa, de aporte teórico, diálogo com a sociedade, para acolher essas novas tendências, tudo isso então acaba se transformando num empecilho, e mais uma vez, poderia ter dentro do curso muito mais África por exemplo, diáspora, toda essa temática, e ela não está presente pela questão já apontada, a representatividade dos diversos grupos dentro do curso, então sem dúvida alguma é um problema que precisa ser encarado e discutido e superado, mas eu acho que é aí que está a barreira entendeu.” (Florenzano, entrevistado a 20/04/2022)

A crescente presença de alunos que são fruto de ações afirmativas, resulta na multiplicação de discursos que trazem uma outra realidade, uma outra perspectiva que se choca com uma universidade estruturalmente antiga que precisa de renovação.

“[...] a PUC ela foi um lugar assim que eu não percebi na verdade, talvez seja porque a gente estivesse nas ciências sociais e ali era um lugar assim que tinha né de certa forma uma elite de São Paulo, mas eu acredito que eu peguei também um período assim que eu também soube me colocar né enquanto uma pessoa que participava de um debate muito intenso dentro da sala de aula sobre as questões indígenas e olha que eu chamei a atenção de muita gente que tinha uma visão estereotipada, uma visão assim racista, preconceituosa e que muitas vezes eu achava que tinha que abrir a boca e dizer não! espera aí! Espera aí, para aí, não é bem por aí, não é assim que funciona.” (Emerson, Guarani Nandeva, entrevistado a 09/05/2022)

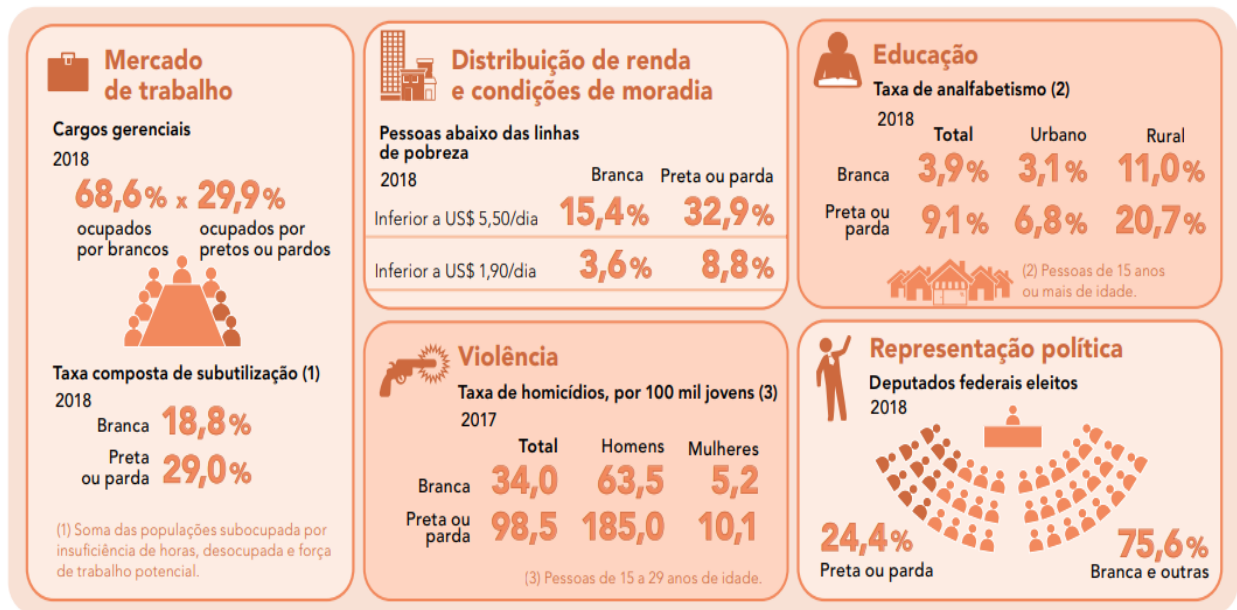
O engajamento destes alunos que são vítimas de um racismo estrutural, sistêmico, epistemológico e social é fundamental para a descolonização destes espaços, por isso a necessidade dessa presença dentro do ambiente acadêmico, como podemos perceber, a mudança está começando por intermédio do acesso.

“É sobre também o Álvaro Tukano, a gente lê os artigos para estudo, teve uma disciplina que usou um bloco só para falar sobre a questão da demarcação sabe, tem muito isso no meu curso e eu acho que isso é uma parte muito legal dos professores porque eles trazem isso para a gente, eles não afastam não é, eles trazem isso para debate falam de todas as coisas que acontecem na política indigenista no Brasil e isso já vai assim entrando na mentalidade dos outros colegas que são da nossa classe que às vezes não conhece até pela ignorância dos pais que não quiseram mostrar sabe.” (Vanessa, Indígena da etnia Baré, entrevistada a 16/06/2022)

Se pararmos para analisar mais a fundo, é possível abrir a academia o imaginário branco eurocêntrico de um país ex-colônia, que estuda a literatura, a epistemologia europeia, que passou por séculos de submissão direta e cujos mecanismos de submissão e poder perduram até os dias de hoje? Como desconstruir todo esse imaginário, toda essa subjetividade criada a partir da ideia de inferior? O período colonial físico de apropriação terminou?

“A classificação racial da população e a velha associação das novas identidades raciais dos colonizados com as formas de controle não pago, não assalariado, do trabalho, desenvolveu entre os europeus ou brancos a específica percepção de que o trabalho pago

era privilégio dos brancos. A inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos do pagamento de salário. Estavam naturalmente obrigados a trabalhar em benefício de seus amos. Não é muito difícil encontrar, ainda hoje, essa mesma atitude entre os terratenentes brancos de qualquer lugar do mundo. E o menor salário das raças inferiores pelo mesmo trabalho dos brancos, nos atuais centros capitalistas, não poderia ser, tampouco, explicado sem recorrer-se à classificação social racista da população do mundo. Em outras palavras, separadamente da colonialidade do poder capitalista mundial.” (Quijano, Colonialidade do poder, pg.120, 2005)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

Figura 11: Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil
Fonte: IBGE

Ao propor a ecologia de saberes, o português Boaventura de Sousa Santos, percebe que tais práticas coloniais não terminaram com o fim do período colonial, assim como também menciona Anibal Quijano ao cunhar o termo “colonialidade do poder”.

Estamos falando de um poder ou força que mantém uma estrutura de dominação e exploração com base na teoria de raças, fruto de anos e anos de um racismo em todas as estruturas. Para Anibal Quijano, o poder organiza-se numa estrutura colonial e tem a raça como caráter discriminatório que terminou por hierarquizar e autoproclamar a “raça branca” do norte europeu como superior. Para ele, a ideia de raça é um dos fatores mais importantes que legitimam a separação entre brancos europeus e os outros “inferiores”, uma ordem vertical de separação de pessoas para os mais diversos fins.

É necessário abordarmos a falácia do descobrimento, a falácia da educação cristã brasileira, a “tradição inventada” (Hobsbawn) do brasileiro Cowboy, “imbrochável”, como gritava o presidente da república em pleno 7 de setembro, escancarando essa masculinidade

tóxica e reprimida do homem da pátria. O país que mais mata minorias, também é o país da violência doméstica, justamente no país cristão da “bela, recatada e do lar!” que berra aos quatro ventos “Deus, Pátria, Família e Liberdade”. O país precisa desesperadamente rever a história contada, e Portugal tem parte nesta revisão da história, os discursos precisam mudar, para finalmente começarmos de fato a pensar nos povos indígenas e nas minorias como um todo, percebendo todo o contexto histórico que os levaram ao momento em que estão hoje.

O choque na academia é só o começo de anos de uma autorreflexão histórica, de que temos todos muito a ganhar e que se faz essencial neste processo de combate não só ao preconceito epistemológico, mas a todo o tipo de preconceito. A educação acadêmica aberta que valoriza as epistemologias do Sul, do fim do epistemicídio, da ecologia de saberes, entendo como peças fundamentais para mudar os discursos de exclusão, no país que mais mata as minorias, no país da falta de oportunidades há aqueles que sofrem todos os tipos de preconceito e exclusão. Uma universidade descolonizada, não podemos negar, seria um grande passo na “descolonização da mente” das pessoas, como refere Emerson.

Reflexões Finais

“Descolonizar a sabedoria, eis um desafio. A descolonização do currículo universitário se faz necessário à medida em que se coloca o paradigma de outros saberes.” (Souza, 2021, p.212)

Esta dissertação procurou refletir sobre o impacto dos discursos coloniais e atual processo de descolonização da universidade olhando para epistemologias alternativas. Emerson, doutor em Antropologia Social e indígena da etnia Guaraní Nhandeva brilhantemente menciona: “descolonizar a mente das pessoas” (*vide* Apêndice II) também é preciso, confrontando o leitor desta tese com as narrativas romantizadas da história e como o monopólio dos saberes deixou os povos indígenas à própria sorte, lutando sozinhos pela sua sobrevivência e pela sobrevivência da natureza. O atual Brasil de Bolsonaro não é uma anomalia e sim, a constatação de um passado que ainda está muito presente, da presença e força da Igreja, da morte de pretos e indígenas, das invasões de terra, das extrações de riquezas, de uma ideia de terra de ninguém que pode ser invadida e extraída até a exaustão. O intuito deste trabalho foi mostrar que os mesmos discursos continuam vivos e se renovando, e para combatê-los, adentrar as instituições de poder e praticar mudanças, tendo a universidade como uma dessas instituições que precisam dessa presença. A universidade é uma destas instituições, que nasce no Brasil já elitizada a emular o padrão português, com a chegada da corte portuguesa, e que sempre foi reduto das classes dominantes.

A frase de Emerson acima, escrita em sua tese de doutoramento, reflete bem o que foi escrever este trabalho e perceber a importância dos discursos e como estes mesmos funcionam, como poder de exclusão e inclusão. Hoje, a presença indígena na universidade, é a garantia da presença do paradigma de outros saberes nesse árduo e longínquo processo de descolonização do saber, que por séculos tentou eliminar a figura dos povos indígenas da história.

"Deslegitimaram as muitas nuances da sabedoria milenar ao invés de incorporar como ato político no sentido de construir uma nação com muitas outras nações indígenas em seu interior. O fato é que prevalece a ideia de uma versão única do saber com histórias únicas. Há a hegemonia do herói europeu, branco e civilizador, que constrói um país para poucos (os ricos) e legitima a cultura do vencedor. Este foi o “Projeto de Estado” por vários séculos. Seria um projeto para universidades? Ela estaria nessa trama?” (Souza, 202, p.213)

A criação do Estado Brasileiro foi a criação de um estado com moldes europeus, o mesmo aconteceu com a universidade. Com a primeira república brasileira (1889-1930), não

existiu um corte total do “cordão umbilical” com Portugal, vivia-se um país ainda muito dividido com muitos colonos pedindo o retorno da monarquia. O fim da escravidão em 1888, por pressão do exterior, pouco fez para mudar a crueldade e o regime de escravidão que ainda é possível encontrar no Brasil.

O “fim” da escravidão acelerou o processo de abertura para a imigração maciça de europeus no Século XIX, serviu para trocar a mão de obra escrava por assalariada, muito contestada por donos de escravos, mas que escancarava o desespero do Estado para que o país com gigantesca maioria de agora negros libertos, mesmo que ainda em situação de escravidão, (Lacerda, 2021) comessem a passar por um processo de branqueamento (Lacerda, 2021).

"Após a abolição, em apenas dez anos (de 1890 a 1900) entraram no Brasil mais de 1,4 milhão de imigrantes, o dobro do número de entradas nos oitenta anos anteriores (1808-1888)." (Brasil Escola, 2022)

A universidade brasileira nunca foi pensada para contar com a presença de negros e indígenas. Na verdade, como vimos com Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), esta mesma academia criava teorias de como lidar com o “problema indígena” e “branqueamento” da população brasileira. Vale a pena vermos este quadro de Modesto Brocos (1852-1936), intitulado de “*a Redenção de Cam*” de 1895 (Figura 12) que escancara a cultura de branqueamento e eugenismo no Brasil.

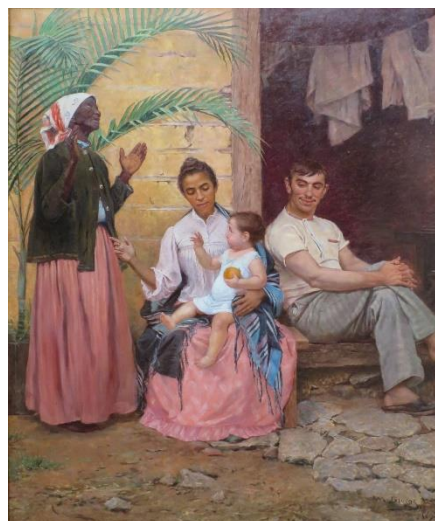


Figura 12: A Redenção de Cam – Modesto Brocos
Fonte: Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro

Brocos era apoiador das teorias eugenistas. Enquanto pintava esta obra, lecionava na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Brocos era um homem de seu tempo assim

como Varnhagen, menciono também, o Advogado Alberto de Seixas Martins Torres (1865-1917) que declaradamente dizia que “o problema nacional brasileiro era ocasionado pela questão racial” (Ferreira, 2018), e o antropólogo Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) que também tinha a mesma visão e “defendeu o projeto da eugenia por acreditar na necessidade de melhoramento da raça, e percebeu que a eugenia era o melhor caminho” (Ferreira, 2018). Varnhagen, Roquette e Torres foram todos membros da Academia Brasileira de Letras e figuras importantíssimas na tentativa de criação de uma identidade brasileira aos moldes da europa.

E o que mudou de lá para cá?

O Brasil das capitanias hereditárias, do terror de Mem de Sá, da invasão de terras de “ninguém”, da escravidão, da expansão territorial, do extrativismo, não morreu. Este Brasil continua ainda vivo, com as invasões de terra, expansão do agronegócio, extermínio de indígenas, destruição de florestas, destruição de rios, muitos contaminados por mercúrio, devido ao garimpo ilegal. O Brasil do “descobrimento” é o mesmo Brasil que ainda legitima a narrativa eurocêntrica que valida a dominação de um povo sobre outros.

“não sei se você estava no Brasil aqui, a comemoração dos 500 anos de Brasil, eu não sei se você lembra a comemoração dos 500 anos do Brasil tinha aquele relógio da Globo espalhado por várias regiões do país e no final os caras construíram uma caravela que chegou em Porto Seguro que estava o presidente de Portugal o presidente do Portugal, Fernando Henrique Cardoso e aí os caras criaram... então, mas é bom porque você agora me fez lembrar desse episódio e os caras construíram assim, uma imagem, vários indígenas fantasiados dançando enquanto passavam Fernando Henrique, o presidente de Portugal então quer dizer uma imagem assim completamente folclórica enquanto isso do lado de fora cercado pela polícia, estava o MST e o movimento indígena, não puderam participar do evento então foi um evento restrito aos políticos.” (Emerson, Guarani Nhandeva, entrevistado a 09/05/2022)

Há ainda um abismo se pensamos em reparação histórica, ações afirmativas, ou o aumento da presença indígena na academia, mas é possível perceber que esta presença, e a luta acadêmica que engajam, força as instituições a reverem seus padrões e adaptarem-se com vista ao aumento de alunos e o choque de discursos que demonstram a necessidade de respeitar os saberes indígenas.

A universidade traz a possibilidade de mostrar o outro lado, de trazer este choque, de adentrar as instituições de poder e com isso trazer os seus discursos, como no caso de Emerson por exemplo. Choque este que me faz acreditar que exista sim, espaço para outras epistemologias, o que faz parte de um processo para reverter séculos de inferiorização.

Este trabalho, esse retorno ao passado, faz ajudar a entender a importância negativa das instituições de poder, do monopólio do saber, da catequese, da violência, do extermínio, e da história romantizada, que aprisiona todos nós, negando-nos a pensar no “outro” como “gente”, como refere Seribí:

“Aí como os não indígenas gostam de inventar, de dar apelidos, aí eles vão tentando apelidar né, mas eu não acho muito positivo não é, de apelidar os indígenas dessa forma porque, porque é muito difícil não é, falar de por exemplo na área de filosofia, nas áreas humanas especificamente fala muito de descolonização, decolonização, enquanto isso, enquanto fala isso dentro da universidade, os não indígenas estudam sobre isso aí, mas os indígenas estão lutando para ser visto como gente, como gente que pensa, que sente dor, gente que sofre violência todos os dias, seja nos próprios territórios ou fora dos territórios [...]” (Seribí, entrevista realizada a 16/06/2022)

São discursos de exclusão que jogam os conhecimentos indígenas para além da linha abissal, inferiorizando-os, num ritual repetitivo de afirmação e reafirmação dos discursos de poder. Porém, ao averiguarmos o crescimento indígena nas universidades, o envolvimento na militância, na constante batalha para combater discursos preconceituosos, na autoafirmação, no aumento de trabalhos acadêmicos, nos relatos dos entrevistados, no crescente número de intelectuais, políticos, médicos, servidores públicos e tantos outros que vêm adentrando estas instituições de poder para gerar mudanças, acredito que existe espaço para outras epistemologias e creio que estamos neste processo de abertura. Quanto tempo levará para uma total integração?

“[...] foi percebido que o número de universitários indígenas aumentou consideravelmente, mas ainda é imprescindível dispensar esforços no aprimoramento das ações de permanência, tanto as materiais como a revisão pedagógica das instituições, que são as que podem ser construídas com os estudantes, e as que precisam ser implementadas junto aos técnicos e docentes, carentes de discussão desta temática.” (Doebber, Brito, 2014, p.12)

Ao entrar na universidade, neste ambiente elitista, estudantes indígenas são logo confrontados com a necessidade de falar, de ensinar àqueles que o desconhecem, de mostrar que muitos discursos são repletos de desconhecimento, ignorância e preconceito. Há uma imensidão de desafios que lhe são impostos todos os dias, assim como menciona Emerson:

“Muitos são os entraves para a obtenção desse título, sobretudo para as camadas da periferia de São Paulo, e ocorreu comigo. Desde a falta de dinheiro para o lanche, o xerox, a condução e o transporte público. Além do desemprego de muitos, há o preconceito por ser indígena e pobre. Pois a presença se dá num confronto de luta de classes. Sendo assim é importante constatar que a formação nas universidades nos transforma em novas lideranças, com a possibilidade de estar em constantes debates, sobre a questão indígena.” (Souza, 2021, p.217)

Por isso acredito que com esta abertura, cria-se uma necessária reflexão dentro da academia, o choque de discursos impulsiona todos a repensarem esta distanciação e este abismo existente no Brasil entre a população indígena, classes dominantes e a comunidade acadêmica.

Existe a possibilidade de uma abertura livre de preconceitos epistemológicos? Quando revisitamos a história, com empatia para entender a dor do outro, quando realmente ensinarmos nas escolas o outro lado da história do Brasil, sem esta romantização do coração de D. Pedro que faz a viagem ao Brasil novamente, em pleno 2022. Como será que se sentiram ao ver tamanha comoção? É preciso refletir, livre de preconceitos, para aprender como esses discursos romantizados são extremamente mortíferos para os povos indígenas.

“Os povos originários eram e são portadores de suas próprias epistemologias, idiomas, ciências, teorias e práticas medicinais que contribuem para proteção das florestas e dos lugares sagrados. Desde a invasão genocida, os colonizadores tentam aniquilar nossas memórias, anular nossas identidades e violar nossos idiomas para se apropriar de nossas terras. Através das religiões cristãs espoliam os conhecimentos ancestrais e extraviam a medicina alternativa para colocar a serviço da medicina mercantil.” (Scribí, 2020)

O choque na academia é só o começo de anos de uma autorreflexão histórica, que tem muito a ganhar com esta abertura, que é essencial no combate não só ao preconceito epistemológico, mas a todo tipo de preconceito. A abertura para a educação livre e horizontal, é a chave para mudar esta mentalidade, no país que mais mata as minorias, uma universidade descolonizada seria um grande passo na “descolonização da mente” das pessoas, como refere Emerson.

Foram incontáveis as dificuldades para fazer este trabalho, passamos por momentos tensos de um *lockdown*, de um planeta que acusa estar doente e morrendo, de incontáveis vidas perdidas por intermédio de um vírus que nos obrigou a parar, nos resguardar e deixar a terra respirar e se regenerar. Voltaram os golfinhos em Veneza e Lisboa! A dificuldade encontrada justamente para conseguir as entrevistas no meio de uma pandemia e pela importância da corrida por conscientização das pessoas em ano de eleição presidencial que pode ser fundamental na luta pelas suas vidas e pela natureza. Tive menos tempo do que gostaria, mas espero ter conseguido contribuir de alguma maneira, que possa fomentar diálogo, reflexões, desconstruções, assim como aconteceu comigo. Ouvir e aprender, foi uma grande experiência, poder dialogar com pessoas tão interessantes que enxergam o que fazem como algo em prol da comunidade, trocando saberes e com grande disposição em ensinar.

Esta dissertação é um começo, sinto que há abertura para aprofundar a análise das relações de poder por intermédio da análise do discurso e como todas as instituições de poder deslegitimam ou pouco fazem pela luta indígena. Pensar o papel da sociedade brasileira que precisa se conscientizar. Perceber a evolução da presença indígena nas universidades e seus impactos, à medida que as vozes indígenas aumentam, confrontado as estruturas racistas forjadas em discursos coloniais de opressão e interiorização.

A academia brasileira nasceu colonialista, e continuou mantendo as suas práticas e discursos, e hoje, pouco faz para correr atrás do tempo perdido e do estrago causado. Para pensar uma universidade aberta aos saberes indígenas, eu penso que é como menciona Krenak: “tudo é natureza” (2019), é pensar que não existe uma linha abissal (Santos, 2009) entre Norte e Sul Global, é pensar que a ecologia de saberes (Santos, 2009) é possível, mas que não deixa de ser o ocidente tentando aprender o que os indígenas sempre souberam. Que somos todos natureza, e que podemos sim, aprender um com o outro, nesta troca como sempre souberam fazer. Então acredito que quanto mais estudos e quanto maior for a presença indígena na universidade, maior será a troca de conhecimento, maior será o choque de discursos, e mais vozes contestarão a maneira ocidental de monopolizar a produção do conhecimento.

“Afinal, depois de ver todas as coisas daquele museu, acabei me perguntando se os brancos já não teriam começado a adquirir também tantas de nossas coisas só porque nós, Yanomami, já estamos começando também a desaparecer. Por que ficam nos pedindo nossos cestos, nossos arcos e nossos adornos de penas, enquanto os garimpeiros e fazendeiros invadem nossa terra? Será que querem conseguir essas coisas antecipando a nossa morte? Será que depois vão querer levar também nossas ossadas para suas cidades? Uma vez mortos, vamos nós ser expostos do mesmo modo, em caixas de vidro de algum museu?” (Kopenawa, Bruce, 2015, p.429).

Bibliografia

ALENTEJANO, P.R.R. As Políticas do Governo Bolsonaro para o Campo: A contrarreforma agrária em marcha acelerada. Artigo acadêmico. Revista da ANPEGE. 40 p, 2020.

ALMEIDA, H. A. P. Indígenas, Varnhagen e seu memorial orgânico: Estereótipos sobre indígenas no período imperial. Artigo acadêmico. Expedições Morrinhos. 15 p, 2021.

ARANTES, A. A natureza indígena do bem viver e a falência do paradigma não indígena. Seribí Tukano, 28 jul 2020. Disponível em: <https://seribitukano.blogspot.com/2020/07/a-natureza-indigena-do-bem-viver-e.html>. Acesso: 20 set 2022

ARQUIVO NACIONAL, TORRE DO TOMBO. Expulsão dos Jesuítas. Lisboa, 6 jan 2022. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/expulsao-dos-jesuitas/>. Acesso em: 7 fev 2022

ASPHE/FaE/UFPel. História da Educação, Pelotas, n. 18, p. 199-205, set. 2005.

AZEVEDO, R. A história da Educação no Brasil: uma longa jornada rumo à universalização. Gazeta do Povo, 11 mar 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-historia-da-educacao-no-brasil-uma-longa-jornada-rumo-a-universalizacao-84npcihya8yzs2j8nnqn8d91/>. Acesso em: 4 ago 2022

BARCELLOS, J. Ordem do Templo: O Primeiro Grande Capitalismo Organizado Globalmente Sob As Vestes Místicas. Ensaio. Porto: 1987.

BETHENCOURT, F. A formação do Brasil. Jornal Público, 8 ago 2022. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/08/08/culturaipsilon/ensaio/formacao-brasil-2014491>. Acesso em: 4 set 2022

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021.

BOLSANELLO, M.A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. Educar. Curitiba: UFPR. p.13. 1996.

BONI, V.; Quaresma, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese, 2(1), 68-80. 2005

BRASIL. Art. 231 da Constituição Federal de 1988. Brasil. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10643688/artigo-231-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 24 mai 2022.

BRASIL. Art. 232 da Constituição Federal de 1988. Brasil. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10643425/artigo-232-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 24 mai 2022.

BRASIL247. Foucault arde na Inquisição da PUC-SP. Brasil247, 24 fev 2022. Disponível em: <https://www.brasil247.com/geral/foucault-arde-na-inquisicao-da-puc-sp>. Acesso em: 3 mar 2022

BUSCHSCHLÜTER, V. “Man of the Hole”: Last of his tribe dies in Brazil. BBC News, 29 ago 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-62712318>. Acesso em: 29 ago 2022

CNA. Panorama do Agro. CNA, nov. 2021. Disponível em: <https://cnabrasil.org.br/cna/panorama-do-agro>. Acesso em 13 ago 2022

COHN, Sérgio (org.). Série Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

COSTA, W.N.G.C.; DOMINGUES, K.C.M. & ANDRADE, S. Uma análise de práticas discursivas e não discursivas sobre o ensino de matemática em contextos indígenas. Artigo acadêmico. São Paulo: UNICAMP, 2009.

CRUZ, D.S. Estado e as religiões de matriz africana. Lisboa: ISCSP, 2021.

DAL'BÓ, T.L. Construindo pontes: o ingresso de estudantes indígenas na UFSCar: uma discussão sobre “cultura” e “conhecimento tradicional”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UFSCar, 2011

DOEBBER, M. B.; BRITO, P. O. Estudantes indígenas nas universidades públicas brasileiras: análise a partir das produções de dissertações e teses. X Anped Sul. Florianópolis: out, 2014.

ESCOLA, Equipe Brasil. “Imigração no Brasil”; Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/brasil/imigracao-no-brasil.htm>. Acesso em 25 set de 2022.

FAIRCLOUGH, N. Language and Power. 2ed. Londres: Longman. 2001.

FERREIRA, E. C.V. Redenção de Cã: Uma História de apropriação (Séculos XIX e XX). História & Parcerias. Rio de Janeiro. 2018. 13 p.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

G1. Pesquisas eleitorais. 2022. Disponível em: <https://especiaisg1.globo/politica/eleicoes/2022/pesquisas-eleitorais/presidente/1-turno/Datafolha/>. Acesso em: 9 set 2022

HAMILTON L. It's more than language. These archaic mindsets need to change and have no place in our sport.[...]. 28 jun 2022. Twitter: @LewisHamilton. Disponível em: <https://twitter.com/lewishamilton/status/1541750081296244736>. Acesso em: 14 ago. 2022

HOBBSAWN, E.; RANGER, T. A invenção das tradições. Celina Cardim Cavalcante (Trad). Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil. Estudos e pesquisas – Informação demográfica e socioeconômica. N.41. 2019.

ÍNDIO CIDADÃO? – O FILME. ÍNDIO CIDADÃO? - Grito 3 Ailton Krenak. Youtube, 4 Set. de 2014. 1 vídeo (4 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q. Acesso em: 7 abr 2022

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Evidências para políticas públicas, Atlas da Violência. Em questão. Número 8. Set 2021.

ISA – Instituto Socioambiental. Declaração da aldeia Kari-Oca e Carta dos Povos Indígenas. Rio de Janeiro: 1992. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/G4D00001.pdf>. Acesso em: 3 set 2022

JANKE, L. M. Território, Nação e Soberania no Império do Brasil. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul 2011.

KER J. “Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós”, diz Jair Bolsonaro. Estadão, 24 jan 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-jair-bolsonaro,70003171159>. Acesso em: 4 abr 2022

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami (B. Perrone-Moisés, Trad., & E. Viveiros de Castro, Pref.). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. A outra margem do Ocidente: O eterno retorno do encontro. Companhia das Letras, 1999.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LACERDA, N.F. Pensamento racista no Brasil pós abolição: breve reflexão sobre o racismo estrutural. Revista Mosaico. Rio de Janeiro, 2021.

LATOUR, B. “Como redividir a Grande Divisão”. Mosaico - Revista de Ciências Sociais, vol. 2, n.1, p. 168-199, 1999.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. Vozes da Floresta | Ailton Krenak. Youtube, 14 de Abril de 2020. 1 vídeo (59 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJlh1os4w&t=24s>. Acesso em: 25 set de 2022

LIFFEY, H.; MACEDO J. C. Capelas, Colonialismos & Poder Místico: Entre Templários & Jesuítas. Panfletos. Tomar: 1982.

MARTINS, A. Ensino Superior no Brasil: da Descoberta aos dias atuais. Acta Cirúrgica Brasileira – Vol 17 (Suplemento 3), 2002.

MEC – Ministério da Educação, Ensino Superior – Entenda as cotas para quem estudou todo o ensino médio em escolas públicas. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 8 set 2022.

MELO, J. História da Educação no Brasil. 2 ed. Fortaleza: UAB/IFCE, 2012.

MELLO, R. C. A educação atual é uma forma de etnocídio, afirma Professor indígena. YAM, 26 abr 2022. Disponível em: <https://yam.com.vc/conexao/800372/a-educacao-atual-e-uma-forma-de-etnocidio-afirma-professor-indigena>. Acesso em: 10 mai 2022

MENDES, R.M.; MISKULIN, R.G.S. A análise de conteúdo como uma metodologia. Artigo acadêmico. Cadernos de pesquisa. 2017

MESQUITA, A.C. Da evolução à revolução: o uso das tecnologias no processo de retomada, registro e manutenção das identidades e das culturas indígenas no Nordeste brasileiro. Tese de doutoramento. São Paulo: PUC-SP, 2022.

MINEO, L. The scapegoating of Asian Americans. The Harvard Gazette, 24 mar 2021. Disponível em: <https://news.harvard.edu/gazette/story/2021/03/a-long-history-of-bigotry-against-asian-americans/>. Acesso em: 6 ago 2022

MOTA, E. “Negro foi escravizado porque índio é preguiçoso”, diz procurador. Deputados repudiam. Congresso em Foco, 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/negro-foi-escravizado-porque-indio-e-preguicoso-diz-procurador-deputados-repudiam/>. Acesso em: 6 jun de 2022

MOURA, T. M. Políticas afirmativas nos governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Espírito Santo: UVV, 2019.

NOVAES, A. A Outra margem do ocidente. Companhia das Letras. São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, A.D.; CABRA, C.A.; AZEVEDO, E.E.F.N.; CAETANO, E. Capitalismo e agronegócio: Aspectos do trabalho escravo no campo. Revista, Direitos, Trabalho e Política Social. V.4. Cuiabá, 2018.

OLIVEN, A.; BELLO, L. Negros e indígenas ocupam o templo branco: ações afirmativas na UFRGS. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre. p.339-374. 2017.

PARAISO M. H. B. Revoltas Indígenas, a criação do governo geral e a regimento de 1548. Universidade Federal da Bahia. 2011.

PEREIRA, F. B. Pós abolição: liberdade e cidadania. Cachoeira-Ba, Laboratório de História. Centro de Cultura, Artes e Humanidades. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2015.

PRIORE, M.; VENANCIO R. Uma breve história do Brasil. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2010. 319 p.

QUIJANO, A. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

REJA, M. Trump's 'Chinese Virus' tweet helped lead to rise in racist anti-Asian Twitter content: Study. Abc News, 18 mar 2021. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Health/trumps-chinese-virus-tweet-helped-lead-rise-racist/story?id=76530148>. Acesso em: 1 set 2022

RODRIGUES, C. Verba para show de Gustavo Lima em RR é 77% maior que soma de valores para merenda, transporte escolar e vigilância sanitária. G1- Globo, 2 jun 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2022/06/02/show-de-gusttavo-lima-em-cidade-de-rr-e-quase-80percent-mais-carro-que-valores-para-merenda-transporte-escolar-e-vigilancia-sanitaria.ghtml>. Acesso em: 7 jul 2022

ROSA, J. O agro não é pop. Associação Brasileira de Marketing Rural e Agro. Disponível em: <https://abmra.org.br/o-agro-nao-e-pop/>. Acesso em: 4 ago 2022

SÁ, C.P.; OLIVEIRA, D.C.; MÖLLER, R.C.; NAIFF, D.G.M. A memória social do descobrimento do Brasil: seu estado em 1999. Temas em Psicologia, v.8. Rio de Janeiro. UERJ, 2000.

SANTOS, B.S.; FILHO, N.A. A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova. Coimbra. 2008

SANTOS, B. S.; MENESES, M.P. Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina. SA, 2009. 532 p.

SILVA, E.C.A. Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira. Serv.Soc. São Paulo. p.480-500. 2018.

SONTAG, S. Regarding the pain of others. Picador. Nova Iorque. 2003. 103 p.

SOUZA, E. Oliveira. Povo indígenas na Metrópole: movimento, universidade e invisibilidade na maior cidade da América. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 2021.

SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TEDESCHI, S.L.; PAVAN, R. A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica. Práxis Educativa. Ponta Grossa, v.12, n.3, p.772-787. 2017.

TOMBOLATO, M. A., & SANTOS, M. A. Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI): Fundamentos Básicos e Aplicações em Pesquisa. Artigo acadêmico. Revista da Abordagem Gestáltica, 2020.

UOL. Um terço da cidade que pagou R\$ 800 mil a cantor recebe Auxílio Brasil. UOL, São Paulo, 28 mai 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/28/um-terco-da-cidade-que-pagou-r-800-mil-a-cantor-recebe-auxilio-brasil.htm>. Acesso em: 13 ago 2022

VEJA. Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica. Veja, 6 abr 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>. Acesso em: 6 jun 2022

VILELA, R.B., RIBEIRO, A. & BATISTA, N.A. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: uma aplicação aos desafios do ensino no mestrado profissional. Millenium. UFA, USP, 2020.

APÊNDICES

Apêndice I – Guião de entrevista semiestruturada

Coordenador do Curso de Ciências Sociais – PUC-SP

Introdução/ Âmbito da entrevista

Explicar do que se trata o trabalho, apresentar-se e ter consentimento do entrevistado.

- Autorização para gravar a entrevista
- Perguntar sobre anonimato

Questões de Investigação

Percurso Académico

1. Poderia se apresentar, falar um pouco sobre você, sua trajetória e o que lhe levou a se tornar coordenador e como foi este processo?
2. Qual é a sua especialidade?
3. Foi difícil escrever a tese? Houve alguma dificuldade apresentada pelos professores na escolha do seu tema?
4. Há quantos anos trabalha dentro desta instituição?
5. O que o levou a se tornar professor/a universitário/a?
6. Como era a academia na época em que era estudante? Percebia abertura dos professores para abordar outros temas ou pensadores?

Oportunidades/ Constrangimentos da Universidade Brasileira

1. Explique a importância do Coordenador acadêmico e quais são as dificuldades encontradas como coordenador?
2. Pode dizer se presenciou muitas mudanças ao longo do tempo que faz parte da instituição?
3. Pode dizer na sua opinião quais foram as maiores mudanças em termos de viés acadêmico?

4. No Brasil, muitas universidades são geridas como empresas? Como funciona nesta instituição (privada – publica)? Há algum tipo de patrocínio de terceiros?
5. Passou por algum tipo de constrangimento durante a carreira?

Curriculum

1. Como é a criação de um curso de Ciências Sociais?
2. Como funciona o processo de criação de uma cadeira?
3. Existe algum tipo de critério epistemológico, foco nos clássicos por exemplo?
4. O quanto você faz parte deste processo?
5. O conteúdo e a cadeira a lecionar são definidos por quem?

Aspectos diretamente relacionados com a questão indígena

1. Houve algum professor com alguma proposta de disciplina que aborda outras epistemologias?
2. Qual a sua opinião sobre a abertura para outras epistemologias tendo em vista que consta teologia como cadeira?
3. Há espaço para a filosofia indígena por exemplo? Ailton Krenak, Viveiros de Castro. Por exemplo.
4. Há algum professor titular de Sociais que tenha feito algum trabalho voltado para os problemas indígenas? Poderia ter o contato deles?
5. Dentro da academia, temos muitos sociólogos e antropólogos que debatem sobre a relação natureza x cultura, onde os indígenas entendem esta mesma relação como não dual, de não separação, diferentemente de Descartes. Muitos pensadores como Edgar Morin dialogam sobre como esta separação trouxe problemas para a sociedade moderna. Tal abertura para as epistemologias indígenas, não seria de bom aprendizado acadêmico assim como os clássicos?
6. Na sua opinião, existe relação entre globalização epistêmica, cultural e racismo?

Futuro

1. Como você enxerga o futuro da Universidade e da PUC?
2. Acha interessante que exista essa abertura para outros tipos de conhecimento?
3. Com as políticas de acesso como, cotas, fies e pro uni, como você enxerga a universidade hoje, houve mudanças em termos de viés de estudo e relação professor aluno?
4. Presenciou muitos choques e como você vê o futuro? Lembrar 2016 quando policiais agrediram estudantes contrários ao então candidato Jair Bolsonaro em frente a universidade.
5. Tem alguma questão que me queira colocar?

Estudantes Indígenas

Introdução/ Âmbito da entrevista

Explicar do que se trata o trabalho, apresentar-se e ter consentimento do entrevistado.

- Autorização para gravar a entrevista
- Perguntar sobre anonimato

Questões de Investigação

Percurso Acadêmico

1. Poder-me-ia fazer uma breve apresentação e falar um pouco sobre você?
2. Como foi a sua experiência de infância, adolescência, e a sua experiência escolar?
3. Sentiu estranheza nos temas abordados na aula de história como fatos históricos?

Oportunidades/ Constrangimentos da Universidade Brasileira

1. Como foi a transição da escola para a Universidade? Houve necessidade de adaptação?
2. Houve alguma situação constrangedora durante o período acadêmico?
3. Como é/foi a relação com os colegas, professores e coordenação do curso?
4. Sente algum tipo de tratamento diferente por parte destas pessoas? Se sim, porquê?

5. Explique a importância dos estudos para você?
6. Como era/é a academia na época em que era estudante? Percebia abertura dos professores para abordar outros temas ou pensadores?

Aspectos diretamente relacionados com a questão indígena

1. Como podemos valorizar a cultura e os saberes indígenas?
2. Como levar os conhecimentos indígenas para as universidades?
3. Porque as universidades ainda segregam tanto os alunos, porque não temos muitos indígenas a frequentar as universidades?

Futuro

1. O que significa ser indígena hoje no Brasil?
2. O que você espera do futuro meu amigo? Seria possível combatermos o etnocídio pela educação escolar e acadêmica?
3. Está confiante para as eleições?
4. Tem alguma questão que queira colocar?

Apêndice II – Transcrição das Entrevistas

Entrevista – José Florenzano

Coordenador pedagógico do curso de Ciências Sociais pela PUC-SP – 20/04/2022

Diogo: Gostaria que o Professor se apresentasse e falasse um pouco sobre a sua trajetória como professor e como coordenador, e como esta transição aconteceu?

José: Bom, eu me chamo José Paulo Florenzano, sou professor da PUC em antropologia, sou formado na PUC, tenho mestrado, doutorado na PUC e pós-doutorado na USP. Você vai se envolvendo em cargos de gestão e isso é parte das nossas atribuições, então você participa de conselhos didáticos, conselho da Faculdade, chefia de departamento e virar coordenador é uma possibilidade que está ao alcance de qualquer professor, desde que a oportunidade surja e que o professor esteja disposto. Foi o meu caso, eu fui convidado a participar de uma chapa como vice coordenador, a coordenadora eleita por uma série de questões teve que abdicar do cargo e eu acabei assumindo e isso foi em 2013. E de lá para cá eu venho então ocupando o cargo de gestão, hora na coordenação, hora na chefia, participando como representante do curso no conselho da Faculdade de Ciências Sociais, foi isso.

Diogo: 2013, eu entrei em 2014, e eu acredito que já foi um impacto, porque eu lembro, por exemplo que a minha sala era uma sala difícil de lidar, as pessoas eram complicadas, 2014 eu lembro que alguns dos alunos, houve um episódio que alguns alunos se trancaram dentro da faculdade e ficaram lá acampando e isso foi logo quando eu entrei. Eu acredito que não tenha sido muito fácil estes primeiros anos, é muito desafiador para o coordenador de um curso como o de Ciências Sociais com tantos pensamentos diferentes, tantos vieses diferentes, tantos percursos acadêmicos diferentes, imagino que não tenha sido muito fácil.

Como é essa interação com os outros professores, há muito embate de conhecimentos, de epistemologias, há muito embate de ego no que tange o percurso acadêmico de cada um, ou é um pouco mais tranquilo esse diálogo com os professores?

José: Eu acho que entram todos estes aspectos na atuação do coordenador, ele acaba exercendo o papel de mediador nos conflitos entre os professores das diversas áreas, há de fato divergências e confrontos no sentido mesmo epistemológico de apontar caminhos para o curso nas áreas que compõem as ciências sociais. Então nem sempre sociologia, antropologia e

política convergem numa mesma direção e aí o papel do coordenador é mediar e tentar encontrar um horizonte comum, capaz de conciliar, ou pelo menos chegar a um consenso. O coordenador também vai mediar o conflito dos professores com os alunos que é o cotidiano e rompe a todo o momento em sala de aula por diversas razões, com os funcionários, com as outras instâncias da universidade, então aí você também tem uma relação tensa e conflituosa das Ciências Sociais dentro da faculdade com outros cursos, então você precisa pensar um projeto que envolve a participação de outros cursos aliados naquilo que você está propondo, der repente como uma reforma didática do curso, curricular, então é uma continua negociação em diversos planos, desde de conflitos de ordem trabalhista pelo contrato de cada professor e até conflitos que se refletem no plano acadêmico, didático e epistemológico do curso.

Diogo: Eu acredito que seja muito difícil trabalhar como mediador, é uma área muito difícil e eu venho percebendo isso aqui em Portugal também, as vezes quando os pensamentos não batem, o caminho, o método não bate, é complicado porque as vezes a pessoa não dá abertura para ouvir porque é aquilo que ela pensa e acaba se fechando um pouco, eu vejo muito esse fechamento aqui em Portugal também, assim por exemplo de professores perguntarem, “Ah vocês vêm do Brasil e só trabalham com este sociólogo, só trabalham com este antropólogo.” Isso inclusive já ouvi sobre a PUC, porque eu estou estudando aqui na Universidade de Lisboa e já encontrei alguns colegas da PUC e todos dizem a mesma coisa, que os professores dizem, “Ah vocês que vêm da PUC tem uma cabeça mais voltada para este lado e eu acho isso engraçado como eles percebem isso. Porém é uma batalha porque quando as vezes a gente tenta propor alguma coisa diferente, os professores tentam enquadrar a gente naquilo que eles têm mais familiaridade e as vezes acaba gerando esses embates. E eu vi isso um pouco na PUC também, eu entrei em 2014, nessa época já havia, Pro Uni, FIES e eu percebi que houve também uma abertura muito grande no curso para pessoas de outras camadas ou extratos sociais e eu percebi que isso gerou muito conflito com os professores dentro da sala de aula por conta dos conteúdos também. Eu lembro que a gente teve uma aula, eu acho que era de Sociologia e estávamos estudando sobre Machiavel e alguns alunos saíam da sala nervosos e batiam a porta. Foi interessante para mim ver essa abertura e esse embate epistemológico, onde de repente você tem outra camada ali conversando e as vezes o diálogo acaba não sendo muito direto, é onde acontecem os atritos. Mas para mim isso foi uma experiência muito interessante porque eu tenho percebido que o conteúdo produzido tem aumentado muito e essas pessoas que vem de

outras camadas sociais acabam produzindo conteúdo como ao exemplo de artigos voltados para outras questões sociais que são muito importantes.

Eu tive um episódio no segundo ano que aconteceu mais ou menos isso também, não vou mencionar o nome da professora porque agora também já passou mas foi uma cadeira, uma disciplina que no final do semestre a pessoa enviou uma mensagem para todos os alunos porque alguns reprovaram e nesse e-mail ela dizia que nós não tínhamos a capacidade intelectual para ser dos alunos da PUC e isso me doeu muito porque o que aconteceu foi o seguinte, no semestre seguinte os alunos que eram do ProUni, FIES muitos saíram, é era aquela camada de “classes” um pouco mais baixas que acabaram entrando por políticas de inclusão e o que aconteceu é que do meio para o final mudou, esses alunos saíram, tenho uma conhecida minha que foi fazer a sociologia na USP e alguns acabaram saindo.

No último semestre nós tivemos aula com essa pessoa de novo e eu disse para ela no último dia como *feedback*, ela perguntou e eu disse por que, a gente como sociólogo e antropólogo, a gente estuda muito sobre gentrificação, desigualdade social e sobre as etnias e problemas sociais principalmente, é triste que ela não conseguiu enxergar isso dentro da própria sala de aula.

Isso foi algo que mexeu muito comigo e ela e ela pediu desculpa claro a gente fez as “pazes” vamos dizer assim mas essa lance, essa coisa do ego é muito forte nos professores e eu sinto isso e isso acaba fechando muitas portas para os alunos porque eles não se sentem a coragem de perguntar de entrar em embates, alguns sim a gente sabe, mas alguns não, eles se fecham e foi por isso que eu perguntei do conflito que realmente não deve ser fácil, não foi fácil para mim como aluno eu imagino no caso de um coordenador que precisa mediar professor, funcionário, a relação entre todos eles, os alunos, o conteúdo acadêmico, o viés epistemológico, então eu acredito que realmente seja uma tarefa muito difícil e aí entra a minha pergunta.

Nessa criação do conteúdo programático, na criação das disciplinas, o quanto do coordenador, como funciona esse processo de escolha de uma disciplina, de criação de uma disciplina, o quanto tem o papel do coordenador e o quanto que tem o papel do professor e assim vai nessa questão de escolher o viés epistemológico, esse semestre nós vamos abordar por exemplo, no segundo semestre teve de Marx em sociologia e depois Webber e por assim vai, então como é que funciona professor essa escolha de “clássicos”? A escolha é por parte dos professores ou é tudo feito em conjunto?

José: Então você tem uma instância no curso, todo curso aqui tem que é o núcleo estruturante, um núcleo didático estruturante NDE e essa instância é composta pelo coordenador e por representantes das áreas do curso de antropologia, sociologia e política e essa instância, ela delibera a aplicação do projeto pedagógico do curso, o andamento, ela recolhe as sugestões críticas de alunos e professores, sugestões e essa instância que vai então pensar a renovação do curso com a introdução de novas disciplinas, o quanto o curso contempla correntes teóricas importantes e essa mescla dos clássicos e contemporâneos, ela também perpassa essa preocupação do curso do NDE mas ela pertence a autonomia do professor, então no fundo é uma composição que envolve a autonomia do professor em abordar uma determinada temática, colocando na bibliografia do curso os clássicos e os contemporâneos, cada professor encontra a dosagem que ele considera mais correta mas está pressuposto pelo projeto pedagógico do curso que exista esse equilíbrio, então você tem que ter os clássicos mas o curso tem que acompanhar o desenvolvimento do debate acadêmico, epistemológico, então assim não é uma decisão é centralizada no coordenador ele não é uma figura onipotente, mais uma vez ele faz o papel do mediador, mas ele também tem Claro a autonomia de propor disciplinas, autores, temáticas, preocupado com a renovação do curso.

Diogo: O projeto pedagógico, ele nasce dentro de um conjunto de pessoas, professores, coordenadores e a reitoria. Como é que funciona a criação deste projeto porque os professores precisam trabalhar disciplina dentro do projeto pedagógico, eles também não podem criar algo de fora, eles têm autonomia para criar a disciplina, mas desde que seja dentro do projeto. Quem é que define o projeto professor?

José: O projeto pedagógico do curso chamado PPC, ele é produzido pelos professores do curso de ciências sociais, de história, cada curso produz o seu documento e ele é normalmente elaborado pelo NDE, pessoas que estão mais diretamente envolvidas com essa gestão do curso, mas cada área contribui com propostas, de ementas, também de disciplinas, então na verdade, no fundo ele busca ser o mais democrático possível no sentido de não excluir nenhum debate, nenhuma proposta e assegurar a cada professor o direito de se manifestar, de dizer se ele concorda, o que ele tem a dizer a propor, então isso começa nas reuniões de área, onde a área de antropologia se reúne e discute, a área de política, de sociologia, o resultado desse debate vai para o NDE, o NDE por sua vez também vai discutir até chegar ao encaminhamento do PPC para as instâncias acadêmicas da PUC, a pró reitoria de graduação e assim por diante.

Diogo: Professor, então o projeto pedagógico ele é um projeto aberto no caso então, a minha pergunta nesse caso é: existe algum professor dentro da PUC, hoje que tem uma proposta um pouco mais de abertura para outras epistemologias para outras filosofias, por exemplo como a filosofia indígena ou a filosofia de diversas epistemologias africanas, existe algum outro professor que tenta propor essa ideia dentro das disciplinas não optativas, mas dentro das disciplinas principais do curso ou não houve ninguém ainda com essa proposta do professor?

José: O curso ele está sempre atento ao surgimento dessas novas epistemologias, agora o quanto ele está aberto ou mais fechado depende da renovação do próprio corpo docente e esse aspecto particularmente o curso de ciências sociais, ele se ressentia muito da falta de renovação do corpo docente, isso é uma questão que nós temos discutido porque essa renovação é a garantia da abertura para essas correntes que você acabou de mencionar, então para dizer abertamente a você, hoje se discute o quanto o perfil do corpo docente não só das ciências sociais mas da PUC de um modo geral é muito desequilibrado e injusto, você tem poucos professores negros para dizer abertamente isto está sendo então agora reconhecido, discutido e pensado então como sair dessa situação que é insustentável, a luz das transformações que a sociedade tem colocado para a universidade, então assim, o curso ele tem essa prática reflexiva ele tem autocrítica, ele reconhece os limites, as barreiras que são estruturais, porque é um paradoxo, se discute muito racismo na PUC em todos os cursos mas de repente quando você olha para o corpo docente da universidade você se dá conta de que ela reproduz o que se chama do racismo estrutural, então eu acho que isso dificulta ou não garante a abertura que seria necessária para incorporar e dar espaço a essas novas epistemologias que você mencionou.

Diogo: Eu acho isso muito interessante porque é muito perceptível isso, e não é só na PUC, aqui também, são professores que já estão já há 30, 40, 50 anos. Eu acho que a grande questão é essa, não só a renovação, mas a própria atualização do professor, porque eu vejo que muitos professores acabam ficando naquela especialidade e dali não saem, então eu lembro aqui na PUC já aconteceu de eu apresentar um muito antropólogo ou sociólogo novo e aí a gente é trazido de novo para os clássicos não é, mas essa questão da representatividade é extremamente importante porque a gente vê isso também dentro da sala de aula como aluno também. Porque o que aconteceu naquele semestre foi que os alunos de baixa renda né, a gente sabe que muitos deles tem uma cor de pele diferente e a gente não teve uma educação numa escola de ensino médio que pudesse nos dar esse gabarito ou dar esse suporte para entrar numa PUC sem ter nenhum tipo de choque e o que nós sentimos. Isso eu conversei com várias pessoas na época,

que o curso foi voltado já esperando que as pessoas entrem com o nível de ensino médio muito alto, mas não há essa ajuda, desse resgate de conhecimento daquilo que ficou faltando porque por exemplo eu vim de escola pública, então assim, tem certas coisas que já eram esperadas que eu soubesse, que eu não vi na escola não é, enquanto os alunos que tiravam as melhores notas estudavam nos colégios mais caros de São Paulo, e a gente sabe que a PUC tem alunos que têm poderes aquisitivos dos mais variados, então a gente percebeu que esses alunos que vinham de escolas públicas por exemplo eram os que mais sofriam para se “adaptar” nos primeiros semestres e o que eu senti é que alguns professores, são ótimos professores, tem um conhecimento enorme, mas tem essa coisa dessa hierarquia, essa dificuldade de ser professor mesmo, porque ele/a pode explicar aquilo e virar uma *lecture* não é, estou aqui palestrando mas para ser professor mesmo, precisa ensinar né, e gente sentiu falta disso no começo. Porque se dá abertura para as pessoas entrarem né, mas essa continuidade às vezes é difícil porque as pessoas se sentem perdidas, eu no começo, me sentia perdido, eu só disse que iria continuar porque enfim eu saí do Brasil muito novo, morei na Austrália 8 anos, morei na Alemanha 2 e voltei para o Brasil e falei: “não! Eu voltei para cá para fazer isso e eu não vou sair daqui”, então eu fui teimoso, mas eu vi muitas pessoas infelizmente desistindo e dizendo: “assim não! Para mim está complicado, por isso é muito puxado para mim”, é nítido! Se você olhar o meu histórico nos primeiros semestres, são terríveis, depois as coisas vão melhorando porque depois a gente já está mais acostumado, a gente já sabe como é que se faz uma pesquisa, a gente já sabe e enfim a gente já aprende as nuances do curso de ciências sociais. Por exemplo, eu também nunca fiz uma entrevista e eu tive isso aqui comigo também, os professores falam: “mas os alunos da PUC que geralmente vêm aqui, eles fazem trabalhos ótimos”.

(Problema com a internet...)

Voltei, tive um problema técnico!

Como é como eu ia dizendo a gente sentiu essa dificuldade, mas depois mais para frente as coisas foram melhorando, mas era mais esse começo, realmente foi difícil essa questão de lidar com os egos né, a gente teve professor que não queria discutir nota porque disse que só iria discutir com quem tivesse capacidade intelectual de falar com ele, tipo, são agressões desnecessárias, são gratuitas até, eu via que as pessoas às vezes saíam da sala muito tristes mesmo porque não conseguiam conversar e dialogar. E acho que essa abertura é importante porque às vezes os professores se acomodam não é, e acabam criando essa coisa muito espaçada e eu acho que nós estamos aqui para criar pessoas reflexivas. É o que o professor disse não é,

eu acho que a sociedade acaba fomentando e trazendo mudanças não é, a minha ideia desse trabalho é, eu não quero mudar universidade de baixo pra cima, de trás pra frente porque eu acho que ela já tem uma estrutura que precisa ser mudada, mas eu acho que isso requer tempo, mas abrir uma discussão que a gente possa falar justamente sobre isso, racismo estrutural, abertura para outros professores, a abertura para outras epistemologias ainda mais no Brasil que vem sofrendo tanto, os indígenas vêm sofrendo tanto com preconceito, perda de Terra, enfim, eu acho que é uma discussão sadia não é. Eu acho que a universidade precisa se atualizar né, e fazer com que isso seja realmente um debate, o que eu vinha percebendo nesse estudo que eu venho fazendo até agora é que esses centros de estudos que não são universidades, mas são estudos abertos justamente para outras epistemologias, acabam fazendo com que esses debates sejam fomentados e querendo ou não, eles acabam entrando na universidade. Porque acaba criando tanta força fora que acaba querendo ou não, sendo trazido, porque a força da sociedade é tão grande que a gente acaba sendo obrigado a trazer o debate para o meio acadêmico. É interessantíssimo centros de estudos decoloniais que é o estudo do momento agora não é.

Como o senhor percebeu por exemplo, já que estudou na PUC também, há muito tempo dentro da instituição, você chegou a perceber muita mudança nesses últimos anos que você passou pela PUC, em termos de corpo acadêmico ou em termos de viés epistemológico, até a própria PUC não é, por ser uma universidade católica, você conseguiu ver muita ou alguma abertura, é que por exemplo a gente ainda tem teologia na PUC, mas a gente consegue ver alguma abertura ou possível abertura para o futuro?

José: Então é o que eu falei para você, isso é perceptível na minha trajetória porque os professores com os quais eu tive aula, eles continuam dando aula hoje, então isso de certa maneira dificulta essa renovação de linhas de pesquisa, de aporte teórico, diálogo com a sociedade, para acolher essas novas tendências, tudo isso então acaba se transformando num empecilho, e mais uma vez, poderia ter dentro do curso muito mais África por exemplo, diáspora, toda essa temática, e ela não está presente pela questão já apontada, a representatividade dos diversos grupos dentro do curso, então sem dúvida alguma é um problema que precisa ser encarado e discutido e superado, mas eu acho que é aí que está a barreira entendeu.

Diogo: É justamente esse diálogo, nessa abertura, eu acho isso interessante porque eu vim para Portugal para fazer esse mestrado e chegando aqui eu percebi que eu não conhecia nada de África, assim, tudo que eu conhecia era o que eu sabia do Brasil, uma questão que eu também

eu frequento religiões afro-brasileiras, a umbanda, mas é tudo tão raso e eu cheguei aqui, eu acho que nunca aprendi tanto de África como eu venho aprendendo agora em Portugal, porque existem tantos imigrantes aqui, tantos refugiados, tantas pessoas, a presença africana aqui é tão maciça, na própria universidade eles têm estudos africanos e então você tem uma presença eu aprendi diversas coisas e no meu primeiro dia de aula eu já tive um embate com uma professora justamente porque eu tenho esse costume de falar da África e conhecimento africano, epistemologia africana e ela sempre me corrigia porque ela é portuguesa e na verdade os pais são portugueses mas ela é nascida na Guiné-Bissau, eles são chamados de retornados, ele estavam morando na África e voltam para Portugal. E ela sempre corrigia porque ela falava, África não é um país, é um continente, você está falando de que África, existem várias áfricas e isso para mim já foi logo um primeiro sinal vermelho, eu falei cara, eu preciso estudar muito mesmo, e aí eu me perguntava porque eu sentia essa falta na universidade por exemplo, Stuart Hall sobre diáspora, tem tanta coisa interessante para a gente estudar e eu sinto isso, falta África e falta o nosso que é indígena também que é cultural. Eu vejo na Austrália a abertura que eles têm para os aborígenes, na Nova Zelândia, os neozelandeses quase todos conseguem “falar” entender a língua maori e conhecem os costumes maori, eu sinto falta disso no Brasil, isso precisa ser fomentado, são culturas muito bonitas. É engraçado porque por exemplo eu falei com o professor Edmilson esses dias, eu perguntei para ele sobre conversar e eu falei sobre a minha ideia, justamente essa ideia que o indígena não acredita nessa separação natureza e cultura, e o professor, ele estuda com Edgar Mohin que também faz essa conversa, e aí que entra a questão engraçada, ele falou “eu não conheço essa área mas você quiser eu tenho um texto do Edgar Mohin” e aí que me bateu porque eu falei poxa, mas é a mesma área, o indígena está falando da mesma coisa que o Mohin está falando, porque a gente não pode fazer isso, não tem problema em ensinar Mohin, mas porque não dizer que as epistemologias indígenas também abordam essa temática muito antes do Mohin, muito antes, essa questão de não separação, essa ideia dualística do De Cartes não existe para o indígena, então eu acho interessante que a gente tenha essa abertura, e não é mudar o conteúdo ou cortar totalmente conteúdo programático da cadeira mas é perceber que as epistemologias conversam e que tem muita coisa interessante. Se a gente for pensar hoje também, quanto conhecimento indígena não foi tirado e virou capital, depois remédios, substratos de plantas da Amazônia enfim, então esse reconhecimento de uma epistemologia eu acho que é interessante, aqui em Portugal tem um sociólogo, Boaventura Sousa Santos, ele fala muito sobre isso, sobre a ecologia de saberes que é justamente essa abertura para que a gente consiga trazer para academia certas discussões que

são importantes para enfim, abordarmos sobre racismo, sobre igualdade de gênero, então eu acho que é uma discussão muito interessante, ele morou um tempo no Brasil, morou no Rio, fazendo trabalhos em favelas, ele tem uma didática, uma teoria muito interessante.

Fale um pouquinho sobre a sua especialidade, eu sei que a sua especialidade, a sua área é de esportes, e eu falei, eu preciso conversar mais com o professor, é uma área que me interessa muito. E como é que se deu esse gosto, foi uma coisa desde pequeno, você sempre teve esse interesse, e por que antropologia do esporte?

José: É uma área consolidada a antropologia do esporte dentro e fora do Brasil, o interesse vem desde a época que eu tentei ser um atleta profissional, não deu certo e eu virei antropólogo, e recentemente eu tentei apresentar uma proposta de um curso de graduação sobre esporte, mas não baseado na educação física, baseado na Humanidades, então assim é um campo de pesquisa e estudo muito interessante, ele é acolhido pelas ciências sociais acho que as ciências sociais é bacana porque ela acolhe todas as temática, mas o momento no Brasil hoje é muito adverso para a academia de um modo geral, então nós estamos nas trincheiras nos defendendo e nesse momento é até difícil você pensar a renovação dessas linhas de pesquisa.

Diogo: Sim, é interessante por exemplo falar em esporte nessa questão até do desenvolvimento humano, do caráter da pessoa, da pessoa como um todo, eu jogava basquete, eu sou da Mooca, nasci na Mooca e jogava no Juventus ia para o Juventus todo dia e depois eu fui para o Corinthians, joguei um tempo, federei, joguei no círculo militar e para mim meu grande mestre foi meu primeiro técnico. Por que o basquete, vamos falar um pouco de antropologia e estar em sociedade, a Mooca é um bairro majoritariamente branco de descendentes italianos, minha família também tem um sobrenome italiano, mas eu nunca fui visto como tal por uma questão de cor, eu sempre fui “o de fora”, então eu ia na casa dos meus amiguinhos de família italiana e mamãe falava, “domingo na minha casa a gente come macarrão porque na Itália assim”, e eu ficava assim tá eu sei, minha mãe é branca, filha de italiano, não! Neta de italianos e eu sei que você está falando. Então é interessante isso e para mim o basquete foi um Porto Seguro, porque de repente eu estava dentro de um grupo de pessoas, aquilo vira uma família, o próprio jogo em si é um organismo vivo, porque se um erra todo mundo se perde porque é muito orgânico, então é essa coisa da amizade, da irmandade, do meu técnico eu aprendi tanta coisa com ele como pessoa, sobre caráter, de ser mais humilde, de respeitar, de aprender a competir, de saber perder, eu acho que o esporte é belíssimo por causa disso, porque ele pode trazer tantas lições de vida, de caráter de viver em sociedade, que talvez só a escola comum com esse caráter doutrinário

que a gente tem não consegue suprir. Então por isso que eu achei interessante e eu queria te perguntar por que eu acho uma área que tem um campo belíssimo, dá para trabalhar muita coisa desde a formação da pessoa para viver em sociedade, para mim teve um caráter onde o esporte foi tudo na minha vida, eu acho que sem o esporte eu não seria, eu não teria metade da consciência que eu tenho hoje, então eu acho muito interessante professor.

José: Diogo, daqui 15 minutos eu entro em sala de aula, mas assim, se você sentir necessidade de mais perguntas a gente marca de novo uma outra quarta-feira beleza.

Diogo: a gente pode fazer assim, eu vou fazer a transcrição, se eu sentir que eu tenho mais alguma coisa eu te aviso.

José: é só mandar e-mail cara, estou sempre à disposição, não tem problema algum,

Diogo: muito obrigado pelo tempo, fico muito agradecido

José: Magina! foi muito legal o bate-papo.

Diogo: Obrigado foi muito bom mesmo, precisamos fazer isso mais vezes tomando uma cerveja.

José: mais vezes estou sempre à disposição cara, é sempre um prazer. Grande abraço um abraço.

Diogo: tchau, boa aula professor!

José: obrigado, cara, te cuida aí!

Diogo: Você também tchau!

Entrevista – Emerson de Oliveira Souza
Doutorando Universidade de São Paulo – 09/05/2022

Emerson: OPA estou chegando

Diogo: Olá, tudo bem Emerson?

Emerson: beleza?

Diogo: Tudo tranquilo,

Emerson: Deixa eu acender a luz aqui, tô com a visita de um primo aqui. E aí tudo beleza tranquilo, de boa?

Diogo: Tudo tranquilo Emerson, poxa obrigado mesmo por tirar esse tempo para falar comigo, eu fico muito agradecido mesmo, eu sei que é que o corrido e você está com vários projetos também, então poxa obrigado mesmo. Eu fico honrado e muito feliz, confesso estou até um pouco nervoso com a entrevista, com essa conversa, não quero cometer nenhuma gafe, falar nenhuma besteira, se eu falar alguma coisa me desculpa é pura ignorância da minha parte, mas poxa, obrigado por tirar esse tempo para falar comigo, fico muito agradecido Emerson.

Emerson: Tranquilo de boa, por onde que a gente começa?

Diogo: Então professor, eu queria te pedir se não tem problema de eu gravar essa nossa conversa para outra escrever depois, eu vou tentar ser o mais breve possível para não tomar muito do seu tempo, mas a pesquisa parte dessa ideia de abertura para os nossos conhecimentos, os conhecimentos que vêm do sul global, os nossos conhecimentos locais e eu até tive um episódio engraçado na PUC conversando com o Emerson, Edmilson perdão! que é um professor de antropologia não sei se você teve aula com ele. E eu estava aqui justamente falando sobre os conhecimentos indígenas sobre essa questão da não dualidade, dessa conexão, dessa não separação entre natureza e cultura e ele poxa, não é da minha área, não conheço e aí ele vai me falar para eu ler Edgard Mohin que fala enfim, é a versão europeia tentando falar a mesma coisa e foi aí que eu que eu falei poxa vida né, nós temos tantos conhecimentos tão interessantes tão importantes que são nossos e a gente acaba olhando para fora para um antropólogo, para um sociólogo e a gente não olha para aquilo que está lá está aqui dentro que é nosso eu venho estudando sobre.....

Emerson: espera um pouquinho só então...

Eu Acredito que um dos problemas sérios mesmo é essa, ontem eu estava falando na aula de doutorado, justamente sobre isso, a gente está fazendo uma apresentação e a gente tinha um debate e tal e o pessoal falando sobre os nativos, porque os nativos, porque o nativo eu peguei e falei para ele, falei olha!

Os indígenas nem curtem essa ideia né porque é um conceito digamos assim para ocidental, e antropologia acabou comprando essa ideia, no mundo das palavras e convenções que a antropologia cria e no final a gente acaba, meu, ele tentou me justificar porque fulano ciclano beltrano citava nos textos dele eu falei gente você não acaba você quando você não está entendendo os indígenas não gostam desta palavra ponto não adianta você querer me justificar com teóricos com isso com aquilo vai não vai adiantar então e aí ele começou a falar do racismo e tal que ele entrevistou uns haitiano, os haitianos diziam que não tinha racismo e aí comecei a falar poxa vai ser difícil essa conversa desse encontro de ontem, tanto é que nosso grupo de WhatsApp para você ter ideia a gente normalmente brinca conversa tudo, não saiu uma palavra porque o projeto de pesquisa é uma metodologia de projeto de pesquisa II, então como que a gente faz, a gente lê o projeto de pesquisa da pessoa e cada um dá uma opinião disso daquilo que como que pode ser como que, é uma opinião na verdade não é nada, aí ele pegou anotou tudo o que os outros fez e justificou tudo o que os outros fez como quem diz assim eu estou certo vocês estão tudo errado, então quer dizer, eu acho que falta um pouco isso para muitos professores também porque eles tentam justificar tudo o que ele parece que eles que tem o conhecimento, faz parte de uma coisa que eles conhecem a gente não conhece entendeu, e aí como o dos haitianos que achavam de uma pesquisa que foi feita no Rio Grande do Sul, com um grupo de haitianos e os haitianos diziam que no Brasil não existia racismo eu falei assim você acreditou? Porque assim, primeiro você precisa saber de onde que está vindo essa pesquisa quem encomendou esta pesquisa, a quem interessa por que interessa e por que que os haitianos também estão dizendo isso porque eles podem inclusive está sendo coagidos a falar isso. Porque pelo que eu saiba, o Rio Grande do Sul é um dos países um dos lugares mais racistas que existe no país eu falei e outra você tem que tomar cuidado porque você é ciência e como ciência você precisa fazer uma análise um pouco mais crítica porque por exemplo aqui no Brasil a gente tem por exemplo o Sérgio Camargo que é o presidente do Quilombo lá dos Palmares dizendo que no Brasil não teve racismo, no Brasil não teve....

Então você precisa tomar cuidado com essas palavras que a gente vai soltando assim sem muito porque, é tudo o que os caras querem ouvir tudo que os caras querem ouvir entendeu. Então a ciência falei, a ciência tem lado, não acha que a ciência ela é, ela se se coloca na esquerda ela não sei o que! A ciência tem um lado e a gente precisa tomar cuidado com o lado que a gente toma também, na verdade o jogo das palavras porque no fundo no fundo a gente acaba usando essas palavras sem refletir sobre como que essas palavras vão impactar determinados povos falei assim, não é possível você falar que, é até possível que em determinada pesquisa eles tenham dito isso, mas o racismo faz parte da história do Brasil e você como o cientista quer dizer na hora! não é! entendeu por que...

É que eu estou abrindo meu computador aqui eu

Diogo: Eu até ia comentar isso contigo, a minha própria entrada em ciências sociais tem muito a ver com o meu crescimento, com a minha infância, tudo que eu passei. Eu cresci no bairro da Mooca que os mooquense acham que nome Mooca até hoje estava ligado com o café Moka não é que é uma imbecilidade absurda, e isso sim foi mexendo muito comigo cara e foi quando eu saí eu tive a oportunidade, enfim trabalhei muito tempo em shopping vendendo tênis, juntando dinheiro e aí eu saí do país.

Emerson: coitado dos indígenas nome indígena!

Diogo: pois é cara é isso que me revolta meu porque as pessoas não têm noção cara elas vão elas vivem essa ideia europeia estúpida de que quer ser europeu isso é uma coisa que sempre me incomodou e foi quando eu realmente pude sair que eu tive oportunidade de sair da bolha que eu pude poxa eu pude morar na Austrália tempo, morei com uma família australiana que é super engajada na causa aborígine, cara isso eu vi o carinho que eles tem, reconhecimento pela Bandeira pela cultura pela língua, foi uma coisa que me tocou assim cara absurdamente assim e foi o que eu falei que vergonha cara porque no Brasil a gente não tem essas conversas a gente não tem esse olhar, e na Nova Zelândia eu sentia a mesma coisa um apreço pela cultura maori e isso foi mexendo muito comigo e eu tenho sangue indígena tenho sangue africano, minha família é a própria história, essa história do Brasil que é tão triste quando nos tiram a nossa cultura, nos tiram a nossa raiz eu estava dando aula para um grupo de uma comunidade ali na Vila prudente que eu morei um tempo na Cohab ali também e um aluno meu virou para mim e falou assim “ô Teacher, árvore genealógica é luxo”,***** velho e isso para mim também e eu falei pô é verdade cara verdade porque não é a gente infelizmente não tem acesso a nossa

história a nossa cultura porque nos foi tirado não é essa ideia de embranquecimento que São Paulo passou e que vive até hoje né, é muito dura cara e uma coisa que mexeu muito comigo lendo a tua tese, falou muito comigo porque eu sinto que realmente você escreve com o coração cara e isso eu várias vezes tive que parar respirar tomar uma água porque eu falei pô isso é enfim, é aquilo que a gente precisa ouvir a gente precisa aprender a gente precisa escutar e a gente precisa dar abertura para ouvir e a gente precisa ser humilde para aprender e isso tem sido muito interessante para mim realmente ler a sua tese, e cara eu acho que a gente está mais do que na hora da gente começar a ter essas conversas de expandir. E a minha ideia era justamente essa, eu conversei com a professora Marijane, não sei se você se teve aula com ela também a marijane Lisboa e ela estava tentando abrir um curso sobre meio ambiente na PUC, aliás eu vou até falar com ela eu até falei que eu conversar contigo porque ela precisa de alguém que tenha terminado o doutorado e eu não sei quando você termina se você tiver interesse...

Emerson: eu acho que ela não lembra mim...

Diogo: oi...

Emerson: eu acho que ela nem lembrou de mim eu tive uma aula com ela acho, faz muito tempo já nossa, tive uma aula só.

Diogo: Poxa, ela foi assim, ela me ajudou bastante dentro da PUC foi uma das poucas pessoas que realmente eu consegui assim que ter uma conversa, quando eu comentei da Mônica a Mônica que eu tive um episódio muito ruim, essa arrogância dos professores, essa coisa de como você estava falando eu estou certo e acabou, eu vou dar todas as voltas possíveis e imagináveis para provar que eu estou certo porque eu vou te mostrar isso.

Emerson: a Mônica a Mônica ela acabou virando a minha coorientadora depois de um episódio louco assim, eu tive uma nota zero com ela, tirei uma nota zero com ela e eu acho que era o eclipse da razão aquele que eu acho que ela dá aula de razão não é da escola de Frankfurt, não é assim?

Diogo: isso, eu bombei nela em Marx cara!

Emerson: então ela me deixou com zero e eu tinha tido uma aula com Edmilson Biselli, e o Edmilson que deu a aula de Marx e eu fiquei com a média de que com a média 10. Aí eu peguei e falei para ela eu fui do eu fui do céu ao inferno.

Diogo: é cara!

Emerson: do céu ao inferno, tirei 10 com um zero com o outro.

Diogo: pois é

Emerson: aí ela pegou e aí ela começou, passou um outro trabalho a gente começou a conversar tudo mais e no final esse texto que você leu, tem muito a ver também por que eu a fiz ler tudo também, ela leu todo o meu trabalho de TCC tudo mais. Ela Foi começar a entender a minha história começar, aí as coisas foram meio que virando assim conforme foi passando o tempo. Então acho também que a gente precisa ensinar esse pessoal, um indígena que é lá lado de Bauru, ele sempre fala, ele sempre fala isso ele fala assim nós estamos num processo de Indianização, nós estamos Indianizando as pessoas né, e de certa forma eu acho que é isso também as universidades precisam passar por esse processo não é, e o que ele chama de Indianização, eu chamo de retomada não é, que os indígenas usam muito esse termo retomada, eu digo descolonização dos espaços públicos, descolonização dos acadêmicos, descolonização da sala de aula, então eu acho que a gente precisa descolonizar os lugares mas sobretudo descolonizar a mente das pessoas, acho que é um pouco do que está falando aqui, descolonização! Isso está muito, está muito sei lá! Está muito enraizado na vida das pessoas e como fazer isso não é, desraizar um movimento que foi, que a gente fala muito isso principalmente quando tive muito contato com o movimento anarquista aqui de São Paulo não é, e a gente sempre dizia isso, como que você vai fazer porque esse camarada é o próprio fruto do processo histórico.

Diogo: exato!

Emerson: ele é o fruto do processo histórico, a história fez isso aqui, transformou o camarada nisso aqui, você não conhece a história porque a história o levou para esse lado, levou para esse lado, para esse lado. Então que a gente tá falando aqui no Brasil é muito muito um pouco do que a história do Brasil agora, essa história a da negação né, essa história da negação, dos bolsominions e tudo mais, com eles aqui, esse é o que a gente está dizendo. Esse cara é o próprio fruto do processo histórico, um cara que teve uma escola, educação pública muito ruim, da periferia, que a gente está passando por vários problemas de desmonte da educação pública não é, com falta de professores, qualificação de professores, e o que esperar de um aluno que a gente não está conseguindo dar conta de ensinar o que deveria, até porque a história faz o contrário, tem feito o contrário, vamos deixá-lo, vamos levar o cara para esse lado, não para esse, porque

aqui vai dar problema para nós, então quer dizer, é um processo histórico, então não dá, não tem como negar né aqui que a história ela é como você disse uma história negada. Justamente porque essa história oficial é uma história que pode dar muitos problemas. Inclusive quando estou dando palestras, falando sobre principalmente sobre o processo de genocídio indígena aqui no Brasil, eu sempre cito por exemplo o relatório Figueiredo, que foi um relatório, e foi utilizado na época que os caras começaram a discutir a comissão da verdade, os crimes da ditadura militar tal, o relatório Figueiredo era um documento que sempre esteve em posse da Funai e do serviço de proteção ao índio, mas que nunca ninguém teve coragem de ir lá e tirar da gaveta e falar, está aqui ó, sempre teve documento para dizer olha, morreu o indígena da etnia tal, foram dizimados indígena etnia tal, e se você pegar o relatório Figueiredo, está disponível tudo no relatório final da comissão da verdade, pouco vai se você vai ver o termo genocídio indígena, não existe! Temos de genocídio indígena foi retirado do relatório final justamente porque a história não pode mostrar esse lado exato, esse lado e você deixa oficial, você oficializa que o estado brasileiro cometeu várias atrocidades, então isso o próprio Marcelo Zelic tem uma crítica ferrenha, uma briga que ele arrumou dentro da comissão da verdade justamente porque foi completamente modificado o relatório final não é, porque, ação política, ação do agronegócio, ação de atores diversos não é, liberais neoliberais extremistas.

Então é complicado, e eu sempre digo para todo mundo, não existe uma verdade, o que eu posso dizer, uma comissão da verdade, não somente porque não existia uma, porque não tem a presença de uma comissão da verdade indígena essa ainda vai, quando tiver com a verdade indígena aí é outra história. É um pouco do que a gente está tentando mostrar nos trabalhos assim mais atuais né dos indígenas tal, então é uma história que a gente ainda vai construir que vai deixar isso bem claro para a sociedade brasileira, porque é uma outra história então acho que é um pouco do papel da gente né, educadores indígenas, indigenistas ligados à causa de forma séria, está tentando fazer.

E vamos lá não é, eu não sei como que é que você programou aí no final eu acabo desconstruindo tudo o que você...

Diogo: não, mas para mim está ótimo...

Emerson: Que horas são aí?

Diogo: aqui são 2 e 20 a hora que você precisar sair, me fala está tranquilo. São 4 horinhas de diferença. Mas isso é algo que eu também presencio muito aqui, a gente ainda fala de

descobrimento, pessoal ainda que fala de descobrimento ***** tipo, aqui eles tem o monumento dos descobrimentos, os heróis do mar.

Cara, é uma é uma é uma...

Emerson: espera só um pouquinho aqui

Diogo: pode falar

Emerson: parece que chegou, deixa eu ver se chegou o lixeiro aqui. Se chegar o lixeiro eu preciso tirar o carro do meu primo.

Diogo: Fica tranquilo, fica tranquilo.

Mas isso é muito doloroso é muito dolorido cara e voltando a Mônica super rápido, eu tive essa oportunidade de ter essa conversa com ela, eu tive Marx com ela no segundo semestre a gente reprovou só que, só reprovaram os Pro Uni e Fiéis ou seja os cotistas não é, e o pessoal que sempre estudou em escola, eu vim de escola pública, e o pessoal que sempre estudo em escola particular que gastava uma grana, os pais têm dinheiro caramba, foram super bem, só que ela mandou um e-mail tão mal criada dizendo que nós não tínhamos capacidade intelectual para sermos alunos da PUC, pô cara e aí sabe qual que foi o grande problema, todos saíram só ficou eu e mais um, o Chico, ficamos só nós 2 no último semestre o pessoal queria ter a Mônica de novo eu falei pô não quero, prefiro ter outro professor, “mas ela é boa” não interessa pra mim não dá já deu, aí fui voto vencido ok, último dia de aula do último semestre ela perguntou se alguém tinha alguma coisa para falar, falei poxa Mônica eu tenho, você estuda gentrificação, você estuda tantas desigualdades como é que você não consegue ver isso dentro da sua sala de aula, o teu e-mail que eu vou te dizer, eu lembro e-mail de cabeça eu nunca esqueci, eu disse o e-mail pra ela, cara ela começou a chorar, ela percebeu como aquilo é agressivo como aquilo é agressivo que não é uma agressão sabe a as pessoas saíram assim tristes magoadas e muitas acabaram até saindo da universidade para não estudar mais a única eu conheci foi uma menina que foi para a USP mas de todos que a galera parou e eu falei isso que você fez é terrível e ela pelo menos me ouviu agora o marido dela de antropologia que agora esqueci o nome, acho que era Guilherme, aquele lá é impossível também a gente conversar aqui ela nem que ele dá sem chance.

Emerson: Quem era?

Diogo: acho que era Guilherme, ele dava antropologia também mas ele falava muito sobre totemismo sobre aborígenes enfim, mas é um cara completamente escroto é o típico eurocentrista que está olhando as pessoas de cima para baixo aquela coisa hierárquica eu só vou conversar com quem tem um intelecto igual ao meu, ele era este cara, então assim a PUC para mim foi uma experiência muito difícil. Por sorte eu tive a Lili em antropologia e ela me ajudou demais a escrever a minha tese sobre gentrificação e racismo no bairro da Mooca. Pra mim foi justamente essa libertação minha de poder botar para fora tudo aquilo que eu sempre estava entalado dentro de mim e por isso que eu me identifiquei muito com a tua tese cara, é escrito é com o coração e não é aquela coisa que muitos sociólogos antropólogos infelizmente carregam que aquele ego, eu sou especialista isso e aquilo e eu acho isso uma imbecilidade total porque a verdade a gente está aqui para mudar para mudar e ajudar as pessoas a acordarem né cara porque parece que a gente está em coma e aquilo que você falou de São Paulo com os telefones do ciborgue a gente está em coma a gente está conectado e desconectado, nunca fomos tão desconectados né cara e enfim para mim isso é extremamente terrível e aqui em Portugal cara me lembra o Brasil dos anos 90. É muito, muito atrasado ainda, é muito difícil, eu tenho um professor que chegou para mim, pode falar pode falar...

Emerson: Deixa eu te falar uma coisa antes que eu esqueça, eu não sei se você já assistiu mas eu acho que valeria a pena inclusive você usar no seu trabalho que é um documentário chamado o relógio e a bomba marca aí, está no YouTube relógio e a bomba é um documentário de 2003 ou 2 se não me engano, mas foi sobre a comemoração, não sei se você estava no Brasil aqui, a comemoração dos 500 anos de Brasil, eu não sei se você lembra a comemoração dos 500 anos do Brasil tinha aquele relógio da Globo espalhado por várias regiões do país e no final os caras construíram uma caravela que chegou em Porto Seguro que estava o presidente de Portugal o presidente do Portugal, Fernando Henrique Cardoso e aí os caras criaram

Diogo: eu não lembro disso meu...

Emerson: então, mas é bom porque você agora me fez lembrar desse episódio e os caras construíram assim, uma imagem, vários indígenas fantasiados dançando enquanto passavam Fernando Henrique, o presidente de Portugal então quer dizer uma imagem assim completamente folclórica enquanto isso do lado de fora cercado pela polícia, estava o MST e o movimento indígena, não puderam participar do evento então foi um evento restrito aos políticos então tem, você vai ver, estou dando um spoiler do filme, mas é para você ver o quanto esse trabalho aí que você está fazendo é um trabalho que pode entrar assim uma crítica bem

interessante sobre inclusive o que você está falando sobre esses monumentos né então quer dizer se por um lado os Bandeirantes são adorados em São Paulo um papinho por outro lado não é diferente Portugal e a maneira como Portugal também...

Diogo: é romantizado não é cara é tudo romantizado assim quem fala dos quando a gente quando as pessoas falam aqui das aspas né descobrimento é uma versão tão absurdamente romantizada porque o português com as palavras né eles escrevem coisas você consegue até dizer uau! Eu até brinco eu falo “vocês” com as palavras realmente tenho que dizer, mas deixa de romantizarmos, vamos ser honestos, vamos contar a verdade sabe, chega de descobrimento isso já não dá mais e aqui é bizarro você vai no museu aqui, são os heróis do mar que lutaram contra os demônios dos mares para chegar até meu, é triste.

Emerson: Eu imagino, mas é assim aqui é como os indígenas têm uma somos um minutinho...

Diogo: Desculpa te atrapalhar aí Emerson...

Emerson: não é aqui é aqui é 10 horas da manhã e normalmente coloco o lixo num horário vamos dizer assim que ele está passando porque como está cheio de cachorro eles rasgam tudo e fica aquela...

Mas super legal o que você está falando justamente para mim também entender o contexto de Portugal, eu não conheço bem, a gente às vezes faz a crítica sabe como que isso está sendo lá fora eu não fui ainda para Portugal eu fui um tempo atrás na verdade um tempo bem atrás mesmo em 2013, 2012 para 2013 eu fui para os Estados Unidos. Eu fui para a Califórnia eu fiquei lá um mês numa universidade, eu acabei conhecendo antropologia lá da universidade de La Verne que eu penso assim voltar lá depois para dar uma aula quem sabe mais a frente dar uma aula, mas eles estavam bem ligados assim uma questão bem, é uma antropologia digamos assim arqueologia né, mostrar os fosseis e tal, não é essa antropologia de mostrar os indígenas, mas até tive uma aula interessante, um filme que se eu não me engano era Jerônimo, indígena norte-americano não sei se era navajo ou Sioux uma coisa assim e contava um pouco deste massacre eu assisti um filme lá do professor, eu senti que eles também tinham um olhar voltado para uma história norte-americana de massacres e genocídios eu achava que isso batia muito com o que a professora que eu tenho aqui que a professora Beatriz Perrone Moisés inclusive não sei se você, há estou sem ele aqui se você já leu se não leu te mando depois, mas é o livro do David Kopenawa que é a queda do céu, já ouviu falar?

Diogo: já...

Emerson: eu tenho ele em PDF se você quiser eu te mando, e ela primeiro não tem nada a ver com o que eu falando, eu só estou citando ela porque ela Foi a que fez a tradução do francês porque ele primeiro foi lançado na França para depois ser lançado aqui no Brasil e ela que traduziu do francês para o português, é a professora que é a minha coorientadora a Beatriz Perrone Moisés e ela sempre me fala falou Emerson os indígenas norte-americanos eles falaram muito e discutiram muito essa questão da destruição da natureza, nunca os ouviram.

Diogo: pois é

Emerson: Os desastres que existe nos Estados Unidos né...

Diogo: Touro Sentado, isso já lá atrás, a gente fala da crítica do Marx, eu estava até falando isso com a professora Marijane mas ninguém escutou o Touro Sentado dizendo que quando acabar, quando a gente exaurir todos os recursos naturais, o que a gente vai comer, dinheiro?

Emerson: então os norte-americanos sempre fizeram essa crítica sempre e ela sempre fala assim para mim me parece a gente espera que não óbvio que não mas o Brasil está entrando no mesmo no mesmo caminho né, de destruição de massacre de genocídio continuado e que a gente não quer que daqui a 200 anos a gente poxa, a gente devia ter ouvido os indígenas tudo lá virou parque tudo virou agronegócio tudo virou um lugar onde você coloca uma ficha para entrar né, tudo é comércio e entrando nesse mesmo caminho né da privatização não só das empresas mas da própria da própria das próprias florestas se transformando em parques, o próprio conceito aqui que a gente tenta destruir e os próprios indígenas aqui rebatem muito que é o do Xingu, eles odeiam que falam esse nome parque, não! Isso aqui não é parque, isso aqui é um local onde foram trazidas inúmeras etnias num processo de avanço do agronegócio da retirada de território, estão aqui inúmeros povos de diversas línguas e grupos étnicos diferentes num lugar só e chamaram de parque...

Diogo: porque aí dá aquela ideia imbecil, não é um zoológico ***** não é um Simba safari né, e essa mentalidade eurocêntrica estúpida, ah vamos lá todos agora ver os indígenas. É terrível!

Emerson: É Uma crítica que os próprios indígenas não gostam disso, então um pouco do que a Beatriz fala é sobre isso mesmo fala poxa a gente precisa ouvir mais os indígenas a gente precisa pensar mais como eles porque são um caminho completamente contrário um caminho

interessante né e nesse sentido eu queria até te indicar saber se eu acho aqui é um vídeo né, que é do Eduardo Viveiros de Castro, você conhece ele?

Diogo: Conheço sim.

Emerson: Então, ele tem um vídeo no YouTube que eu acho super bacana que ele faz assim uma ele fala um pouco sobre esse perspectivismo...

Diogo: perspectivismo ameríndio né...

Emerson: e ele faz uma palestra que eu acho que é de mais de 1 hora ou 2 horas, eu não sei aonde que exatamente agora onde, ele termina né nesse perspectivismo ameríndio exatamente no que no que eu acho que a gente precisa começar a pensar como enquanto povo que é uma crítica à esse modelo capitalista que foi criado e que talvez os indígenas estejam muito profundamente fazendo essa discussão e não estão se dando conta, o tamanho dessa crítica até porque a gente sabe que aqui no Brasil está passando por um momento muito sério porque eu acho até como eu sempre falo para o pessoal da antropologia que assim não sei se você viu eu sempre coloco a minha, eu escrevo praticamente em primeira pessoa eu me coloco dentro do projeto eu falo de mim mas ao mesmo tempo eu sempre digo que não estou falando de mim, é de nós então existe um coletivo de pessoas que estão dentro do que eu falo então é um eu, nós que eu sempre coloco mas é justamente para tentar trazer para os pesquisadores. Eu observo muito isso na antropologia, principalmente esse pessoal que participa do doutorado, mestrado é que faltam eles, é como se eles estivessem incorporando uma ciência onde eles não estivessem dentro, eles ficam de fora do fazer ciência e eu sempre falo para eles que é o seguinte que é preciso incorporar inclusive o nosso momento histórico, o que nós estamos vivendo enquanto povo indígena, então qual que é o momento hoje do Brasil, é um momento em que a gente assumiu no país um presidente da extrema direita, um país, um presidente que tem resquícios, que utiliza resquícios vamos dizer assim da ditadura militar não é, então esse nacionalismo que foi uma coisa tão terrível para os povos indígenas até porque os indígenas são nações num outro sentido da palavra não esse nacionalismo desenfreado que o Brasil está passando neste momento, e não é só o Brasil, são vários no mundo que estão passando por esse processo, você viu ali na Europa até a eleição do Macron né, extrema direita quase levou e apareça....

Diogo: aqui também cara, a extrema direita com o partido chamado chega do Ventura, eu até falo com os portugueses eu falo “olha, não cospe para cima que cai na testa” esse cara está chegando esse cara tem um poder já absurdo ele é o Bolsonaro ele tem o mesmo discurso do

Bolsonaro e ele é amigo da polícia os neonazistas da polícia amam ele, eu falo, vocês ficam falando do Brasil e não sei o quê, aguardem aí porque eu falo Portugal é o Brasil dos anos 90 mas o Bolsonaro chegou mais cedo então se preparem.

Emerson: Então, só voltando no Eduardo Vieira de Castro mas depois você procura no Youtube como um vídeos que ele fala sobre o perspectivismo ameríndio e eu sempre falo que é preciso contextualizar o que a gente está vivendo no momento recente dentro dos nossos trabalhos justamente porque no que se refere aos povos indígenas existe políticas integracionistas que eu sempre falo no meu trabalho mas que são políticas atuais, então é integrar o indígena a sociedade nacional, é integrar um indígena num processo de nação, quer dizer é preciso desconstruir toda essa ideia de nação que os indígenas constroem, de viver outros modos de ser né, um modo de viver o bem viver indígena.

Isso é totalmente desconstruído por essa ideia de nacionalismo até porque quem está por de trás do nacionalismo é o capitalismo mesmo porque ele vai é destruindo as inúmeras etnias que existem no mundo inteiro porque essas etnias dão uma ideia de que existe 1000 mais de 1000 nações de povos, e o capitalismo rodeia essa ideia de 1000 nas ações tem que ter 200 nações.

Diogo: Ordem e Progresso né

Emerson: tem que ter 200 países e diminuindo e diminuindo cada vez mais esse número para ir concentrando não é, o capitalismo vai controlando isso então tem um texto que eu acho que eu vou até te indicar também que é um texto de uma mexicana que eu esqueci o nome dela agora mas eu vou te mandar depois que ela fala isso exatamente, ela fala assim o capitalismo, porque como México o México sofreu muito não é com essa violência capitalista né, mas ela sempre diz, ela falou assim, o capitalismo ele vai destruindo os outros povos grupos étnicos justamente porque ele não aceita essa ideia de outra nação não é, isso é muito bem pensado estruturado não é uma ideia quanto é que aqui no Brasil a gente vive uma coisa assim muito maluca né uma Extrema direita liberal mas com a presença assim de um de um neomilitarismo, é uma coisa assim muitos nova ter não é, porque é o neoliberalismo junto com os militares não é, assim, uma coisa muito maluca aquele cara que diz que nunca ia privatizar e de repente privatizou quase tudo aqui, e um cara que é da escola de Chicago que esse ministro da economia.

Diogo: Paulo Guedes.

Emerson: que é um cara um liberal Terrível que odeia pobre que não está nem aí para pobre que o negócio deles é eles estarem bem e o restante parte desse processo que foi construído na história que a gente chama de sei lá de repente é tipo dia que.... então quem chama aqui é tipo a gente pode dizer que está acontecendo aqui é um determinismo geográfico um evolucionismo a moda Brasileira, ou talvez uma teoria novamente do Newton como que é da evolucionismo que é aquela do... mas é ligado a uma ideia de que existe povo superior, eu nunca vi uma coisa assim tão maluca que está acontecendo no Brasil sabe o que existe uma ideia de que pobre ele tem que sempre trabalhar ele tem que sempre produzir mais para ser sempre pobre é uma coisa assim rico é rico porque na história eles tiveram que ser rico, predominar sempre os pobres mas uma coisa assim muito maluca

Diogo: aquela história da ética protestante e o espírito do capitalismo não é, o *self-made men* que eu vou buscar a minha Felicidade né que é pela força do trabalho, a meritocracia e toda aquela groselha.

Emerson: Você já ouviu falar por exemplo em um termo chamado que a gente está vivendo o BBB no Brasil não?

Diogo: Não.

Emerson: Então é porque a gente que é do do movimento indígena, a gente diz o seguinte que o Brasil vive um BBB, que é um movimento do agronegócio, que a gente chama da bancada do boi, da bala e da bíblia dos evangélicos. Esse é o BBB que a gente chama aqui no Brasil de um movimento indígena, o BBB do Brasil é essas 3 poderosas bancadas políticas no Congresso Nacional que neste momento a tomar o poder junto com o presidente. Eles estão desmontando todas as políticas sociais, políticas que possam atender aos interesses da população, então hoje nós estamos numa briga ferrenha aqui no Brasil justamente porque o contexto é um contexto do agronegócio aqui.

Diogo: vendeu essa ideia do Brasil sertanejo né, até eu estava vendo um artigo falando sobre isso, as músicas mais ouvidas do *Spotify* são todas sertanejas, primeiro, segundo e terceiro lugar, foi como se criasse uma consciência coletiva de que o Brasil é o país agro.

Realmente faz muito sentido e isso foi se enraizando na subjetividade das pessoas há um certo tempo né.

Emerson: e afastando cada vez mais porque é o seguinte existe uma política construída pelo agronegócio de que os índios viraram uma espécie de inimigo do desenvolvimento nacional e que o presidente dos movimentos camponeses tipo MST se transformaram tipo em pessoa, em um grupo de bandidos que ocupam fazendas de pessoas importantes que só criam o desenvolvimento do país. Então o que que existe, neste momento aliás os indígenas, faz um bom tempo que isso existe que é a criminalização das lideranças indígenas e agora uma criminalização dos movimentos também, que lutam a favor das minorias ou étnicas ou por Terra. Então existe aqui um movimento interessante que eu acho que é preciso você de certa forma contextualizar o Brasil, até para dizer em que momento que nós estamos e porque se chegou dentro desse processo histórico, nesse movimento. Então que eu sempre falo com o pessoal do doutorado, mestrado que é isso a gente precisa primeiro entender o contexto, até porque nesses grupos de pesquisa, por estar dentro de um movimento LGBTQ+ e outros tratam dos movimentos dos moradores em situação de rua, outros tratam da situação do movimento feminista. Então eu sempre falo para eles, vamos contextualizar de forma histórica sem esquecer também o nosso momento atual, o que é que nós estamos vivendo enquanto política e ponte né de artigos constitucionais que foram sendo criados por exemplo, o agronegócio tenta destruir o artigo 231 e 232. Você conhece os 2 artigos?

Diogo: desculpa deu uma cortada no áudio Emerson, perdão...

Emerson: foi o artigo 231 e o 232 da Constituição?

Diogo: poxa agora de cabeça você me pegou, mas eu posso olhar aqui rapidinho.

Emerson: então esses 2 artigos é bom você dar uma olhada, porque eles são os artigos funcionais que garantem o direito aos povos indígenas, principais artigos que a bancada do agronegócio do boi tenta desmontar.

Por exemplo, hoje existe a PEC 215 a PL 430, o Marco temporal então são tudo coisas que você precisa dar uma olhada agora para entender o que eles estão querendo. Eles estão querendo desmontar um artigo que garante o direito à diversidade indígena e um direito à escola diferenciada, à saúde diferenciada, a diminuição das terras indígenas por exemplo o Marco temporal para você ter uma ideia de como é horrível, ele tenta colocar como Marco a Constituição de 1988, ou seja, se você estiver na sua terra antes de 1988 a gente começa a falar em processo de demarcação, se você não estiver em 1988 que é o caso de vários indígenas que foram expulsos dos territórios a mais de 20 anos e estão tentando retomar. Então se você estiver

fora da sua Terra tradicional, você não tem direito, a gente nem vai conversar, então o agronegócio está tentando modificar esse artigo constitucional para determinar um tempo histórico para a população indígena ter direitos.

Então o Marco temporal vai definir a demarcação de Terra no Brasil inteiro e para isso, o acesso para que os indígenas não precisem sequer serem consultados para que as mineradoras entrem, para que o agronegócio ocupe por exemplo para criação de boi e de milho, produtos que sejam de interesse deles, então existe um movimento anti indígena bancado pelo movimento do agronegócio e de certa forma pela bancada da bala, bancada dos militares mas que também tem uma participação muito grande da bancada da bíblia porque grande parte dos evangélicos estão também entrando dentro das aldeias indígenas tentando relançar uma ideia que é preciso catequizar, mas agora até através das igrejas pentecostais vamos dizer assim os indígenas se um momento anterior eram católicos, hoje já é evangélica, então você vê esses 3 movimentos dessas bancadas, elas estão completamente anti indígena, eu não sei se você sabe mas a própria ministra a Damares, você sabe que ela evangélica não é?

Diogo: Sim

Emerson: você sabe que ela também, ela é do Paraná e lá no Paraná ela tem uma atuação terrível porque começou a chegar perto de indígenas, a gente tem até uma indígena chamada Sílvia Terena, alguma coisa assim e ela começou a catequizar os Terena. No final, é Sandra Terena o nome dela, pra você ter ideia essa Sandra é casada com aquele blogueiro que foi preso pela polícia federal, deixa eu ver aqui...

O que estou querendo dizer como começou, se você colocar Sandra Terena ela vai aparecer aí no YouTube, no Google ao lado do Sérgio Camargo, ela vai aparecer, então eles foram chegando perto de alguns indígenas, então essa Sandra Terena ela tem irmãos que estudam na Universidade Federal do Paraná, então eu estou próximo porque minha filha estava lá na Universidade Federal do Paraná e falou pai, está terrível aqui, essas irmãs, eles são bolsomínions, eles estão desmontando o nosso grupo de WhatsApp, tudo que a gente fala dentro da universidade eles vão lá e contam tudo o que a gente está falando e agora a minha filha está fazendo medicina em Santa Catarina e lá em Santa Catarina para você ter ideia, foi o reitor que se jogou, e os caras foram lá prenderem ele e acusaram ele de vários crimes e o cara era super inocente e tal.

Agora teve a eleição da universidade de Santa Catarina e foi levado a lista tríplice para a gente assinar e ele desmontou tudo, ele colocou o que ele quer lá também, eu quero dizer o movimento ele muito bem articulado também, muito bem pensado, essa bancada evangélica ela está tudo, completamente em tudo, essa Damares ela é uma pessoa assim....

Há procurando o marido da blogueira, está aqui, esposa de blogueiro bolsonarista é preso pela PF no Mato Grosso do Sul é demitido por Damares como que é o nome dele, é Oswaldo Estaquio, ele é aquele blogueiro estava postando coisas contra o Supremo Tribunal Federal, ele era pago né, pela bancada lá. Então ela é esposa dele, então quer dizer, tem um movimento, tem um movimento também os indígenas aliciar os indígenas através de igrejas evangélicas, através dos militares, através do agronegócio por exemplo. No Mato Grosso do Sul há presença por exemplo, não sei se você sabe no Mato Grosso do Sul está o rei da soja lá né, e o Rei da soja ele é padrinho de um dos filhos do casal de um cacique Xavante do Mato Grosso do Sul, então eles vão chegando devagar, daqui a pouco já está dando um trator, já está né, então tem todo o jeito do governo chegando nos indígenas, ou é através do agronegócio ou através dos militares para tentar cooptar os indígenas para o mundo rural. Parar com esse negócio, então é um outro processo que já houve aqui com o serviço de proteção ao índio que era o da troca não é, então eu te dou isso e depois eu não te dou mais nada, depois eu te dou um pé na bunda, você não vai ter mais nada nem minha amizade, então eu acho que é um processo para pensar o que está acontecendo no Brasil. Indígenas sendo cooptados, indígenas evangelizados, fazendo um movimento anti indígena já teve, indígena fazendo movimento anti indígena.

Teve muito indígena que votou no Bolsonaro viu.

Diogo: olha eu fiquei, eu realmente tive, eu saí do Brasil quando ele foi eleito né, eu fiquei em choque também cara.

Emerson: que coisa hein! Bom.

Diogo: Familiares cara, isso dividiu a minha família assim, as pessoas, eu deixei de falar com várias pessoas porque eu não me conformo eu não consigo eu acho que eu estou num momento da minha vida que não dá mais para baixar a cabeça e passar pano pra essas pessoas, pode ser pai pode ser irmã pode ser quem for, eu falei a gente precisa estudar a gente precisa se informar porque não adianta simplesmente não querer saber e depois fazer essa estupidez de votar nesse cara. Eu até estava conversando esses dias sobre as pessoas sobre aquela questão da fragilidade branca né parece que as pessoas não querem ouvir o que está se passando porque ah! me

incomoda ***** mas as pessoas não tem opção não é, as pessoas que estão sofrendo constantemente, elas não tem opção, elas não tem como fechar os olhos e fazer de conta que as coisas não estão acontecendo, então as pessoas que às vezes acabam fechando os olhos se tornam parte do problema por ignorância, por falta de vontade de ir atrás por não se informar e acabam ao invés de ajudar acabam mais atrapalhando né cara, mas poxa Emerson, obrigado! E eu ia te perguntar como é que foi essa sua vivência na PUC e depois na USP, você teve muito problema dentro da faculdade, como é que foi? Foi muito difícil, enfim esse diálogo com os professores, esse embate de, enfim de egos para tudo que é lado, como é que foi cara tua experiência?

Emerson: Então eu lembro até hoje não é, que eu falei como é que eu tirei uma nota 10 com o professor Edmilson Biselli, foi em Marx né, e ali também de certa forma eu acabei, de certa forma mostrando a que eu vinha né, até então o cara da periferia, indígena, o professor nem sabia que eu era indígena, a gente nem tinha falado nada sobre isso tudo e de repente o professor, ele tinha mania de (dizer as notas oralmente para todos os alunos) o aluno tal 10, aluno tal 5 e aí começou a me chamar de cara pálida, aí cara pálida né, ele tinha essa mania não é, de chamar todo mundo, você teve aula com ele não?

Diogo: com o Edmilson...

Emerson: Edmilson Bisele...

Diogo: Hmm... deixa eu ver... eu tive não sei se é o mesmo...

Emerson: ele faleceu já...

Diogo: há então não, então não, eu falei com o Edmilson esses dias, o outro Edmilson,

o outro Edmilson que eu falei é de antropologia e ele é especialista em psicanálise e aí quando eu Edmilson...

Emerson: Edmilson Bizelli, deixa eu te mostrar aqui quem é, esse aqui ó!

Diogo: a não, não tive aula com ele não.

Emerson: você lembra dele não?

Diogo: não, não tive aula com ele, eu não sei se ele já não faleceu, eu entrei eu entrei em 2014.

Emerson: ele faleceu em 2020, alguma coisa.

Diogo: mas eu não me recordo, eu não tive aula com ele eu acho.

Emerson: Então e ele, ali quando eu tive essa primeira nota que foi a primeira nota assim primeiro curso, primeira nota, primeiro, ali eu já comecei a me colocar não é, poxa espera aí, aí o pessoal começou já a ver que eu era indígena, eu nunca deixei também de dizer que era tal e de certa forma nas sociais eu me sentia um problema nas sociais, mas como eu venho de um programa que era o programa Pindorama não sei se você, eu cheguei a colocar no meu trabalho, esse trabalho do Pindorama era um trabalho assim interessante, porque era uma espécie de formação política mesmo né de uma política sei lá indigenista pode ser que eu fui um bem parte desse processo de formação porque a gente tinha um coletivo chamado CAPISPE que era formado por lideranças indígenas de São Paulo, então eu fui, a gente tinha a PUC como um braço vamos dizer assim acadêmico e a política, e a Capispe como um braço das lideranças indígenas aqui de São Paulo, então eu diria que eu seguia no mesmo os 2 e isso me fortalecia bastante dentro da PUC, para os embates políticos, os embates, mas eu vou te dizer não foi fácil não, eu lembro quando eu tive uma nota, fiquei até de, quase perdi minha bolsa também, era filosofia, a professora me deixou com a nota baixa tudo eu não podia né, porque bolsista tem que ter uma média e tal e a professora de antropologia, como que é o nome dela? Você acabou de falar dela.

Diogo: A Lili? Tem a Marijane Lisboa de sociologia, a Eliane que é a Lili.

Emerson: Eliane, isso! a Eliane pegou e falou para a professora né, um dia estava fazendo uma prova conversado com ela, ela pegou e falou assim pra professora, é interessante você, é interessante pensar que um aluno foi reprovado num capítulo, numa disciplina que fala de natureza, falar para indígena de natureza é um negócio!

Diogo: que bizarro né!

Emerson: daí a conclusão, a professora até virou mais minha amiga tudo e ela falou poxa, não tinha pensado nisso.

Diogo: Mas foi a Lili que te reprovou? Ah, não, foi a de filosofia.

Emerson: Filosofia.

Diogo: eu tive filosofia, mas esqueci o nome dela, era chilena a professora, eu não sei se era a mesma

Emerson: a não, não era, não era, então eu diria assim que a PUC ela foi um lugar assim que eu não percebi na verdade, talvez seja porque a gente estivesse nas ciências sociais e ali era um lugar assim que que tinha né de certa forma uma elite de São Paulo, mas eu acredito que eu peguei também um período assim que eu também soube me colocar né enquanto uma pessoa que participava de um debate muito intenso dentro da sala de aula sobre as questões indígenas e olha que eu chamei a atenção de muita gente que tinha uma visão estereotipada, uma visão assim racista, preconceituosa e que muitas vezes eu achava que tinha que abrir a boca e dizer não! espera aí! Espera aí, para aí, não é bem por aí, não é assim que funciona e além do mais eu sou um dos caras que passa uma boa crítica acredito contra uma antropologia que criou não é, uma ideia de um indígena ainda a passar por uma fase da evolução humana não é, então eu sempre mais... mas isso foi a antropologia, ainda bem que já não é mais, já mudou tudo e tal, mas ainda existe ainda um evolucionismo cultural dentro da antropologia, ainda existem pessoas ou os texto se você for ler textos antigos vão citar sempre os indígenas como primitivos, nossa, isso é uma coisa que me incomoda muito né.

Se você pegar textos por exemplo, até do próprio Levy Strauss, textos antigos não é, do Frans Boas de antropologia cultural, sempre vai ter esse termo primitivo não é, então os caras por mais que tivessem ou quisessem dizer o contrário não se davam conta de que eram palavras que iam acabar se transformando em palavras que eram um super danosas para a população indígena, então quer dizer, eles não se davam conta de que esses nomes, não eram os nomes que poderiam, então por exemplo, você tem o próprio, como que é o nome dele caramba... Sociedade contra o estado como que é o nome do... Classes, era Classes, já ouviu, já assistiu ou já leu, já ouviu falar?

Diogo: Não, acho que não.

Emerson: esse texto é ótimo para você...

Diogo: P****, que aula que eu estou tendo

Emerson: deixa eu pegar para você o nome certinho: é sociedade contra o estado ele é do Pierre Clastres, eu acredito que eu até tenho ele também, até tenho ele também em PDF e a ideia dele é assim a noção de sociedade contra o estado é desenvolvida tal, então ele tem uma ideia de

estado e ele vai contrapor toda essa ideia criada de nação, nacionalismo para dizer não! os indígenas têm um outro mundo, uma outra história, eles pensam diferente, não é desse jeito, o estado na verdade foi criado para desmontar... então ele é considerado assim uma espécie de sociólogo anarquista, não, um antropólogo anarquista, ele é o anarquista da antropologia, então ... recente, porque os textos dele é totalmente crítico, ele faz a crítica ao estado né tanto é que esse livro é um livro clássico dele não é, sociedade contra o estado, mas o Diogo, mas eu contei para você, os indígenas sofrem muito preconceito na universidade, eu vi, eu tive por exemplo um problema, um problema não! Eu tive uma constatação vamos dizer assim muito por conta de a gente tinha uns indígenas que eram Terena estudavam junto comigo lá no Pindorama eles eu acho que era um curso de economia mas você acredita que eles passaram bimestre inteiro um semestre inteiro não dizendo que eles eram indígena, como eles eram muito próximos dos japoneses, eu acho que até por uma questão de se resguardar...

Diogo: proteger né.

Emerson: ... até entravam nessa onda, as pessoas chamavam eles de japonês e eles deixavam, é uma defesa mesmo não é, porque não diziam que eram, nunca disseram que eles eram indígenas. Quer dizer que também depende muito de como que você está enquanto pessoa, para você também se auto afirmar e quanto mais você conhece esse processo histórico, acredito que você consegue também se impor e eu não sei se eles não estavam nesse momento ainda, mas eu percebi que eles acabaram, depois eles acabaram abandonando, mas eles diziam que tinham medo, que eles sentiam muito preconceito contra os indígenas, com palavras, termos que são usados, até os próprios professores também não sabiam lidar e eu não sei se você sabe mas lá na PUC a gente tem grande parte dos indígenas são formados por Pankararu, você sabia ou não?

Diogo: Não sabia não.

Emerson: Você já ouviu falar da etnia Pankararu não?

Diogo: não conheço.

Emerson, os Pankararu, eles são do nordeste e os Pankararus num processo histórico, acabaram ficando muito próximo dos negros na primeira fase ainda da cana de açúcar e eles são negros, eles são negros, indígenas negros e tem muito esse negócio de dizer que eles não são indígenas, porque, tem esse problema também da imagem do indígena que foi criado na história, a imagem do indígena a imagem de Peri, o romantismo de José de Alencar, é criado uma ideia de uma

imagem indígena de um índio genérico e aí eu queria até é sugerir mais uma leitura de texto que eu acho interessante que era uma leitura do Eduardo Viveiros de Castro, chama-se, no Brasil todo mundo é índio até que se prove o contrário, Eduardo Viveiros de Castro no Brasil, deixa eu pegar um texto mesmo dele... há aqui... é um texto que foi do ISM do Instituto Socioambiental que ele diz assim: no Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é, e ele aqui conta toda uma questão histórica de por que é índio, quem é índio, quem não é índio, ou se o termo índio também é um termo bom ou não é, então eu sempre digo pra todo mundo aqui que neste momento é bom ser índio, porque, por mais que a gente diga que existe uma retórica que esse nome índio é um nome problemático porque vem da ideia de descoberta, de um erro de viagem e tudo mais, um erro de cálculo mas eu diria que o momento é um momento importante para auto afirmar que é índio, justamente porque nesses artigos constitucionais o 231 e o 232 o que tem lá é um nome índio, então nós somos índios por uma questão jurídica agora, para garantir direitos entendeu, para garantia de direitos é muito bom sim neste momento porque o termo índio garante uma série de direitos aos povos indígenas. Então tem uma questão que eu acho que é jurídica e que não dá para ser deixado de lado num momento como este da história de hoje, os caras estão tentando desmontar tudo, então é um texto interessante para você ler, vale muito a pena.

Diogo: Poxa Emerson, obrigado.

Emerson: eu uso muito ele nas aulas mas é essa questão do preconceito existe muito justamente ligado a essa ideia de que tem que ter uma imagem, porque por exemplo, eu mesmo não tem como dizer que eu não sou índio, até porque essa imagem que foi construída é muito próxima da minha né, então pra mim digamos assim eu sou, eu estaria no mundo muito confortável mas os indígenas por exemplo do nordeste não estariam e isso tanto é que eu cito os Caimbés no meu texto lá, não sei se você chegou a ler, os Caimbés eles sofrem uma série de preconceitos aqui em São Paulo porque neste mundo criado pelo imaginário indígena, eles não seriam índio, porque eles são do nordeste e o nordestino que é óbvio que vai ter cara de nordestino da região do nordeste, as pessoas estão passando por um processo também histórico de muitas misturas não né, então nesse sentido tem um outro texto que eu vou te indicar que chama: e as Caravelas passam, não sei se você já viu no YouTube que tem tudo a ver com Portugal, e as Caravelas passam, esse que é bom para você entender um pouco do que que é essa história que eu estou te falando de ter que ter cara de índio, então talvez o problema que a gente está passando nesse... e passam, os indígenas principalmente do norte e do nordeste que os indígenas do nordeste que

estão aqui na cidade de São Paulo, foram também, vieram para cá dentro de um processo de retirada de territórios tradicionais, então também fazendo o caminho da volta, tentando retomar um pouco então por exemplo, tem um outro vídeo que você pode assistir também chamado: Chicão Xucuru, está no Youtube também, e o Chicão Xucuru, ele está contando um pouco da história dele e da história do povo dele para retomar os territórios tradicionais até porque o xucurus estão aqui em São Paulo, eles estão vivendo aqui porque eles tomaram os territórios deles e eles... depois eles começaram a retomar, para você ter ideia o que eles fizeram, os fazendeiros tomaram um conta do território deles um dia eles tomaram a parte alta em Aguas ... e eles cortaram todos os arames e debandaram os bois para descer para a cidade então os bois quebrando a cidade inteira, foi aí um dos primeiros processos deles de retomada de territórios e tal, o Chicão Xucuru foi assassinado por fazendeiros, você vai ver lá que termina muito triste a história, mas fica uma semente de mudanças, de retomada e tanto é que o Chiquinho o filho dele Marquinho Xucuru, foi eleito o prefeito da cidade agora, só que como ele estava respondendo um processo aí que os fazendeiros colocaram contra eles, ele não pode assumir pela lei da ficha limpa, primeiro indígena na história que iria assumir uma prefeitura no país e o agronegócio óbvio, atingi diretamente, eles sabem aonde que vai tomar conta, é onde o agronegócio ele dita determinadas regras e para você ter uma ideia no Mato grosso do sul que são os Guarani Kaiua, eles pediram inclusive para que os processos de demarcação da Terra deles e de processos criminais não fossem julgados mais pela instância do Mato Grosso do Sul, julgado em instâncias que não tivessem influência dos fazendeiros dos juízes daquela região, da polícia daquela região, uma espécie de campo neutro, tanto é que grande parte dos processos estão sendo julgados aqui em São Paulo.

Então é muito problemático, existe um processo de criminalização das lideranças indígenas justamente porque está ocorrendo uma série de retomadas de processo de ampliação dos territórios indígenas e o Marco temporal é justamente para que não aconteça isso, porque os processos de ampliação dos territórios indígenas vão parar! eles não estavam lá, não tem que ampliar nada, para tudo, então é um movimento anti-indígena, então é sempre bom contextualizar aí no teu trabalho justamente, por que os indígenas estão em diferentes lugares, principalmente nas cidades?

E os Pankararu para você ter ideia estão em 1000 indígenas aqui na cidade de São Paulo, não! 3000 indígenas dentro de uma favela chamada Real Parque, eu vou te dar um texto para você ler do Marcos Alexandre, um antropólogo da Universidade do Rio de Janeiro então ele dele

veio para São Paulo, foi um dos primeiros casos que eu conheci aqui em São Paulo, super envolvido né, ele tem um texto chamado regime imagético dos Pankararu, ele chama-se Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque, ele fez um trabalho aqui, trabalho de mestrado ou doutorado é sobre os Pankararus de São Paulo da cidade de São Paulo, tem esse, deixa eu ver aqui a tese... programa de pós-graduação em antropologia social da universidade federal de Santa Catarina para a obtenção do título de doutor, o trabalho dele dos Pankararus de São Paulo, ele conta todo esse processo histórico dele ir lá na aldeia, depois do passeio na cidade São Paulo, como que eles estão, então é um texto interessante para você ler e também tem 2 textos que são clássicos assim pra gente ler sobre os indígenas que é um texto do Eduardo Nunes. Eduardo Nunes é um antropólogo... chama-se... um texto assim, que eu acho Superinteressante para pensar os indígenas... acabaram saindo de uma região... lembrar o nome aqui e te falo... eles saem de uma região e formam uma cidade nessa região e esses indígenas, ele vai entrevistar um indígena e fala assim poxa, espera aí, mas vocês acabaram criando relações interétnicas né com o pessoal e esses indígenas continuam de certa forma produzindo arco flecha, fazendo danças, rituais, o que que houve afinal não é, ele pergunta pro indígena que falou assim: a gente resolveu experimentar o sangue dos brancos para a gente continuar existindo, a gente experimentou o sangue para a gente não deixar de existir, isso não significa que a gente perdeu nossos elementos culturais, muito pelo contrário, é experiência que a gente fez com o sangue dos brancos. Então é superinteressante para pensar também essa ideia que a biologia tem do que que é ser alguém através da biologia não é, então desmonta também essa ideia que a biologia sempre traz de que tem que ter sangue de índio para ser índio né.

Diogo: Exato, exato, isso me lembra muito aquele quadro que é a Redenção de Caim que fala do processo da miscigenação que tem uma Senhora negra escrava agradecendo aos céus porque a filha já era um fruto da miscigenação já era um pouco mais clara e a neta era branca, ela não deixa de ser negra mas a Senhora está agradecendo aos céus porque em teoria a neta vai ter uma vida melhor do que ela teve, cara é uma violência assim absurda é muito é muito triste ver e quando a gente começa a se aprofundar mais e perceber os processos de violência e o quanto é realmente difícil hoje a gente trabalhar essa desconstrução desse pensamento eurocêntrico preconceituoso e você tem uma fala muito interessante também que você falava do é do etnocídio pela educação e cara é espetacular e a minha pergunta é como é que a gente pode fazer para reverter essa dinâmica etnocida que é como você mesmo disse agora os próprios evangélicos de novo né, essa onda de catequização como fazer para a gente preservar a cultura

e existe você pensa se existe a possibilidade de que ela seja levada para a universidade, por exemplo, cursos que tratam da filosofia, dos conhecimentos, da cosmologia indígena ou não?

Emerson: Essa semana mesmo eu disse para os professores que eu acho que eles precisam descer das Caravelas ... não dá para eles assumirem a ideia de que eles próprios são os Cabrais e que a escola se transformou numa espécie de caravela, uma caravela que catequiza que coloniza então é preciso entender que é preciso descer caravela, que a escola não é uma caravela, que precisa ter um olhar que coloque num patamar de igualdade, pode chamar de simetria, esse conceito que a que a escola criou que é a simetria, os indígenas são sempre vistos como uma coisa à parte, nunca é ciência, nunca é construção de pensamento, é sempre uma coisa descolada do que a Ciência faz, enquanto a gente não colocar os indígenas na categoria de conhecimento científico, que mobiliza a sociedade, que transforma a sociedade, que constrói conhecimento junto com a sociedade, que faz parte da cultura do povo brasileiro.

Diogo: Exato, não é só apropriar culturalmente, é saber de onde veio, é ter carinho por aquilo que a gente usa hoje, não é aquilo que a gente aprendeu que a gente carrega e que apropriou e que não conseguimos valorizar o conhecimento que a gente traz.

Emerson: é isso mesmo, então deixa eu só para te passar do Eduardo Nunes que eu falei agora, ele tem um texto chamado assim: sociedades alternativas, inclusive eu achei em PDF aqui: sobre o conceito de cultura dos Carajás de Buridina, por que eu estou te passando isso porque tem muito a ver das coisas que eu falo, é Buridina não é Pure Dina, tem muita coisa do que eu falo porque estamos falando de um indígena que sobreviveu mesmo com tantas mudanças não é, então é como se a gente tivesse que dizer assim, é o que eu sempre falo eu sempre gosto de falar isso aí que a gente é como se a gente tivesse que viver por um tempo de certa forma numa espécie de transe não é, para que pudesse voltar, retomar o seu caminho ancestral e de certa forma isso acontece muito com os indígenas que estão vivendo na cidade justamente porque o processo foi tão violento que eu percebi por exemplo conversando com os indígenas Caimbé, que tinham alguns indígenas que falavam: “não, mas eu não quero mais ser reconhecido enquanto indígena”, então você precisa entender também isso aí, não é porque ele não quer, é porque a violência foi tão grande contra ele, contra o povo dele, contra determinadas famílias e que inclusive eles têm até medo né de dizer que é indígena porque a perseguição que eles sofreram foi uma perseguição muito violenta, então por exemplo, conversando com a Shirley, ela estava fazendo um levantamento aqui em São Paulo sobre os indígenas, os indígenas

Pancará que vivem aqui na cidade de São Paulo. Ela disse que tinha indígena que quando ela foi contatar que era parente dela que ela falou assim: “não, se você quiser, eu assino um termo dizendo que eu não estou indígena, eu não me reconheço mais enquanto indígena Pancará, eu não quero ser mais sempre mencionado como indígena, então quer dizer existe um processo que foi tão...

Diogo: Eu sei bem como é isso.

Eu cresci num bairro completamente, não completamente, mas um bairro de pessoas brancas, a gente descobre que é diferente já logo muito cedo aos 5 anos de idade a ponto de me perguntar por que eu me perguntava com 5 ou 6 anos por que eu tinha esse tom de pele, por que eu tinha esse cabelo, eu sempre raspei o cabelo, a gente tem que aprender a falar diferente, a se vestir diferente, a agir diferente, a jogar o jogo não é, e hoje eu estou já faz um tempo foi quando eu sai do Brasil, isso com 18, 19 anos que eu entrei nesse processo de resgate das culturas que eu perdi ao longo, que me foram arrancadas ao longo da história, e minha avó que infelizmente eu não a conhecia ela é fruto dessa mistura né, ela tem descendência africana que infelizmente eu não sei exatamente da onde, indígena eu também não sei, isso para mim é uma violência porque eu não tenho direito eu não consigo saber da onde eu venho, isso para mim é terrível cara e eu entendo isso porque eu passei muito tempo da minha vida infeliz com quem eu era e foi ao sair do país que eu falei, pera lá meu, não é assim, eu tenho orgulho de ser quem eu sou, eu tenho orgulho da minha cor, eu tenho orgulho dessa dessas misturas que eu tenho, cara eu fui perceber isso na Austrália que as pessoas falavam caramba mas você é tão multicultural, que legal falar contigo e aí eu falava poxa, eu nunca pensei assim, no Brasil não tem essa ideia, não é assim, e aquela coisa de te ter vergonha, minha irmã mais nova alisa o cabelo até hoje, então assim é uma violência e é triste a gente ouvir isso não é que a pessoa está abdicando do sangue dela cara por causa de uma violência né que é uma violência de todos os lados, de uma maneira das pessoas olharem é quando você entra num restaurante, é quando você vai fazer qualquer coisa não é, eu mesmo já fui preso ali na Mooca acusado de roubar uma garrafinha de vodca cara fui enfiado num cárcere privado numa salinha com 18 anos e os caras falando para mim, “tira o que você roubou, tira o que você roubou!” e eu era o único escuro ali daquele grupo não é, eu fui o único imobilizado por vários seguranças armados, enfiado dentro de uma sala fechada e aí fomos todos para delegacia porque eu não tinha nada, não tinha roubado nada, então assim são vários processos não é, enfim, já cuspiram, já apanhei, já tive arma na cabeça pela polícia, é doloroso cara e é por isso que cada vez mais eu estou nesse

processo por isso eu te agradeço imensamente por essa aula mesmo porque para mim é um processo também de construção da minha identidade.

Emerson: Sim, legal bacana, eu queria te passar, eu acho legal você está falando isso aí porque é um pouco do que a gente vive os indígenas, principalmente os indígenas que estão na cidade que vão meio que fazendo o caminho da volta de novo, vão retomando e tal.

E esse texto que eu falei para você do Eduardo Nunes, ele chama-se: o pessoal da cidade, se puder marcar aí: o pessoal da cidade, e eu queria te dizer assim se você não se incomodar, a gente pode marcar depois na semana que vem, a gente continua a conversa, o pessoal da cidade: o conhecimento do mundo dos brancos como experiência corporal, tem tudo em PDF viu, o conhecimento do mundo dos brancos como experiência corporal entre os karajá de Buri Dina que é do Eduardo Nunes né, na verdade o nome dele é Eduardo Soares Nunes mas eu acho que está só como Eduardo Nunes, porque eu estou te falando, é o seguinte daqui a pouquinho eu preciso sair também.

Diogo: sem crise poxa Emerson obrigado.

Emerson: mais ai fica como se fosse uma conversa inicial não é, para a gente se conhecer e aí eu também já te dei uma série de indicações também para você já poder, já dar uma olhada, então semana que vem a gente já continua, faz uma outra conversa na próxima semana.

Eu não sei se na semana que vem é dia... quinta-feira que vem eu acho... que dia que é hein ? É dia 25 ou 26 eu não sei talvez a gente possa marcar no dia 24 eu não sei, a gente vai acertando porque eu não sei ainda tem uma conversa com o pessoal aqui da Secretaria municipal de educação porque eu não sei se eu falei para você mas eu sou, eu faço assessoria para a Secretaria municipal de educação, eu sou assessor da lei que é a lei 11645 de 2008, você sabe disso acho né, que incorpora a temática indígena na sala de aula.

Diogo: sim, inclusive você é professor de história.

Emerson: Não, sou de sociologia.

Diogo: há perdão desculpa.

Emerson: sou professor de sociologia, e eu estou agora como assessor do currículo, estou lendo o currículo que é uma *****, horrível, ridículo, não tem nada de indígena, então eu estou

assessorando eles em que que eles fazem para mudar a cabeça e de certa forma estou colocando que nem você já falou...

Diogo: porque essa lei que você disse ela antigamente era só para estudos africanos e indígena foi meio um adendo não foi? Ou eu estou falando besteira?

Emerson: foi, começou pela questão negra né, africana e agora e depois em 2008 com a entrada do Haddad aí ela virou uma lei que incorpora a lei a temática indígena na sala de aula, mas isso é por conta do Haddad que era ministro e depois o Haddad virou o prefeito de São Paulo e ele que colocou a temática indígena como dentro do currículo mesmo oficial como uma coisa que tinha que discutir tal e agora os caras não tem como correr porque está dentro da estrutura.

Então é um pouco do que tem que fazer também porque não basta só ter uma lei, tem que estar dentro do currículo da cidade como parte de um processo de construção coletiva tudo mais então eu estou fazendo agora uma leitura crítica para ver o que que aconteceu em 2014 até 2020, aconteceu muita coisa viu...mas fica entre nós aqui... está gravado e agora ferrou! Mas é mas enfim eu estou fazendo essa assessoria e aí eu preciso daqui a pouquinho mandar até um relatório para eles que amanhã eu tenho uma reunião de manhã, então talvez na semana que vem dia 25 dia 26 eu tenho um encontro com os professores da Secretaria municipal de educação e talvez eu não sei que horário que a gente pode falar mas talvez a gente já adiante ou coloque na outra semana...

Eu não se eu desmontei aí tudo o que você programou porque eu costumo fazer isso!

Diogo: Não!, eu falei que se lasque as perguntas, vamos continuar o papo que está valendo é isso mesmo essa aula foi maravilhosa.

Emerson: já dá pra tirar muita coisa daí

Diogo: já! já matou muita coisa que eu ia perguntar, era isso mesmo, mas pô, obrigado mesmo meu amigo.

Emerson: falou então aí depois a gente uma próxima conversa beleza?

Diogo: Combinado

Emerson: cuida aí na Europa também que a coisa não anda boa para lugar nenhum

Diogo: olha! se correr o bicho pega, se ficar o bicho come, eu não sei qual que está pior viu meu amigo.

Emerson: e depois se puder me dar umas dicas de inglês você me dá porque eu não consigo falar nada, não entra na minha cabeça.

Diogo: Poxa, vamos conversar sim eu ajudo, eu inclusive dou aula de inglês então a gente se ajuda não tem problema nenhum

Emerson: mas me dá uma dica aí porque eu não consigo, eu não saio do zero rapaz

Diogo: Relaxa, a gente bate um papo então.

Emerson: dou umas travadas

Diogo: vamos destravar isso aí, mas é importante vamos trazer isso para o inglês também para expandir essa conversa porque eles precisam ouvir isso aqui também.

Emerson: Boa, boa!

Diogo: Emerson obrigado meu amigo, obrigado mesmo, fala aí valeu, tchau tchau, valeu um abraço.

Entrevista – Seribí Tukano (Anderson Arantes)
Medicina – Universidade Federal de Santa Maria – 16/06/2022

Seribí: Salve Diogo, tudo bom?

Diogo: Salve, bom dia, tudo bem?

Seribí: tudo jóia, dormi um pouco demais aqui

Diogo: fica tranquilo, eu vi que você entrou, fez o barulhinho, só que não aparecia nada para mim, aí eu falei ué, eu acho que é um problema com o link, às vezes dá esses problemas com o google meeting né.

Diogo: e aí muito frio aí não?

Seribí: rapaz, para quem vem da região de calor não é, ... é um pouco puxado, mas vai dar certo

Diogo: faz tempo que você está aí não?

Seribí: não, eu estou aqui a pouco meses, eu passei para cá, eu estudava na Unicamp uns tempos atrás não é, aí eu fiz curso de medicina aí eu vim para cá, estou aqui na Universidade Federal de Santa Maria. Aí eu acompanhava antes a minha mulher não é, lá no Piauí, eu acompanhava ela lá ainda, é outra região e quase parecida com a do Amazonas não é, quase parecida com a do Amazonas.

Diogo: então você se formou na Unicamp?

Seribí: não, eu não formei não, eu tranquei quando eu passei no outro não é, para cá eu tive que fazer a opção não é, porque tem uma lei federal que diz que você não pode ocupar 2 vagas ao mesmo tempo numa instituição pública, aí então devido a isso eu tive que cancelar a matrícula lá e vim para cá não é, mas eu estudei um período remoto não é, e eu vim para cá porque já voltou as aulas presenciais então eu tive que voltar.

Diogo: Sim, então você nem chegou a cursar Unicamp? Você passou, mas acabou transferido para a Santa Maria?

Seribí: não, eu cursei, eu cheguei a estudar na Unicamp, estava estudando quando eu passei pra cá né, aí agora aqui que eu estou começando tudo de novo né.

Diogo: Ah, entendi e a Unicamp você chegou a ir presencial ou era online por enquanto?

Setibí: era presencial, estudava presencial.

Diogo: Eu tenho uma aluna que faz economia na Unicamp, ela está online por enquanto, não voltou presencial ainda não.

Seribí: como é não entendi, é sua amiga?

Diogo: uma aluna minha, ela faz economia na Unicamp e ela está online, a economia acho que não voltou ainda.

Seribí: um eu não sei eu te dizer oh!

Diogo: mas é do curso não é, vai do curso, vai coordenação pedagógica de cada curso não é.

Seribí: mas se tiver comorbidade, aí ela não volta mesmo não, só volta aqui quem não tem. Por exemplo aqui também é a mesma coisa, quem tem uma doença eles não voltam. Tem que ser online mesmo.

Diogo: há entendi, poxa cara mais uma vez brigadão por tirar esse tempo para falar comigo eu fico extremamente agradecido mesmo, acho que vai ser acho que é interessante a gente abordar esses temas como é que é a vida dos estudantes, quais são as dificuldades que eles encontram não é. E enfim acho que é já é já eu acho que isso vai ajudar bastante, não só aqui em Portugal não é, para saberem da realidade não é, como como no Brasil também eu acho que essa é a ideia dessa tese é justamente a gente aprender a respeitar as outras culturas a respeitar a nossa cultura Brasileira porque eu acho que o brasileiro precisa entender que é indígena o Brasil é uma pátria indígena eu acho que esse é o grande problema do brasileiro que quer ser europeu ele olha com tanto amor para a Europa e acaba deixando de olhar com carinho exatamente para o que é nosso, aliás eu não sei se você viu o que saiu nas notícias hoje que aparentemente encontraram o indigenista o Bruno e o repórter inglês e na coletiva de imprensa não havia um indígena que ajudou nas buscas, não havia ninguém ou seja os créditos foram todos para a polícia federal e a primeira pergunta que fizeram de uma de uma repórter, acho que era inglesa a repórter ela perguntou - mas e os indígenas cadê eles? Porque eles não estão aqui não é, não foram eles que ajudaram com as buscas enfim, não estavam não é, não estavam nem não tinha nem rede sendo representado e o repórter da Globo até disse isso o Brasil continua com essa falta de respeito com os povos originários do Brasil continua ainda olhando de cima para baixo não é, e que não

é possível que eles têm se não é eles ajudaram tanto não é, ali em 10 dias de buscas, foram os grupos né foram os indígenas que estavam ajudando nas buscas e aí na hora que encontraram que se lasque não é a polícia federal que vai lá receber todos os louros não é, como se tivessem eles encontrados sozinho mas enfim.

É mais ou menos sobre isso que eu tenho que tratar essa visão né que aqui as pessoas aqui acabam criando aqui no Brasil não é cara de inferiorização que é terrível, dos negros, dos indígenas e de todas as ditas minorias não é, e meu trabalho parti muito disso, eu venho de família, eu tenho também descendência a indígena embora eu não saiba qual etnia, infelizmente por uma questão enfim histórica não é me foi e foi tirado essa possibilidade de saber quem eu sou não é, eu não consigo chegar, eu consigo saber, a parte africana da minha família eu também sei muito pouco e eu dei aula um tempo para crianças de favela né que moram em favela e um aluno meu até disse isso para mim uma vez ele disse Teacher - árvore genealógica é luxo, eu não sei, não consigo saber até onde vai a minha família porque eu não sei e essa é uma das grandes violências né que a gente passa também no Brasil. As pessoas não sabem a história delas porque foi arrancado né, então a minha ideia é justamente falar sobre isso, sobre as experiências e o respeito que a gente precisa ter por todos os povos não é cara, não é só esse olhar que o brasileiro tem de admiração por tudo o que vem de fora não é, da Europa, dos Estados Unidos, enfim, e aí essa minha entrevista vai partir um pouco de saber das suas experiências.

Cara, primeira coisa que eu queria te falar é o seguinte, se eu posso gravar essa entrevista primeiro.

Segundo, se você não se sentir confortável, você não precisa responder absolutamente nada, se você quiser, se você achar necessário você também não precisa me dar seu nome, posso deixar tudo em sigilo não tem problema nenhum. No final da entrevista se você achar olha Diogo - se você puder tirar isso e se isso ou não coloca meu nome, não tem problema viu cara. Eu não quero prejudicar, eu não sei como é que é a faculdade aí eu não quero prejudicar ninguém, minha ideia não é essa, mas a minha ideia é simplesmente conversar com os nossos irmãos para que a gente consiga saber o que se passa dentro das universidades não é, como como a gente é tratado como que é essa interação com os professores com o corpo acadêmico, com colegas de escola né, da universidade, vai mais ou menos por aí OK?

Seribí: Uhum!

Diogo: bom, então, você é nascido em Pari Cachoeira é isso? No Amazonas?

Seribí: isso, sou natural de Pari Cachoeiras, nasci lá, criei lá mesmo, e estudei inclusive lá né, que lá na minha região foi colonizado pelas igrejas também não é, aí uma parte da onde eu estudei, as estruturas e as organizações pedagógicas herdadas pela cultura salesiana não é, aí até poucos anos aí, quem coordenava foram as irmãs salesianas não é, que eram diretoras das escolas, aí uns tempos atrás os indígenas começam a ocupar também, o primeiro indígena se não me engano a ser diretor da escola da minha comunidade não é, foi um padre indígena não é, ele é da etnia tukano mas ele é padre e começou a dirigir, após dele vieram outros né agora e ele foi eu acho e me arrisco a dizer que foi o primeiro indígena a ser diretor da escola de lá da onde eu estudei.

E assim não é, como tu bem mesmo disse não é, que tem vários relatos não é, inclusive o objetivo maior da igreja lá era para salvar os indígenas do mal não é, e porém aproveitaram bastante né, além de roubar mesmo as coisas, coisas materiais no sentido espirituais, dos pajés que traduziram equivocadamente não é, que dos xamãs indígenas, especificamente de várias etnias que moram na região, eles pegaram as coisas né tipo Cristais deles para curar doenças, bastões, roupas tradicionais, cocares tradicionais, contanto que tem alguns museus, uma delas eu acho que na Europa tem vários museus ali. Inclusive na Alemanha deve ter alguns acessórios indígenas e que não sei lhe dizer, mas tem outros estudantes indígenas do ambiente indígena que fazem esse mapeamento também onde esses acessórios ficam. E uma delas se não me engano fica em Turim, no museu de Dom Bosco, o museu de Dom Bosco parece que tem alguns acessórios dos tukanos não é, que são originais e uma delas também fica no museu do índio em Manaus que eles deram esse nome e também está sobre a responsabilidade das irmãs salesianas né, que ficam lá.

E lá nessa estrutura toda como eu te falei no primeiro.

Diogo: cara, pode ir tomando o seu café pelo amor de Deus, pode ir tomando, não passa fome não! Rs. (em tom de brincadeira)

Seribí: Rs, esfriar um pouco aqui mas vai dar certo! Rs.

Seribí: Ah! eu vou lhe apresentar, essa aqui é a minha esposa

Diogo: Olá, tudo bem?

Esposa: tudo bem.

Diogo: Desculpa atrapalhar a manhã de vocês um pouco.

Esposa: não, pode ficar à vontade, nós estamos aqui para contribuir, a gente sabe a importância da pesquisa pra gente poder avançar nesses processos de descolonização.

Diogo: é exato, está mais que na hora não é.

Esposa: e aí eu disse para o Anderson, amor deixa ele perguntar, que ele está com as perguntinhas dele tudo formulada, eu sei disso porque o que eu fiz pesquisa também.

Diogo: não, mas pode perguntar também.

Esposa: eu fiz meu doutorado uma parte aí em Portugal, lá em Coimbra.

Diogo: e como é que foi?

Esposa: foi bem, eu fiz com o professor Boaventura uma parte.

Diogo: É sério! Com o professor Boaventura.

Esposa: é

Diogo: Uau! Eu estou usando muito do que ele aliás, essa ideia de ecologia de saberes vem dele, que eu também uso no meu trabalho.

Esposa: Eu fiz aí um ano com ele lá em

Diogo: olha eu vou fazer uma entrevista contigo também, se deixar depois, mas a gente pode marcar um dia aí eu não tomo o feriado de vocês inteiro pelo amor de Deus.

Esposa: Fica tranquilo, foi um prazer viu.

Diogo: o prazer é meu, mas se quiser conversar olha, eu adoraria também

Esposa: está bom, fico à disposição

Diogo: obrigado viu!

Seribí: aí sabe por que eu vou te conta essa esse pequeno relato é pra mim dizer para você que além dessa, eu sou daqueles descendentes que já sofreu, que na geração dos meus pais eles já

adaptaram para de acordo com o movimento nesse sentido turbulento né desses contatos ou seja eles adaptaram de acordo com o movimento para dar uma base geral sobre educação, na educação tradicional mesmo, especificamente tucana de outras etnias também né e além de a gente sofrer vários apagamento de memórias tipo de a gente se afirmar mesmo não é, dentre outras tantas coisas não é, o conhecimento também tipo de reza de benzimento de curas foi demonizado não é pela igreja, então dessa forma eles reinventaram para sobreviver, mas nunca deixaram de praticar essas coisas boas não é.

Diogo: sim

Diogo: você falou agora de reafirmar a identidade e isso conversa muito comigo também porque eu cresci numa cidade extremamente preconceituosa. São Paulo é extremamente preconceituosa, eu cresci num bairro ainda mais preconceituoso, um bairro literalmente branco, italiano, então essa questão da identidade para mim foi muito difícil porque eu era diferente dos meus colegas né, eu não tenho a pele branca eu não tenho cabelo liso e eu sempre sofri muito isso, com bullying né, enfim a palavra nova agora *bullying* né que sempre existiu, então essa coisa de se reafirmar entidade realmente foi algo que eu fui ganhando com o tempo não é, que eu fui começando a gostar mais de mim mesmo né, que eu fui olhando para mim e fui começando a me compreender e abraçar as minhas culturas e foi realmente quando eu saí do Brasil que eu comecei a ter mais carinho pelas minhas diferentes identidades não é, toda essa mistura que o Brasil é, que formou quem eu sou né, e foi morando fora que eu comecei a dar mais valor a isso.

Eu acho que pra mim, sair do Brasil foi importantíssimo porque eu saí da bolha que era São Paulo. São Paulo é uma bolha horrível mesmo assim, eu tenho pessoas com quem eu cresci que eu já não consigo nem conversar porque eu não tenho mais paciência para ouvir certos comentários sabe, e aí a minha pergunta bro, como é que foi a tua infância então, já com todas essas, com todos esses apagamentos históricos, vamos dizer assim, com toda essa violência mesmo porque esse apagamento histórico é uma violência não é, esse apagamento da identidade de tentar criar uma pessoa nova.

Existia essa ideia de conversão dentro da escola também, eles obrigavam vocês a rezar, como é que funcionava isso?

Seribí: Então, como eu te falei nesse apagamento de memória, eu digo isso porque no sentido de que a minha mãe, ela não fala mais o idioma dela não é, e ela é Desana, da etnia Desana.

Porque na época, tinha a escola de internatos não é, a escola internato, ela é de modelo de escolas militares, onde os indígenas eram escravizados, tipo assim, tinha que trabalhar uma parte e estudar, quem não souber rezar direito Ave Maria, Pai nosso, não dizer bom dia, Sim senhor, iam ser pego pelo assistente né, que eles nomeavam assim, nas escolas quem for pego falando o idioma nato da pessoa, ele entrava em castigo.

Diogo: Meu Deus! E isso na época da sua mãe ou na tua já?

Seribí: Na minha mãe, desde a colonização até a geração da minha mãe né, vamos supor assim, aí já quando eu chego, quando chega a minha geração aí a minha mãe já não...

Pela cultura tradicional dos tukanos, os tukanos têm que casar com as outras etnias né, isso é uma ética moral não é, que a gente acredita e que os tukanos tem que casar de outra etnia, não com a mesma etnia porque era sinônimo de respeito mesmo, que a gente considera os Tukanos e as Tucanas como irmão mais velho, mais novo, primo, prima, tio, tia e sobrinho.

Diogo: É por isso que não se casam entre Tukanos, porque é a mesma família.

Seribí: mas agora se casam mesmo, hoje em dia quebraram essa regra, mas poucos se casam não é, mas os que se casam, tem uma narrativa que diz, eu estava lendo um texto que diz que é.... acabei esquecendo não é, então dessa forma eu não falo mais o idioma da minha mãe, era para ter falado o idioma da minha mãe, a educação de um Tukano criança, ela tem que ser regida pela mãe até aos 9 ou 10 anos, aí onde ele passa a aprender a cultura Tukano. Aí como um Tukano é o idioma que domina na minha região, entre aspas, devido essa movimentação que ocorreu dentro das escolas internatos né, coordenado pelos salesianos, eu digo Salesianos porque eles que dominaram na nossa região.

Diogo: sim, São Paulo também tem colégio Salesiano.

Seribí: E aí eu falo o idioma do meu pai não é, o meu pai é Tukano.

Diogo: Então você fala Tukano?

Seribí: eu falo Tukano, escrevo Tukano inclusive, e então, aí eu sou da geração que é onde os indígenas tentam reinventar ou melhor dizendo reconstruir o sentido de uma educação escolar indígena não é, eu venho, toda a minha base vem de uma escola indígena mesmo, ouvindo os professores dizerem que eles precisam reconstruir pedagogicamente, como é que eles vão fazer educação escolar indígena, aí maioria por onde passa e também na escola, são os professores

que não tinham graduação não é, que tinha aquele magistério e ensino médio magistério que lecionavam mas que sempre oportunizavam não é, para sempre incentivava a gente estudar porque era a única forma a gente também de tentar desconstruir e reconstruir a nossa própria história não é, e diante dessa forma, tem várias né, aí os parentes por exemplo, os parentes tuiúca eles nesse período também, os parentes tuiúcas eles falaram - olha, a gente perdeu o nosso idioma, a gente precisa resgatar esse idioma e as nossas práticas dos Tuiúca e então eles também construíram uma escola indígena tuiúca, lá acima de Pari Cachoeira.

Pari Cachoeira faz fronteira com Colômbia não é, aí é o território dos Tuiúca faz fronteira com as terras indígenas colombianas, aí então os tuiúcas também eram sempre parceiros de luta dos tukanos, de outras etnias que estão presentes nessa região do Rio Tiquié não é, e eles também ajudaram bastante nessa construção de educação escolar indígena aqui na pessoa do Higino Tenório não é, que ele faleceu de COVID-19, eu tive a oportunidade de conhecer ele né quando era criança, aí quando estive na universidade também me ajudou bastante quando eu fiz o curso de filosofia né, a refletir um pouco a esse sentido de pensamento que a gente vem construir dentro da universidade também, e infelizmente ele faleceu, o Higino Tenório era um grande intelectual indígena na região da etnia tuiuca que faleceu, que também fui uma pessoa muito importante que construiu essa educação entre aspas “educação escolar indígena”.

Diogo: Então na tua época já era uma escola voltada, já era uma escola indígena não é, diferente da sua mãe.

Seribí: isso, mas quem estudava lá era só era indígena né, aí era a escola indígena, porém era coordenado sempre pelos salesianos, por exemplo pela manhã...

Diogo: Ah é, mesmo a escola indígena era coordenada pelos salesianos?

Seribí: isso, pelas irmãs salesianas, só que elas, como eu te falei eu acho que se não me engano em 2007, 2006 por aí que o primeiro indígena na direção da escola era um padre não é, padre diocesano que o nome dele é Josimar Ramos Marinho, foi diretor do tempo que eu era estudante no ensino fundamental e aí depois veio outro gestor indígena não é, que também coordena na mesma região da mesma comunidade já, outro Tukano, então os tukanos naquele tempo, apesar dessas tantas, praticar todas essas práticas não é, de tentar apagar a gente não é, de tornar uns seres civilizados não é, o objetivo era isso não é, agora vamos tirar os indígenas da civilização e vamos civilizar ele no sentido da civilização da cultura europeia, italiana, pratica alemã porque eram padres de outras regiões, então desde aquela época, naquela época, lá mesmo nasce o

movimento indígena do movimento indígena do alto rio Negro nasce com o movimento dos tukanos e dos seus parentes e seus cunhados que são de outras etnias, que são Desano, Tuiúca, ela nasce de uma revolta de lá mas com auxílio de uma irmã e de uns padres que eram comprometidos com a causa indígena né, e eles viam que aquela prática que eles estavam fazendo, estavam matando os povos indígenas que estavam presentes lá, então o movimento indígena nasce lá também e depois e depois origina-se a ruína não é, que é uma organização, uma federação das organizações indígenas do rio Negro não é, e ela também, os tukanos são os protagonistas para afundar esse aí.

Eu conto essa coisinha para chegar até essa estrutura de como é que a gente lutou não é, um pouco para ter essa educação, que apesar desse domínio da igreja não é, e eu digo escravidão porque os indígenas construíram dentro da Terra indígena, a minha companheira sabe disso, tem prédios de 2 andares só para ter uma ideia como é que na década de 40 na década de 30 por aí, não tinha essa tanta tecnologia para construir, mas quem construiu? A mão de obra, foram os indígenas e sinônimo eles pagavam roupa, 3 roupas, machado, essas coisinhas básicas sabe, aí eu nasço lá né, dentro tanto essas coisas eu chego na... porque na minha região também, como dizia o doutor Dagoberto não é, ele dizia que na nossa região é muito difícil para quem... porque olhando pelo mapa do Brasil a gente somos isolados sabem e as coisas são muito caras não é, a exploração no sentido é muito maior lá também, então dessa forma a única forma de a gente sair em busca de alguma coisa ou era empregada doméstica ou você ingressar em uma congregação Salesiana, para estudar para ser irmã ou para ser padre não é, mas a maioria dos sentido era de você buscar um pouco conhecimento aí então essa movimentação teve como se fosse uma porta para você sair para estudar, e muitos parentes fizeram isso não é, e nesse meado eu o termino meu ensino médio na escola indígena mesmo em que a escola indígena Dom Pedro Massa inclusive, depois eles mudaram né que o governo criou outra estrutura né, da escola indígena mesmo e a escola marsans.... eu não sei nem lhe dizer, afirmar agora que no meu idioma eles colocaram mesmo né, na minha comunidade agora, fica no meu bairro né.

Tanto que quando você chega lá em pari Cachoeira, Pari Cachoeira vem de uma língua geral não é, pari, que no meio de uma (Yegesã) ... pari é tipo uma tela que eles colocam para pegar peixe, então também o idioma Nheengatu (Explicar no trabalho, nota de rodapé) também foi muito forçado a utilizar né, porque eles tentaram forçar os indígenas a usar, falar o Nheengatu para tentar homogeneizar né, inclusive tem muitos parentes que até criaram a academia de letra Nheengatu eu acho, se não me engano, esse é o meu ponto de vista não é, a gente tentar legalizar,

como dizia os parentes lá da Bolívia não é, que a mesma coisa a gente tentar legitimar as práticas da colonização sabe, no idioma que o colonizador inventou para tentar dominar a gente, então dessa forma a gente nasce lá não é, e contanto que lá em Pari Cachoeira tem vários bairros com nome característica salesiana, tipo por exemplo, a minha comunidade que forma Pari Cachoeira que eles chamam Vila, Barrio, sei lá, tantos nomes que eles dão para comunidades que ele se chama São Domingos Sávio, só que antes de ter São Domingos Sávio, os meus avós já chamavam a minha comunidade de Nirapoa, traduzindo ao pé da letra, seria Morro dos Pretos, Nirá são pretos, morro dos pretos seria traduzido ao pé da letra não é, se referia aos bichinhos pequenos né, segundo o relato do meu pai porque tinha muito quando eles chegaram para morar lá, então eu sou de lá, sou da região de pari Cachoeira do médio tiquié, alto Tiquié são dos Tuyukas e outras etnias vem descendo também o Rio tiquié né, então os meus pais moram lá ainda não é, eu digo isso porque estão lá, e eu sou o segundo filho não é, eu sou o terceiro na verdade, o primeiro faleceu, depois veio outra irmã, eu sou o terceiro, aí eu passo a morar em Manaus não é, primeiro eu vou morar na casa da minha tia não é, que ela veio como empregada doméstica, eu passo morar lá e passou a família e primeira coisa que um indígena quando vem para a cidade, ele vai para onde, ele vai para a periferia, então minha tia morava na periferia de Manaus, aí eu passo a também morar com ela, aí depois eu começo participar de movimentos indígena eu passei a acompanhar porque alguns parentes que são lideranças que estavam trabalhando alto rio Negro, alguns Tukanos passam a assumir alguns cargos da Coiab (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) não é, que é uma organização que abrange a Amazônia Brasileira não é, um dos estados brasileiros que compõem esse bioma da Amazônia, aí eles são tukanos né inclusive eles me convidam para participar e tudo mais e também eu passo a conhecer a congregação Marista, aí eu me interesse não é, aí eu ingresso com os Maristas e eu fui formado Marista uns tempos atrás né, aí eu passei morar também em outros estados não é, como Roraima, Ceará, Distrito Federal inclusive não é, que eu passo a conhecer mais também tanto quanto pelo movimento, também quanto para essa congregação não é, e então aí depois disso eu saio não é, aí eu saio dos Maristas e eu passo a, eu sai em 2018 não é? Dos Maristas e eu passo a fazer o vestibular indígena não, para ingressar na Unicamp não é, aí quando eu chego na Unicamp eu faço Filosofia lá, eu fiz até quinto período de filosofia lá, ingressei no primeiro vestibular indígena.

Diogo: Na Unicamp, desculpa é isso?

Seribí: Isso, na Unicamp...

Diogo: E o Marista era um colégio também certo?

Seribí: Não! Marista é uma congregação não é, que coordena os colégios.

Diogo: Ah, sei, porque aqui em Portugal também tem o colégio dos maristas aqui em Lisboa inclusive.

Seribí: porque eles também são igual lassalistas não é, trabalham com as escolas particulares e sociais, então dessa forma aí eu ingressei meu, tipo assim, eu agradeço muito inclusive aos Maristas não é, apesar de ter tanto, tipo assim, eles foram bastante receptivos sobre a questão cultural, meu idioma sabe, e quando eu chego na filosofia, e eu estudo na Unicamp não é, fiz filosofia lá na (abreviação não encontrada) UNIF... não é, e tinham vários relatos não é, eu acredito que eu fui uma dessas pessoas não é, inclusive dentre tantas coisas, eu diria que o mais grave que aconteceu comigo foi quando um indigenista ele tenta me processar né dentro da instituição, mover uma ação administrativa dentro da universidade com aval de outros indigenistas eu diria assim, mas que esse aí devido à minha participação dentro, tanto no movimento estudantil da Unicamp quanto nacional, e eles colocaram na Câmara de conciliação não é, que eles chamam, antes de ir para administrativa, mas a ideia mesmo era colocar né, na administração mas que colocaram na Câmara de conciliação não é, porque, por esse motivo eu diria assim, porque eu não sei, mas por esse motivo porque ia repercutir isso não é.

Diogo: Mas ele entrou com essa ação por algo que você disse?

Seribí: Sim, na verdade quando a gente chega na universidade, alguns indigenistas eles eram convidados a abordar certas temáticas indígenas não é.

Diogo: mas são indigenistas, mas não são indígenas certo, são brancos?

Seribí: sim, são pesquisadores não indígenas não é, e a nossa proposta quando chega na universidade na Unicamp é que nos falássemos por nós mesmos, sobre quando era a temática indígena e a gente chegava a falar porque a gente era convidado também nesses espaços e muitas vezes indigenistas não gostavam não é, e uma delas era essa pessoa que eu não gostava, ele era uma pessoa muito comprometida com a causa indígena e tudo mais porém, algumas posições dele incomodavam bastante não é, então aí eu fui, falei, eu fiz a fala que as práticas dele eram de um de um colonizador sabe, eu sou Salvador dos indígena, eu escrevo para os indígenas, eu sou isso sabe!

Diogo: Sim, e o ego lá em cima né, aquela pessoa que todo mundo tem que olhar para mim porque eu sou o cara que está fazendo tudo acontecer. Acontece muito aqui também eu tenho, aliás, é uma área muito difícil né cara, ainda mais sociais, antropologia, é muito movido pelo ego não é, eu tenho professores aqui que são difíceis de conversar, eu tive uma professora na PUC que reprovou metade da sala e no fim ela só reprovou só quem era Pro Uni, FIES, porque a gente foi mal em Marx e ela enviou um e-mail super malcriado dizendo que a gente não tinha capacidade intelectual para sermos alunos da PUC, então assim, é uma violência e as pessoas acabam subindo tanto nesse ego absurdo que elas têm, porque elas acabam esquecendo que a causa é muito mais importante não é, a gente está aqui pela causa e não pelo nome, eu não estou aqui para fazer um nome não é, eu estou aqui porque isso me incomoda, isso me dói, o que está acontecendo no Brasil é doloroso sabe, a gente vê o que está acontecendo, só que tem pessoas que entram nisso justamente pelo status cara isso é terrível, poxa mas que triste, e eu tinha escutado isso de uma outra pessoa que eu entrevistei, não sei se você já ouviu falar dele, chama Emerson de Oliveira, ele é Guarani Nhandeva desculpa, ele é Guarani Nhandeva e ele falou exatamente isso que ele tem vários problemas com indigenistas porque eles querem ditar o que tem que ser dito, ele falou cara, você não é indígena, você tem que me ouvir primeiro, você tem que escutar o que eu tenho para te dizer e depois a gente conversa, você está dizendo que, há mas foi o autor fulano que disse, ah! foi o sociólogo que disse, ele falou cara não interessa, eu estou dizendo que nós indígenas não gostamos do termo que você está usando, acabou, eu não quero que você venha aqui me dizer quem disse, quem não disse, é muito complicado e você já não é a primeira pessoa cara que está me dizendo isso.

Seribí: foi por causa disso não é, aí que entra né essa discussão de racismo institucional quando o Amazonas inclusive à universidade federal do Amazonas que é uma universidade primeira e antiga do Brasil, não criar política de ações afirmativas ou seja o vestibular específico para os indígenas e que maior parte da região do Amazonas são indígenas, apesar de no Brasil ter muitos, mais no Amazonas tem mais, mas assim, e esses povos vêm de vários rios não é, a gente divide por rios e a UFAM simplesmente não cria né, o vestibular indígena, ela adota as políticas de cotas do Enem, e agora imagina para o indígena que estudou numa escola indígena para concorrer com aluno de uma escola pública das cidades e das grandes cidades e das escolas da periferia que na escola da cidade pelo menos tem o cursinho, tem um vestibular.

Diogo: O cursinho pré-vestibular né.

Seribí: pré-vestibulares, agora um indígena que estuda numa escola indígena é injusto, agora tem uns indígenas que também estudam na cidade e tem esses espaçozinhos, mesmo tendo ou não condições a depender também, eles fazem esses cursinhos para ingressar, aí agora imagine no primeiro vestibular indígena teve uns parentes Xinguanos lá da etnia Kuikuro, eles aprenderam segundo o relato...

(Problemas de conexão)

Diogo: deu uma cortada. Voltou, voltou. Cortou quando você disse dos parentes Xinguanos, cortou aí.

Seribí: Aí então Diogo, aí dessa forma os parentes, os parentes indígenas Xinguanos segundo relato deles, eles aprenderão português tipo 3 meses antes de fazer o vestibular indígena.

Diogo: Meu Deus

Seribí: E agora imagine outros parentes que também são indígenas mas já moram nas cidades ou tiveram oportunidade porque tem outras regiões não tem escola indígena assim como minha nos territórios deles eles são forçados a sair para estudar na cidade, aí lá ele tem essa oportunidade não é, de fazer vestibular que são oferecidos pelos estudantes mesmo, professores de uma organização sem fins lucrativos né, eles compõem uma ONG que proporciona, aí ele tem essa oportunidade alguns não é, nem todos, aí fica muito já difícil imagina como é um racismo estruturado dentro da região inclusive, eu sou do Amazonas, lá não tem vestibular, na universidade estadual do Amazonas não tem, na universidade estadual do Amazonas o aluno indígena tem que fazer vestibular tradicional, dentro do vestibular tradicional tem 3 vagas para os indígenas.

Diogo: 3?

Seribí: 3 vagas para os indígenas e agora a UFAM, à universidade federal do Amazonas ela diz, - não a gente tem vestibular sim indígena, sim só que o vestibular indígena que eles têm é da licenciatura indígena, olha imagina só eles querem que os indígenas só estude essas coisas nesses setores, mas nem para licenciatura de área de pedagogia, Geografia, história, filosofia, economia, essas coisas eles não oportunizam sabe, porque a ideia é que os indígenas continuem sendo mesmo lá que a gente não precisa sonhar, ser um grande ecônomo, grande engenheiro, da área de saúde não é, eu faço medicina aqui na universidade federal de Santa Maria agora não é, assim a gente fica impossibilitado não é de sonhar, eu digo isso num contexto geral como o

racismo impregnado não é, antes de ingressar na universidade tem essa... tá aí racismo do estado mesmo também, a prática do estado, aqui no sul, no sudeste do Brasil tem várias universidades e agora no Amazonas que é 3 vezes maior que outros estados do sul e sudeste, só tem 1 universidade federal e outro que é um instituto federal, só que é só escola de ensino técnico, e por que que não pode ter outras universidades?

Por exemplo aqui na região sul, tem a universidade federal do Rio Grande do Sul, tem a universidade federal de Santa Maria, tem universidade federal de Caxias do Sul, tem a universidade federal dos Pampas, tem outras universidades federais do Rio Grande do Sul, quando a gente olhar no mapa, o Rio Grande do Sul é desse tamanho, olha o racismo eu diria que a desigualdade de tratamento regionais também sabe.

Diogo: Com certeza

Seribí: Porque quem mora aqui são brancos, quem predomina é a de cor pele branca na região sul, ou seja eles acreditam que a civilização, a economia Brasileira move através deles, então lá no Amazonas não podemos, eles não querem formar intelectuais, eles acham que lá na região nordeste vamos supor, na região norte tem poucas, as regiões são grandes, mas eu acredito que, eu espero não é que a política do governo Luiz Inácio Lula da Silva comesse também a repensar essa prática não é, que ele fez isso, ele tentou desmembrar as universidades, inclusive ele criou no nordeste várias universidades novas que não existiam no campos (campus) dos interiores sabe, e agora, só que o projeto espero que continue de novo na região do nordeste, no Amazonas inclusive não é, para essa criação das universidades nas regiões onde a universidade...

Agora eu escrevi com ajuda da minha companheira, que uma frase dizia não é, que o estado começa a negar a gente por causa da nossa origem que é ser indígena, para você chegar em então como a universidade não chega em Pari Cachoeira né, aí eu tenho que me ingressar para os outros estados não é, que os não indígenas chamam de migração, eu diria que a gente se move de acordo com o que a gente quer.

Diogo: com as necessidades.

Seribí: No curso de filosofia assim, tem vários relatos no curso de filosofia né, outros aceitam outros não a presença indígena não é, eu sempre imaginava que assim, eu não sofria preconceito eu imaginava, só que tinha, aqui minha companheira diz né, sutileza de preconceito, e dizer - nossa você indígena de verdade mesmo, o seu parente não parece que ele é indígena, sabe, são

os estereótipos imaginários dos indígenas do livro, e eu sempre brinco não é, eles ficam imaginando o indígena daquele desenho Silvan.

Diogo: Ou da Iracema não é!

Seribí: isso, dessa literatura Brasileira né, que romantiza os indígenas.

Diogo: A portuguesa também.

Seribí: E legitima a violência indígena como romance.

Diogo: Exato! “à minha avó foi laçada” né, essas histórias, até o mundurucu escreveu algo sobre um episódio que uma pessoa chegou para ele e falou – ah a minha avó era Índia, ela foi laçada pelo meu avô, ele achou ela tão linda que ele laçou ela e levou ela para casa, e como é que as pessoas romantizam uma coisa dessa não é, que loucura meu!

Seribí: E diante dessa romantização, várias perguntas equivocadas não é, eu acredito, eu espero não é, tem pouca gente que não são letrados, dá para perceber porque eles perguntam por curiosidade, já os outros que estão dentro da universidade, eles perguntam por ignorância ou uma ironia preconceituosa mesmo, de dizer assim, - olha esse aqui não é o teu espaço!

Recentemente por exemplo, no curso de medicina, uma menina colocou, olha, tem um grupo de medicina, onde eu faço um grupo de WhatsApp, ela colocou não é, que os meninos estavam combinando para comer lasanha no RU (refeitório Universitário) e nesse dia estava fazendo frio e chuva, aí os meninos desceram para comer lá e ela disse, colocou, “nossa, vocês parecem indiadas”, que é uma expressão daqui do sul quando se refere ao indígena, ele é utilizado muito no tempo da escravidão indígena não é, para inferiorizar o indígena, então vocês parecem um bando de Indiada pegando chuva só para comer lasanha do RU.

Diogo: Ah, indiada!

Seribí: é indiada, aí eu fui falei, expressão daqui do sul não é, aí eu fui e falei para ela olha, - da forma como você falou indiada eu poderia te corrigir em outro momento, mas você fazer uma comparação com os colegas da nossa turma, fazer essa comparação de a gente indo pegando, molhando na chuva para comer a lasanha do Ru, essa frase não ecoou bem, ecoou como se fosse um preconceito mesmo, menosprezando as etnias ou seja, o indígena ele molha para comer, olha o indígena vai no sol na chuva para fazer isso sabe. Então tem várias expressões não é, e a

minha companheira mesmo disse, - você está chateado? Aí eu disse, não estou chateado, porque eu não gostei da forma como ela escreveu.

Fui falar pra ela, que ela era uma pessoa letrada, se ela quisesse fazer comparações, ela poderia ter feito sem utilizar o termo indiada e nem utilizar da forma como ela fez aquela frase, poderia ter usado mil coisas. Por exemplo, eu não vou lhe dizer, - ei você moreno bonito, não vou dizer isso pô, está menosprezando essa cor da sua pele não é, ou romantizando um racismo.

Diogo: O próprio Moreno, mulato, já é uma palavra racista não é, que vem de um cruzamento enfim, daquele cruzamento forçado!

Seribí: Aí por exemplo, até pouco tempo os indígenas não tem cor, vamos supor um estado de São Paulo para você pegar uma identidade que eu peguei a identidade lá, ela me dizia - eu vou colocar moreno para você, você não é preto, aí eu falei, eu não sou moreno, eu sou indígena, aí ela falou mas essa opção não tem aqui, então eu fiquei com a opção de moreno lá, sabe como é que o sistema também trata as pessoas.

Diogo: Aconteceu isso comigo cara em São Paulo também, o cara colocou pardo, falei cara, eu não sou pardo, pardo não é cor, você não vai botar pardo coisíssima nenhuma, e aí falei quem é você para decidir a minha cor não é, ele me perguntou tudo, na cor ele não perguntou, aí eu fui ler o formulário que ele imprimiu, antes de imprimir meu documento, de mandar o documento não é, aqui no Poupatempo sai na hora, e aí eu vi, aí eu fiquei louco cara, falei como assim pardo? Você está maluco? falei quem é você para escolher que cor que eu tenho, você tem que me perguntar essas coisas, não é você que decide, e ele branco loiro não é, olho claro, cara, eu fiquei, eu fiquei louco aquele dia, mas eu te entendo, eu te entendo completamente.

Seribí: aí nessas histórias todinha tem vários relatos dos parentes não é, de ter sofrido algumas brincadeiras, outras por exemplo no curso de medicina, poucos professores conversa comigo né, tem essa abertura né, que uns simplesmente conversa comigo porque é obrigado a conversar, mas agora abertura maior é das professoras não é, professoras são umas pessoas do gênero feminino são mais abertas, mais receptivas, que entende também, mas agora o gênero masculino alguns né, eles se acham superior, eu até brinquei com um amigo meu, poxa o professor só faltou ele me dizer, eu tinha faltado não é, porque a minha mulher está fazendo um tratamento, o professor só faltou ele me dizer que - olha você faltou, você está reprovado! Eu disse, - mas eu estou com atestado, só faltou ele me dizer – nossa! - Isso aqui não é seu espaço, Sabe! Aí eu falei para ele, - olha, mas tudo bem, já que o senhor está falando, não converso mais com o

senhor, vou conversar com o coordenador do curso, e o coordenador do curso muitas vezes ele não pode gostar mas ele é obrigado a conversar com alunos também não é, então dessa forma eu acho que é um aprendizado também quando você a partir do momento que a gente se opõe em certos momentos não é, e não por ignorância mas que também eu acredito que o papel fundamental como nós estudantes indígenas que estamos dentro da universidade, temos essa obrigação e dever de estar lá dizer – olha, não é assim que se constrói, seja na área da saúde, na área das engenharias, outras tantas áreas que a academia inventa, recentemente eles inventam etno-matemática, etnoengenharia, essa palavra etno virou tipo uma moda sabe!

É uma forma de identificar os conhecimentos indígenas como um conhecimento, eles não veem como um conhecimento que chega para somar dentro da universidade. Aí como os não indígenas gostam de inventar, de dar apelidos, aí eles vão tentando apelidar né, mas eu não acho muito positivo não é, de apelidar os indígenas dessa forma porque, porque é muito difícil não é, falar de por exemplo na área de filosofia, nas áreas humanas especificamente fala muito de descolonização, decolonização, enquanto isso, enquanto fala isso dentro da universidade, os não indígenas estudam sobre isso aí, mas os indígenas estão lutando para ser visto como gente, como gente que pensa, que sente dor, gente que sofre violência todos os dias, seja nos próprios territórios ou fora dos território, porque os negros, os negros os pretos não é, eu diria assim, eles conseguiram, porque até por poucos anos até alguns anos atrás mesmo recente os negros os pretos eles eram vistos como seres irracionais, não eram visto como gentes, eles eram vistos como os bichos que eram que nascia para ser trabalho mão de obra barata, mas eles lutaram com essas reivindicações eles lutaram e o movimento preto negro ele conseguiu, conseguiu não! Ele conseguiu chegar de que a sociedade que diz ser elite e cor pele branca conseguisse ele ser visto como gente, agora já os indígena ainda não conseguiu, os indígenas não conseguiram ser visto como gente ainda, até por isso que tem tanta essa violência, por isso que eles dizem, os indígenas são como gente como nós.

Diogo: o presidente não é, dizendo que estão evoluindo né.

Seribí: - e os indígenas precisa de desenvolvimento! Ah, o indígena, ele não quer ONG, o indígena ele quer Liberdade, um indígena nasceu com liberdade mas a partir do momento que o sistema inventou tanta coisa, nem todos nós não conseguimos a liberdade dita não é, então tem várias outras que diz assim, não, os indígenas são preguiçosos, os indígenas são um atraso pelo desenvolvimento, mas como assim que eles são um atraso, vai para além disso ou seja, até o momento a gente não somos vistos como gente sabe, a gente pode estudar, a gente pode estar

nesses espaços onde são os espaços dos privilegiados não é vamos dizer assim, essas áreas da engenharia, esses espaços de pós-graduação, quem fazia os 10 anos atrás, os 5 anos atrás? Quem fazia era só filho de quem tinha cor pele branca.

Diogo: Ainda mais medicina não é!

Seribí: Isso, todas as áreas de humanas quem fazia pós-graduação nessa área de saúde, nessas áreas de engenharia vamos supor, não tinha tipo 5% que formaram recentemente dentro de 10 anos são os que desafiaram esses sistemas sabe, um desafio, todo mês é um desafio não é, então dessa forma que eu digo eu acho que essa dificuldade não é, por exemplo, os indígenas primeiro lutam para ser visto como gente não é, apesar da Constituição reconhecer, outros direitos internacionais não é, constituições internacionais, outras pessoas reconhecerem são gente não é, então dessa forma é um desafio muito maior.

Diogo: Sim.

Seribí: Eu sempre brinco não é muitas vezes, e algumas pessoas também como a Constituição Brasileira permite que ele se autodeclare não é, que é indígena, aí alguns aproveita disso né sabe para invisibilizar as vozes que lutam dia a dia não é, que aí o sistema é outro também né, mas a gente compreende que esse apagamento de memória foi tão danoso, tão danoso que muitos brasileiros como você mesmo disse não é, eles vê que outra cultura é melhor que a dele.

Diogo: Sim, essa síndrome de Vira Lata eu diria não é, porque tudo o que vem de fora é melhor né, tudo que vem da Europa é melhor, tudo que vem dos Estados Unidos é melhor.

Seribí: Por isso, aí até brinquei uma vez, uma professora minha, você é uma filósofa de renome de que tem um currículo extenso, produtora de conhecimento, mas agora a Senhora ficar falando de Cante, seja, de ficar falando do Aristóteles, se você ficar falando de tantos outros filósofos europeus, norte-americano, onde é que a Senhora vai estar, - como é que o seu orientando de mestrado e doutorando vai saber de você? E eu acho muito válido a gente estudar esses pensadores.

Diogo: Claro!

Seribí: Mas agora você dizer olha, eu como filósofo penso isso, essa é a minha teoria que eu defendo, eles pensaram isso mas da base disso eu construí isso, - então por que você não ensina isso para nós? Você só está ensinando a gente a admirar os outros.

Diogo: É exatamente cara, exatamente, você se formou em filosofia então na Unicamp?

Seribí: Aí quando você morre você some, então você some, mas você precisa construir também nessa área por exemplo no campo do pensamento brasileiro você deveria construir isso, tem vários indígenas aí que ocupa esses espaços não para protagonizar mas eu diria que eles, no meu ponto de vista não é, eles chegam também não para ser os primeiros de dizer olha eu fui primeiro eu sou isso não, muito pelo contrário, eu acredito que eles chegam nesses espaços como com vários desafios não é, por exemplo, recentemente a gente está sem política de bolsa permanência aos estudantes indígenas, não tem bolsa, que acontece, a gente tem uma reunião com a reitoria, a gente é obrigado a sair no meio da aula, a gente tem que dizer para a professora dar licença a gente precisa sair porque a gente tem uma reunião com o reitor, então a gente sai da sala de aula. É um desafio maior, a gente não está de uma forma igual sabe, dentro da universidade.

Tem os outros estudantes que eu chamo de parentes não é, que seja indígena não indígena que pertence a essa classe excluída não é, como você mesmo disse a minoria, mas que é a maioria. Esse grupo que tenta nos dominar que a gente continue perguntando não é, que a gente sempre seja minoria, aí agora é o seguinte, por isso que eu digo que a gente precisa sair. Ou seja, o estudante que não tem, ele precisa trabalhar e depois de estudar, quem estuda de dia trabalha à noite e tem vários esses movimentos que a gente faz que mostra que é por mais que a pessoa tenha condições financeiras muitas vezes as pessoas olha para ele e diz olha isso aqui não é teu espaço, você sabe disso, você sabe disso quando você está na Europa, muitos olham para você poxa como é que esse cara tá aqui.

Diogo: Estou roubando vaga de português no mestrado

Seribí: Eles olham assim diz, - lá na tua região não tem universidade?

E a gente escuta isso não é, porque que o pessoal eles não acham que a gente é capaz de sair do lugar onde a gente nasceu onde tenha também as coisas mas que a gente vá para outros espaços estudar para compreender, para a gente compreender a cultura do outro, eles acham que a gente é incapaz não é, de a gente aprender a estudar essas coisas mas que é um desafio muito maior eu sempre digo, eu estava pensando nesse contexto todo não é, e nessa compreensão toda sobre essa sutileza de preconceito dentro tanto dessas coisas, a minha companheira me ajudou bastante a compreender não é, por exemplo, muitas vezes eles acham a gente como um ser exótico não é, que exotismo ela me disse olha, tenho uns amigos que dizem, exótico você faz carinho para

um animal, -olha o seu cabelo, olha sua bochecha, eu falei - olha, passei por todas essas coisas eu nunca imaginei que era isso sabe, mas que aos pouco a gente vai tentando abrir os olhos não é, para esse lado também.

Diogo: Eu tive um professor aqui que outro dia, eu às vezes prendo o cabelo não é, como eu dou aula de inglês e como era aula online eu prendo o cabelo porque às vezes eu tenho muita criança na sala, e as crianças portuguesas olham o meu cabelo e dispersão, não prestam atenção na aula. E esse dia eu tinha dado aula e depois eu tive uma aula com esse antropólogo que enfim é um imbecil. E ele tem um texto justamente sobre Manaus que ele falava justamente das mulheres de Manaus e como que elas não viam a hora de encontrar um europeu para saírem daquela situação, o texto dele é nojento cara, é nojento, eu li aquilo com dor de estômago mesmo, e no dia que eu fui para essa aula eu estava com o cabelo preso e como ele já tinha me visto com o cabelo solto no meio da aula, na ligação do zoom, todo mundo ali na sala né, escutando a aula, ele vira para mim e fala – olha, você apanhou o cabelo hoje até parece que você é de outra raça, aí eu virei pra ele, professor, mas essa ideologia de raça já não deixou de existir há tanto tempo não é, aí ele tipo, tentou desconversar né, mas aí ficou aquele silêncio assim, mas eu falei cara, o que que ele quer dizer com isso meu, que comentário mais idiota sabe, mas são essas coisas para te inferiorizar mesmo, para dizer o que você está fazendo aqui, isso aqui não é o teu lugar não é, e é assim comigo, é assim com outro colega meu de Cabo Verde que sofre absurdo coitado, e cara eu entendo, eu entendo perfeitamente o que você está dizendo, o que a sua companheira também diz, porque é claro que em proporções diferentes né, eu também passei por isso em São Paulo, passo por isso aqui também e cara, tem que ter muita força de vontade mesmo, tem que ter muita força interior porque essas coisas vão te machucando, parece que não mas elas vão criando machucados não é cara, porque você começa a ficar cansado não é, essa coisa do ser exótico pra mim também não dá, não vem com esse papo para mim que tipo não dá, não rola, e eu ia te perguntar você se formou em filosofia também então?

Seribí: não, não eu não formei não, parei no quinto período.

Diogo: Na Unicamp?

Seribí: isso, eu parei no quinto período na Unicamp, aí eu venho para o curso de medicina agora não é.

Diogo: E uma outra pergunta, por que medicina?

Seribí: Então é porque eu discutia na filosofia tinha um princípio não é, de que acreditar que a filosofia específica, não vou dizer indígena, mas específica tukana também tinha filosofia sabe.

Diogo: Claro!

Seribí: Eles são grandes protagonistas dentro do universo Tukano que tem várias terminologias que alguns não indígenas traduziram não é, em várias coisas, e dizer que a gente somos protagonistas na área de filosofia também, daí quando adentro mais profundo conversando com meu pai e com outros velhos tukanos, a medicina aí não escapava sabe, que o eixo da filosofia Tukano também nasce com Bahsese, Bahsese no meu idioma é para curar doenças sabe, nós vamos curar o espiritual, essas coisas. Aí dentro desse Bahsese tem a filosofia e tem a medicina mas para falar de filosofia indígena eu tenho essa obrigação de também de pegar um gancho um pouco sobre esse Bahsese, Bahsese é filosofia e também medicina com tanto também me inspirou muito porque meu pai, ele foi uma inspiração, depois de tantos anos ele passa a se formar não é, tipo com 47 anos meu pai termina o ensino médio, ele é da primeira turma que chega na minha comunidade para se formar, meu pai praticamente estudou 4 anos né porquê o sistema eles achavam que os indígenas não precisava de nota não é para se formar ensino médio tal, escola indígena não tem que ter nota, aí os professores indígena que também lecionava nas escolas da cidade quando volta para Cachoeira diz não, não é assim, escola indígena tem que ter nota, porque o sistema só aceita quem tem nota para ir para graduação, então a gente está preparando os alunos para ir para graduação, apesar de não ter essa abertura da política dentro do Amazonas mas que eles sonham né inclusive, eu acredito que os tukanos são grandes sonhadores não é, contanto que aos poucos as coisas vão chegando não é, eu mesmo nunca imaginei estar no curso de medicina, apesar de ser um dos primeiros da minha comunidade a estar no curso de medicina da etnia do tukano.

E assim como eu disse, a medicina meu pai foi a grande inspiração, além de tudo o meu pai também é benzedor né, e ele fez técnico de enfermagem, agente técnico de enfermagem aos 50 por aí, no meio de 50 anos dele e as pessoas vão e procuram ele sabe, de madrugada e ele não tem remédio, ele sabe o básico sabe, fazer sutura, aplica injeção como qualquer um técnico faz, porém, só que ele não tem essa formação completa e também tem outros vários relatos não é, tipo por exemplo lá em Manaus tem medicina, centro de medicina indígena e é coordenada pelos antropólogos indígenas da etnia tukano e de outras etnias. Mas o fundador principal é um Tukano e com Desano não é, então só para dizer que aquele conhecimento, aquela prática de

conhecimento também cura uma doença, os da literatura da medicina tradicional vão dizer não, isso aí não tem estudo.

Diogo: Exato, esse é o problema!

Seribí: não tem estudo científico comprovado e também que está dizendo são da áreas da antropologia não são da área da saúde.

Diogo: Ou seja, é um racismo epistêmico né, é um racismo de conhecimento.

Seribí: isso por exemplo, o próprio o antropólogo Paulinho Barreto disse não é, em uma das entrevistas até conversando com a gente mesmo ele disse não é, que a sobrinha dele foi picada de cobra e agora ela está meio aleijada não é, ela chega em Manaus e nesse tempo o pai dele estava em Manaus ajudando ele nesse campo de pesquisa não é. Aí eles foram lá porque eles iam amputar a perna da menina, aí o Paulo Barreto e outros irmãos deles foram lá para dizer que eles não podiam cortar, que na perspectiva dos tukanos tinha como curar aquela ferida, aquele veneno. Aí eles foram fizeram várias e o médico disse que não podia, que era isso, aí eles se propõem a discutir com o médico não é, aí o Paulinho disse que acompanhou o pai dele não é, e ele disse que no meio desses coisas o médico disse, - quem é doutô aqui sou eu, não é você nem seu pai. Então ele disse que isso doeu muito para ele desse momento quando o médico disse não é, então pois pronto eu vou buscar estudar mais para tentar dialogar com você como doutor também.

Diogo: então, amputaram a perna da menina?

Seribí: Não, chegaram na justiça e conseguiram reverter, mas ela ficou com deficiência não é.

Diogo: Por causa da demora.

Seribí: É, por causa da demora porque a perna tinha que tirar, eles tiraram uma parte da pele não é, que estava ressecando não é, e então dessa forma aí ele incentiva sempre não é, olha a gente não precisa parar, seja na área de Geografia, seja na área de história, seja em qualquer área de conhecimento a gente precisa ter pelo menos pós-graduação para dialogar com os não indígenas, os não indígena só gosta de ouvir quem tem títulos, aí como nós indígenas não temos título, eles não gostam de ouvir.

Diogo: E você acha que um dia, a gente vai ter essa abertura para incorporar muito dos conhecimentos indígenas dentro da universidade, porque poxa, assim são conhecimentos

milenarios né, a gente tem acupuntura da medicina chinesa, a gente tem várias outras coisas que nós vamos apropriando e por que a gente tem esse preconceito epistemológico com o nosso conhecimento local, por que a gente não pode ouvir um curandeiro, um pajé e ter que dar essa carteirada e dizer o doutor aqui sou eu, até quando não é, a gente vai ter essa violência, essa agressão de conhecimento e desrespeito não é.

Você acha que a gente consegue trazer isso para a universidade um dia?

Seribí: O próprio pai do Paulinho mesmo disse não é, nesse Paulo Barreto Tukano do vídeo não é, ele sempre falou mesmo para ele, o meu filho que escreveu um pouco do Bahsese né, esse conhecimento mas que eu digo para vocês todos, porque esse conhecimento é vivo, ela tem que se movimentar, mas ela não pode movimentar em qualquer cabeça, por isso que tem que ter preparo de desde crianças para conceber isso, não é qualquer pessoa que porta esses conhecimentos, que carrega esses conhecimentos, se vocês colocarem no livro, ele não vai ter vida, ele tem que estar lá na cabeça de vocês, então por isso muitas coisas são segredos e a gente não pode ficar contando tudo, e ele fala até mesmo não posso contar para o meu filho, não vou contar para vocês tudo, porque esses são conhecimentos, são os conhecimentos vivos, com tanto que ela consegue curar algumas doenças, tem outras coisas que a gente não consegue, isso que também mostra que essa ciência dos não indígenas que cura a doença muitas vezes eles também não conseguem curar uma doença e nós conseguimos e tem uma doença que a gente não consegue curar, os não indígenas consegue, por exemplo, uma pessoa que sofreu fratura de nível do 3, a que rachou o osso vamos supor traduzindo mediante, aí tem que botar a fazer a cirurgia e o pajé não consegue fazer a cirurgia, leva um processo há anos com remédios, com tratamentos para tentar chegar a normalizar, agora os não indígenas não, é questão de 3 anos por aí ele já começa recuperar aonde sofreu esse acidente ou essa fratura. Então dessa forma ele sempre diz né, que tem vários conhecimentos que aí chega a agregar, então aonde eu sempre digo também não é que nós indígenas quando chega nesses espaços a gente não chega para impor que o nosso conhecimento é isso. Eu acho como eu sempre digo não é, que a gente chega nesses espaços também para fazer essa abertura inicial não é, claro que é não é de prazo imediato que a gente consegue as coisas e o que a gente fala é de um prazo longo não é.

Diogo: Mas esses conhecimentos que você disse que não são passados, eles não são passados para os brancos, eles são passados para dentro desse grupo, para dentro dessa etnia certo? Porque senão ele morre não é, o conhecimento acaba...

Seribí: Isso porque nós somos da oralidade né, os tukanos são oralidade não é, então para nós porque os não indígenas o que vale é escrito não é, para nós é a oralidade, então dentro dessa oralidade, então o conhecimento ele é passado de geração né vamos supor. Porque por exemplo o conhecimento que meu pai sabe, eu não sei, mas se ele fizer assim, - olha meu filho você está apto a ouvir essas coisas, então ele pode compartilhar comigo, aí se ele vê que eu não estou apto e ele passa pro outro, que é outro meu irmão, aí porque a gente é muito num sentido patriarcal também não é, a gente acha que o detentor do conhecimento tradicional Tukano tem que ser o filho. Aí algumas vezes agora hoje em dia as meninas vêm protagonizando bastante também nesse campo né que é onde o conhecimento tradicional era só passado pelo filho do homem, agora as mulheres também vêm mostrando isso sabe, isso é algo magnífico para nós mesmo dentro desses espaços de onde vai passando o conhecimento de geração e assim por diante. E muitas vezes eu não sei se escrever também seria uma forma de preservar onde a gente dá abertura para que a futura geração, por isso que eu sempre digo também não é, que como disse que vários idiomas por exemplo, vários parentes que sofreram esse apagamento de memória onde eles perdem o idioma principal, idioma deles, os parentes principalmente que foram com muito contato com a invasão, que foram os parentes do nordestes, eles optam a estudar o Nheengatu não é, que inventada pelo pelos Jesuítas se não me engano não é, se não fale a minha memória né dentro das discussões, aí então o Nheengatu vai dominar nesse universo dos indígenas pode até ser, mas assim até o momento no meu ponto de vista, não é que eu seja preconceito também com isso mas que esse Nheengatu ou língua geral ele é um instrumento de um colonizador que tentou dominar os povos indígenas através desse idioma.

Diogo: não, mas eu não acho preconceituoso não bro, eu acho que faz todo sentido porque também seria muita pretensão talvez das pessoas desse mundo eurocêntrico branco, - Ah, vamos sorver o que a gente sabe deles, enfia na faculdade acabou, sendo que dentro da cultura, você precisa estar preparado para ouvir esses conhecimentos então a gente precisa respeitar a cultura como um todo não é, se eu estou preparado para ouvir isso, ótimo, vou aceitar, se eu não estou preparado, porque senão a gente acaba mercantilizando e acaba virando igual um sistema capitalista que a gente vive não é, vai todo mundo para aquela sala de aula, está pagando, assisti essa aula não é, e às vezes a pessoa não está preparada para ouvir aquilo, eu acho que não tem nada de preconceituoso, se eu olhar com uma perspectiva branca talvez eu me sinta, eu não sou branco então estou tranquilo, mas eu posso me sentir um pouco ofendido, como assim não é,

quem são eles, mas eu acho que isso mas eu acho que isso é extremamente é eu acho que é extremamente...

Seribí: Sempre digo é um grande debate não é, que tem uns parente que ficam com raiva de mim mas eu sempre digo olha eu estou falando nesse ponto de vista sabe, que na minha região porque vários parentes sofreram, contanto que tem vários troncos linguísticos não é que eles pegaram para formar esse idioma que é o Nheengatu que é a lingua geral, tem toda essa história linguística né, contanto até pouco tempo o idioma Tukano os linguístas não indígena identificaram como um tronco Aruaque não é dos tukanos, tendo o tronco linguístico Aruaque, só que nós, as lideranças e professores aí que também faz frente nessa área disseram - não nós não fazemos nenhuma parte do Aruaque, quem é aruaque, não conhecemo Aruaque, nós não somos Tukano oriental, nós somos Tukano ocidental não, a gente nasceu aqui a gente fez esse ciclo de movimento, a gente não conhece esse Aruaque, esse termo Aruaque, quem são, se o linguista que escreveu isso ele pode desfazer, a gente faz parte do tronco linguístico Tukano a gente não quer fazer parte de outro tronco linguístico porque a gente não sabe, não conhece, a gente acredita que nas outras partes do Brasil tem vários povos indígenas com sua idioma com sua especificidade apesar de um Tukano sempre foram os políglotas não é, politicamente para tentar articular também dentro dos parentes deles, por exemplo a minha obrigação era saber o idioma da minha mãe, só que eu não sei devido aquele fato ocorrido, mas meu pai fala idioma da mãe que é Tuiúca, ainda domina mais 3 idiomas porque ele morou um tempo também na Colômbia não é, na Juventude dele então ele tem essa facilidade de conversar com os outros parentes, aí então agora é minha obrigação também de saber mais outro idioma, não para dizer que é porque eu sei, mas é para facilitar na comunicação, então enquanto maioria da geração do meu pai e a geração anterior, são os indígenas políglotas e falam mais de 3 ou 4 línguas, idiomas, por exemplo meu pai só fala essas línguas, mas tem um parente que fala 6 idiomas indígenas da região, então dessa forma eu acredito que a gente vem tentando construir dessa forma por isso que o português, o meu português ele sai meio torto não é por causa do meu idioma, eu falo o meu idioma com os parente ou quando eu tiver uma oportunidade eu falo não é, aí eu sempre digo que também quando encontro outros parentes de outras região dentro da universidade, aí eu fico me admirando não é, poxa que legal né apesar a gente nem sabia que eu como tu falou, eu nasci naquele quadrado, o meu mundo era aquilo sabe, eu até pouco tempo eu pensava que dos indígenas só existia eu, e os indígenas que a gente vê na televisão, ela romantiza muito não é, a mídia Brasileira quando ela quer mostrar a realidade dos indígena, ele

vai nas aldeias turísticas, por exemplo, quando quer mostrar a realidade dos indígenas do Amazonas, no Amazonas alguns quilômetros de Manaus mesmo subindo de barco de 30 a 15 minutos tem várias aldeias turísticas, eles vão lá enfiam lá eles aí diz assim, - ó os indígenas são esses, ou eles vão nos dia de festas festivas aonde os indígenas veste os trajes, pintam, estão dançando eles vão e filma e diz, - ah, os indígenas fazem isso, aqui, não mas eles não mostram o dia a dia dos indígenas, então diante dessa forma que a sociedade fala, ah o indígena está andando de carro, ah o indígena usa *smartphone*, ah o indígena usa roupa, sabe como eu te falei...

Diogo: Aquela ideia romantizada ainda não é que o indígena tem que estar vestindo a roupa específica não é.

Seribí: Isso, sem essa lógica né, aí eles pergunta, - até quantos anos tu não usava roupa? Eles fazem essas perguntas dentro da universidade né, quando é um indígena eles olha, fico imaginando, nossa! Esse indígena está vestido não é, eita esse indígena, ah, cadê teu colar, por exemplo eu não ando de cocar né, eu não tenho cocar, muitos parentes de outras etnias me pergunta - e se eu cocar, aí eu falei assim, não preciso, se eu quiser eu uso no momento certo mas assim com a permissão de outros.

Por exemplo quando estive na Unicamp, estava na primeira semana acadêmica, teve um parente que me tipo assim - olha parente vou emprestar esse cocar para você, para você usar, então eu tive que usar sabe porque ele falou - não parente, eu quero que você use, pois pronto eu usei mas depois eu tirei de novo não é, assim tenho vários processos que eu também tenho que me conscientizar não é porque mas como eu te falei dentre tantas dessas outras, tem os outros parentes que se auto declaram não é, olha o meu bisavô era indígena e sim é ótimo a gente buscar as fontes né e fazer essa busca, e mais sem tentar apagar aquela pessoa não é, vamos por exemplo, conheço vários que eu não consigo citar agora que tem isso aí né, diga assim, - olha eu sou de fulano, só que isso é ótimo porque a Constituição Brasileira, ela permite que qualquer outra pessoa se autodeclare indígena, aí quem sou eu para deslegitimar a história do outro, mas agora aquela pessoa que se auto declara, ela também não pode assumir ou aquela identidade para se protagonizar em algumas coisas que já vem construindo, por exemplo, não posso falar sobre vivência de uma mulher indígena, eu não posso porque eu não consigo, eu posso relatar como é? Não! A experiência da minha mãe, se relatar no meu ponto de vista mas agora eu não posso falar por minha mãe sobre a experiência dela não é, fica difícil, aí mais ou menos funciona isso essas coisas também de auto afirmação, eu tipo, eu fico muito feliz também de a minha

companheira né, a pesar de a gente estar desde 2018 não é, tipo assim, apesar de ela ter construído já, ela tem uma formação, uma conscientização social mesmo, eu não sei se também como é, vai de cada um não é, tipo assim, claro, ela tipo assim admira os artesanato, pode adquirir não é, mas é igual comprar um brinco, comprar pulseira, mas agora falar no lugar, que tipo assim, para falar poxa ela pode produzir também, comprar roupa indígena né, mas não usar no momento e dizer assim, - olha, eu estou aqui também, sou mulher do indígena sabe, mas assim, porque eu nunca também disse para ela, eu sempre vejo mas ela tipo assim, ela sempre foi uma pessoa assim não é, tipo ela usa um acessório indígena que ela ganhou de presente, mas nem por isso ela chega lá olha esse aqui sabe, mas é vai de cada um né mas eu vejo companheira de outros meus parentes não é, chegar assumir, a falar andar pintado, isso eu diria que também tenta afastar um pouco das pessoas que vivem a realidade e a pessoa que está se descobrindo, o problema no que a gente vai é crise de identidade não é, que é onde um dia você pertence aqui, outro dia você pertence aqui, e não consegue dizer para onde você quer ir, de qual etnia você é, mas quem faz essa confusão toda é esse sistema não é, é muito difícil.

Diogo: mas é o momento mesmo de muitas pessoas, acho que vem se descobrindo né, eu vou dizer que eu também passei por isso cara, porque eu cresci com tanta violência ali local que eu por exemplo, sempre raspei o cabelo, porque eu sofri tanto preconceito por causa do meu cabelo, até música cantavam para mim por causa do meu cabelo, que eu sempre cortei o cabelo, e o primeiro sinal de auto afirmação que eu tive de me respeitar, de me amar, de gostar de mim, de me entender não como uma pessoa inferior, porque eu sempre fui inferiorizado a minha vida toda, foi deixar o cabelo crescer cara, foi a primeira coisa, e a primeira coisa que eu ouvi do meu pai foi, - corta esse cabelo porque assim você não vai trabalhar em lugar nenhum, aqui já começa, aquela própria violência dentro de casa sabe, -não, corta esse cabelo porque assim você não vai conseguir nada, as pessoas não vão te respeitar com esse cabelo, eu falei, mas quem disse? Por que a gente tem que ficar vivendo dentro dessa bolha, por que eu tenho que falar como um branco, me vestir como um branco, por que eu tenho que agir como se eu fosse, eu não sou essa pessoa, eu fazia isso para não sofrer nenhum tipo de preconceito, minha avó por parte de mãe é branca e ela chegava para mim quando eu raspava a cabeça mais novo, eu não sei se você lembra aqui em São Paulo tinha a FEBEM que é A Fundação Casa, que era onde os menores infratores eram presos não é, e a violência dela já começava assim, - meu filho por que que se raspa esse cabelo, você parece um criminoso e eu falava caramba meu, se eu raspo o cabelo eu sou o criminoso, se eu deixo o cabelo crescer eu não vou arrumar emprego, então o

que eu vou fazer, só se eu morrer e nascer de novo não é, porque minha cor já não serve, meu cabelo não serve, quer dizer que eu vou fazer, eu não consigo não é, então essa questão de autoafirmação eu até entendo porque eu também passei por isso, mas eu também entendo o teu lado é porque acaba mesmo criando essa ideia né de que o índio está sempre vestido com as roupas tradicionais, o que não é verdade não é, mas é por isso que eu acho que o aprendizado é tão importante, é por isso que eu acho que a gente tem que aprender cada vez mais, é por isso que eu acho que a gente tem que ter mais abertura dentro das universidades, a gente precisa ter mais respeito pelos conhecimentos que são criados, são gerados dentro não é, do Brasil que são nossos mesmos de fato, e a minha outra pergunta que eu fiquei curioso, dentro da medicina agora quando você se formar médico, você pretende aplicar alguma coisa cultural tua da medicina indígena ou você vai abdicar? E a outra pergunta é, o que você acha que vai te diferenciar de um médico branco? Porque se a gente sabe que, não sei como é que é aí, imagino que deva ser igual São Paulo, geralmente as pessoas se formam em medicina, é um curso caríssimo não é, para quem faz privado, é extremamente caro e os públicos a gente sabe, em São Paulo principalmente é muito difícil das pessoas de baixa renda terem acesso, porque as universidades públicas não dão o mesmo gabarito, vamos dizer assim em termos de estudo para por exemplo, que as pessoas que estudaram nas escolas mais caras de São Paulo não é, então a gente sabe que em São Paulo por exemplo, muitos dos médicos são brancos, minha irmã não conseguiu fazer medicina porque era caríssimo e ela não conseguiu entrar na USP por exemplo, então ela fez enfermagem, ela se tornou enfermeira, mas ela gostaria de ser médica, não conseguiu, e então por exemplo você vai num médico hospital público no Brasil, os médicos são todos brancos e o tratamento é péssimo, é aquela, eu até fiz um trabalho antropológico sobre isso, o tratamento que os médicos dão, aquele nível hierárquico né, de que eu sou melhor do que você, eu sou médico, que é aquelas profissões que vem desde da época colonial não é, que é o médico, engenheiro, arquiteto, e o o o advogado não é, que são aquelas profissões que é o doutor né, eu sou doutor, tem que me chamar de doutor, embora não tenham doutorado, e aí eu percebo, eu já fui várias vezes em médicos públicos no Brasil, sempre há esse tratamento de inferiorização do paciente ainda mais quando eles olham para mim, vem a minha cor, meu cabelo não é, enfim.

E como é que você se vê agora, quando você se formar, você acha que você vai, acredito que isso vai ser diferente, mas como é que você acha também que vai ser o tratamento? Você

pretende atuar onde? Em que lugar do Brasil? E o que vai te diferenciar cara? O que você acha que vai ser diferente dos outros médicos?

Seribí: Essa é uma pergunta que muitos fazem não é, até o próprio,

Diogo: Desculpa se for uma pergunta indelicada, se eu for ignorante me perdoa cara, não se eu falar alguma besteira por favor me corrija.

Seribí: Não, é tranquilo né tipo por exemplo como você fala não é, vou pegar esse gancho que eu tinha esquecido de falar né, que a maioria é estereótipo de branco por aqui tudo mais. Primeiro desafio quando eu chego aqui em Santa Maria né com a minha companheira, foi encontrar o aluguel né, tipo por exemplo as empresas que aluga, as imobiliárias não é, elas já vêm você de cabeças ao pés e já burocratizam né, aí a minha companheira também, não indígena mas ela tem cabelo enrolado é Nordestina não é, aí tudo se envolvia sabe, e enfim.

Diogo: É engraçado você dizer isso porque eu mudei aqui em Portugal, em 1 ano e meio eu mudei 10 vezes de casa, é pelo mesmo motivo, é extremamente difícil para um brasileiro ainda mais da minha cor, alugar qualquer coisa aqui em Portugal, assim que eles olham para mim, já é um problema, eu cheguei a alugar um quarto e fui expulso de casa no mesmo dia porque ela viu o meu nome, achou que eu era branco, quando eu cheguei lá, não! - você não vai poder dividir o apartamento com uma alemã, não é legal, eu falei ué, mas como assim não é legal, é só porque agora você olhou para mim, me viu, eu não posso dividir o apartamento com uma menina, quer dizer, quando você leu o meu nome não era problema, agora que você me viu, é um problema, eu fui expulso de casa no mesmo dia, no mesmo dia, não cheguei nem a pegar a chave.

Seribí: pois é, esse desafio não é, mas que é assim eu diria que dentro da medicina é assim não é, por mais que você faça para você estando acessando ... várias de qualquer espaço a depender da condição financeira e tudo mais, porque tudo envolve a questão financeira para eles não é, por exemplo, como mais que você tenha uma condição financeira, não é que eu tenha não é, não estou dizendo que eu tenho mas eu estou dizendo que por mais que você tenha uma condição financeira, hoje está acessando um curso que é altamente elite, para eles você sempre é aquela pessoa inferior sabe, que você não é digno de estar naquele espaço, de acessar aquele

espaço que os privilegiados acessam, então eu acho que para mim assim, é eu sempre dizia né, eu acho que até meus próprios parentes não conseguiram acreditar né quando eu venho expressando essa vontade de estar no curso de medicina não é, o caso como eu te falei desse projeto não é, de filosofia–medicina, apesar de eles são áreas distintas mas no universo do tukano ele não é tão distinto não é, mas eu tive assim um apoio muito maior da minha companheira também não é, que me disse olha, ela sempre me dizia, nunca disse, olha Anderson é um equívoco que você está falando, você tem que terminar a filosofia, eu acho que a vontade dela era dizer isso não é, assim por dentro, mas por fora ela sempre dizia olha, você precisa sonhar, ela me ajudou bastante e me ajuda bastante não é, apesar de assim, nunca imaginei a passar por aqui não é, mas enfim, e lá na minha região agora tem e centro médico cirúrgico indígena não é, que os expedicionários da saúde eles atende na minha região com várias especialidades de cirurgia né, ótica, de hérnias, de colocar próteses e de todas as outras coisas, aí a minha comunidade ele virou como se fosse um ponto estratégico para receber os indígenas não é, da região por exemplo, teve uns indígenas lá do estado de Roraima que já foram fazer cirurgia lá, os médicos não indígenas não é, eu até fiquei me perguntando será que a gente também está virando como grupo de estudo, para fazer essas operações não é, sabe, mas enfim, é importante que essa ação está acontecendo, isso é bom, e é muito difícil também eu acho que você ser indígena está atuando nos hospitais não é tipo por exemplo uma pessoa que fala, que entre, uma pessoa que pertence a essa classe excluída tentar trabalhar, não é que é impossível mas eu acho que vai contra a que eu falo né, tipo vamos supor que eu me formo e eu vou trabalhar nos hospitais particulares, é possível sim, mas vai contra o que eu penso, o que eu falo não é, por exemplo, e dizer assim ao primeiro momento eu tenho vontade não é, porque eu agora além de ser natural de Pari Cachoeira, Amazonas, eu também recentemente casei não é com uma Piauíense vamos supor, aí tem esses 2 pontos que eu divido agora e lá na no estado de Piauí também tem uns agora o processo de auto-organização dos indígenas né, eles vêm se encorajando apesar de eles terem sempre nos bastidores eu diria, sempre foram mão de obra de mão de obras, os indígenas, lá que sempre chamavam ele - ei índio, sabe, com aquele negocinho eles vêm se auto organizando agora, como estou dizendo eles eram mão de obra do mão de obra, é por isso que eu disse que os indígenas eles sofrem um preconceito tipo triplicamente, outros ao invés de colaborarem, eles exploram mais eles, então dessa forma e a minha companheira acompanhou um grupo né na região do agronegócio lá do Piauí que ela vem ajudando eles na auto organização e tudo mais, eu acredito que eu tenho assim um campo muito bom para trabalhar com as parentes e sejam no estado da minha mulher ou também no

estado do Amazonas, demais agora assim no primeiro momento assim que eu tiver uma oportunidade não é, e eu quero trabalhar com os parentes não é, tipo eu preciso, eu tenho que trabalhar com os parentes depois de formar não é, então dessa forma primeiro, quero trabalhar na minha região mesmo que conhece pouco né que que são os ... né que que precisa de várias médicos inclusive eu me pretendo também passar a trabalhar com os parentes Yanomami né que ainda apesar de ficar mais próximo de mim, eu não conheço ainda, eu só conheço os parentes Yanomami nas reuniões sabe, nunca cheguei a pisar nos territórios Yanomami, inclusive meu pai também não foi porque eles são bravos né, eles são um povo guerreiro eu diria assim, que são resistentes, então dessa forma eu sonho trabalhar com essas etnias que ainda eu não cheguei a conhecer não é, eu acredito que vai ser uma, é um sonho ainda eu espero né, mas que assim eu sempre digo não é, que eu descarto essas possibilidades de trabalhar nos hospitais privados vamos supor.

Diogo: Para que também trabalhar em hospital privado para ter preconceito de paciente não é, minha irmã sofre preconceito, - que eu não vou ser atendido por essa preta, eu quero uma enfermeira branca, isso já aconteceu com ela várias vezes e comigo também como professor, reunião de pais e mestres na escola que eu dava aula, eles dizem – ah, o professor Diogo está na sala 5, os pais chegavam na sala de aula e olhavam para mim e já, não, e ele não pode ser professor e me perguntava, - eu estou procurando um professor Diogo, pô eu já ficava louco não é meu, eu falava - mas você está olhando para ele, não é a sala 5 que você tá procurando, desculpa não imaginava que era você, aí eu pensava mas como assim não imaginava que era eu, você tá imaginando que era quem? Sabe, uma pessoa com uma outra cor, óbvio não é, é difícil cara é difícil mesmo, minha irmã sofre assim um bocado mesmo porque ela trabalhava no hospital Beneficência Portuguesa de São Paulo que é um hospital que atende a classe média não é, brasileira, cara ela sofreu um absurdo mesmo, assim, de paciente morrendo de dor e falar, - eu não quero ser atendido para ela, me arrumou outra pessoa, é terrível.

Diogo: Só para terminar a amigão, aliás 2 coisas, você me mandou uma coisa que eu fiquei curioso, o que que significa posso estar pronunciando errado perdão, Añú?

Seribí: Añú é gratidão, e também pode ser um estado, depende da forma que você fala, é gratidão, Añú também é estado que você está bem também, quando você diz Añú, quando vamos supor outra pessoa me pergunta Añú...? Ou seja, como você está? aí eu vou dizer Añú.

Diogo: E é Tukano?

Seribí: Isso, no idioma Tukano Añú, gratidão.

Diogo: E poxa obrigado, gratidão é minha enorme, é um prazer enorme conhecer vocês poxa.

Seribí: Aí, sobre a terminologia Bahsese também tem uns artigos aí do Paulinho Tukano né, que ele tem para referendar isso aí é, os artigos da antropologia mesmo, ele formou na UFAM mestrado e doutorado né, ele usa essas terminologias não é, tipo por exemplo, que a gente a gente precisa porque tem umas terminologias que a gente não consegue traduzir ao pé da letra, quando a gente traduz ao pé da letra fica equivocada, então dessa forma a gente precisa utilizar essas terminologias porque também é nosso idioma sabe, aí uma forma também de provocar, olha a Ciência pode ter porque nesse universo acadêmicos se escrever um artigo científico você precisa ter aquela famosa referência bibliográfica não é, se não tiver escrito e você pode escrever alguma coisa que não tem referência bibliográfica, o seu artigo fica inválido, isso é uma regra, ou seja para você legitimar o seu pensamento, a sua teoria, você tem que referendar os outros que vieram antes de você, esse é o jeito de fazer ciências dos não indígenas, ou seja, uma forma também de menosprezar os conhecimentos que chegam dentro da universidade, ou seja, referendar aqueles privilegiados que passaram antes de nós.

Diogo: E uma outra pergunta que eu ia fazer, você sente algum tipo de preconceito por causa do português, da maneira como você fala ou não?

Seribí: Olha, até minha mulher me corrigi, que eu fico chateado não é, mas assim não é, eu sempre pergunto para ela não é, mas você entendeu o que eu disse, o que eu estava querendo te dizer.

Socorro: É que ele ainda não consegue utilizar o artigo adequado, ele troca: a kombi, o mesa, então ele não consegue usar o artigo adequadamente. Porque na aldeia dele, eu também estou aprendendo viu, na aldeia dele eu já fui lá né, no Amazonas, vi várias etnias isoladas lá no Amazonas, tem muita aldeia, e aí lá na comunidade dele raramente, eles não falam português, eu só sabia que eles estavam falando de mim quando eles diziam Socorro, que é meu nome né.

Diogo: Sim, não tem como traduzir né!

Socorro: É então assim eu também super compreendo não é, porque eles não tiveram, eles para preservar a língua deles, eles têm que falar a língua deles né, e, mas aprender a língua

portuguesa não é, ao mesmo tempo, e essa eu também não sei a língua deles não é, então eu também posso pronunciar errado né.

Diogo: Mas vou te falar eu cheguei aqui em Portugal, acho não sei se você escutou isso aqui também, a gente não fala português do Brasil, a gente fala brasileiro não é, que é uma coisa que me deixa louco da vida que eu falo que brasileiro é nacionalidade, não é linguagem, não é uma língua eu falo, eu falo português sim porque o Marquês de Pombal, aquele infeliz obrigou os brasileiros a falar português, eu não venho aqui para Portugal para falar para, eu não falo brasileiro, eu falo português do Brasil, é português, não deixa de ser português porque se não, - tu falas brasileiro, - não, eu não falo brasileiro, brasileiro é nacionalidade eu falo português, nós falamos português, agora meu português é diferente do teu, concordo, gênero número e grau, eu até prefiro o meu para te ser sincero, eu acho o meu mais bonito, porém eles ficam loucos.

Socorro: mas eles são super desconfiado não é, eles são super desconfiado, o meu senhorio que era um cara que me alugou, aí nos finalmente eles pensam que a gente é igual vocês que passaram a vida inteira roubando o Brasil, por isso que vocês são todos desconfiados.

Diogo: Gente eu vou deixar vocês ir, que eu já tomei muito tempo de vocês, gente obrigado de coração viu, só ia te fazer 2 perguntinhas antes da gente ir, o teu nome é Siribí Tukano?

Seribí: Meu nome Seribí é nome tradicional dos tukanos não é, Seribí é nome tradicional Tukano, aí o Tukano eu coloquei mesmo da etnia né Tukano, e que é um apelido entre aspas né que deram para nós, mas que nós tradicionalmente somos o Ye'pâ-Masa, traduzindo ao pé da letra.

Diogo: Então o seu nome, o nome que as pessoas usam para você, o nome português é Anderson?

Seribí: é isso é Anderson

Diogo: Ela estava chamando de Anderson, eu falei ué!

Seribí: Pois é, nas minhas redes sociais é Seribí né, no registro de nascimento indígena que o atual rani não é, eu tenho esse nome não é, tenho 2 nomes aqui. Mas o nome tradicional dele é Seribí, não é qualquer pessoa tipo ai, eu vou dar o Seribí, tem vários outros Seribís da etnia tukano que é o nome que eles dão tipo hierarquicamente por exemplo, eu tenho uma irmã

(...nome...) aí vai indo sabe tem várias (...nome...) aí tipo que a gente vai dando porque tem, que a gente acredita que teve vários tukanos não é, vários tukanos que vieram antes da gente na origem não é, de acordo com a mitologia tradicional dos Tukanos, aí um deles era o Seribí que era irmão menor ou seja irmão do meio, não era menor mas eles chamam ele de menor não é, então ele é isso, é limite.

Diogo: Então o outro nome é Anderson Jesus Arantes?

Seribí: é, agora eu casei aí tem esse nome da Silva Arantes não é, aí que loucura.

Diogo: E o nome da sua esposa desculpa, não perguntei?

Seribí: É Socorro, Maria do Socorro da Silva Arantes agora que a gente casou.

Diogo: Um prazer enorme Socorro.

Socorro: Igualmente Diogo.

Seribí: Aí eu sempre brinquei não é, tal mas agora já pensou se a gente tiver um filho e ele ir para a escola ele vai aprender, aí eu vou fala para a Socorro, você quer que ele escreva o nome indígena ou esse nome extenso dos não indígenas que ele vai sofrer muito, porque é desse tamanho, mas enfim, brincadeira fora a parte não é, assim dizer isso aí que é o nome tradicional por exemplo, como te falei que a gente é muito patriarcal não é e eu sou levou a etnia do meu pai que é Tukano, aí da minha mãe eu levaria o idioma dela e dizer que minha mãe é Desana, vamos supor que a minha irmã casa com não indígena ou de outra etnia, ela tem um filho e se ele for filho de um não indígena, a criança mesmo sendo a mãe, ele vai ser visto como não indígena, até sempre brinco para os outros parentes né, digo olha, o discurso do purismo, o debate de purismo não pertence aos tukanos, tukanos nunca debate esse negócio de purismo, a gente nunca prega o purismo, a gente defende é que a gente consiga fazer casar com outras etnias e fazer essa política de diálogo de construção coletiva.

Não no sentido para dominar, mas no sentido de compartilhar os saberes, fazer esse intercâmbio de conhecimento e também apaziguar nos territórios que os não indígenas demarcam. Já os indígenas eles delimitam de acordo, olha naquela região é do meu parente não vão! Então aquela região pertence aos parente outra etnia e eu não vou ultrapassar, esse é meu lugar até aqui onde meus pais, meus avós, bisavós trabalharam até aqui e eles sempre respeitaram, então a gente continua isso sabe, a gente não precisa demarcar, fazer isso não, a

gente demarca de acordo com essa lógica tradicional mesmo, então dessa forma os Tukanos sempre foram assim não é.

Por exemplo na minha região são 12 etnias, 12 etnias estudam na escola indígena que eu estudei, agora deve ser mais porque tem outros vários parentes chegamos não é, e sem contar que tem outros parentes que a gente não tem contato não é, mas que a gente sabe que existe lá, tipo aqui vocês, aqui dizem não é, indígena isolados, aí eu estava, eu estava hoje, eu tipo, eu fui dormir um pouco tarde não é, ficava refletindo umas coisas, eu fiquei imaginando né porque assim, que a minha companheira trabalha nesse negócio de agronegócio, ela escreve muito artigo sabe, está colaborando, assessorando nessa auto-organização dos indígenas de uma Fronteira de disputa de território, que no nordeste e em outras regiões, principalmente no nordeste, por causa de disputas de território, eles mataram e matam muito gente, agora eu fiquei imaginando né, os indígenas selvagens tem até o momento nunca mandaram matar alguém, fazer do jeito que essa barbaridade acontece, isso que fiquei refletido um pouco não é, poxa vida que a Socorro escreve alguns artigos denunciando isso sabe, esses dias mesmo um projeto de extensão seu não é Socorro, que está para fazer a formação como registrar os momentos sabe com o celular mesmo e fazer denúncias de divulgação de canais de denúncias. 2 alunos dela estão fazendo isso aí isso, aí pode parecer pouco desse lado não é, dizer assim olha está fazendo coisa boa mas por outro lado que resolve nas caladas da noite, isso é um muito grave sabe, isso é uma evolução que os próprios que vem sofrendo, vão fazer isso, então por causa desse jeito que o indigenista e o britânico foram assassinado sabe. Então essa repercussão acontece porque que envolvia 2 pessoas que eram bem engajadas, bem articulados, agora imaginem umas pessoas que tem pouca articulação e muitas vezes fazem os trabalhos de base por exemplo.

Diogo: E não só, só estão indo para cima porque o governo britânico pediu explicações para o Brasil, e aí o Brasil com aquela síndrome de Vira Lata precisa responder, porquê de novo se fosse, quantos indígenas já vem morrendo há quanto tempo e ninguém faz nada não é, agora parece que virou um circo mesmo né, tá todo mundo querendo se informar, querendo saber o que aconteceu porque morreu um branco europeu, não estou desmerecendo o cara pelo amor de Deus, não é isso, mas de novo, é aquela coisa, parece que uma vida tem mais valor que a outra não é, e até disseram isso na reportagem, não tinha nenhum indígena lá para conversar sobre como foram as buscas sendo que eles foram os que ajudaram não é, eles são os responsáveis por ter encontrado.

Seribí: Os indígenas do vale javari, eles soltaram uma nota não é, dizendo, primeira nota que os indígenas,, eles relatam eles alegam mesmo que os parceiros de busca deles foram o polícia militar de Tabatinga que é o oitavo batalhão, eles respeitaram o conhecimento indígena e eles foram sempre parceiro deles na busca com eles, junto com eles acompanhando eles, foi a polícia militar junto com os indígenas e os indígenas agradece a polícia militar pela parceria, aí depois um tipo por exemplo, na polícia federal, os bombeiros essas forças nacionais eles ignoraram os indígenas praticamente, mais a polícia militar nunca deixou de levar os indígenas sabe porque quem dominava, quem conhecia o território eram os indígenas, então os primeiros vestígios encontrados por indígenas foi naquele lugar aonde eles acharam, os indígenas procuram desde o dia que eles sumiram, nunca deixaram de procurar então agora tem várias ameaças não é, para os presidentes da associação e tudo mais, porque é como a Unicamp colocou, um Oeste sem lei sabe, o estado é um lugar sem lei, fica muito ruim, e na minha região ainda não chegaram isso, até muito distante mas que acontece os vários conflitos não é, de invasões, exploração porque a denúncia cai muito não é, e também essas fiscalizações, ele foi muito precarizados essas instituições de fiscalização, então sempre é assim sabe, então dessa forma tanto na região, essa entre Rio Solimões não é, Tabatinga né na região de Rio Japurá que faz Fronteira, e tem outros rios por exemplo o rio Negro, Amazonas é dividido por rios não é, aconteceu no extremo e eu moro no outro extremo, só que nesse outro extremo quem está sofrendo recentemente com o garimpo ilegal são os Yanomamis próximo da gente sabe, para chegar em território da gente é questão de que alguns quilômetros então sabe, por exemplo, praticamente uma aldeia sumiu, as indígenas foram estuprada, aí depois as instituições que fazem essas operações, disseram que não tinha vestígio de estupro da menina, não tinha esse negócio, a perícia diz desmente tudo sabe, que desacredita porque o estímulo maior do presidente atual é dizer, ele foi visitar um garimpo ilegal no estado de Roraima, só pra tu ter uma ideia, ele foi visitar um, porque é proibido pela lei, a lei Brasileira proíbe o garimpo, o garimpo é ilegal, assim como droga, sabe aí presidente do Brasil vai, ou seja ele reconhece aquelas práticas.

Diogo: Ele legitima né.

Seribí: Isso, aí fica muito ruim aí eu estava imaginando não é, cara como é que isso acontece poxa, a gente está no século XXI, 2022, em 2022, e assim a gente, quando noticia isso é tipo por exemplo, desapareceram, eles não desapareceram não, eles foram executados, como a mídia Brasileira também tem essa malícia de amenizar as coisas, eles foram executados, não

sumiram não, você desaparece quando você some, eles não sumiram não, eles foram executados, e eles não foram executados, eles foram executados entre próximo a cidade entendeu. E por exemplo, acontece no estado do Pará por exemplo, os caçadores, 2 corpos de caçadores foi encontrado dentro do território indígena, só que os caçadores estão culpando que os indígenas que assassinaram, só que ninguém sabe ainda, está em busca, ou seja, eles também causa as vítimas para levar provocações não é, tipo por exemplo no estado do Pará, do avanço das empresas de madeiras de extração ilegal, o garimpo, os grileiros eles avançam também na região da Amazônia através disso, o Mato Grosso essas regiões hoje né, e agora no Amazonas eles pegam nessa parte não é, e agora nessa parte também da Amazônia eles pegam dos territórios Yanomami, passando dos território Yanomami para outras terras indígenas é daqui pra ali, se s a gente imaginar que essa escala de invasão ocorrida aqui por exemplo 2 anos, ele já acaba com os territórios indígenas sabe, porque não tem que fiscalização, eu não sei como até onde não é, porque é muito difícil, a gente fica desacreditado não é nas coisas, mas eu acredito que enfim não é, e acontece quem mandou matar, foi o estado?

Diogo: Isso é para derrubar o otimismo de qualquer pessoa não é, porque é desacreditar mesmo que esse atual governo claro, não dá para acreditar em nada, é um total descaso, é ele é a morte em pessoa aquele presidente, é muito triste não é, porque você vê que realmente as coisas estão, ele disse isso várias vezes não é, que se depender dele que não ia ter Terra demarcada mais, e ele legítima, ele busca isso, é isso que ele quer, ele descaradamente é isso que quer e eu nem imagino como é que vocês, como é que você sendo de lá não é da região, como é que você se sente cara, porque é ver seus parentes sendo executados sendo mortos não é, e a mídia nada, não é, agora porque morreu o inglês e repercutiu o mundo inteiro, parece que agora as pessoas existem não é, mas de novo, na hora de ir lá dizer para o mundo que foi encontrado, foram encontrados os corpos não levaram um indígena para conversar sobre o que aconteceu, é esse desrespeito pelo conhecimento não é, porque assim você acha que a polícia militar iria encontrar o que encontrou em 10 dias se não fosse a ajuda dos povos indígenas da região, nunca, é muito muito descaso cara, e aí eu queria te perguntar para encerrar, o que significa cara, ser indígena hoje no Brasil?

Seribí: É eu sempre digo não é que ser indígena é um desafio muito grande não é, uma carga muito pesado ao mesmo tempo né, a partir do momento que você é nasce como indígena porque você não escolhe não é, você também não se autoafirme porque nasceu um indígena.

Eu digo numa pessoa que nasceu numa comunidade indígena não é, porque tem outras indígenas que nasce dentro da cidade, que sofre outro desafio, agora para quem nasceu na Terra indígena ou não tô menosprezando também quem nasceu na cidade, é um desafio muito maior sabe, que você já você já sofre essa rejeição desse sistema não é, para vocês chegar nesses espaços onde eu estou atualmente, é um desafio muito maior não é, além de você é sofrer várias coisas né, primeiro começa esse jeito de ser indígena, não é um jeito você ser indígena, já começa, a exclusão começa por aí, e você chega nesses espaços, é um desafio muito maior, muitos dizem que ser indígena tipo é romantizado mas não é sabe, para estar nesses espaços a gente passa por vários desafios não é, primeiro você sai do seu lugar de origem que os não indígenas chama de sair do seu conforto não é, que não tem nada de conforto, então você a partir do momento que você sai, você afasta um pouco de tudo praticamente, das relações familiares, de relação de parentesco, por exemplo, tô no extremo sul, eu não tenho, é por mais que eu tenho os parentes indígenas, eu não tenho praticamente ninguém sabe.

Seribí: É isso, tipo vamos supor, ah o fulano aconteceu isso, aí não, se fosse na minha comunidade eu teria alguém, mas aqui eu não tenho ninguém, só para se ter uma ideia sabe, a gente afasta disso tudo, sabe até mesmo quando a gente vai para o Amazonas por mais que a gente tenha parente, você afasta um pouco de tudo sabe para chegar, é assim como, eu diria que então é quando ainda mais quando você é claro, você não indígena, você como eu te falei vocês lutaram para ser visto como gente, já nós indígena não, a gente está lutando para ser indígena, para ser reconhecido como gente não é, melhor dizendo.

Então ser indígena, começa esse desafio né, exclusão começa e a gente luta para ser visto como indígena, aquele que pensa, aquele que sente dor, aquele que tem todos o que o ser humano tem o indígena tem.

Diogo: Sonha, tem medo né.

Seribí: Isso, então mas assim eu acredito que ainda mais o desafio aumenta a partir do momento quando você ocupa nesses espaços que a muito tempo fomos excluídos não é, e aí quando você começa a falar e muitas vezes você é desacreditado, você é visto como uma pessoa autoritário, você pode ser visto como outras várias coisas quando a partir do momento que você começa a discordar do lugar onde você está né, que você faz parte dessas práticas, aí você também ganha grandes parceiros não é, e ao mesmo tempo você também ganha grandes, eu não diria inimigos não é, eu diria que aquelas pessoas que não aceita você naquele lugar. Então para um indígena

sair principalmente para mim, eu diria que tipo assim, eu acho que eu consegui realizar um pouquinho de tudo sabe, porque Pari Cachoeira uns seis dias antes, para chegar na cidade um desafio muito maior, ainda quando você chega na cidade grande é outro desafio, no Amazonas principalmente, de Manaus para sair em outros estados tem avião, não tem outro jeito, o barco para ir para Belém que são duas semanas, de Belém de balsas, então eu diria que eu consegui realizar um pouco de tudo, não porque eu estou nesses espaços, eu acho que eu consegui transitar bem nesses espaços então eu acho que só de ter saído da minha comunidade, e eu já diria, não é que eu me sinto realizado, eu dei um passo muito maior, porque é um desafio a depender, envolve a questão financeira dentre tantas outras coisas então eu acho que eu consegui chegar, que a gente não é como os outros parentes, outros parentes tem um ônibus, ou tendo várias opções de viagens, nós não temos, então dessa forma eu também sempre digo aos parentes que também estudam em outras várias universidades lá da minha região, eu acredito que quando eu encontro com eles, eu sempre digo, eu acho que a nossa força de vontade, só de fato a gente ter saído, de ter dado esse primeiro passo, a gente conseguiu realizar muitas coisas, muita coisa, então agora quem sabe a gente terminar os estudos também é uma outra conquista, todo o passo que a gente dá é eu acho que ele é um tem um sentido coletivo mesmo sabe, apesar de a gente não ter apoio coletivo não é, assim da nossa comunidade porque os parentes não têm condições para estimular, ajudar a gente, eles podem dar apoio moral com as palavras, mas assim, você é vizinhos sabe, você está sozinho, mas agora eu sempre digo não, é um desafio muito maior ser indígena não é um privilégio, a gente não escolhe também, mas eu acho que o desafio que ainda mais no Brasil não é, ainda mais no Brasil onde a violência contra o indígena é estimulada pelo próprio estado, sempre foi assim e a sociedade também, eu digo tipo, 90% é anti-indígena, então fica muito difícil né, mas a gente não pode generalizar também que tem vários parceiros de luta e tudo mais, mas enfim eu acredito que nesse contexto a gente estamos aí engatinhando, a gente tenta correr mas não consegue como eu te falei, em vez de a gente estar estudando, tem que lutar pela política de permanência não é, então eu acho que cada presença de um indígena, independente de cada povo que se encontra, eu acho que todo o povo espera não é, tipo é um sonho de um povo estando lá.

Diogo: É uma luta pela sobrevivência mesmo não é, essa entrada não é nas universidades, o que tem aumentado de irmãos indígenas dentro da academia, o que tem fomentado de debate, o que tem trazido as discussões, eu acho que é muito o que você está dizendo, é muito do que o Emerson disse para mim também, ter que ir para academia para poder discutir na linguagem do

branco não é, não é diploma que você quer para poder conversar comigo, então toma aqui o meu diploma, vamos conversar agora, você precisa me ouvir.

Seribí: Isso que o J. Barilla diz não é, nós indígenas a gente precisa aprender para a gente dialogar com os não-indígena desse sistema, não porque a gente vai pra ter título, não é porque a gente quer se protagonizar.

Diogo: é só para ser ouvido não é.

Seribí: Porque ele foi o primeiro indígena a formar na UnB e ter título de doutor em antropologia, foi o primeiro indígena a fazer concurso público e passado na universidade federal do Amazonas e ter lecionado sabe, isso é o primeiro indígena do departamento de antropologia na UnB, recentemente saiu não é, que ele foi esses dias ele começou a dar aula, aí quando eu encontrei com ele disse isso né, muitos dizem - vamos descolonizar, a gente não pode usar essas terminologias ele disse, a gente precisa estudar sim, para dizer para eles como é que a gente pode então um pouquinho de tudo, imagine para os indígenas e ele foi uma das pessoas que iniciou os seus estudos antes dessa política de cotas não é, então tem outros desafios que eu acho, mas isso não quer dizer que essa política de cotas também é acolhedora, não é acolhedora, então dessa forma eu acho que o indígena ele está em constante processo de movimentos, de luta mesmo, não de auto afirmar, mas de luta para ser reconhecido como gente, eu acho que esse é um ponto principal no meu ponto de vista não é, porque a gente está mudando para viver, não importa de qual espaço a gente tá, não importa se em algum anos eu posso me formar médico, não me importa se em alguns anos eu me formo engenheiro, o importante é que continue lutando, que eu seja visto como gente.

Diogo: Exato, por isso que é tão importante ocupar esses espaços também não é, até porque...

Seribí: A questão de aceitação, você luta por aceitação quando você sofre rejeição, a gente não sofre rejeição, a gente sofre extermínio, tem diferença, tem diferenças, rejeição no meu ponto de vista é um fenômeno de sentimento mesmo, olha eu não gosto daquela pessoa eu não quero entendeu. Não a gente não quer essa pessoa, não a gente sofre é extermínio, é diferente, então eu acho que a gente luta mesmo a cada dia eu acho que nesses anos mesmo não é, e chega esse ano, é um de um ano eleitoral, eu acredito que as violências aumentam também nos anos eleitorais, seja dos governos municipais e nos governos, tanto nos governos federais, estaduais quando as eleições na esfera municipal e quando é na esfera federal e estadual que são conjunto a eleição, então as violências aumentam, então dessa forma eu diria que nos dias atuais como

que como é que eu poderia dizer, até no anos atuais ainda a gente luta para ser visto como gente, porque quem vira Mártir são os não indígenas, os indígenas lideranças que votaram pela demarcação da Terra pelos próprios territórios para o bem do povo, quando são assassinados brutalmente ele não vira Mártir, ele vira num universo não indígena, é só um número, mas para os indígena, ele vira uma grande referência.

Diogo: Porque é esse preconceito enraizado não é, a gente não dá valor para a vida indígena, morre mais um e acabou, agora exato, se morre um Boaventura, se morre o outro lá o Viveiros de Castro por exemplo, vai parar o país né.

Seribí: Por isso que eu falo, mas é então dessa forma aí eu acho que nós indígena, a gente luta para ser reconhecido como gente não é, e luta para viver mais não é, como dizia eu acho que os indígenas que fazem esses movimento, se tiver sorte ele chega a 70 aos 60 anos, mas os que os que estão na frente mesmo, que abraça essa causa, começa a denunciar, eles não chega a 40, que morre muito cedo né, os indígenas, então eu acho que é isso.

E dizia outro grande Tuyuka não é, que é o padre Justino também que é outro doutor eu diria que é formado em antropologia pela UFAM, tipo essa frase me marcou muito não é, ele não disse exatamente, até reformulei essa frase dele não é, que eu finalizo com essa aí.

- Estou permitindo que a outra cultura me tocasse sem perder as minhas raízes

Quando a gente sai da nossa região, a gente sai permitindo que as outras culturas nos abrace, seja ela não indígena e seja ela dos parentes indígenas, então mas é que a gente, não depende de mim se eu vou permitir que ele me torne aquele que esqueceu a origem ou vai me permitir que eu me fortaleça mais.

Diogo: Exato, para a gente criticar, a gente precisa saber o que a gente está criticando não é, então é extremamente importante aprender o outro lado né, esse acho que é um grande problema da direita, a extrema direita não tem vontade nenhuma de aprender com o outro lado e mesmo assim reclama não é, mesmo assim acha no direito de falar alguma coisa sem nenhum conhecimento de causa não é, quer fazer uma crítica sem saber direito o que que eles estão criticando né.

Seribí: Pois é Diogo, obrigado viu.

Diogo: Poxa Anderson eu que agradeço cara, eu tomei aí tanto tempo de vocês já, mas obrigado, eu fico muito feliz de vocês terem tirado esse tempo para falar comigo, eu agradeço demais, você ganhou um amigo mesmo que eu torcendo muito por vocês, que dê tudo certo na sua caminhada, são lutas claro, são lutas em níveis diferentes não é, eu vou dizer que eu também tive certos privilégios que eu não posso negar, mas eu consigo sentir muito da tua luta e quando você disse que está sozinho, isso também mexeu muito comigo porque eu também me sinto assim muito longe não é, os meus estão muito longe de mim não é, e o apoio, ele é um apoio emocional, financeiro também não dá, essa situação tá difícil.

Seribí: as coisas são assim.

Diogo: É uma Batalha cara, uma Batalha!

Seribí: Eu também me coloco numa posição que tem um pouquinho de privilégio não é, não porque a questão meus familiares tenha condições não é, é que a minha companheira me ajudou bastante sabe, ajudou a sonhar um pouco, eu estava conversando com um amigo meu e ele me fez pensar um pouco não é, aí ele disse para mim, - olha, Seribí no nosso idioma não é, eu acho que tudo um pouquinho de que você está nesse momento, de tudo um pouquinho de que você é agora, eu acho que por trás disso tem uma grande mulher que sempre te apoiou, sempre te acompanha, essa mulher não é sua mãe, essa mulher é sua companheira, eu fico muito feliz por isso entendeu sabe, você tipo aos poucos você vai conseguindo se lapidar, então dessa forma também um pouquinho desse espaço que você vem ocupando tem nome também, que é uma mulher, então eu acredito que por exemplo, ele até citou, -olha eu digo isso porque eu também me coloco nessa posição, porque a minha realidade não é diferente que o seu entendeu, eu estou aqui mas eu também tenho um grande apoio da minha companheira, aí a gente estava conversando com ele né, e ele chega a dizer isso para mim, aí abre uma reflexão bastante também isso não é, porque tem as pessoas que te rodeiam vão agregando um pouco não é, essa construção e eu acredito eu também desejo muito sucesso aí no seu trabalho que é um trabalho muito importante e se precisar estamos aqui também à disposição.

Diogo: Vamos conversar, vamos manter o contato também e quem sabe um dia a gente se encontra para tomar um café ou vivo e continuar esse papo, porque eu agradeço, eu aprendi demais com vocês hoje, e eu acho que a gente precisa disso, é de se fortalecer, de estar rodeado de pessoas que nos ajudem a pensar, evoluir, e eu vou adorar continuar essa prosa sem ser uma situação de entrevista para um mestrado, nada disso, a gente, a gente vai mantendo contato cara,

com certeza, aí eu vou continuar querendo saber como é que vocês estão e vou mandar sempre essas energias positivas daqui porque a gente precisa se fortalecer.

Seribí: Vai dar certo.

Diogo: Já deu cara, já deu, a gente já está, a gente já está meio caminho andado, poxa obrigado mesmo, manda um abraço também para Socorro e a gente vai mantendo o contato e o que eu precisar eu mando mensagem sim para, tiver mais alguma coisa para conversar.

Mas poxa obrigado cara, obrigado mesmo de coração, fico muito agradecido.

Seribí: Que bom, gratidão aí Diogo, bons trabalhos acadêmicos aí e tudo vai dar certo não é.

Diogo: Com certeza

Seribí: É isso Diogo bom final de semana para você também

Diogo: Para você também meu amigo, bom feriado para vocês, desculpa eu ter tomado tanto tempo já do feriadão de vocês, aproveitem aí o dia.

Seribí: Tranquilo, abraços!

Diogo: Gente, obrigado, um abraço viu, tchau tchau.

Entrevista – Vanessa Lopes

Administração Pública – Universidade de Campinas (UNICAMP) – 16/06/2022

Diogo: Olá tudo bem Vanessa?

Vanessa: Oi, tudo bem.

Diogo: Tudo bem, tudo ótimo! Meu desculpe esse atraso eu estava dando uma entrevista, também terminei agora e já liguei aqui correndo acabou, acabamos estendendo eu tinha começado bem mais cedo e no fim a gente ficou um tempão conversando e o tempo foi passando, mas me desculpa. Eh... e bom é essa conversa, essa entrevista vai fazer parte da minha tese né de mestrado, que eu venho falando sobre essa ideia de descolonizar o pensamento, descolonizar a universidade, descolonizar a academia, como um todo né, então eu venho conversando sobre as experiências das pessoas dentro da academia, sobre os preconceitos, sobre a falta de abertura para outros conhecimentos, que não são os conhecimentos ditos somente os europeus, os conhecimentos que vem enfim, que vem de fora né. Então essa minha conversa é justamente para saber outras perspectivas, outros pontos de vistas, as outras experiências dentro da universidade. Por isso que é tão importante esses testemunhos mesmo, para gente saber, e para a gente saber e para a gente ir estudando e ver como as coisas ainda precisam melhorar, não é?! Eu venho conversando com algumas pessoas e é nítido ainda o quanto a gente está atrasado como país e o quanto a gente ainda tem que aprender né com os nossos irmãos indígenas e respeitar as outras culturas, as outras formas de saber. Isso para mim foi uma coisa que mexeu muito comigo, porque eu sou de São Paulo nasci dentro da cidade de São Paulo, então aquele mundo fechado, aquela bolha Paulista preconceituosa. Eu cresci dentro daquilo, sofri muito preconceito também por enfim, por questão de cor, por questão cabelos, enfim... E foi assim, eu desde muito cedo resolvi sair do país, porque eu não aguentava mais o Brasil, não suportava e aí eu comecei desde muito jovem a trabalhar. Trabalhei em shopping vendendo tênis e tal, juntei um dinheiro e fui para Austrália. E foi lá que eu comecei a me interessar mais pela cultura dos povos originários. Porque ali eu percebi o respeito que o australiano tem pelo aborígene, é um respeito assim... eles estão anos luz na frente do Brasil, em termos de respeitar aos povos originários, não é?! E a Nova Zelândia também, com os maoris. Fui ver esse respeito, esse carinho que eles têm. Austrália tem duas bandeiras, tem a Bandeira da Austrália que aquela a gente conhece, que é azul com as estrelas, não é?! Tem a Bandeira da Inglaterra ali, mas eles têm uma Bandeira aborígene também, que é uma Bandeira oficial do país. Então esse respeito é muito, muito forte lá. E na Nova Zelândia também, os neozelandeses ele até... Claro, que é

uma língua só, é muito mais fácil que o Brasil, mas muitos neozelandeses falam maori, entendem a língua maori. Então há essa abertura, esse carinho, essa reciprocidade, com a cultura originária dali. E o branco neozelandês sabe que ele não é dali ele foi para lá e tomou o local do povo original né, originário.

Então é muito interessante, isso mexeu muito comigo e foi o que me fez estudar na faculdade. Estudei sobre racismo, eu fiz uma tese sobre racismo, eu estou fazendo essa, que também tem muito a ver com racismo. Mas essa questão de aprendermos né?! A gente precisa aprender com as outras culturas, justamente para ver o quanto elas são bonitas, o quanto tem de coisas que nós podemos aprender. Eu acho que com a educação, se a gente tem isso já muito forte é... eu creio que a gente... é uma outra ferramenta para lutar contra o racismo, não é?! Então, essa entrevista eu queria te perguntar, claro, se eu posso gravar a entrevista, essa conversa. Se tiver alguma coisa da qual você sente que não está a fim de falar, não tem problema, não precisa falar, é... se você sentir depois que não quer deixar seu nome, que você quer deixar teu nome oculto, o nome da faculdade, não tem problema. Eu posso cortar um nome qualquer, eu não vou divulgar nada. Mas se você quiser, se você achar que deve, eu coloco, não tem problema. Se você achar é... eu entrego tudo em setembro, até lá você dizer “olha tira, não quero” eu tiro, não tenho problema nenhum, está?! É para você se sentir o mais confortável possível mesmo, é enfim, não quero também causar problemas para ninguém é a última coisa que eu quero, tá? E... mas é isso assim, é uma conversa bem tranquila e fica à vontade, se sentir que tem que falar, por favor não é... não se segure, pode falar à vontade, tá?!

Bom e é isso, eu já disse não é, morei muito tempo fora e depois eu sentia essa necessidade de voltar pro Brasil, foi quando eu fiz ciências sociais em São Paulo. Senti um preconceito absurdo, enfim por causa da cor, enfim por diversos grupos de autores e então, eu sempre sentia essa necessidade de me afirmar dentro da universidade, né, esses debates com professores, enfim, às vezes acaba ficando um pouco acalorados... e depois não contente, eu vim para Portugal fazer um mestrado em antropologia, estou aqui também passando, enfim algumas coisas bem difíceis. Essa tese inclusive, foi muito difícil de eu conseguir que ela seja aceita, porque parte também de uma crítica enorme contra Portugal, contra o período colonial, que é uma coisa que o português tem orgulho, infelizmente ele tem orgulho disso até hoje. Eles falam como o Brasil foi Descoberto, como se eles levaram a educação para o Brasil, levaram moderni... enfim aquela groselha que a gente está acostumado a ouvir, né?! Então, eu acho que é importantíssimo, inclusive para escrever isso aqui. Eles também precisam ouvir o outro lado da história, porque

como a gente sabe não é, só conta a história quem venceu a guerra, não é?! E infelizmente a retórica aqui é muito preconceituosa. Se você for num museu aqui, é terrível, é terrível, é terrível... essa visão romantizada da invasão é, eles não falam em morte, não falam nada disso, eles têm aquela visão da domesticação mesmo, dos povos assim uma coisa absurda. De que eles encontraram a educação pelos Jesuítas ... enfim é uma coisa bizarra. É doloroso não é, e você vê que as pessoas crianças aprendem isso na escola. Isso é passado na escola, o que não difere muito do Brasil, não é, nas escolas a gente ainda aprende descobrimento que é uma vergonha, eu acho. Então a minha ideia de descolonizar o pensamento é basicamente essa, não é, a gente precisa mudar o que a gente aprende na escola, a gente precisa dar a maior abertura dentro das universidades não só para os estudantes, mas para os conhecimentos também. Chega de indígena como objeto de estudo, não é?! não tem que ser objeto de estudo, ele tem que gerar... ele pode mostrar os estudos dele. É um conhecimento belíssimo, enorme! Quantas etnias vivem no Brasil? Quantas línguas diferentes são faláveis, não é?! Então assim... é muito triste que a gente tente colocar tudo dentro de um mesmo quadrado, e achar que é tudo igual, não é?! Já chega, já é uma violência! Então... é isso eu acho que a gente precisa aprender e chegou... e já é passado essa hora da gente desconstruir né, esse pensamento preconceituoso, racista, até a maneira como a gente se refere. Eu venho aprendendo muito também e até te peço desculpa se eu cometer alguma gafe, se eu falar alguma besteira é por ignorância da minha parte, pode chamar atenção, pode me corrigir, fica à vontade. Eu estou aqui também aprendendo é, toda a conversa que eu tenho é um aprendizado também, porque eu também parto de uma ideia de desconstrução, porque quando a gente sai da bolha a gente percebe que a gente carrega muita coisa dentro da gente e já não deveria mais estar lá está ali, por ignorância, por falta de estudo, por falta de tentar se informar e de tentar aprender, não é?! Então eu acho que é importantíssimo... por isso que eu queria te agradecer o teu tempo à hora que você quiser parar também, fica tranquila pretendo não tomar muito o teu tempo, que hoje é feriado é, mas é basicamente isso.

O que eu queria começar perguntando, é mais uma apresentação mesmo, é falar como foi a tua trajetória é,... desde pequena, onde você morava é... você faz parte do povo Baré, não é?! Se pudesse falar um pouquinho falou sobre o teu povo e falar como é que foi a sua educação escolar e como é que foi a transição para universidade e aí a gente começa o nosso bate-papo partindo para a universidade, mas eu gostaria que você se apresentasse primeiro Vanessa, por favor, se você não se importar. Obrigada.

Vanessa: Tudo bem, é eu não tenho problema se você quiser gravar ou algo assim, só peço é que é o trabalho em si eu possa ver antes, para ver se...

Diogo: Claro, claro esqueci de comentar! Claro sim, eu vou te mandar tudo bonitinho para vocês lerem antes e fala “ó tira isso aqui, isso aqui não está certo”.

Vanessa: Claro, tudo bem.

Eu sou a Vanessa é, sou do povo Baré. O povo Baré é do interior do Amazonas do até indígena Alto Rio Negro, na verdade o médio rio Negro, mas aí, é como é como é só o rio Negro aí varia não é, tem várias no Alto Rio Negro, no Médio Rio Negro e no Baixo Rio Negro. Eu nasci na comunidade agora demarcada Ribeiro Baixique,

a minha infância foi lá eu acho que até os 3 anos, 2 ou 3 anos. Aí a minha família ela se mudou para o município Santa Isabel de Negro, que era para os para os meus irmãos mais velhos estudarem. E aí lá na comunidade não era, não tinha escola ainda naquele tempo. E aí a minha mãe sempre falou assim, que a gente deveria estudar para sair daquele local e não viver tão miseravelmente. Aí é... eu achava até assim, que é que isso dela tirar a gente lá foi algo que hoje em dia eu não queria, porque ela tirou a gente de vivenciar a cultura mais de perto a nossa língua a gente não fala muito bem, eu entendo mais é, não fala algumas coisas mais entendo do que falo. E aí, os meus irmãos também não vivenciaram isso e aí ficou guardado só com meus pais. Eles não passaram mais para a gente todas as tradições do nosso povo, e aí eu já cresci no município assim é, maior digamos que a comunidade. É tive amigos brancos, amigos de outros países, que lá não é uma cidade totalmente indígena tem de todos, tem japonês, tem mexicano, tudo junto lá, não é igual São Gabriel que a maioria lá é indígena. É perto de São Gabriel, mas não é tão...

Diogo: Me desculpa, você disse o nome, mas eu não peguei ali onde você cresceu.

Vanessa: É o nome é, comunidade São Francisco ela fica no Rio Gero baixi é, na Terra indígena Médio Rio Negro está?

Diogo: Está, e aí mas onde você estudou já foi em outro lugar, quando você saiu com 3 anos.

Vanessa: Sim, aí os meus pais a gente se mudou para o município de Santa Isabel do rio Negro.

Diogo: Ah Santa Isabel, ok.

Vanessa: E então até há uma história assim, não sei se vale a pena falar do município, porque...

Diogo: Pode falar, fica à vontade.

Vanessa: No tempo do SPI, que era o serviço de proteção ao índio, teve aquela missão jesuíta não é, que era levar o cristianismo a todos os cantos assim do Brasil, e aí, o município de Santa Isabel não era Santa Isabel, era Terra de Tapuruquara.

Diogo: Mudaram o nome

Vanessa: ... que tinham muito lá e aí chegaram lá os salesianos os padres, as irmãs salesianas e elas começaram a ir nas comunidades indígenas é, falarem com os pais e que iam levar as crianças para estudarem no internato. E aí levavam as crianças indígenas para lá...

Diogo: Mas isso ainda era na sua época, quando você era pequena ainda?

Vanessa: Não, isso era na época dos meus pais. Estava bem novo, ele tem 69 anos eu acho agora. E aí é, nesse internato muitas crianças elas foram aprendendo o negócio do cristianismo, de deixar a sua cultura, que aquilo era errado, que era abominado pela igreja e tal. E aí os meus pais eles também passaram por isso. Por isso que quando é, a gente já tipo morou lá na cidade, eles já falavam que a gente não deveria fazer certas coisas. Tipo fazer o benzimento não é, a preparação assim para fazer qualquer coisa que tem, para fazer alguma prova. A gente teria essa preparação de a gente conversar com o pajé, eles abençoarem a gente, a gente seguir é... fazer tudo certinho a gente não teve mais isso. Isso já foi feito...

Diogo: Já por influência da igreja, esse pensamento daí já influenciou os seus pais no caso

Vanessa: Sim, e aí pulou digamos uma geração né com meus pais, eles não queriam que a gente fosse é indígena assim, dentro da comunidade. Eles já queriam tirar aquilo da gente não é, a gente falar bonitinho, ser educado, ter o porte assim de morar na cidade.

Diogo: Eu sei bem como é isso.

Vanessa: E aí, hoje em dia é tipo eu falo para eles não, vocês cometeram um erro de afastar gente da nossa própria cultura, do nosso próprio povo.

Diogo: E o que que eles te dizem?

Vanessa: Eles falam que é, a gente deveria... eles falam como se fosse, a nossa cultura fosse errada. Eles falam assim, você deveria aprender a ser é, mais correto, andar bem vestido, falar bem. Tanto que a minha mãe na educação dela, ela foi bem rígida assim, que algumas palavras que a gente ainda confundia com a língua indígena e aí ela falava não você está errado, você tem de falar isso.

E aí hoje em dia ela tenta ouvir mais a gente assim, para educar meus outros irmãozinhos. Ela já fala na língua indígena, já conversa com eles para eles aprenderem. E aí ela está se redescobrando novamente.

Diogo: Ou seja, então você sentiu que há um certo arrependimento da sua mãe no caso?

Vanessa: Sim.

Diogo: E o seu pai, não?

Vanessa: Meu pai também, eu sou mais próxima do meu pai do que da minha mãe.

Como a minha mãe ela trabalhava muito... trabalhar em casa de família, trabalhar como babá, trabalhar em todos os bicos que ela conseguia. O meu pai, ele já fazia o papel assim, de acompanhar na escola, levar no hospital é, comprar e acompanhar a gente pra comprar roupa sapato essas coisas, e aí meio que de trocaram de papel nesse sentido de... de que não há papel, mas eles trocaram assim nesse...

Diogo: Sim, é o que a sociedade ocidental branca diz, que é obrigação da mãe cuidar dos filhos, não é?

Vanessa: Sim, e aí o meu pai ele sofre muito assim com a pressão dos outros, das outras pessoas lá, que falam que ele é sustentado pela minha mãe. Até hoje, eles falam isso. Mas aí, eles não viram como foi a nossa educação dentro de casa...

Diogo: Mas essas pessoas que dizem isso, não são indígenas, são...

Vanessa: Não são, elas moram...

Diogo: São ali da cidade...

Vanessa: Sim.

Diogo: É, esse pensamento machista não é, extremamente machista e preconceituoso... Meu Deus..., mas poxa é... e como é que você então teve essa vontade de buscar mais sobre a sua cultura, sobre a sua raiz como é que se despertou isso?

Vanessa: Então, como a gente morava na cidade é, os meus avós ainda moravam na comunidade e aí nas férias é, a minha mãe deixava a gente ir lá com eles, eu e os meus irmãos. E a gente ficava lá 2 ou 3 meses, e era com eles que a gente aprendia assim um pouco mais sobre nossa cultura porque eles não falavam muito bem português e aí a gente aprendia um pouco das coisas que eram mais comuns, tipo é vamos almoçar, vamos tomar banho, vamos comer tal comida, é falar o nome dos animais que era mais próximo ali. E foi com eles que a gente aprendeu mais ler história da comunidade, a história de como o povo foi parar lá, é a gente ia pescar com o nosso avô, a gente falava das histórias assim de, como se deu o fruto ali da mandioca não é, o processo de fazer a farinha, tudo isso foi com meus avós.

Diogo: São os conhecimentos que foram passados não é dos seus avós para você, e aí isso foi despertando então esse interesse maior pela cultura.

Vanessa: Eu gostava muito de passar esse tempo né, eu gostava muito de pescar com meu avô. E a gente só parou mesmo, porque eu vim para cá e o meu avô faleceu e aí a minha avó ela se mudou para a cidade também, que ela não queria mais falar. O meu avô ele faleceu em 2019 e foi o ano que eu passei para vim para cá, em 2020 eu já vim. Então, eu não vivi assim o luto de estar lá sem meu avô.

Diogo: Tadinha, ainda mais para ela então passar ali sozinha devia ser muito difícil não é, a lembrança, não é?! Mas não foi Covid, foi?

Vanessa: Não, foi uma doença bem rara, até os médicos disseram que nunca tinham visto aquilo, que é passado de uma árvore no Mato, uma árvore bem rara, que que ele se cortou com essa árvore e aí começou a crescer umas coisas no corpo dele. Foi ainda também é, para estudo não é, que era muito raro essa doença. Um em não sei quantos milhões.

Diogo: E como é que foi a sua infância mudando, não é, porque você saiu tão jovem 3 anos e aí querendo ou não você já está numa comunidade que você já tem... não vou dizer influência, mas essa vivência com outras culturas. E como é que foi essa sua infância? Você sofreu muito preconceito, sofreu a palavra do momento não é, bullying? Sofreu algum tipo de maltrato, alguma situação constrangedora difícil, que você passou na sua infância, justamente por talvez,

por ser diferente, não é assim, pôr as pessoas te julgarem, por você “o que você está fazendo aqui...” você chegou a passar por algum episódio assim na tua infância?

Vanessa: Bom, a minha infância ela foi... eu não lembro muita coisa porque assim...

Diogo: Faz tempo...

Vanessa: Mas, eu acho que, como está perto também de outras crianças... as crianças elas são muito influenciadas pelos pais não é, mas naquele momento assim de criança a gente brincava a gente é, não tinha aquela diferença você é dessa cor, você é dessa etnia, você é dessa tal... era tudo criança e eu acho que isso foi acontecer já é, passando para o ensino já de sexto ou nono ano. De eu me sentir diferente, porque a escola que eu estudava era municipal e lá a maioria era pessoas indígenas não é, porque...

Diogo: Mas não era uma escola indígena, era uma escola municipal com educação de escola...tá.

Vanessa: Só que lá eles aceitavam muitas pessoas, porque é na minha na minha cidade só tem 2 escolas é infantil assim ensino fundamental. Uma era regida pelas freiras e outra é a escola municipal não é, que não tinha nada de requisito assim para entrar e tal, daí tinham mais pessoas assim de comunidades também e de pessoas ali que viviam em comunidades ribeirinhas do município. Depois a minha mãe, ela quis mudar todos nós para outra escola e aí quando a gente se mudou, foi quando assim eu vi que eu era diferente das pessoas que estavam lá, porque...

Diogo: Isso já ali no sexto ano.

Vanessa: Sim, porque tinha... até pela renda assim, a gente tinha uma família muito boa a gente que vive da agricultura familiar, mas a agricultura familiar lá no Amazonas não é a mesma agricultura familiar aqui no sul, no sudeste. É bem precário e aí, teve esse preconceito de olhar assim “eu tenho mais é renda que você e mais coisas, mais bens materiais que você” e também pela ... quando eles tão ali, ficar tocando no cabelo é, falar que sua pele é bonita, falar que seu olhar é... parece estar tanto tempo feliz porque é pequeno, é coisas assim. Até de professora e mesmo as professoras, elas gostavam de ficar mexendo no cabelo é, ficavam falando da aparência assim.

Diogo: E isso aí foi te incomodando com o tempo?

Vanessa: Foi.

Diogo: Eu sei muito bem, porque o meu cabelo é a mesma coisa, Nossa Senhora...

Vanessa: E também é, o assédio dos professores. Eu não tinha é, experimentado esse negócio ainda de assédio dentro da escola, mas aí foi lá que a primeira vez alguém falou assim, as indígenas são conhecidas por serem mais é, palavra, gostosas, e aí foi a primeira vez que eu ouvi isso.

Diogo: E isso você tinha quantos anos?

Vanessa: Eu tinha uns 14, último ano do ensino médio para o fundamental. E aí quando faz a migração para o ensino médio foi de uma escola assim de ensino integral, é a única escola que tem...

Diogo: Isso foi um professor que disse ainda por cima...

Vanessa: Foi.

Diogo: Que é o pior de tudo.

Vanessa: Mais velho, bem mais velho.

Diogo: Meu Deus.

Vanessa: E aí no ensino médio isso também aconteceu, de muitos professores não é. Eu tinha um professor que ele também era antropólogo e ele já era mestrado eu acho, isso sempre acontecia ele comprava bombons, me dava 50 reais todo final de semana. A mulher dele já chegou a querer brigar comigo, por coisas que ele fazia. Ainda tive professor que mandava mensagem para mim, a minha mãe já viu, ela já foi brigar na escola por causa disso.

Diogo: E nunca aconteceu nada com eles?

Vanessa: Não. Com um professor já, que não foi só um foram vários, mas não foi por denuncia minha, foram denúncias de outras estudantes também.

Diogo: Mas eram estudantes também indígenas ou não?

Vanessa: É bom sim, é que lá...

Diogo: Porque a gente sabe no Brasil às vezes as coisas só acontecem quando é um branco que reclama né, se acontece com um branco aí o mundo para, o país para. É por isso que eu perguntei só.

Vanessa: Como eu falei não é, não tem só o indígena, tem várias culturas, culturas de outros países de outras cidades, mas a predominância ainda é mais indígena só que, como tem essa mistura, muitas pessoas da minha idade elas não tem mais a aparência de ser indígena o estereotipado, já muda o cabelo, já muda a cor um pouco, já muda também sei lá...

Diogo: Para evitar esse assédio não é, e o preconceito é isso?

Vanessa: Não, é mais da mistura mesmo de povos lá, de indígena com branco, de indígena com negro, e aí já muda o... e aí tem também essa diferença não é, porque eu sou filha de indígena com indígena. Já muda até o tratamento assim das minhas colegas, que elas não eram como essa aparência, cabelo liso, olho puxado, pele marrom elas já falaram assim “à você mais indígena do que eu, porque eu só meu pai é indígena, só a minha mãe é indígena, ou só a avó é indígena”, sempre é assim.

Diogo: E você pensa o quê sobre isso?

Vanessa: Eu falo assim, eu sou puro, vocês são vocês são...

Diogo: Vocês são mais ou menos, não é?!

Vanessa: Para sair um pouco mais graça.

Diogo: Mas elas, mas isso era algo que elas se orgulhavam de dizer que tinham familiares, o pai ou algum familiar indígena, ou era algo que algumas pessoas escondiam? Cê sentia isso ou não?

Vanessa: Eu fui ver isso mais aqui do que lá, porque é muito diferente porque lá assim a gente não se vê como, há você é branco, você é negro, você é um indígena, a gente sempre se vê é, à você é Isabelense de lá do município, é você é, você é brasileiro. Não tinha muito isso de falar você é indígena, você é negro, você é branco, se diferenciar por aquilo. Tinha mais assim de falar de que você é mais indígena do que eu, porque você e seus pais são indígenas, de família indígena e a minha não, só a minha mãe é que é indígena. Eles se orgulhavam de não ter tanto sangue indígena.

Diogo: Se orgulhavam, isso aqui isso em São Paulo ou lá?

Vanessa: Não, lá.

Diogo: Já se orgulhavam um pouco de ter essa mistura, com um branco.

Vanessa: E aí afectava também a gente, de falar assim “ai não queria ser tão indígena, não queria ser só indígena, queria ter alguém na minha família que fosse branco” e afeta a nossa mentalidade assim vai se criando nisso.

Diogo: Claro.

Vanessa: E eu acho que o toque assim que eu falei, “não eu tenho que me olhar como indígena” foi quando a fala de uma professora minha não é, a gente estava no segundo ano do ensino médio e aí ela falou que seria o dia do índio, dia dos povos indígenas, a gente ia fazer alguma coisa assim de evento e aí ninguém queria fazer de indígena, queria ser só os portugueses, alguma peça assim nesse sentido. E aí ela ficou com muita raiva que ninguém queria ser, na lista só tinha meu nome e de mais 2 pessoas e ela disse que “há vocês só vão querer ser indígenas quando forem querer cota na universidade”. E aí aquilo, falando assim “eu não quero ser indígena só para conseguir um lugar na universidade através de cota” e quando eu comecei a estudar mais assim, é coisas do meu povo, coisas...

Diogo: Mas essa professora ela é não é indígena?

Vanessa: Ela é indígena.

Diogo: Ah, então ela disse isso como uma como uma provocação vai?

Vanessa: É e aí eu me senti provocada. Quero ser vista em todo o lugar que eu vou. E aí eu já comecei a ver mais assim, coisas da minha cultura, eu já ia mais assim conversar com meus parentes não é, são mais velhos. Ia perguntar as histórias, perguntar... sempre gostei de história e a gente conversava muito. Eu gosto de conversar muito com pessoas mais velhas, porque elas...

Diogo: Podia fazer antropologia!

Vanessa: Eu gosto muito de história, mas eu, mas eu prefiro mais trabalhar com ciência política, que é o meu curso.

Diogo: Ah, então não é administração pública é ciência política que está fazendo?

Vanessa: É administração pública, mas eu gosto dessa parte assim, da política do público, de trabalhar com pessoas e aí de estudar isso.

Vanessa: Até porque, também você já conheceu tantas pessoas tantas culturas e isso influencia, não é?! Eu acho que a própria vivência mexeu muito com o que você escolheu fazer como profissão, certo?

Vanessa: Sim, é eu já tinha muitas ideias assim, de curso que eu queria seguir não é, tanto pelo meu gosto, o que eu mais é me dava bem que era exatas, e tanto pela coisa “o que eu quero entregar para a sociedade?” eu pensava muito nisso não é. Eu sou eu, uma pessoa que é afetada pela administração pública ela vai assim, eu enfrento fila para ir no hospital, eu enfrento a escola pública de ensino que não é bom, muito bom...

Diogo: Não é bom.

Vanessa: Comparado às escolas privadas. Eu enfrento tudo o que é público e eu vejo que é ruim assim, não é um serviço bom que atende as pessoas como elas merecem. E eu falei eu quero é entrar nisso não é, tentar é retribuir para a sociedade é algo que tem a ver com isso não é, a administração pública.

E eu não conhecia a Unicamp, eu fui conhecer através de um advogado indígena, ele se formou na Bahia e ele era da do município de Santa Isabel e aí ele foi dar uma palestra numa escola falando sobre as universidades que iam abrir o vestibular indígena em todo o Brasil e aí falou da Unicamp que eu já ia ser a segunda edição, falou da UFSCAR, falou da UnB, falou da UFPA dá UFOPA, aí ele falou específico da Unicamp que tinha um dos melhores ensinos e melhores bolsas de permanência estudantil.

E eu fui e falei ah, vou pegar esse porque eu não poderia me manter em qualquer universidade assim se eu não recebesse bolsa, a minha família não tem uma renda muito boa e aí ele apresentou, falou como que era o ensinamento não é, como que era que a gente ia enfrentar e já deu assim uma introdução sobre tudo que a gente poderia enfrentar sendo indígena em São Paulo.

E aí eu uso muito a fala de um amigo aqui meu da Unicamp não é que ele fala assim, “que eu descobri que eu era indígena quando eu vim para São Paulo”, que eu entendi.

Diogo: Pois é, olha só! É uma coisa do sudeste e sul não é, essa necessidade branca de separação das pessoas, essa coisa né, essa ideia de raça que infelizmente ainda persiste até hoje, que já uma ideia que não existe, não deveria existir mais né, mas essa coisa do sudeste e do sul é porque tem esse apego por ser, ser claro, nessa necessidade que eles têm de demonstrar que tem descendência europeia né, acho que o sudeste, São Paulo acho que Minas também, alí de Minas para baixo eu acho, já é muito forte e o sul então é mais ainda não é, esse orgulho de ser alemão, esse orgulho de ser isso, que não é nada disso, eu até brinco, o brasileiro que se diz branco vai para o exterior para descobrir que é Latino olha só que legal não é, ele chega nos Estados Unidos, - ah a minha família é da Itália, não brother, você é Latino, você não é branco! Você é latino! Você não é gente da gente, embora você queira, e aí que é o grande tapa na cara da classe média Brasileira que quer ir para Disney chegando lá descobre que é latino. Mas é interessante quando você disse isso da aparência, isso mexe muito comigo também porque eu cresci num bairro de São Paulo, italiano bairro racista e eu lembro que eu me perguntava isso várias vezes, poxa por que que eu nasci com esse cabelo, por que que eu nasci com essa cor, por que que os meus amiguinhos não brincam comigo, porque que ninguém gosta de mim, por que eu não sou isso, porque que ninguém me acha bonito, cara, várias coisas, várias, e eu acho que pra mim foi importante também sair da bolha cedo para abrir a cabeça cedo, senão eu acho que eu tinha surtado dentro daquela ignorância e por viver dentro daquela bolha, porque querendo ou não a gente acaba ficando meio, eu não vou dizer manso não é, mas a gente acaba interiorizando tanto que a gente já começa ouvir as coisas e elas já fazem parte do cotidiano então a gente já se inferioriza antes de qualquer coisa, - há é uma brincadeira não faz mal, logico que faz! Mas a gente já escuta tanto, que eu escuto isso de muitas pessoas que dizem que não tem racismo, logico que tem, - é uma brincadeira, não é uma brincadeira, ele está te inferiorizando, a gente não fala isso de um branco, a gente não usa esse termo não é, por que que quando a gente vai no médico as pessoas, - ah o médico era preto, a gente falar isso quando o médico é branco, não, por que que a gente tem que denominar alguém porque ela é diferente da gente não é, então isso foi uma coisa que sempre me pegou muito e foi sair do Brasil o que eu realmente pude perceber o quanto esse preconceito é enraizado dentro da cultura, dentro da língua, enfim, é realmente muito muito doloroso não é, ainda mais a gente quando criança que a gente descobre que é diferente não é.

Eu também escrevi isso num artigo, eu descobri que eu era diferente com 5 anos de idade quando eu entrava numa loja e me empurravam a tapa porque achavam que ia roubar alguma,

então assim são coisas que a gente vai aprendendo e a gente descobre o racismo já muito cedo, e como viver essa coisa que você me disse não é de como se portar de como falar, de como agir, isso também é forçado na gente porque a gente ou a gente joga o jogo ou a gente sofre o preconceito, - ah mas você é tão bonzinho, você é tão educado, por que que você está dizendo isso, você esperava o que? Que eu fosse diferente por causa da minha cor? Que eu fosse algum irracional louco por causa da minha cor, como assim, esse estereótipo tá totalmente errado não é, e eu sei muito bem, eu sentia essa necessidade da sua mãe de ser o mais educado, de ser o mais bonzinho, só que chegou uma hora que eu surtei, não aguento mais ser uma pessoa que eu não sou, sabe, e o cabelo, porque não pode ter esse cabelo, que cabelo é esse, não sei o que sabe, essas coisas são coisas que eu fui me libertando também com o tempo, a gente vai desconstruindo porque até então eu já tinha interiorizado tanta coisa que eu já me achava inferior e aí não dá, aí quando eu saí do Brasil foi quando eu percebi que eu falei gente, não, desculpa, minha cultura, eu sou feliz por ser multiétnico né que é a palavra eu diria do momento agora, de ter várias culturas diferentes enraizadas dentro de mim eu sinto todas elas dentro de mim, e eu e eu não tenho vergonha de dizer isso, a única tristeza é que eu tenho que eu carrego comigo até hoje é saber que eu tenho sangue indígena e não saber de qual grupo de qual etnia eu sou, porque isso me foi arrancado, eu não sei, não sei, eu não sei a história, eu sei que a minha avó era filha de indígena com negro e eu não sei, não sei, não sei mais nada, e só isso para mim é triste porque eu não sei a quem me conectar, não sei, não sei, mas eu sinto que tenho coisas dentro de mim que eu preciso botar para fora, que eu preciso de experienciar não é, e eu acho que o brasileiro precisa descobrir isso, precisa entender que a gente não é branco europeu e a gente nunca vai ser, e não dá para a gente achar que o Brasil, as pessoas se orgulham para falar de sangue enfim, alemão, polonês, enfim é triste demais.

E essa falta de reconhecimento da nossa própria cultura e é por isso que a gente não sente dor não é, quando um irmão indígena morre, quando alguém é assassinado, quando um jovem preto toma tiro da polícia voltando da escola com uniforme escolar, isso não comove o povo brasileiro, que comove o povo brasileiro é uma criança branca morrer, é um branco sofrer algum tipo de problema, isso comove o Brasil porque é nessas pessoas que elas se conectam porque elas se acham que são essas pessoas. Se alguém que é diferente de mim morrer eu não me importo porque ele não faz parte da minha cultura certo isso é muito triste não é, como aconteceu agora com o jornalista inglês e o indigenista o Bruno não é, por que que correu o mundo inteiro essa notícia, por que que virou tão importante, porque morreu um inglês não é,

enquanto estava morrendo indígena ninguém estava nem aí, você não escutava nada em lugar nenhum, agora porque morreu o inglês e a Inglaterra pediu explicações ao Brasil que agora parece que de repente descobriram que estão matando indígena caramba, não é, é terrível isso, quer dizer qual que é o valor da vida humana por que que é uma vida vale mais do que a outra, por que que a gente ainda tem introjetado essa ideia de raça evoluída, imbecil e racista da época da colonização, é por isso que a gente precisa descolonizar o pensamento porque não dá para a gente olhar para um irmão e achar que eu sou mais evoluído do que você, e eu percebo isso da maneira como as pessoas falam comigo e eu acredito que você também. A maneira como a pessoa me olha, a maneira como a pessoa fala comigo eu já sei se ela está se sentindo melhor do que eu, eu já sei se ela está falando com o nível acima porque ela se acha melhor do que eu, só a maneira como ela fala comigo, a maneira como ela olha para mim eu já sei que ela está me inferiorizando não é, e é triste a gente ter que se impor toda hora não é.

E eu acho muito legal você querer fazer administração pública, e esse seu gosto então veio justamente por devolver não é, por deixar alguma coisa, ajudar de alguma certa maneira a sociedade não é, que a gente já sabe que é extremamente racista e preconceituosa né.

Seria essa então a tua maneira de lutar contra esse preconceito e esse racismo de deixar um legado importante para o Brasil, para as pessoas aprenderem a respeitar umas às outras de uma vez por todas e criar políticas públicas que sejam de fato benéficas para todo mundo?

Vanessa: Esse foi um pensamento assim mais ampliado aqui, eu nunca tinha saído da casa dos meus pais né, eu saí uma única vez que foi visitar os meus tios que moram em Roraima e só foi e ida e volta então o pensamento é assim de devolver a sociedade algo que eu experimentei e não gostei, era mais do local ali onde eu estava, onde eu morava, vivenciava aquilo e via as pessoas sofrendo com aquilo e quando eu já cheguei aqui, isso já ampliou mais, eu falei não, eu quero ser seguir a Joênia né que é a única deputada federal indígena, eu vejo muitas coisas dela, eu falava assim, - nossa ela lá tá lá, a única mulher que é uma deputada federal.

Diogo: representatividade né

Vanessa: Eu sempre busquei isso, representatividade porque eu nunca tinha sentido isso eu detestava as bonecas da Barbie porque assim me sentia eu falava, não elas não são igual a mim, eu não quero ser assim, eu não quero ser loira magra e daquele jeito ali. Eu queria alguém como se fosse eu, e tanto que a minha mãe fazia minhas bonecas ela fazia umas bonecas de pano para me sentir melhor nunca gostei assim de bonecas assim, de Barbie. Meu pai já chegou a comprar

uma bonequinha que era moreninha para minha, porque eles viam que eu sentia essa necessidade de brincar com algo que eu me sentia melhor, de sei lá, ter uma imagem minha ali presente por enquanto eu estava brincando.

Eu escolhi administração pública para a primeiro lidar do local que eu morava, mas aí quando eu cheguei eu falei não, é algo muito maior, preciso entrar mais nisso, estudar mais isso e aí eu pensei já num contexto nacional do Brasil.

Diogo: Você pretende continuar com a carreira política também?

Vanessa: Eu pretendo como eu disse primeiro ali no local que eu preciso

Diogo: Primeiro local e depois expandir

Vanessa: Eu sempre falo isso né, o pessoal me conhece lá como prefeitinha, porque eu tenho uma estatura pequena e também porque eu já falei com eles e eles sabem por que eu vim, eles já sabem quando eu voltar para lá eu vou seguir isso e depois eu pretendo já expandir mais sei lá, o estado, a região ali.

Diogo: Deixar um legado e expandir não é, porque imagina que interessante não é depois para você ali trabalhando na política local como isso vai representar para as gerações novas né, essa menina nova que está crescendo que pode olhar para você e se sentir representado né, ela está ali para, ela está ali para nos ajudar não é, eu consigo olhar para ela, é o que você falou da boneca não é, isso é engraçado como é que as pessoas não percebem, não percebem ou se fazem de cegas não é, não conseguem, não conseguem entender o quanto é importante a gente se sentir representado e não é só uma boneca é tudo não é, com quem conversar, é uma pessoa igual a tua professora, às vezes é uma provocação, é algo que a gente escuta que mexe não é, parece que remexe tudo dentro da gente e nos obriga a de fato sair de uma zona de conforto que já não é confortável não é, essa é o grande, chega a ser engraçado porque é uma zona de conforto mas não é confortável não é, mas essa necessidade de sair dessa zona de conforto não é, e de vamos dizer assim, de ir para cima não é igual a gente diz, é muito interessante eu acho que isso vem crescendo bastante eu acho, eu acho que isso é uma das importâncias de se abrir mais a educação para todo mundo porque eu acho que o grande problema do Brasil foi justamente esse, de calar essas vozes não é, de nunca dar acesso a essas vozes, porque se essas vozes falarem de fato o que elas têm para falar, a gente vai perceber que o que a gente aprendeu na escola é tudo mentira né, então é mais fácil deixar essas pessoas sem acesso não é, por isso que o Bolsonaro quer

tanto acabar com cota, quer tanto acabar com as políticas de afirmação não é, políticas afirmativas, porque é vantajoso né, eles precisam de gente para trabalhar, eles precisam de gente para enfim explorar, para servir.

Vanessa: para servir

Diogo: Exato, foi o que o Guedes disse não, ele está cansado de ver a empregada doméstica viajar para Disney não é, ele disse isso abertamente não foi, então a gente não está especulando sobre um governo racista, a gente tem a total ciência que o governo é racista, ele já disse não é que se dependesse dele não ia ter terra demarcada para ninguém não é, essa necessidade de fazer com que todo mundo pense igual branco, nessa ideia capitalista de que eu tenho que trabalhar eu tenho que produzir eu tenho que ir para a indústria, cara, nem todo mundo quer fazer isso, eu não sou obrigado a viver do teu jeito não é, essa é uma agressão é uma agressão muito muito muito difícil mesmo e você falando dos seus pais me faz lembrar muito a minha infância também, não por parte da minha mãe mas minha avó também era uma pessoa que sempre pegava no meu pé, meu cabelo, do meu jeito, o meu pai negro, aliás negro indígena não é, que a mãe dele era essa mistura e ele era uma pessoa que sempre tentou me amansar, ele sempre dizia pra eu falar direito, para eu cortar o cabelo para eu fazer a barba, para eu me portar diferente porque ele cansou não é, então ele, meu pai que que ele fez, ele jogou o jogo está jogando o jogo até hoje, o problema é que eu sou obrigado a ouvir dele as vezes que ele já passou vários episódios de ele no trabalho receber uma premiação no trabalho ele chega lá e o cara acha que ele é o motorista, - há você é o motorista, cadê a pessoa que você veio trazer, - não cara, eu vim aqui, sou eu o Ronaldo, o motivo disso aqui é por minha causa é tal.

Ele sofreu muito também por isso que, só que ele não teve força de sair dessa folha, de bater o pé e falar não, eu não vou eu não vou dançar essa música, eu não vou jogar o teu jogo e eu já não penso igual meu pai, eu já sou um pouco mais teimoso e eu não tenho essa necessidade de agir, falar e ser uma pessoa que eu não sou. Eu acho que as gerações mais novas, são muito mais fortes do que eu ainda, que eu acho que isso é uma coisa geracional porque eu acho que as pessoas que vieram atrás não é, tão plantando, estão deixando essa plataforma para que a gente possa expandir ela cada vez mais. Poxa, é muito interessante ouvir isso que você está me dizendo porque assim como foi conversando agora com o outro o outro companheiro, foi a mesma coisa, a gente passa, claro, tudo nas suas proporções mas a as dores são muito parecidas né, as violências são muito parecidas e eu tenho 2 irmãs eu já cansei de ir na escola para bater em alguém porque falaram alguma coisa para elas sabe, e eu sei muito bem o que você está

falando não é, essa desvalorização da mulher que já é desvalorizada, ainda mais ainda quando é negra e indígena né, é nojento, chega a ser uma coisa assim enfim, poxa 14 anos pelo amor de Deus.

Mas e aí então você foi, e a Unicamp me conta como é que foi essa sua experiência, você me disse que teve um tempo online não é então não teve muito como sentir ainda a universidade o campus. E agora esse curso de administração pública que eu acho que deve ter ali várias discussões não é, deve ser um grupo difícil não é, ainda mais essa área, como é que é a sala de aula, convivência com o professor, colega de sala, coordenação, como é que é me conta?

Vanessa: Nossa, eu cheguei aqui em 2020 não é, e aí a gente, a Unicamp ela foi bem rápida assim de fazer parar todas as atividades, foi eu acho que a primeira universidade a parar, não sei quantas outras, mas a gente teve uma semana de aula assim presencial e depois parou tudo. Tem uma política aqui na Unicamp que é bem assim diferenciada de outras universidades é que eles dão muita atenção assim para os estudantes indígenas, mais os cursos de humanas do que de exatas e logo que parou não é, todos os coordenadores dos cursos assim, eles entraram em contato com os estudantes indígenas para perguntar assim, dá apoio, dá algum toque assim, - ah você quer trancar essas matérias, quer continuar com quantas, sempre perguntavam assim como que a gente estava, isso no primeiro semestre de 2020 não é, logo no começo da pandemia.

Foi tranquilo assim online, deu para absorver não tudo mas deu para absorver muita coisa e eu acho que no segundo semestre a gente teve, eu experimentei mais isso assim de as pessoas me verem como uma estudante indígena porque a gente fez muito trabalho em grupo e quando a gente falava assim, - ainda tem vaga em grupo? E aí eu tinha uma foto do meu perfil não é que eu sempre uso que é eu pintada não é, eu com ou com cocar ou com alguma coisa que remete a eu ser indígena. E aí é eu acho que é as pessoas que viam né, falava assim - há vou perguntar no grupo se querem mais alguém, ou entrava em contato assim no meu PV e falava assim – ó, o meu grupo tá faltando alguém mas eu vou perguntar a eles se eles te aceitam, e aí eu perguntei de uma outra colega minha que ela também é indígena né só que ela não tem aquela aparência estereotipada, ela já tem um cabelo mais loirinho bem enroladinho não tem olho puxado, pele mais clara e eu perguntei se ela estava passando por isso ela falou que não, que ela já tinha conseguido um grupo e que estava de boa e aí eu falei nossa, a pessoal ainda está vendo se vão me aceitar no grupo, ainda pergunta entre si, vamos aceitar ou não, e aí eu acho que recebi a mensagem assim, - há pode entrar sim, como se tivessem conversado antes.

Diogo: Como se tivesse exato, que coisa bizarra gente, como se fosse uau! A gente vai deixar ela entrar no nosso grupo, você tem que se sentir honrado não é porque estão abrindo uma vaga num grupo Uau!

Vanessa: Sim, faz parecer isso não é, tipo não é, obrigada porque vocês me deram essa oportunidade de fazer parte desse grupo, isso numas disciplinas que assim, eu pego disciplinas que são para administração e para administração pública então essas disciplinas que era de administração era mais assim, agora para as disciplinas que são para o meu curso mesmo os professores eles são muito, eles falam muito assim da questão indígena né, eles são muito aberto a falar sobre isso e não teve muito esse preconceito, digamos assim de forma online, não experimentei tanto, essa foi uma das vezes eu acho que outras vezes era questão assim de duvidar assim se eu tinha algum conhecimento. Tipo, “ah, você fica com essa parte, mas você vai dar conta?”, - a gente tem que fazer isso, aí as pessoas as vezes queriam, “posso ficar com você para te ajudar”, como se eu não fosse capaz de fazer aquilo, de fazer uma resenha, de fazer um artigo científico, ajudar ali sabe, tem muito essa dúvida assim se a gente sabe mesmo fazer aquele trabalho. E isso foi todos os 2 anos que a gente teve de aula online, teve sempre isso de duvidar da capacidade, de ter problema assim para achar um grupo, mas eu acho assim que os professores eles ajudaram muito a gente, os professores do meu curso, eles têm uma coisa bem aberta assim quando se trata da questão indígena né, eles convidam muita gente assim para falar na sala de aula, convida a gente para fazer debates, tem algumas disciplinas que eles usam os artigos de antropólogos tipo Ailton Krenak, a gente leu, o quê mais, as história assim dos indígenas.

Diogo: Viveiros de Castro?

Vanessa: É sobre também o Álvaro Tukano, a gente lê os artigos para estudo, teve uma disciplina que usou um bloco só para falar sobre a questão da demarcação sabe, tem muito isso no meu curso e eu acho que isso é uma parte muito legal dos professores porque eles trazem isso para a gente, eles não afastam não é, eles trazem isso para debate falam de todas as coisas que acontecem na política indigenista no Brasil e isso já vai assim entrando na mentalidade dos outros colegas que são da nossa classe que às vezes não conhece até pela ignorância dos pais que não quiseram mostrar sabe.

Diogo: E os professores são todos enfim, brancos, não são indígenas?

Vanessa: São todos brancos todos brancos, eu tenho uma professora que é negra e a coordenadora do curso é negra, e ela também, ela ajudou muito a gente assim quando é para a questão de debater as coisas que envolvem os assuntos indígenas. E agora a gente também vai ter uma aula sobre só sobre a política indigenista eu acho que é outra semana no nosso curso e vai e vai ser ministrada por um colega nosso também que é indígena aqui do Mato Grosso do Sul e é muito legal assim ver que poderia ter acontecido isso há muito tempo não é, mas que está acontecendo, que tão trazendo isso para dentro da minha universidade e com a chegada não é, dos indígenas aqui. Então eu acho que sim, no meu curso mesmo que não aconteça muita coisa que demonstra assim esse preconceito dos outros estudantes, ainda não dá para dizer – ah, é o melhor curso para se estudar porque não é tão preconceituoso porque sempre tem aquela de falar assim de – “ah por que que os indígenas não se mudam para a cidade e o pessoal dar trabalho para eles e pronto, porque a gente não sai de lá, deixa aquela terra para o agronegócio, que o agronegócio que dá dinheiro para o Brasil”, sabe.

Diogo: É claro, “vamos acabar com a Amazônia mesmo e destrói tudo e aí quando não tiver mais rio para pescar e peixe para comer, manda eles comerem dinheiro.

Vanessa: E eles sempre tem aquelas perguntas assim, “mas por que vocês matam animais?” sabe por que vocês matam não é, porque vocês sobrevivem disso, e coisas assim. A gente pega para consumo não é para fazer experimentos.

Diogo: E não é para fazer um churrasco que vai comer carne o final de semana inteiro, até não aguentarem mais de tão cheio né.

Vanessa: É só para consumo, só para sobrevivência da família e aí eles pegam muito nisso também, os estereótipos, é muito resistente aqui.

Diogo: mas sim sobre o que porque assim é uma palavra muito muito difícil não é assim como é que é a as pessoas acham que que eu e as pessoas são obrigadas a viver dentro de um sistema branco de pensamento branco capitalista e que está todo mundo bem ninguém pode viver é a mesma coisa a se falarem à o pessoal do MST é um bando de desocupados que só quer ter Terra de gente mas ninguém é obrigado a viver dentro desse mesmo sistema trabalha 2018 horas por dia e quando está com 60 anos não tem nem tempo de curtir o que trabalhou a vida inteira porque já está com doença está com está com aquilo está morrendo então trabalhar ninguém é obrigado a assim eu sou obrigado a viver do seu jeito por que que eu sou obrigado a fazer isso por que que eu tenho que largar aquela Terra que é sagrada que o Brasil inteiro é uma Terra

indígena eu sou obrigado a sair da minha Terra para você criar gado para as pessoas ficarem comendo essa carne que é extremamente péssimo para o meio ambiente né, essas essas criações de gado bovino é absurdo que isso faz mal para o meio ambiente é mais do que carro inclusivo e a gente acha que o Brasil é isso vai comer carne não é porque a gente tem que comer carne que o Brasil é um país que o carnívoro e ainda tinha as pessoas tem cara de pau de falar do indígena que come a carne para sobreviver não é assim que ele come o que ele precisa ele não existe essa coisa de fazer mais para ganhar dinheiro em cima disso é coisa de gente branca não é que tem que criar açougue que é que ele chama Portugal acha que tálio que comem carne não é que comem carne até dizer chega até já estourarem a barriga de tanto comer o cargo isso e isso é uma violência isso é uma falta de respeito com animal não é não é uma troca não é ou no mundo animal os leiam come uma hiena mas o leão é carnívoro mas o Leon come o que ele precisa ele não come ele não mata por simplesmente eu vou matar essa aí é porque eu não gosto dela não assim é a gente precisa respeitar a cultura e acho que esse é o grande problema e na verdade eu acho que não eu acho que uma das coisas que a gente poderia aprender com todos os povos indígenas é consciência ambiental não é e é por isso que eu espero que a gente consiga realmente trazer um dia mais os conhecimentos para dentro a universidade não só os alunos a gente precisa de professores também a gente precisa de cursos que ensinam a filosofia, as filosofias indígenas né, os pensamentos, a medicina tradicional, e a gente tem tanta coisa para aprender meu e a gente tão ignorante porque a gente de novo só olha para o que vem de fora não é eu estava falando agora com outro rapaz, você até tem ele no teu Instagram como amigo em comum é o Siribí Tukano, ele também fazia a Única o Tukano é fazia a Unicamp também agora ele está em Santa Maria fazendo a medicina lá e ele até estava falando sobre isso ele falou pô tem coisas que ele está tirando se forma médico não é ele tem coisas que a medicina tradicional indígena consegue fazer que a medicina branca não consegue e esse é o grande preconceito não é como é que a gente não consegue aprender com ela também por que a gente não consegue ter a humildade não é de aprender também com outras culturas é terrível é terrível o Brasil é um país extremamente preconceituoso, Portugal é pior ainda por cima, ainda pior que Brasil eu acho é e poxa é muito triste mesmo nessa conversa que eu tive com ele agora foi se estendendo bastante por causa disso. Essa necessidade não é de que ele mesmo disse não é de se formar médico para poder debater o médico branco dizer aqui eu também tenho um diploma então você tem que me respeitar porque não adianta você dizer que eu não sou médico que ele disse é um episódio de uma garota que foi picada por uma cobra e queriam amputar a perna dela e ele disse olha na ali a gente os tukanos ali a gente tem uma maneira de ajudar ela sem

que ela tenha que amputar a perna e o médico disse, o médico aqui sou eu. E essa é uma violência absurda quer dizer que eu não consigo ouvir dele o que ele tem para me dizer que pode ajudar a salvar essa garota salvar a perna dela quer dizer que você vai amputar a perna dela só porque você não consegue ouvir o que uma outra pessoa para te dizer só porque ela não tem um diploma não é. É muito é muito triste não é porque eu também sinto essa necessidade de com o diploma em mãos não é que a gente consiga ter um pouco mais de respeito um pouco mais de aceitação e eu te digo ainda é muito difícil mercado de trabalho é muito difícil, eu sou professor de inglês dou aulas de inglês já a muito tempo, morei fora bastante tempo e já aconteceu, reunião de pais e mestres naquelas reuniões de pais os professores os pais chegarem na sala de aula e perguntarem mas cadê o professor Diogo ué você está olhando para ele cara você estava esperando o quê não é porque entram na sala olham para mim e ao olharem para mim não conseguem imaginar que eu dou aula de inglês sabe e aí eu já fica aquela coisa é enfim para aulas de escolas as pessoas vem até esse preconceito pelo fato de ser brasileiro pelo fato de não ser branco e já tem esse preconceito. Emprego é muito difícil, enfim mas eu essa área da antropologia uma área que mexe muito comigo justamente por causa disso porque exato a gente precisa deixar legados não é a gente precisa deixar construir alguma coisa de bom para ver se as pessoas conseguem mudar porque esse preconceito ele é muito introjetado nas pessoas já, esse olhar que inferioriza, as pessoas não percebem mas estão fazendo, elas olham de cima para baixo elas olham mesmo e é e a gente escuta muita coisa que às vezes já é culturalmente aceita isso é terrível não é uma violência é muito é muito difícil mesmo.

Você pensa também em dar aula mais a frente ou é mais cargo político mesmo?

Vanessa: Bom, o meu curso ele tem...

Diogo: Tem licenciatura não tem?

Vanessa: É bacharelado, mas ela tem uma linha de segmentos assim, bem enquanto se comparado aos outros cursos que eu posso seguir carreira acadêmica para um dia poder licenciar, posso seguir a carreira política e também posso seguir a carreira burocrática não é que é fazer concurso público, ser funcionária pública, mas aí dentre esses caminhos assim eu penso em seguir a carreira burocrática e a política. Porque tipo, não posso só seguir a carreira política porque ela não é um caminho assim que a gente pode dizer que se sente seguro porque posso estar nesse cargo, mas daqui a 2 anos eu já vou sair certo.

Diogo: Sim, é o meu problema como antropólogo, é difícil sobreviver como antropólogo.

Vanessa: E aí eu quero ter essa segurança de ter um trabalho não é, bom, capitalismo, mas também seguir a carreira política que é o que eu realmente quero, mas aí para ter a segurança de tipo vou ter um trabalho quando eu sair desse cargo de político, política, e aí eu já vou ter uma segurança, eu vou ter aqui o meu trabalho, eu vou seguir com ele, e aí dentro das minhas opções eu pretendo seguir essa.

Diogo: Mas você acha que com essa abertura, se a gente conseguir ocupar mais os lugares, você acredita que a gente consegue mudar a universidade que é extremamente preconceituosa, enraizada nesses conceitos europeus enfim, você acha que a gente consegue mudar a universidade e quem sabe aí ter professores indígenas dando aula, tendo cursos, não precisa ter um indígena para dar aula sobre cultura indígena, pode ser um indígena dando aula de direito ou assim como outras, a gente não precisa só dizer, “você vai fazer só isso”, isso também é um preconceito não é, você acha que a gente vai ter essa abertura um dia?

Vanessa: Eu acho assim que, eu falo da Unicamp porque eu conheço mais não é, desde a primeira edição que foi em 2019 quando os primeiros indígenas chegaram aqui, já mudou muita coisa assim da visão da universidade porque a primeira turma ela sofreu muito mais do que a segunda turma que é a minha turma, porque falaram assim “há vai ter os indígenas na Unicamp” e aí ele já pensava assim “há os indígenas vão chegar todos pintados, vão chegar a quase sem roupa, a gente vai ter que ensinar português”, sabe essas coisas assim. Mas aí não, chegou o indígena vestido, com celular, sabendo falar português, sabendo ler, sabendo escrever e aí fala assim “opa! então como que os indígenas são realmente hoje em dia, porque que a gente aprende que eles são assim não é”.

Diogo: Essa visão romantizada não é.

Vanessa: e aí a Unicamp a todo momento assim ela está aprendendo com a gente, digamos assim, nem todos os institutos assim tanto a faculdade de medicina, ela é a que mais a elite domina não é, mas assim a gente vê que os médicos lá, eles já introduzem assim o conhecimento na medicina tradicional que é nossa não é, tem já os estudantes de medicina que estão lá e que também sabem as coisas de plantas e as outras coisas, e eles também vão dando abertura, não é fácil né, mas...

Diogo: Vão incorporando um pouco né.

Vanessa: Sempre tem aqueles professores que eles estão a abertos a ouvirem as experiências, os conhecimentos dos estudantes indígenas e isso em todos os institutos assim, mais de humanas não é, aí exatas não, o professor de engenharia ele não vai assim “há, o que que você entende disso, que eu o que eu posso aprender com você?” eu acho que assim o pessoal de engenharia sofre muito. Eu acho que eles são os que mais sofrem assim no sentido de o professor não liga não é, se você é índio, se você não sabe, só vai jogando listas em cima de lista, e eu acho que é nisso que a gente precisa focar mais porque, fala muito, “ah, os indígenas dentro da universidade só fazem pedagogia, só forma professor dentro das universidades indígenas né. E aí eles dizem que a gente só quer saber pedagogia porque é um curso mais fácil, que é onde os indígenas eles podem passar em tudo e se informar por que nos outros cursos não teriam essa capacidade assim de conseguir passar. E a aqui a Unicamp ela pegou e viu isso né, e aí a com a pandemia a gente falou assim, “há então a gente pode fazer de uma outra forma o vestibular indígena, eles podem entrar na metade do ano e aí estuda um semestre somente português e matemática, essas disciplinas básicas pra poder se preparar para o outro ano começar já com as disciplinas realmente dos cursos.

Diogo: Então a Unicamp tem essa preparação antes do curso?

Vanessa: Agora tem, ela teve 2019 e 2020 foram as turmas que eu entrei, também tiveram outros colegas que entraram, não tinha ainda, a gente entrava já pegava as disciplinas que são realmente do curso e ficava sofrendo com ansiedade, depressão, essas coisas. E aí agora não, os estudantes eles entram na metade do ano, ficam um semestre só tendo disciplinas básicas que são para preparação para o outro ano eles entrarem e pegar realmente as disciplinas que são dos cursos.

Diogo: Poxa eu estava falando sobre isso agora porque isso é interessantíssimo porque precisa né. Na Austrália eles fazem algo muito parecido também que eles chamam de foundation Studies que é criar aquele alicerce né porque às vezes a pessoa chega por exemplo, eu também passei por algo parecido eu estudei em escola pública minha vida toda nunca aprendi Karl Marx fui aprender Karl Marx na universidade e aí logo no segundo semestre a professora me reprovou ou seja só que ela não só me reprovou ela reprovou todos os que eram pro uni, FIES ou seja todos os que eram de escola pública reprovaram. E a PUC é uma universidade que também muito elitizada, todos os alunos que foram muito bem, não foram por causa dela, foram porque já tiveram Marx na escola, no ensino na no último ano do terceiro colegial enfim tiveram Marx no colegial eu nunca tive Marx no colegial então nunca houve essa preparação eu disse isso

para professora só que ela não contente ela envia um e-mail para a sala inteira não só para quem reprovou ela mandou para a sala inteira dizendo que aqueles que reprovaram não tinham capacidade intelectual para serem alunos de uma universidade de ponta como a PUC olha que legal sabe o que aconteceu de todos os alunos que eram PROUNI e FIES não é ficou eu e um outro menino Chico porque ele já era funcionário da PUC então ele não ia sair ou seja a maior todo mundo foi embora ninguém aguentou tamanha violência das daquele texto horrível que ela mandou e eu estou falando isso de uma socióloga que estuda preconceito que estuda gentrificação que estuda racismo e eu disse isso para ela eu falei cara como é que pode você que estuda tanto não perceber isso dentro da sua sala de aula o que você fez foi agressivo foi nojento foi uma violência essas pessoas saíram sem rumo, você destruiu a vida dessas pessoas meu. Eu só sei dessas pessoas eu só conheço uma que continuou os estudos que ela foi para a USP só tudo o que levou foi um e-mail um e-mail não é então assim para que para que isso para que essa esse olhar de inferiorizar as outras pessoas por que que ela não conseguia ser professora de fato ensinar não é porque nem todo mundo ali era obrigado a saber Marx então isso já foi mexendo e essa violência absurda e eu lembro que eu só não desisti do curso porque eu já tinha voltado para o Brasil só para fazer esse curso eu falei eu não voltei da onde eu estava eu não larguei tudo o que eu estava fazendo para fazer esse curso e desistir no segundo semestre e aí no último ano eu peguei aula de novo a contragosto eu não queria foi uma votação em sala de aula e eu fui voto vencido que irritado com a sala inteira, tirando 3 amigos meus que ficaram do meu lado e no último dia de aula ela pediu um feedback foi aí que eu disse isso para ela e eu falei olha Mônica me desculpa, sabe ela até chorou esse dia porque eu falei cara eu sei que dói te falar isso mas vai me doer muito mais se eu não te falar eu preciso te falar porque isso me corroeu os 4 anos do os 3 últimos anos da faculdade porque isso foi logo no segundo semestre então assim não dá sabe é eu preciso falar porque não adianta você ser inteligentíssima estudar e quando as coisas acontecem debaixo do teu nariz você ignora porque você se acha que o ego é tão mais cima que onde já se viu eles não aprenderem aquilo que você ensinou então baixa desse cavalo que está esse cavalo branco aí que está essa esse toda essa polpa que você está porque não é sabe você precisa ser mais humilde e faltou falta isso que os professores é aonde eu estudei na PUC foi terrível aqui também é muito difícil você vai falar de medicina tradicional indígena eles vão dizer para mim que isso é exótico isso é não é antropologia médica isso é antropologia cultural eu falei minha filha isso é medicina quer dizer quando as empresas vão lá na Amazônia extrair substrato de plantas para fazer remédio aí tá suave tá tranquilo agora dá valor a quem te ensinou que aquilo cura isso cura aquilo eu não vou dar eu não vou eu não vou

simplesmente dizer que é dar valor àquilo que eu aprendi eu vou roubar aquele conhecimento patentear no meu nome e beleza eu que sou o cara que descobriu que essa erva pura isso e por aquilo é a mesma coisa que aconteceu hoje com o encontraram lá o Bruno e o inglês cadê os indígenas que estavam ajudando nas buscas ninguém estava ali a polícia federal não levou ninguém a polícia federal para a polícia federal disse que eles encontraram mas eles esqueceram de avisar que se não fossem os indígenas que estavam fazendo as buscas muito antes da polícia eles não teriam encontrado nada, não é, então assim por que que eles encontraram porque ninguém conhece melhor aquela região que eles poxa é na hora de dizer para mim dia Internacional não tem nenhum indígena aí é uma repórter esse que foi uma repórter inglesa a primeira coisa que ela pergunta ué cadê os indígenas por que eles não estão aqui por que que a gente continua negando a palavra, negando que eles têm conhecimento por que que a gente continua inferiorizando eles não nós porque somos são parte são é nosso povo é a gente no brasileiro dizer que não é indígena é uma idiotice meu a gente foi obrigado a gente foi forçado a se essa miscigenação forçada portuguesa com a qual a gente passou sabe todo mundo tem adora bater no peito e falar que tem sangue europeu mas esquece de olhar que nasceu no Brasil que muito provavelmente tem sangue indígena e preto não é, enfim é isso é uma coisa que...

Vanessa: Muitas culturas né que o povo brasileiro usufruiu, vieram dos povos indígenas.

Diogo: Exato, exato e eu digo isso para as pessoas eu falo cara se vocês tomam banho todo dia e se orgulham disso vocês diziam agradecer os indígenas porque não vocês não falam que o europeu não toma banho todo dia então não é assim esse ritual de tomar banho de limpeza de se purificar cara isso você não aprendeu na Europa idiota isso não é não é não é de lá muito pelo contrário banho nunca foi uma coisa muito bem vista aqui não é eu digo vamos tomar um banho uma vez no ano pois exato eu morei eu morei com uma sueca Na Austrália juro por Deus a gente morou junto 2 anos se ouvia ela se ouve aí se eu se eu se eu percebi que ela tomou banho 5 vezes foi muito muito nossa num calor assim e ela podia dizer há mas é porque na Suécia faz frio tudo bem mas você está na Austrália que faz 40° e você não toma banho sabe é bizarro mesmo então assim é assim é a apropriação cultural tem vários não é nome de ruas indígenas e Guaraná isso e com sei o quê mas respeitar o que a gente aprendeu ninguém respeita mesmo sabe isso é uma coisa que me irrita na verdade é uma coisa que me incomoda não é que a gente tem essa esse olhar de tão admirado não é que vem de fora e o que é nosso mesmo a gente simplesmente não ligando a mínima e isso é isso é muito enfim é revoltante mesmo.

E eu queria te fazer uma pergunta para não tomar muito seu tempo. Eu queria te perguntar o que significa para você, ser indígena hoje no Brasil?

Vanessa: Eu acho que ser indígena no Brasil se eu tivesse perto da minha família naquela região, ser indígena seria ser alguém feliz perto dos meus pais. Mas ser indígena aqui no Brasil sudeste é viver todo dia com medo dar raiva das pessoas sei lá, que que elas podem fazer comigo não é, principalmente as mulheres não é, e se eu sair e não voltar para casa entendeu. Eu estudo a noite né, tem vezes aqui que é geralmente tem uns 3 dias que eu vou acompanhada não é, mas tem 2 dias que eu vou só eu e aí eu volto quase 11 horas da noite, eu falo assim - nossa eu tenho que ir de correndo senão eu tenho medo de acontecer algo comigo.

Diogo: E Campinas é uma cidade grande né.

Vanessa: Então eu moro aqui em Limeira que é interior de Campinas não é, porque o meu curso é aqui na FCA, o campus é aqui em Limeira, e aí já é uma cidade assim bem preconceituosa, é uma cidade bem conservadora, interior não é, e aqui tem muitos idosos né, é uma cidade que a população a maioria é idosa, e eles já é bem enraizado assim, tem vezes que eu vou no mercado e as mulheres, elas ficam apontando não é, para mim, as criancinhas ficam perguntando as coisas e é muito é muito mais mulheres do que homens aqui, elas ficam apontando no rosto, ficam olhando, encarando e isso na cidade né, e é algo assim que eu tenho aqui como, é como se não existissem indígenas, assim que vestisse roupa, que soubessem falar, que soubesse usar o celular, manusear as coisas porque eles perguntam assim, te olham e falam assim, “ah, você é venezuelana, você é peruana, você é colombiana, nunca é um indígena aqui do Brasil sabe, “você é do norte?”, também tem isso não é, indígena é no Amazonas, nunca tem indígena aqui em São Paulo.

Diogo: Não, indígena em São Paulo é boliviano, não é brasileiro, é peruano...

Vanessa: Aí eu falei assim, não gente, eu sou indígena, não sou da Venezuela, porque eu não posso ser tal indígena, porque você olha para mim, se eu estou com uma roupa se eu estou usando o celular, se eu estou sabendo falar português, ou eu sou boliviana ou eu sou venezuelana ou eu sou peruana. Ou não, ou quando não é isso, aí vocês falam “ah você é de descendência indígena não é?” Que nunca é só indígena, isso foi dentro da universidade acontece muito mais né, as pessoas perguntaram assim, “nossa que cabelo liso você tem, você tem descendência indígena?” Nunca é só que eu sou indígena sempre remete a algo antigo ou eu sou de outro país.

Diogo: Mas você como é que você faz, você ainda tem paciência de explicar para as pessoas, ou você já chegou naquela fase que tipo, - meu não aguento mais sério não dá, para ficar explicando pra todo mundo?

Vanessa: Ah, eu acho que depende muito da pessoa né, se ela é uma pessoa que realmente não sabe nada e que está querendo, se importa realmente com aquilo e quer aprender, a gente tem paciência de explicar e conversar e aí as pessoas se interessam, mas aí quando é alguém que só quer tirar sarro e está fazendo isso de brincadeirinha, a gente já só ignora, é como se não tivesse falando com a gente. E também, eu acho que algo que é muito, muito legal é que a gente não fica sozinho aqui, tem os nossos parentes né, e a maioria aqui é lá do Amazonas e a gente se sente mais acolhido quando a gente está entre nós, só entre nós e a gente bagunça entre si assim, as piadinhas que a gente escuta a gente bagunça entre a gente para não se sentir tão mal de ouvir todo dia.

Diogo: É como se vocês tivessem um Porto Seguro não é, é um momento que vocês podem ter essa descontração né, que vocês não se sentem tão sozinhos não é.

Vanessa: sim

Diogo: Porque eu sei bem como é isso, crescer num bairro extremamente branco e sozinho, olha foi difícil porque eu não eu não tinha com quem conversar, meu pai não era uma pessoa muito presente então foi difícil.

Vanessa: É então eu acho que se eu estivesse sozinha aqui sem nenhum outro semelhante eu me sentiria muito pior e eu já teria voltado para casa dos meus pais, mas como também tem pessoas iguais a mim, tem pessoas que entendem as coisas que eu falo, entendem o que a gente sente, a gente se sente melhor.

Diogo: E o que você espera para o para o para o futuro como um todo, futuro do Brasil ou até mesmo do sul-sudeste, como é que você enxerga essa sua luta, esse seu legado, o que que você quer mudar, o que é o mais importante que você quer mudar no Brasil?

Vanessa: Eu acho que, bom eles diziam que os indígenas iriam desaparecer lá em 60 né, e não desapareceu e a gente continua aqui, eu acho que é as políticas de cotas assim elas devem aumentar, lógico! Porque a gente não tem as mesmas oportunidades que uma pessoa branca tem de estudar numa escola privada, então a gente não tem mesmo essa capacidade de ficar competindo vaga com alguém que sabe mais coisas que você, porque ela teve uma educação

melhor. Eu acho que a cota ela vai mais nisso né, ela dá oportunidade para as pessoas entrarem e de não competirem com pessoas que com certeza vão conseguir ter pontuações melhores porque tiveram uma educação melhor e então acho que essa abertura de termos mais vestibulares indígenas em todas as universidades, agora a USP aprovou né o vestibular indígena, só que não sei quando vai ser a primeira edição. Então já é uma conquista assim a gente estar dentro da universidade, permanecer ainda mais não é.

Diogo: É porque não é só entrar né, tem que permanecer, eu estava lendo que a maior a maior parte da evasão das cotas é porque não existe nenhuma política, a política foi retirada né de auxílio para esses estudantes eles entram mas não tem auxílio nenhum eu estava ajudando uma amiga minha que ela é secretária do partido socialista da Juventude em Brasília e eles estavam justamente estava rolando estava tendo uma assembleia para discutir a política de cotas né, se ela é uma política que estava dando certo não sei o quê e o grande problema foi que assim que a política de cotas lembrou não é eu acho que foi no governo Dilma entrou o Temer então não teve nenhum estudo sobre o quão benéfica não é o quão isso tem ajudado a política de cotas quando tem ajudado é justamente pra aumentar né o número de estudantes de das chamadas minorias que entram na universidade e ela teve ter uma fala ali justamente que foi essa discussão porque a grande ideia desse presidente infeliz que a gente tem é de cortar ele que cortar a cota porque ele não quer ver indígena e preto na universidade não é porque para ele não é um lugar para a gente ir certo a então foi muito interessante por ela enfim ela também faz parte da Juventude negra não É Ela tem até um canal que chama para pretas e é interessante a essa luta aí eu acho que um grande problema que eu tenho visto até hoje né que cada um tem defendido só o seu lado e esse é uma é uma crítica que eu tenho para as lutas negras e porque o as lutas negras falam só do negro não falam do indígena isso para mim é triste porque cada um simplesmente olhando para o indígena não eu vejo indígena falando de negros sim mas eu já mas eu já percebo que eu já aprendi isso também que mesmo os negros ainda têm privilégios que os indígenas não têm isso é uma coisa que eu também estou aprendendo da minha ignorância e cada vez mais eu fico mais irritado quando eu vejo as pessoas deixando de lado os indígenas eu falo gente não é a mesma coisa de feminista branca falar de feminismo quando não fala com uma preta não fala com uma indígena porque o feminismo que a gente vê hoje essa ideia é muito branca ainda não é muito europeia a gente tem que conversar com as mulheres pretas com as mulheres indígenas e saber o que elas passam não é então é eu acho que falta essa abertura porque querendo ou não estamos todos do mesmo lado não é a gente está lutando por

igualdade está lutando por um país mais justo então por que que cada um a direita a direita estúpida imbecil a extrema direita mas eles todos pensam iguais não é por isso que a gente chama eles de gato uma verdade mas por que que a gente já que que é que é mais pensante que estuda aqui por que que a gente não consegue chegar num denominador comum porque entre o bendito do ego não é a esse ego inflado ele eu até estava conversando agora com o Seribí falou isso ele falou pô eu tenho indigenista que não dá para conversar ele não é indígena quer saber mais do que eu sabe faltas humildade falta humildade com as pessoas mesmo e eu acho que a luta ela tem que ser numa frente só uma frente única não pode ser uma luta separada porque é isso quanto mais a gente se separa menos força a gente tem não é EE me incomoda a luta feminista branca me incomoda AO movimento negro me incomoda por causa disso porque a gente de novo tá olhando só para o nosso umbigo há porque isso me machuca mas eu não consigo sentir a dor do outro poxa sabe é isso para mim me incomoda absurdamente mesmo e isso foi uma coisa que eu comentei inclusive com a minha amiga porque ela em nenhum momento mencionou indígena eu falei Ana não sou só pretos e pretas que sofrem os indígenas sofrem muito mais muito mais a gente precisa olhar para um todo não dá só para olhar é pensar na Bandeira do Brasil ordem e Progresso que que isso diz cara isso é uma Bandeira da ditadura o que que é ordem é o que pegar os indígenas e forçá-los a aprender português e forçar eles a virarem católicos que que é o Progresso fazer que todo mundo seja igual que eles saem das suas terras para ir trabalhar na cidade que precisa de gente para a indústria é isso que é ordem e Progresso eu não tenho nenhum carinho pela Bandeira Brasileira nenhum e aliás foi um amigo meu de Cabo Verde que falou cara a tua Bandeira é uma Bandeira da ditadura e eu e eu não tinha pensado nisso, eu nunca tinha pensado nisso eu falei Érico pelo amor de Deus ordem e Progresso você tem razão você tem razão sabe então assim falta para as pessoas realmente pensarem a gente está todo mundo no mesmo buraco a gente está lutando pelas mesmas coisas e não dá para ser uma frente separada ainda mais num país tão miscigenado como o Brasil não é a gente vai falar que agora todos os pretos do Brasil são pretos puros não são e a maioria é que que os indígenas que vivem na cidade também não a gente miscigenou é que nem você disse agora eles tem pessoas que não tem a aparência estereotipada do indígena mas são indígenas certo a gente tem que sair dessa ideia romantizada de Iracema de não sei o que de livro romantizado porque não é essa a realidade mais a gente está esperando as é as pessoas estão esperando ver o indígena estou tendo com o arco e flecha entrando numa sala de universidade caramba que que crotti dão não é a gente está pensando o que que estamos vivendo ainda em 1500 sabe.

Vanessa: Vale mais o indígena indefeso romantizado do que aquele que luta pelo espaço dele.

Diogo: Exato, da indígena que se apaixonou pelo português tem um quadro aí nos vive no máximo em São Paulo de uma indígena que morreu afogada porque Ela Foi que ela quis nadar atrás de um amor dela que era um navegante de nome Diogo ainda por cima.

Vanessa: É essa questão da mulher em si é bem forte ainda, os meus próprios avós assim não é, quando chegavam os cariuas que a gente fala de brancos, os turistas, eles falam assim, “acho que assim se você ficar com ele, você vai se dar melhor, você vai viver bem, você vai viver melhor do que a gente” e eles já, os homens chegavam na gente com essa ideia de tipo de superioridade do homem branco que se a gente ficasse com eles, a gente...

Diogo: ter uma vida melhor.

Vanessa: Sim, mas aí eu falei assim, ah porque tem isso não é, porque a gente fala isso sobre eles, e teve uma temática também sobre isso eu acho que é do livro do Gilberto Freyre Casa Grande Senzala e tem lá né o capítulo que fala só do indígena na família. Como é que o indígena acrescentou na criação da família brasileira, qual foi o papel dele nessa formação e nossa, tão a falar a visão de um cara sobre as mulheres indígenas né que elas preferiam ter filhos dos homens europeus porque os filhos delas iriam nascer superiores e que essa era a mentalidade delas e aí os homens só lhe falava assim que os homens nunca falava assim, “ah o homem branco se apaixonou pela mulher indígena, não falava assim é “usou ela porque a mulher indígena era mais.... Sexo....

Diogo: Desculpa Vanessa, travou aqui... foi a visão do português, do homem europeu.

Vanessa: Sim, é a visão de um cara sobre o corpo de uma mulher indígena, tanto se você olha cada frase é uma mulher indígena sendo sexualizada né.

Diogo: Exato, as próprias cartas dos portugueses né, dos navegantes era isso também.

Vanessa: Fala do corpo, fala da postura não é, fala sobre tudo e é algo assim que afeta muito a gente também querer falar, isso na verdade afeta muito a luta do movimento.

Diogo: E você leu isso aonde, desculpa?

Vanessa: Aqui na faculdade, foi um livro que a gente teve que ler e fazer uma resenha sobre esse capítulo e falaram muito.

Diogo: Ah, no Casa Grande Senzala, desculpa é verdade!

Vanessa: Isso, e a gente debateu muito isso em sala de aula né sobre a sexualização da mulher indígena dentro da literatura brasileira.

Diogo: A portuguesa também, do corpo da mulher, dessa questão da não vergonha, aliás tem até um termo que eles usam aqui que eu não lembro agora desculpa, mas tem alguma coisa a ver com a vagina da mulher que eles usam aqui, que é uma referência da época da invasão não é, de quando eles foram invadir o Brasil mesmo que vinham as mulheres, enfim, esse apelo ao nu, né que que hoje muitas pessoas acham enfim, tratam isso como arte não é, mas eu tenho as minhas ressalvas não é, porque exato, porque a gente sexualiza demais o corpo feminino, demais mesmo.

Vanessa: E você falou sobre a questão de olhar muito só para a sua luta não é, dos negros e dos indígenas, a gente presenciou muito isso, claro porque a gente foi muitas vezes para Brasília né, lá nos acampamentos que tiveram para estar lá pressionando o STF e eu acho que muito isso é, teve um encontro lá dos estudantes para falar sobre a permanência estudantil, sobre as bolsas de permanência estudantil que estavam sendo cortadas, a bolsa do MEC né que que parou, e aí lá assim dentro daquele cenário tinham os quilombolas, os indígenas e a gente via muita diferença de tratamento, os quilombolas, eles ficavam de um lado, os indígenas do outro e tinha aquilo né de diferença também, de bens materiais, os quilombolas usavam tudo iPhone não é, e os indígenas não, muitos nem tinham celular e aí tinha essa visão de superioridade dos negros acima dos indígenas. E isso foi questionado lá no debate e falou assim, “porque vocês não olham para ele como iguais, porque vocês sofrem as mesmas coisas, pode ser que seja diferente em alguns aspectos mais são as mesmas coisas, que é a violência não é. E lá eu acho assim, é um local que eu vivenciei as coisas que eu nunca pensei que ia vivenciar, de preconceito de taxi ou Uber não parar por você estar pintada, das pessoas não te deixarem entrar no shopping.[...]

Entrevista – Alexsandro Cosmo de Mesquita

Mídias Digitais – Pontifícia Universidade Católica de São – 06/09/2022

(Conversa inicial)

Diogo: Eu queria te pedir permissão se possível não é, pra gente gravar a conversa, mas de ante mão, antes de eu gravar qualquer coisa, a tese é basicamente sobre isso, é sobre as experiências, como foi a tua experiência acadêmica, como você enxerga a tua experiência, por que que você decidiu ir para a faculdade, o que que te deu essa vontade de estudar, porque mídias digitais, essa necessidade que a gente tem hoje de recontar a história do Brasil de dar mais valor para os conhecimentos locais, aquilo que é gerado dentro do Brasil para a gente dar valor para o que é nosso né, e essa possibilidade agora né, ainda bem que tá rolando uma certa abertura agora com as cotas não é, para que mais irmãos de irmãos tenham acesso ao ensino superior e minha ideia era justamente essa, da gente poder pensar ainda né, claro que no futuro a necessidade também não só de abertura para os alunos mas de abertura para os conhecimentos também, a gente também quer ver professores negros, professores indígenas, mas não só nas áreas vamos falar por exemplo de filosofia, não, a gente quer ver professores em todas as áreas e isso é uma coisa que a gente ainda não tem basicamente né cara, eu acho que a gente tem sei lá, eu vi esses dias o cálculo de 2019, eu acho que era 2% só de professores negros e indígenas e se você for contar indígena acho que tem um professor só em 2019, tinha, e então assim quando a gente entra numa sala de aula principalmente na PUC não é, a gente percebe isso nitidamente que não tem professores negros, não tem, só tem professores brancos de classe média, classe média alta, e quando eles falam dos famosos clássicos, ainda mais eu que fiz ciências sociais são todos brancos né cara, isso é uma coisa que sempre me incomodou muito porque acaba criando sempre esse viés mais eurocêntrico americanizado, e o que a gente produz acaba sempre ficando de lado, então a ideia do trabalho é basicamente essa, é da essa voz para as pessoas, eu vou trabalhar em cima dessa teoria chama, a teoria de colonial que ela nasceu com os estudos subalternos na Índia e criou muita força aqui na América do sul, aí na verdade, com alguns escritores peruanos, argentinos, brasileiros, que é essa teoria de justamente dar voz para o que nós temos de conhecimento e recontar essa história não é.

Tanto conhecimento que é tirado, enfim, é retirado, aproveitado e usado como se fosse um conhecimento branco, inventado com brancos né, enfim, estava até conversado isso outro dia não é que as pessoas falam, há o pai do rock n roll é o Elvis Presley, eu falo não Brother, não

é, tá ligado, ele tirou até o jeito dele cantar é toda uma fonética afro Americana tá ligado, ele pegou o blues negro americano que já existia, o Rock não foi inventado por ele, o rock já tinha sido inventado há muito tempo antes entendeu, só que eram negros, e as pessoas não falam sobre isso, não é passado isso, o negro, o indígena não pode ser inteligente, não pode ter sabedoria e isso é o que sempre me matou cara, o que sempre me incomodou entendeu.

Alex: Na realidade não é nem o negro, nem o indígena, são as pessoas que foram colonizadas no geral, os povos colonizados no geral, eles não poderiam ser sábios não é, a inteligência não era dele, aí a gente acaba entrando um pouquinho aí na questão do eurocentrismo também, é claro, não é um tema que eu conheço a fundo o eurocentrismo mas pelo pouco que eu conheço é isso né, a cada povo, cada colônia que os europeus foram conquistando, eles foram pegando conhecimento e dando como se o conhecimento fosse da Europa mas na realidade eles capturavam o conhecimento de cada pedacinho, cada país e já jogava como uma forma de...

Diogo: Exato, a própria revolução industrial inglesa foi feita com máquinas chinesas e com o dinheiro do ouro que vinha do Brasil não é, então assim essa própria ideia de revolução industrial e Inglesa já é uma falácia não é, que a gente é obrigado a ouvir, então é exatamente isso, e esse sonho brasileiro não é de ser branco, de ser europeu, essa tara que o brasileiro tem de falar que tem sangue europeu, esse também foi uma coisa que sempre me incomodou demais né, esse olhar que o brasileiro tem pra fora mas fora eurocentrado, americano não é, enfim, e o que é produzido dentro, que é do Brasil felizmente é de segunda mão, é ruim, enfim, e então, isso é uma coisa que sempre mexeu muito comigo e ainda mais vindo agora para Portugal, isso criou uma outra lente não é, porque eu acabei percebendo que a mentalidade dos portugueses é muito parecida com a do brasileiro branco classe média, é muito parecida, então eu tenho muitos problemas com os professores também, já tive episódios de preconceito com os professores, - ah tu com o cabelo ganhado hoje, até parece que é de outra raça, tipo umas coisas cara, absurdas mesmo.

Alex: Tipo, professores que são da linha de antropologia que deveriam ter uma consciência maior com esse tipo de discurso não é, na realidade é naquela, as pessoas não fazem faculdade que elas querem adquirir conhecimento, elas querem uma posição e um status na sociedade, é isso, é isso que eu vejo que é uma pessoa muito forte de ego.

Alex: Eu ia te falar só o seguinte, que eu autorizo então a gravação, pode gravar tá OK, legal, aí você só pode usar mesmo só a voz não é, a imagem não vai precisar, ou?

Diogo: não, eu não vou usar a imagem nada, é mais porque eu vou ter que transcrever a entrevista, aí eu vou usar os diálogos, vou usar isso como forma de alimentar a teoria, a tese não é, aquilo que eu estou tentando passar de informação né na minha tese, então vai servir como uma narrativa, diálogo que eu vou poder construir em cima, tá bom, mas fica tranquilo que a imagem não, é mais transcrever mesmo essa nossa conversa tá bom?

Alex: Ok, mas se precisar usar a imagem, se precisar usar imagem é só avisar, e aí eu autorizo também está, eu só ia te falar uma coisa, você estava falando em relação a algumas coisas do decolonial não é, que você vai falar sobre a teoria decolonial tudo bem, eu só ia te dar uma dica mesmo em relação a algumas leituras que eu fiz durante a tese que foi com a Rosana Freire de Lacerda, não sei se você já, é da área do direito tá e ela traz um, a tese dela assim é riquíssima, riquíssima mesmo em questão de falar de tratar sobre o racismo estrutural e trazer algumas coisas de como que se deu o processo de colonização e também de reconhecimento em questão a identidade nacional dos povos na América Latina, então eu acho uma leitura muito boa para você fazer, é claro não sei como está seu tempo né, mas vale a pena cara, vale muito a pena porque ela aborda umas coisas assim que você viaja conforme você vai lendo, eu cheguei a abordar ela também na minha tese justamente por causa que ela, a tese dela é fenomenal, só ia te dar essa dica mesmo tá, bom então bora começar aí, vamos ver o que acontece.

Diogo: Tranquilo, mas poxa cara obrigado, eu acho que essa ideia dessa branquitude, essa identidade forçada Brasileira é realmente um problema, essa teoria de embranquecimento da população Brasileira foi difícilima cara, é difícil de engolir até hoje, mas eu não conheço, sim, eu vou dar uma olhada, eu acho que vai me ajudar bastante, mas é isso por enquanto, eu vou perguntar mais sobre você mesmo, você poderia falar mais sobre a sua infância, como foi a sua infância, você passou muitos episódios de preconceito. de racismo, inclusive na escola, onde você vivia ou vive, então eu queria só que você se apresentasse um pouco e falasse um pouco sobre a sua infância e o período escolar?

Alex: Então, na minha infância é o seguinte não é, eu nasci no nordeste, ali no estado da Paraíba, na cidade de Mamanguape, a minha aldeia é a aldeia dos potiguara que fica ali no litoral norte da Paraíba, antes, os potiguaras, eles ocupavam ali todo o território desde o litoral, desde de um pedaço de Sergipe até um pedaço do Ceará, então toda aquela Costa ali não é, toda aquela região do litoral era ocupada pelos povos potiguara, hoje, eles estão concentrados num pequeno pedacinho de Terra no litoral norte da Paraíba, numa cidade chamada Baía da Traição, então eu sou Alexandro Cosmo de Mesquita, indígena da etnia potiguara, a minha mãe é indígena e o

meu pai não é indígena, quando jovem a minha mãe precisou sair da aldeia porque, questões econômicas mesmo em relação ao plantio, não estava suprindo mais as necessidades econômicas deles lá na aldeia então muitos indígenas passaram a sair da comunidade né, das aldeias e trabalhar nas cidades vizinhas, e aí foi o que aconteceu né, minha mãe também nesse movimento ela saiu, foi para uma cidade vizinha e lá ela conheceu o meu pai que não é indígena e aí os 2 acabaram casando e tendo tipo 3 filhos né, eu sou o segundo, quando eu tinha uns 6 anos de idade mais ou menos o meu pai ele resolve vim para São Paulo e aí 3 meses depois ele faz a gente migrar para São Paulo também, e aí nisso a gente pegou o ônibus não é, são 3 dias de busão, foi lá, enfim, minha mãe com 3 crianças, chegamos em São Paulo, no nordeste até os meus 6 anos de idade, eu não tinha tanta noção em relação à questão da importância do se reconhecer ser indígena, até mesmo porque eu era uma criança então, até então era tudo lúdico lindo e maravilhoso para mim, mas lá em especial a gente sempre ia para a comunidade sempre que podia né, a nossa comunidade indígena que eu chamo também de aldeia e enfim a gente não tinha tantos problemas pelo menos que eu percebia e até mesmo porque aquela terra já era homologada fazia um bom tempo e então as terras lá como era homologada, a gente tinha, ela era bastante rica, era não, ainda é bastante rica em relação a frutas nativas dali, alimentação e tudo mais.

Na minha infância eu não chegava a me reconhecer como índio na escola porque eu também nunca fui estimulado a isso, também não houve importância, então eu fui inserido na sociedade não indígena de uma forma que, como que eu te posso te falar, que a gente não tinha muito essa consciência de luta, essa consciência de posicionamento e de questão identitária, muitos povos, muitos povos não, muitas pessoas pelo menos até onde eu sei também não tem noção disso durante a infância, é mais quando você vem chegando na idade da adolescência, lá para os 13 e até pré-adolescência tá, eu acho que 13, 16 anos que você começa a pensar mais sobre esses temas, porque você vai vendo algumas desigualdades em relação a você e outras pessoas que vivem na sociedade também, então como eu te falei, na minha infância eu não vou te falar que eu sofri episódios de preconceito por ser indígena, porque até então eu não tinha nenhuma noção do que que era essa questão, ainda mais por ter mãe indígena e pai não indígena, então eu vivia em 2 mundos diferentes, por mais que a gente tivesse vindo para São Paulo, uma vez a cada um ano ou 2 anos nós sempre voltávamos para aldeia mas também com esse mesmo viés, eu estava indo para lá para passar férias, então até então eu não tinha essa noção, porém na pré-adolescência eu acho que entre os 10, 11 anos mais ou menos, quando eu começo a tomar uma

consciência de mundo, eu percebo que em relação ao pessoal de lá, num aspecto educacional eu tinha mais acesso à informação e recursos do que o pessoal lá no nordeste, isso eu percebia, então isso era perceptível para mim, e aí durante a minha adolescência mesmo eu ficava me questionando sobre algumas coisas e falava assim que pensava comigo mesmo que gostaria muito de trabalhar com a educação justamente por estar percebendo essa desigualdade tão grande né, a partir do momento que eu tenho uma noção de mundo.

Porém eu também era muito apaixonado pelas áreas de artes e tecnologias, eu cheguei assim que eu terminei o ensino médio, eu cheguei a fazer um curso técnico de gestão financeira mas vi que não era aquilo que eu queria, eu queria realmente trabalhar com educação e aí então surge a oportunidade de ingressar na PUC São Paulo por meio do programa Pindorama, que é um programa que oferece bolsas para alunos indígenas, que esses alunos eles podem tanto viver em contexto urbano, quanto eles também podem viver em aldeias. Só que assim, a PUCSP ela só oferece a bolsa, gastos com transporte, alimentação, hospedagem é o próprio indígena que precisa se preocupar, diferente claro de um programa do governo federal que hoje já tem esse apoio, então a PUCSP, ela consegue apoiar nessa forma, dessa forma, então como eu já morava em São Paulo eu prestei o vestibular da PUC.

Você tem que passar no vestibular como todos, você também tem que pagar o vestibular, e você paga só a matrícula do curso que você vai ingressar e eu escolhi o curso de tecnologias e mídias digitais porque quando eu fui ler a ementa não é, que se chama do curso se não me engano, lá estava falando assim que o curso você poderia escolher 3, ele era um curso geral sobre comunicação e meios de comunicação né, Tecnologias e mídias digitais e ele que tinha 3 eixos ali, onde um dos eixos era educação à distância, o outro eixo era o web design e tinha um outro eixo que era arte e tecnologia. Então isso me atraiu muito porque vinha ao encontro assim do que eu gostava e ainda mais de trabalhar com educação, eu escolhi a parte de educação no dos eixos não é, para o último ano você acabou escolhendo uns eixos lá, eu escolhi a parte de educação porque, eu tinha a ambição de voltar para a minha comunidade e trabalhar com educação à distância lá, implementar ali o que se fosse, como a gente conhece como o telecentro, que são os tele centros em São Paulo não é?

É um espaço onde você tem computadores com acesso à internet e ali você acaba tendo algumas oficinas de formação em relação ao meio de computador, com acesso às tecnologias e como utilizar o computador a favor aí da educação, favor de trabalho, de vários meios.

Então era isso que eu pensava em fazer, então por isso que eu fui para área de educação, aí na área de educação eu acabei me especializando na profissão de designer instrucional e durante a faculdade no último ano eu tive uma oportunidade de ir para a Espanha pelo Ciência sem Fronteiras que na época era um programa de intercâmbio que foi colocado aí pelo governo do PT não é, o governo sobre a questão da presidente Dilma Rousseff, eu li e aí eu consegui a bolsa pela própria universidade, fui morar um ano na Espanha, me especializei e quando eu voltei da Espanha, eu sentia necessidade de aperfeiçoar os meus estudos para agora implementar essa ambição que eu tinha, foi aí que eu entrei no mestrado e quando eu entrei no mestrado, eu entrei em contato com uma ONG que se chama Thydêwá e por meio desse contato com essa ONG eu consegui, eu falei para eles o que eu pretendia, o que eu queria não é e eles falaram assim - olha Alex, a gente não consegue ajudar você a criar do zero algo lá na sua terra, mas nós aqui já estamos fazendo um trabalho inclusão em 8 comunidades indígenas e a gente precisa de alguém para fazer uma formação, você topa vir? E aí eu super topei, e aí nesse processo de formação do meu mestrado eu consegui fortalecer entender um pouquinho mais sobre a importância de ser indígena e sobre as dificuldades do que é ser indígena e ainda mais para as comunidades que elas sofreram grandes interações com os povos não indígenas, então a galera né, os povos indígenas que vivem nas regiões litorais e perto aí dos grandes centros são comunidades que mais tiveram interação com os não indígenas e são comunidades que ao meu ver sofrem mais preconceitos porque eles não têm ali as características físicas ou os costumes os quais os cronistas que descobriram né, que descobriram não, que colonizaram o Brasil e participaram do processo de colonização descrevem nos livros, então eles sofrem muito mais preconceitos e até mesmo a aceitação da população, falasse, - Que? Você não é índio!

Então isso foi perceptível, pessoas da cidade que eu dei...

Diogo: Mas você escuta isso também, não? Desculpa te interromper Alex

Alex: Pode interromper

Diogo: Ah, mas você não tem cara de indígena ou isso ou aquilo, você chegou a ouvir isso ou não?

Alex: Eu vou te falar que eu não cheguei a ouvir muito não porque o pessoal fala ainda um pouquinho de mim, - ah, parece mesmo que seu olho é meio um pouco puxado alguma coisa assim, mas eles associam o que, querendo ou não, alguns traços né, alguns, eu ia falar resto, mas não é resto, alguns chamam mais de rabiscos né.

Diogo: Um resquício

Alex: Resquícios que ainda me deixa na minha na minha fisionomia física né sobre isso, então eles acabam não tendo isso de uma forma tão impositiva, só que na própria PUC São Paulo quando começou o programa Pindorama, a primeira turma do programa Pindorama em sua grande maioria era composta por membros da comunidade Pancararu que vivem no Real Parque aqui em São Paulo e eles narram que eles tiveram muitos episódios de preconceito, inclusive pelos próprios professores e aí, não defendendo os professores mas querendo ou não, é fruto de ignorância mesmo, porque, e de falta de conhecimento, quando eu falo ignorância, a ignorância é a falta de conhecimento, então eles falavam o seguinte, “Ah, tem alguns indígenas, tem uns negros na PUC falando que são índios”, você entende, mas por que eles não sabem que no decorrer da história, não sabem ou não conseguiram ligar o raciocínio lógico que no decorrer da história houve muitas misturas né, principalmente nas comunidades indígenas e entre negros e indígenas principalmente.

E ainda mais quando você vai estudando um pouquinho não é, como eu te falei, tive a oportunidade de estudar um pouquinho, você vai vendo algumas leituras onde os grandes fazendeiros na época da, na época lá que o que os negros ainda eram escravos, eles incentivavam a briga entre indígenas e negros, justamente para eles não se unirem, não ficarem forte e irem contra os fazendeiros, então tinha essa questão também não é muito forte mas é claro que independente disso havia a mistura tanto indígenas com brancos, indígenas com amarelos, como eles denominam não é, o racismo aí denomina essa classificação e de nós com negros e indígenas com pardos, indígenas enfim, com vários, com crioulos, e aí resultou nisso, então muitas comunidades eram composta por indígenas e negros, indígenas e brancos e por aí vai, e esse é o resultado do Brasil indígena hoje, o Brasil indígena em relação ao que tiveram muitas interações com não indígenas e eles não eles não querem deixar, e nós temos o direito de decidir também o que somos não é, então eu sou indígena, independente dos meus traços, eu tenho minha comunidade, eu sei que o sangue indígena corre nas minhas veias, por que que um europeu pode ter o direito a ter uma dupla nacionalidade e nós não, então isso é muito forte também em relação a aquele realmente em falar que não existe índio, por que que há esse interesse forte em querer falar que não existe índio, por que se não existe índio não vai existir terra para índio.

Diogo: Daí o agronegócio faz o que quer não é.

Alex: E aí tipo assim, é porque eu não tenho os números exatos eu preciso estudar um pouquinho mais sobre esse pedaço, mas se você vai ver o agronegócio, agro é tudo, agro é tech, e agora enfim, essa porcaria toda que os caras falam na realidade é o seguinte, ela é tudo para quem está de fora e para quem domina a grande parte do agro, porque poxa, mais de 70% se eu não me engano, eu preciso confirmar isso tá, eu preciso ver no IBGE, eu preciso ver na fonte correta mas da última vez que eu vi alguma reportagem falando sobre isso era mais de 70% do alimento feito pelas grandes companhias de agro vai para fora, não vai para o Brasil e serve para enriquecer um grupo pequeno de pessoas, aí o cara que depende daquele trabalho e vai falar assim, mas eu estou ganhando com isso, sim, mas você é uma minoria que está ganhando com isso e o restante da população não, por que que o nosso café puro vai para fora e para a gente aqui no Brasil a gente tem que tomar café misturado com farinha de trigo e as pessoas não sabem dessa informação, então é uma questão de ignorância.

E aí eu te falar também uma coisa que eu acho importante falar o seguinte como eu te disse, na infância não é, eu não tinha tanto essa noção e a importância da questão de ser indígena mas quando eu começo a frequentar o programa Pindorama e ver a importância, eu começo a fazer conexões e o programa Pindorama ele oferece as bolsa de estudos por meio da PUC São Paulo certo, mas além disso, todo aluno que é do programa Pindorama, ele precisa ir numa reunião que acontece uma vez por mês onde todos os alunos indígenas se reúnem em um espaço e a gente acaba trocando uma ideia conversando sobre algumas coisas, sobre alguns temas que estão em alta e também conhecer um o povo do outro, então nessas trocas do Pindorama eu consegui fazer conexões de me reconhecer então realmente como indígena e não mais ficar porque esse meu discurso era, a minha mãe é Índia, eu não, e eu ainda falava Índia não é, porque essa reprodução que o Colombo lá repercutiu não é. Mas na verdade indígena, enfim que realmente remete à origens e aí quando eu vou para o Pindorama e eu passo a participar das reuniões, eu percebo a importância que é eu me reconhecer enquanto indígena, algo que foi tirado de mim, mas na realidade, eu não sei... realmente foi tirado porque se você parar para pensar porque por mais que na infância não tivesse tido contato e o acesso a importância de saber disso, eu deveria saber, a minha mãe deveria saber em relação a questão de me politizar em relação a isso realmente, me vem a importância disso mas ela também não tinha o conhecimento e nem a importância de se reconhecer como tal, mas ela nunca deixou de falar que ela não era, ela sempre falava que ela realmente era, mas até então ela não tinha consciência, eu vou chamar de consciência política em relação a esse reconhecimento, e muitos povos

indígenas também ainda não tem principalmente pessoas que vivem em comunidades e nas aldeias que ainda não tem essa noção do quão importante é você se reconhecer como e quanto importante é você está por dentro do que está acontecendo no mundo justamente pra não ter associados a roubadas futuramente.

E aí isso acaba entrando, é que falar sobre a questão indígena ela é complexa, ela é muito complexa e envolve muitos temas e aí eu vou te falar o seguinte não é, que é um tema que eu vou entrar agora, que é o tema da questão da tutela, por muito tempo a Funai, bem veio o SPI né, teve o SPI depois veio a Funai que substituiu SPI e por muito tempo eles respondiam pelo indígena, eles faziam tudo pelo indígena, tinham a tutela dos indígenas, era como se a gente fosse criança, eles bagunçavam com as terras indígenas, eles chegavam a doar crianças indígenas, eles chegavam a arrendar terras indígenas para outras pessoas sendo que iriam usufruir da Terra e futuramente quando a pessoa já tinha um certo tempo nessas terras eles acabam cedendo essas terras para essas pessoas, e os próprios donos da terra qual teria sido estabelecido por lei não é, além de ser estabelecido por lei é um bom senso não é você reconhecer isso, que a terra é indígena, que a terra do Brasil é indígena, mas por muito tempo eles sendo né, o dono da tutela dos indígenas, eles mantinham os indígenas na plena ignorância e usufruía e fazia não é, acho que fazia um crime de prevaricação mesmo realmente com as terras indígenas porque eles sabiam que as terras eram indígenas e acabavam ganhando dinheiro em cima dessas terras e aí nisso você vê a ignorância do indígena em relação aos seus direitos, você vê a ignorância dele em relação a conhecimento e agora a gente tem fortemente um movimento no qual os indígenas passam a querer buscar sua autonomia, e qual que é o primeiro passo para fazer isso de forma efetiva, por meio do acesso à informação, do conhecimento, e como que eu posso fazer isso, cara, eu vou ter que estudar as leis do homem branco né, do não indígena justamente para eu conseguir saber como defender os meus direitos e como defender a minha terra dentro das leis dele, não é nem dentro das minhas leis, é dentro das leis da sociedade não indígena, olha só que confuso isso, a terra é minha, eu sei que ela é minha, meus ancestrais moraram aqui, eu vivi aqui, houve uma invasão, - ah mas a geração futura não tem, não tem culpa, a geração do presente não tem culpa que essa invasão foi lá no passado lá atrás, pô cara, você não tem culpa porque você está sendo beneficiado, agora se você não estivesse sendo beneficiado com essas ações lá atrás, certamente você estaria lutando realmente também por direito à terra, e é uma coisa que tem para pensar, enquanto eu sou beneficiado, para mim

está bom como tá, agora se eu sou prejudicado não, aí eu corro atrás, mas quando é o meu próximo, ele que se vire, o meu está garantido.

Diogo: É a bolha né cara, é aquele velho assunto que a galera adora dizer que eu até digo que é a fragilidade branca, essa bolha que enquanto tá bom pra mim que se lasque, eu não quero saber, aí mas eu também não quero ver porque me faz mal ver as coisas que estão acontecendo, e aí você está do lado de fora, você não quer ver, você não quer se informar, você prefere ficar na ignorância e esse é um problema porque acaba perpetuando, e essa enfim, essa violência não é cara, essa questão identitária é uma violência e eu fiz essa pergunta porque eu também tive, eu passei por isso também, tipo eu descobri que eu era negro com 5 anos de idade meu, e não é porque eu tinha uma consciência de identidade com 5 anos de idade, então eu leio Malcom X, não, eu descobri por preconceitos, por racismo, por tratamento, por que que me tratam diferente, por que que eu não posso entrar nessa loja, porque que o cara me chutou da loja como se eu fosse roubar alguma coisa, eu não fiz nada, o meu amigo ali branco está fazendo a mesma coisa e ninguém fez nada, então eu sempre me perguntava não é, e isso foram coisas que foram, elas vão criando um buraco né, eu cresci num bairro de pessoas brancas na Mooca, meu pai negro mas de sangue indígena e negro porque minha avó é indígena, é filha de indígena com negro e o pai dele negro e a minha mãe branca não é, então sempre essa mistura e eu sempre me perguntava, essa questão de identidade minha também veio com educação, veio com estudo, veio de perceber aonde eu me encaixo, onde eu me encontro, e é por isso que eu parto dessa ideia da educação também ser tão importante porque não é só para nós como uma questão de identidade, mas é como você falou, não é passar pano para os professores mas eles precisam nos dar abertura para a gente ensinar eles, - cara é assim que funciona, é assim que é a nossa identidade, é assim que é a nossa cultura, isso que você faz é dessa cultura, isso que você faz aqui é dessa cultura e assim a gente vai aprendendo o que, a respeitar as culturas como todo, como iguais, como iguais claro, não existe uma cultura melhor ou pior do que a outra.

Alex: Só que você falou da questão dos professores, só que aí, a gente entrou naquela questão que eu falei um pouquinho antes lá no começo para você que é o seguinte, pô, até onde esse professor, ele escolheu sua profissão realmente porque ele ama o que ele faz ou ele escolheu essa profissão por um status.

Diogo: Claro, existem vários, na PUC então vixi!

Alex: - Eu sou professor acadêmico cara, se quer o que? Tipo, sou professor de universidade, não sou professor de escola, não, eu sou professor acadêmico entendeu, aí tem essa, a posição, o ego, o privilégio, aquele é professor da universidade XPTO, porque é o professor não sei o que.

Então até onde ele escolheu essa profissão por amor realmente, porque ele queria ensinar ou ele escolheu lá atrás porque ele queria um destaque na sociedade, e aí por ele ter escolhido por uma forma, não estou falando todos tá, que isso fique bem claro, mas existe os professores que fazem isso tanto que em vez de ter um conhecimento maior sobre o tema para poder discutir, ele julga, - “ah existe os negros lá falando que são índios”, entendeu.

Diogo: E você sentiu muito isso na PUC ou não?

Alex: Na PUC eu não senti muito porque a galera de humanas sim, sentiu mais, mas como meu curso é um curso que ele é meio misto não é, voltado para exatas-comunicação e tal, a galera tipo quando sabia que eu era indígenas, - há pô legal, eles não ficavam perguntando tal, não ficava me questionando nem nada, a galera de exatas é tipo, bora trabalhar, bora focar aqui, bora fazer isso, já a galera de humanas eu percebo que o pessoal falava do serviço social, eles sofreram mais não é, eles eram questionados, falar, - por que que o seu cabelo não é, as palavras não é, pixaim, porque se você diz que índio disse que tem cabelo liso, cara, e aí vem mais uma vez, a gente vem lá atrás em relação ao que os cronistas falavam sobre o que era um indígena quando ele passaram na introdução do processo de colonização em relação ao que é hoje, é diferente, existe comunidades ainda isoladas, entre aspas não é, que a partir do momento que você descobriu que ela é uma comunidade isolada, ela deixa de ser isolada, não existe mais, mas enfim, existe alguns, alguns povos ainda no Brasil, existe povos no Brasil, alguns não, existem povos no Brasil que ainda tem características descritas como os cronistas colocaram lá trás, tem, mas a grande maioria já sofreu um processo de apagamento cultural, é um processo de apagamento cultural, na realidade tentaram né fazer esse processo de apagamento cultural, principalmente com os indígenas do nordeste porque a partir do momento que me misturava, tem até nos textos não é, escrito que a partir do momento que o índio tinha direito civil, ele parava, ele deixava de ter, deixava de ser considerado índio, não, ele agora, ele já faz parte da sociedade então ele não pode ser mais índio e aí também tem uma outra parte que é o seguinte, a questão dos privilégios não é que acaba entrando também, que acaba entrando na questão do racismo estrutural que aconteceu o seguinte, querendo ou não, para certos cargos só poderia ter quem fosse branco, então um negro não poderia de jeito nenhum assumir um cargo, um cargo

público, o indígena também não, e nessa brincadeira também vinham os direitos não é, só tinha direito a votar quem tivesse x riquezas, quem fosse dono de x terras senão não poderia ter direito a votar, o índio não tinha direito a ter terra, o negro não tinha direito a ter terra mesmo depois da abolição não tinha direito e aí foram mecanismos que foram sendo construídos lá atrás que refletem até hoje, e é muito bem falado como eu te falei na obra da Rosane Lacerda Freire, depois eu te passo o nome certinho dela.

Diogo: Já anotei, relaxa, fica tranquilo obrigado.

Alex: Sim então, o racismo estrutural e eu cito ela na obra, eu vou te mandar a minha tese também, está na tese, está mestrado não, mas na tese eu falo sobre essa questão do racismo estrutural, eu coloco até episódios, pô eu coloco lá até uma cena onde o cara é negro, a polícia meio que dá um tapão nele (par! Som to tapa) puxa ele pelas calça sem camisa, algema ele e vai levando ele como um lixo pro camburão, aí já outro cara lá no Rio que roubou mais de 400... 400 e 500000 ou foi 400000000, lá eu sinto na tese, que a memória também é muita informação pra fala de tudo, mas já está sendo citado, ele está com 2 loiras do lado da polícia federal, andando sem algema, dando risada, livremente indo para a delegacia e aí, não sei se você viu também esses dias um episódio onde filmaram não sei se foi na Rússia ou se foi nos Estados Unidos, um moleque, tem um grupinho de adolescentes dentro do shopping e de repente o moleque branco provoca o outro moleque negro não é, e daí o moleque branco é quem começa a briga, e aí quando o negro revida e começam a brigar os 2, chegam os seguranças rapidamente, eles pegam, separam os 2, pegam o moleque negro, joga ele no chão, coloca as mão dele para trás, em compensação o moleque branco, eles começa a consolar como se ele fosse vítima, mas tudo do que? Do racismo estrutural, antropologia jurídica, quem que é o ladrão da antropologia jurídica, qual que são as características não é, vamos falar da antropologia jurídica aqui, quais são as características da galera que realmente tem proporção a ser criminosos, quem? Vai descrever o negro!

Diogo: E quando a própria polícia vai descrever a pessoa, ela vai falar um cidadão negro e quando ela descreve alguém branco, é um cidadão, não tem cor.

Eu fui preso também, já passei por isso no Brasil, eu fui enfiado num cárcere privado com um monte de segurança armado para a polícia chegar porque eu tinha roubado uma garrafa de vodka, que era tudo mentira, eu não roubei absolutamente nada, o único problema foi é que eu estava de capuz no mercado, todos os meus amigos brancos, a gente foi comprar batata velho,

olha só, batata, eu tinha 18 anos, para fazer fogueira na rua, isso ainda existia, a gente foi comprar batata para fazer fogueira, porque eu também estava indo embora do Brasil já essa época, eu sai com 19 e isso para mim já foi a despedida já porque os caras começaram a me pegar assim por trás, prenderam pelo braço, vários seguranças me enfiaram numa sala, mandaram eu tirar a roupa, falando que eu roubei, que eu roubei, que eu tinha que tirar o que eu roubei, devolve o que eu roubei, e eu, mano, - vocês estão muito louco, eu não roubei nada velho, vocês estão viajando e tal, e aí aquela merda acontecendo, o segurança, o chefe dos seguranças falou, - então o seu merda, pode ir embora como se fosse um monte de bosta não é, aí eu falei não irmão, quero teu nome, teu nome, teu nome, teu nome e teu nome, ou seja, o cara me passou um nome falso, por sorte não é, aí é que entra aquela coisa eu pelo menos por sorte pude ligar para o meu pai que tem um amigo delegado que também é advogado e eu tive sorte brother, isso que eu tive, sorte, mas imagina uma pessoa que não tem essa alternativa.

Alex: Que não tem acesso a um delegado, que não tem, que não sabe que existem pessoas dos direitos né, direitos humanos que pode recorrer por elas, têm essa questão muito grande.

Diogo: Exato, as pessoas não têm conhecimento e assim, e isso para mim foi muito pesado tanto que eu processei o mercado e tal, entrei com o processo e enfim, fiz um acordo porque o meu problema era simplesmente que eu tinha que fazer alguma coisa, e eu só terminei aquela porcaria toda.

Alex: Justamente para isso não se repetir com outras pessoas e eles pararem para pensar, da revolta esse tipo de situação.

Diogo: Mas eu te digo, eu voltei no mercado 10 anos depois, eu falei que eu nunca mais ia pisar naquele mercado que é perto da minha casa, meu pai me encheu a paciência para eu ir fazer um jogo para ele da Mega-Sena, só tinha lá aberto, eu falei - pô pai sério e tal, fui, chego lá, quem tá lá, o mesmo chefe da segurança 10 anos depois, aí eu falei, esse é o país que a gente vive, mas assim foi entre outros diversos episódios que eu passei no Brasil e fora do Brasil também, mas é muito isso que você falou essa coisa da, desse estereótipo criado não é, que eles chamam em inglês de *profiling*, é muito tenso cara, é uma coisa assim que é uma violência mesmo não é, e aí até então você é muito pequeno e você não sabe por que que as pessoas estão tão violentas, porque que elas são tão agressivas e aí você vai aprendendo na raça velho, você vai aprendendo na dor mesmo, na pancada, e aí que você vai se perguntando pô, por que que eu nasci assim, por que que eu tenho cabelo assim, porque as pessoas não gostam de mim, isso com 10 anos,

está ligado, eu estou me perguntando porquê, e eu acho que é justamente essa questão da gente estudar, da gente se encontrar como pessoa, encontrar a nossa identidade que são várias né, é tão rica não é todas as culturas juntas que isso realmente me deu outra cabeça hoje e me dá realmente forças pra poder falar a respeito para poder escrever a respeito, para poder enfim dar voz para outras pessoas também, porque essa questão da identidade é muito forte, e é uma violência não é, isso nos é arrancado porque a gente tem que aprender a falar de um jeito diferente, a gente tem que agir de um jeito diferente, a gente tem que se vestir de um jeito diferente, meu pai até hoje fala, - cara, corta o cabelo você não vai arrumar um emprego assim, meu pai está na mesma fita até hoje, porque meu pai começou a jogar esse jogo branco e é isso que por mais que ele sofra não é, porque não é gostoso ninguém, é isso que faz ele ter um trampo, ele tem um emprego, é isso que pôs a comida na mesa, que me ajudou a ir para a escola, enfim, mas é extremamente, é extremamente difícil essa, enfim, essa luta constante para se encontrar não é, porque a gente nasce 2 vezes não é, a gente nasce quanto pessoa e depois a gente nasce de novo quanto identidade né, quem que eu sou de fato, eu me amo hoje como eu sou, eu estou contente com a minha cor, eu estou ok com a minha identidade, sim ,eu estou, mas ao mesmo tempo hoje eu também tenho uma tristeza enorme de não saber por exemplo de que etnia indígena minha avó era, não sei, ou o meu próprio, ou a própria parte africana eu também não sei, não isso me foi arrancado, infelizmente eu não tenho como chegar aí e descobrir, igual um aluno meu, eu dou aula de inglês né, eu dava aula para a comunidade no Brasil, eu tinha um aluno que me falava isso, ele falava, - pô te teacher meu, árvore genealógica é luxo irmão, eu falei caraca velho, é verdade, é verdade é um luxo que não é para todo mundo não é, você poder falar que a tua família veio daqui, de você poder botar os 2 pés no chão e saber da onde você veio, a tua história, tua trajetória, isso é um luxo que nem todos têm infelizmente e é por isso que tem que mudar a história.

Alex: E quem tem, a maioria é branca não é.

Diogo: A maioria, a grande maioria, que amigo negro você tem que fala, minha família é de Angola, minha família é de Cabo Verde, não tem, não consegue, a gente não consegue fazer essa volta.

Alex: E aí entrando nessa parte da identidade, até os próprios indígenas tá, por exemplo cara, eu entrei no Pindorama eu tive a oportunidade de reconhecer mais em relação a ter essa parte de reflexão, de refletir mais, então a universidade, a universidade, não só a universidade em si tá porque se fosse só a universidade em si, se eu tivesse só ganhado a bolsa, eu só teria estudado

e aprendido em relação às questões da minha profissão, um papel importante que foi para a questão principalmente para os alunos indígenas do programa Pindorama e eu acho que é uma coisa que deveria ter, criar esse tipo de programa nas federais, nas estaduais também, essa ação das reuniões com propósito, tem umas reuniões do Pindorama não eram reuniões soltas, eram reuniões com o propósito de fazer o quê, fazer com que os indígenas passassem a refletir, saber da existência de outros povos, saber respeitar os outros povos, saber a luta dos outros povos, das dificuldades que eles passaram e refletir muito sobre essa questão da identidade enquanto indígena e saber valorizar isso, só que eu realmente confesso assim que a gente vê o pessoal conversando muita das vezes, mas eles não sabem defender a identidade deles.

E aí no mestrado eu tive a oportunidade de aprofundar um pouquinho mais o meu conhecimento e saber contar para as pessoas o porquê que hoje eu vivo onde eu vivo, eu consigo contar o percurso num contexto geral da história do Brasil onde eu falo que eu sou assim, porque isso aconteceu lá atrás e aí foi vindo foi vindo foi vindo e hoje acontece isso, a questão de que o Brasil foi colonizado, houve muitas guerras, houve muitos acordos entre os europeus e os indígenas aqui quando os indígenas, aqui quando os europeus entravam em guerra contra os indígenas e eles percebiam que iam perder a batalha, eles assumiam acordos de paz com os povos indígenas e os povos indígenas davam sua palavra que iam assumir a paz, só que um ano depois vinha de Portugal o triplo de soldados e aí aquele acordo de paz foi o que, quebrado, foi corrompido, então a corrupção ela não vem a partir da população indígena, a corrupção não está no Brasil por causa do povo negro, do povo indígena, não, a população está impregnada no Brasil por causa da corrupção elaborada pelos povos europeus, não vou dizer que são todos, mas principalmente quem estava no poder e tinha o poder era o mais corrupto, a partir do momento que você faz um acordo de paz e não honra com a sua palavra um ano depois e matavam milhares de indígenas, a parte do litoral baiano, a parte do litoral Paraibano de Alagoas, Sergipe, Ceará, tudo aquilo você vê hoje, você vai lá se desfruta daquele sol maravilhoso, aquelas barracas e tudo, mas as pessoas a grande maioria das pessoas eu acho que mais de 99% da população que vai ali, não consegue imaginar que um dia aquelas praias lindas estiveram banhadas de sangue, de corpos expostos um do lado do outro ali somando milhares de quilômetros de pessoas mortas, de povos indígenas não é, de pessoas pertencentes a populações indígenas que foram mortas, guerras sangrentas ali e as pessoas não conseguem parar para pensar nisso.

Diogo: E essa é uma falta consciência muito grande aqui também, eles têm um orgulho dessa época cara, chega a ser assim, chega a ser assim, macabro cara, porque eles falam do nazismo, mas a época dos “descobrimientos” não é, porque eles dizem descobrimientos até hoje, invasão jamais, invasão e genocídio jamais, isso não passa pela cabeça deles, os museus aqui é sobre os heróis do mar, o hino português, é os heróis do mar não é, nação forte não sei o que, vai falar isso, os caras não conseguem entender cara, isso em antropologia.

Alex: Eles não consegue absorver, em antropologia eles deveriam ser mais aberto não é, esse é o problema muitas das vezes da academia, de alguns acadêmicos, porque graças a Deus eu tive acadêmicos aqui na PUC que são compreensíveis e foram sensíveis principalmente a minha professora né, que a minha professora é de mídias, é da área de mídias, então ela ter aceitado fazer esse desafio comigo, assim ela realmente se sensibilizou muito e as professoras que eu também convidei para fazer parte da banca, boa parte ali que é um curso multidisciplinar também se sensibilizaram bastante, conseguiram enxergar nas palavras escritas ali, a verdadeira história do nosso país, contada um pedacinho não é por quem não tinha o poder da caneta, que não tinha voz, e hoje a gente está tendo cada vez mais voz para poder contar a parte negra da história, e é o que eu falo que é o seguinte, vamos parar de vender o mundo de Alice, vamos parar de falar que foi tudo lindo e maravilhoso na colonização do Brasil porque não foi, a verdadeira história do país precisa ser contada, e outra houve-se um momento, eu trago isso também que é o seguinte, houve-se um momento em que quando pensaram em construir a identidade nacional Brasileira não é, que que eles pensaram em fazer, apagar a história negra e indígena, cara e isso precisa... vamos porque nosso propósito maior é embranquecer o país e eu acho que isso tem que ser contado explicitamente para todo mundo, para todo mundo saber que houve sim pessoas sem escrúpulos que era da alta sociedade, inclusive intelectuais que estudavam para caramba, e não é porque a pessoa tem um nível de conhecimento não é, que por exemplo, não tem como, caráter não se aprende, você pode ser rico, branco, tudo.

Diogo: A antropologia era muito macabra.

Alex: Aí acontece isso não é, então mais uma vez a importância da universidade, a universidade, ela me deu acesso ao conhecimento para que hoje eu pudesse me defender e para que eu também pudesse reivindicar alguns direitos, porque não consigo reivindicar todos os direitos por falta de conhecimento ainda, eu preciso ter mais conhecimento ainda para conseguir lutar. E mesmo tendo esse conhecimento e buscando lutar, esse direito é muitas das vezes, ainda vão ter pessoas que vão tentar negar esse direito a mim.

Diogo: Você já tinha essa consciência antes de entrar na universidade, ou ela, como você disse, ela foi nascendo, ficando mais forte?

Alex: Ela foi sendo construída, ela foi sendo construída por meio de reflexões, por meio de percepções que é naquelas, - você percebeu isso? Você percebeu que acontece isso ou aquilo? Então é fogo, e é uma coisa que cara, não é uma questão política, melhor, questão política é, não é uma questão partidária refletir, não é uma questão, é uma questão necessária e não é só a nós, pô, a as pessoas, estudantes da periferia precisa saber disso também, a gente precisa começar a introduzir isso nas escolas da periferia para que eles possam refletir também, para que eles possam saber questionar e até mesmo para quando for para o mercado de trabalho saber distinguir entre uma situação opressora e também buscar os seus direitos porque a pessoa que está no trabalho, chefe, seja a chefe dele, quem for, ela também precisa respeitar o próximo, eu estou aqui para prestar um serviço, não para ser seu capacho, eu estou aqui para prestar um serviço, é claro se eu não tenho as habilidades que você busca, então por favor, pede aí o meu desligamento, agora não fica aqui tentando me humilhar na frente dos outros, que é o que tem que acontecer, não fica tentando me intimidar. Cara, se não está gostando do serviço troca, agora se você tiver um profissional melhor do que eu, tudo bem, certo, por isso assim eu tenho comigo, fazer tudo o que eu faço para fazer bem feito justamente para não ouvir nada e se ouvir também eu peitar não é, mas graças a Deus assim no meu percurso de trabalho eu nunca sofri nenhum tipo de assédio, diferente de outras pessoas que eu vejo que elas acabam enfrentando, elas acabam enfrentando e aceitando por não conhecer os seus direitos. E aí tem aquele pessoal nas redes sociais que fala, - ah chega de ativista no trabalho, não é ativista cara, não é ativista, é você que é ignorante e não sabe o que aconteceu com o seu país, você está vivendo aqui, - há mas aqui na Europa é melhor, puta se na Europa fosse melhor, o seu pai e a sua mãe ou sua bisa, seu tatará... aí não teria vindo para o Brasil o cara, parar pra pensar nisso e as pessoas começam, você vê a questão, da pessoa se achar tanto que acha que é melhor e por que veio para o Brasil.

Diogo: Aliás não sei se você tá sabendo, vai sair uma série, acho que é da HBO, com o Rodrigo Santoro que vai falar sobre a época das navegações.

Alex: Não estou sabendo, eu não tenho HBO aqui.

Diogo: Eu também não tenho, mas eu vi no Youtube o trailer, prepara o estômago, prepara o estômago porque vai ser dolorido, e aí depois eu tenho aquela como antropólogo né, eu tenho

o costume de ler os comentários depois, e aquele orgulho de ser invadido pelos portugueses, porque levaram a educação para o Brasil porque blá blá blá, cara, é de doer.

Alex: Vão trazer a realidade né, vão trazer o outro ponto de vista da história não é? Isso vai ser legal, isso eu acho muito legal, porque tem que trazer mesmo.

Diogo: Não, não, não, o contrário, vão trazer a história com a perspectiva do descobrimento, como se fosse tudo maravilhoso, são os heróis, vai ser pesado, vai ser difícil de assistir por isso eu acho. É porque traz essa ideia dos heróis do mar.

Alex: Porque vai vender uma outra, vai vender uma imagem falsa, não vai mostrar a imagem verdadeira que eu acho que é o que falta realmente mostrar a imagem verdadeira, e aí Diogo, é essa a importância né da universidade para a gente enquanto indígena, enquanto negro e mas pena que nem todo mundo tem a oportunidade de ter esse conhecimento que a gente acaba tendo, justamente porque as necessidades sociais não é, querendo ou não, o capitalismo do jeito que ele é, o capitalismo ele pode sofrer mudanças não é, e ele vem sofrendo mudanças dentro da sua idealização, mas do jeito que ele está, ele acaba individualizando as pessoas para que elas se preocupem em sobreviver e essa preocupação para sobreviver, eles acabam não tendo tempo para se preocupar com formação em relação à sua identidade, em relação a refletir sobre quem ela, eu lamento muito porque cara, eu tenho uma oportunidade de conhecer um pouquinho da minha história, de saber um pouquinho das minhas origens mas a maioria das pessoas que moram na periferia, nas margens da sociedade mesmo no geral, eles não sabem de onde eles vieram nem para onde eles vão, eles não sabem quem eles é, eles só têm uma visão do aqui do agora, não consegue ver o futuro, aí é muito fácil falar assim - Alex você morar, porque eu morei na periferia aqui em São Paulo quando eu vim, então – Alex, se você conseguiu, porque seu colega da periferia não conseguiu? Cara a minha estrutura familiar, não, mas a minha estrutura familiar foi outra, porque querendo ou não, meu pai e minha mãe estavam juntos e meu pai e minha mãe, eles tinham noção que nós 3 precisávamos estudar, mas tem gente na periferia que não tem o apoio do pai, que não tem o apoio da mãe, que é só briga, que a família é envolvida com droga, e aí ele precisa pô, ele vê o cara lá na televisão com um carro da hora, com uma roupa bem legal de marca, um tênis pô maneiro e aí o cara está sorrindo na televisão mostrando ser feliz por ter bens importados ou por ter bens de luxo e ele está na periferia e acha que na cabeça dele, já vai se criando né um estereótipo e o lúdico na cabeça dele uma mensagem subliminar assim, para você ser feliz, você tem que ser rico ou você tem que ter o carro, ou você tem que ter a casa, a roupa ou o tênis, e o cara não tem, e ele não tem nem a oportunidade de

trabalhar porque ele não foi incentivado a estudar, para estar dentro dos padrões que o mercado de trabalho hoje exige não é, de profissionalismo de capacitação e aí nessa brincadeira ele vê de repente aquele cara que está vendendo drogas na esquina começar a utilizar um carro da hora, começar a utilizar um tênis de marca não é, começa com o tênis, depois vai para roupa, depois o cara já está com o carro.

Diogo: Aliciado também né.

O cara chega e fala, quer ganhar uma grana fácil?

Alex: Sim, mas ele vai porque, porque ele não teve essa estrutura, e é muito fácil julgar mas ele não teve estrutura, mas a realidade quem plantou isso para ele, quem criou esse, vamos dizer entre aspas esse marginal que eles falam não é, quem sobrevive na margem eles chamam de marginal, mas esse bandido, esse ladrão, foi a própria sociedade, foi a própria sociedade que criou ele, foi o próprio político que eu elegi, que você elegeu de repente, enfim, eu estou falando a gente elegeu mas não é, mas a gente sabe que nem sempre a gente fica fazendo más escolhas não é, foi o próprio político que está lá em cima que em vez de colocar esse dinheiro para a educação e para fazer um projeto XPTO para que realmente a educação funcionasse, ele resolveu desviar esse dinheiro de repente da merenda, esse dinheiro que era para reformar a sala de informática, esse dinheiro que era pra fazer aquele projeto de conheça seu bairro e aprenda a valorizar o seu bairro, não espere pela a prefeitura fazer as coisas, você também pode fazer, esses valores que era para ser investido em educação quando o cara desvia, - ah, não tem professor de ciências, não tem professor de matemática, não tem professor de física, não tem professor de filosofia no ensino médio, eu não tive, não tem professor, não tem professor porquê, que foi desviado, aí as pessoas não são críticas, as pessoas não refletem, as pessoas não vêem outras possibilidades que elas poderiam gostar de seguir um outro caminho e aí vem o caminho fácil entre aspas não é, quem foi que plantou isso, aí amanhã ou depois, amanhã ou depois o cara é assaltado ou a esposa dele ou a mulher dele, isso quando não acontece um latrocínio não é, e aí de quem é a culpa, a culpa foi daquele bandido FDP (Filho da Puta) não é, para não falar palavrão, foi daquele bandido que fez isso, aquilo, matou minha esposa, não sei o que, roubou minha mulher, deixou ela traumatizada não sei o quê, mas quem foi que construiu esse bandido?

Diogo: Exato!

Alex: É o efeito dominó que eu acho que precisa ser mais plantado na sociedade, a sociedade, ela não consegue refletir sobre isso, a sociedade não consegue!

Diogo: E tem a história do rapaz esses dias, ele estava doente, com anemia e roubou um negócio para comer no mercado, negro, menino, e apanhou da polícia, assim, como se não houvesse amanhã, quase mataram o moleque, tudo porque ele foi roubar comida, porque ele precisava comer, e aí descobriram que ele estava doente, estava mal, já anêmico e se ele não comesse, o cara ia morrer velho, então num desespero não é porque o Brasil agora depois com essa situação da pandemia e com o Bolsonaro, aquele boçal, a gente está numa situação muito ruim, assim, como se fosse década de 80 mesmo, a gente conseguiu voltar né, no tempo e a situação de pobreza, de fome né cara, a gente está falando da fome que está absurda no Brasil. As pessoas estão indo para escola para comer está ligado, então...

Alex: Ô Diogo, é que você falou isso, só um gancho aí pra conectar realmente nessa discussão que puxa, e quantos negros, quantos indígenas, quantas pessoas do LGBTQIA+ votaram nesse cara por ignorância, por ignorância, tinha um grupo indígena que tinha um maluco que estava incitando para caramba para votar nele eu falei cara, aí eu começava a defender, aí não tinha como, depois que o cara ganhou, começou a fazer a merda esse mesmo maluco começou a criticar, eu quase respondi para ele, - é né, errar é humano não é amigão, mas enfim.

Diogo: Mas é isso, eu também, eu deixei de falar com várias pessoas cara, meu pai votou nele, eu fiquei sem falar com meu pai um tempo, eu falei *****, desculpa o palavrão, eu falei caramba meu, você é negro, como é que você consegue fazer isso tipo, não entra na minha cabeça mas por que, foi escutando, foi na onda das outras pessoas não é, nessa onda anti PT, essa enxurrada de informação.

Alex: É o senso crítico, ele não tem um senso crítico, mas porque não tem um senso crítico, porque nenhum momento foi estimulado ele ter o senso crítico, ver os 2 lados da moeda e ver o que que era melhor, e o que que é bom para esses caras que estão na política e fazem essas merdas todas? É que a população não tenha conhecimento, não tenha senso crítico, porque você acha que o cara quer acabar com a aula de história, porque você acha que o cara quer que não tenha filosofia na escola, porque ele quer que todo mundo siga uma única religião, porque é mais fácil de...

Diogo: Não, porque filosofia e sociologia é coisa de comunista não é, aí a direita adora não é, é um pra cheio ou pra direita.

Alex: É reflexão gente, e as pessoas não conseguem perceber isso, mas enfim é isso aí!

Cara não sei se eu respondi tudo, não se responde tudo para ti, se você quer fazer alguma pergunta chave aí de repente.

Diogo: Não olha assim, eu tinha mais algumas coisas para perguntar, mas era justamente nesse âmbito da abertura não é, se você consegue enxergar, você já me respondeu da sua necessidade, da sua vontade de estudar, de justamente ajudar, de voltar para a comunidade, de entregar algo, mas eu tinha algumas perguntas justamente em relação, você já me respondeu em relação a tua experiência como aluno, acho que a pergunta chave.

O que é ser indígena no Brasil hoje? Para você, o que que é ser indígena no Brasil hoje? Como é que você enxerga esse momento? Mas cara se você acha que vai demorar muito, a gente pode continuar depois também.

Alex: Tá ok, eu vou tentar resumir aqui o que que é ser indígena, engraçado porque essa semana meu professor também me perguntou se eu me reconhecia como indígena Brasileiro.

Eu Alex tá, enquanto ser humano, enquanto indígena, enquanto pessoa, enquanto tudo aqui, eu Alex, eu primeiramente me reconheço como ser humano, porque eu acredito que se eu me reconheço como ser humano, não tem essa, indígena, branco, negro, amarelo, não, não tem nada. Eu me reconheço enquanto ser humano primeiramente e eu acho que todos nós temos direitos de ser feliz e de viver todos em paz, todos têm direito a ter um carro, a ter uma saúde, a ter uma família, todos tem direito a ter aquilo que quer, todos!

Tenho muito orgulho, tenho muito orgulho mesmo, agradeço muito ao criador não é, ter me dado essa oportunidade de ter nascido numa família indígena, ter nascido com algumas percepções que vem assim do DNA que é incrível, algumas percepções que a gente tem, não só em relação à vida real mas a vida mística também, e cara, ser indígena para mim no Brasil pelo menos na comunidade que eu nasci me traz muito orgulho e me faz assim, ter muito orgulho de onde eu nasci e da população do povo que eu tenho, mas eu percebo também que existem muitos povos que passam por muitas dificuldades, e como ajudar esses povos também não passar por dificuldades, eu vou te falar uma coisa que me deixa triste, que eu acho que é importante a gente também anunciar isso, as pessoas esquecem que os indígenas são seres humanos e todos os seres humanos estão sujeitos às mesmas paixões, existem aqueles é claro que não vai deixar os seus princípios, mas existem aqueles que acabam se corrompendo, então uma coisa que eu vejo

que é muito triste hoje, é ver muitos indígenas se corrompendo e às vezes matando o seu próprio irmão por conta de dinheiro que eles não têm noção que não vale nada, que o bem maior é a alma, é a alma do ser humano, é a alma da Floresta, é a alma dos animais, é a alma das árvores, poxa, a gente matava os animais para comer que estava com fome, tira uma planta do lugar só se você vai construir uma casa ou alguma coisa para trazer um benefício para você, mas hoje não, hoje tem um pessoal matando tudo em troca de dinheiro, tipo e para que esse dinheiro no final, que esse dinheiro vai te trazer, então isso é uma coisa que me deixa muito triste, mas como eu te falei, o índio, ele é ser humano, e aí se vem alguém que vende para ele o mundo maravilhoso por meio do dinheiro, a qual não existe, e ele também não tem um conhecimento prévio, nenhum senso crítico para poder jogar, infelizmente alguns acabam se corrompendo, enfim, e aí eu vou te falar até o seguinte, pô o Bruno e o jornalista lá que foram mortos, poxa se você olha a cara dos caras que mataram ele, eles podem até não se reconhecer como indígenas, mas eles são, eles são, e aí quem foi que mandou eles matar.

Diogo: E aí que ninguém vai chegar não é, porque já pegaram quem matou, acabou, esse é o problema dessa justiça que a gente vive no Brasil, porque não querem chegar em quem mandou matar não é. O governo eu acho que não quer!

Eu vou só terminar dizendo uma coisa que eu acho extremamente importante, desculpa tomar o seu tempo, é por isso cara que eu acho que o conhecimento indígena é tão importante, não só pela parte da filosofia, da cosmologia, mas se a gente for passar pela parte da filosofia indígena, olha só quantas ligações a gente tem, e eu garanto que a gente não estaria nesse momento tão difícil de pandemia, de pensarmos em fim do mundo como o próprio Krenak, o Kopenawa diz, o Mundurucu, a gente não estaria nisso se a gente pudesse realmente aprender um pouco mais sobre a filosofia indígena, é por isso que eu acho que a gente tem que dar mais abertura, o próprio Touro Sentado não é, que lá nos Estados Unidos SIOUX, ele disse, - quando acabarem os rios, quando a gente exaurir todas as riquezas da terra, quando acabarem os peixes, o que que a gente vai comer? Dinheiro!

E é isso cara eu obrigado mesmo Alex, obrigado pelo teu tempo irmão, obrigado mesmo, e eu vou dar uma lida, eu vou fazer a transcrição bonitinho e aí poxa se faltar alguma coisa eu te aviso e aí se você tiver tempo claro, a gente marca aí um bate-papo mais rápido dessa vez, só pra tirar essas coisas do caminho.

Diogo: Mas irmão, brigadão pelo tempo mesmo, fico muito agradecido e é isso cara, bom dia para você, boa tarde, bom trampo e assim que eu transcrever tudo também, eu for escrever, passar o trabalho eu mando para você dar uma olhada.

Alex: Maravilha, está certo Diogo, tudo de bom para você e sucesso aí, vou te mandar as teses tá, eu vou te mandar.

Diogo: Por favor manda sim, a gente vai mantendo esse contato, eu também fui aluno da PUC então aí quando eu for para o Brasil também, quem sabe eu dou uma passada aí para conhecer vocês, a Dani, conhecer o Emerson também, conhecer vocês pessoalmente porque tem me ajudado demais, eu sou muito grato.

Alex: Beleza! Forte abraço aí

Diogo: Abraço cara, tchau, tchau!

Alex: Tchau